

A movie poster for the film 'Mudbound'. The background is a collage of six characters from the film. At the top center is a young man with a mustache wearing a brown fedora and a dark shirt. To his left is an older man with a white beard wearing a brown hat and a striped shirt. Below the young man is a woman with dark hair wearing a patterned blouse. To her right is a Black woman wearing a plaid shirt. In the foreground, centered, is a young Black man wearing a brown hat and a light-colored shirt. To the right of the young man in the foreground is an older Black man with a beard wearing a green shirt and suspenders. The poster has a white border with a floral pattern on the left and right sides. In the top right corner, there is a white circle containing the text 'ADAPTADO PARA O CINEMA EM GRANDE PRODUÇÃO'. At the bottom, the title 'MUDBOUND' is written in large, bold, teal letters, and below it, the subtitle 'LÁGRIMAS SOBRE O MISSISSIPPI' is written in large, bold, white letters.

ADAPTADO
PARA O
CINEMA
EM GRANDE
PRODUÇÃO

HILLARY JORDAN

MUDBOUND

LÁGRIMAS SOBRE O
MISSISSIPPI



MUDBOUND
LÁGRIMAS SOBRE O
MISSISSIPPI



O Arqueiro

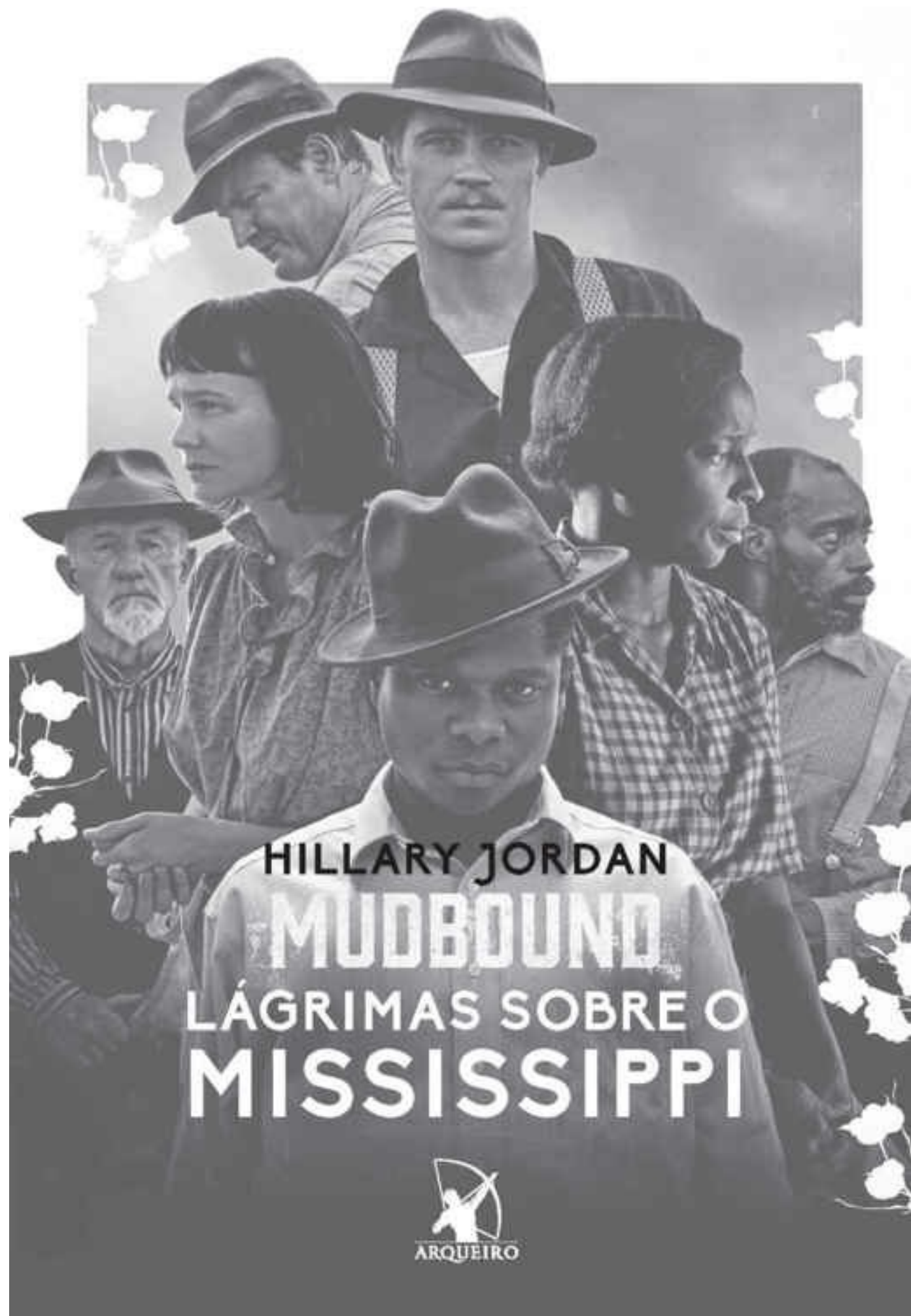
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



HILLARY JORDAN

MUDBOUND

LÁGRIMAS SOBRE O
MISSISSIPPI



Título original: *Mudbound*
Copyright © 2008 por Hillary Jordan
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado originalmente nos Estados Unidos com o título: *Mudbound: A Novel*.

Publicado em acordo com Algonquin Books of Chapel Hill,
uma divisão da Workman Publishing Company, Inc., Nova York.

tradução: Marcelo Mendes

preparo de originais: Magda Tebet

revisão: Rafaella Lemos e Taís Monteiro

diagramação: Abreu's System

capa: Ana Paula Daudt Brandão

arte do cartaz do filme: © 2017, Mudbound Investments, LLC. Todos os direitos reservados.

foto da autora: © Michael Epstein

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69m

Jordan, Hillary

Mudbound [recurso eletrônico]: lágrimas sobre o Mississippi/ Hillary Jordan; tradução de Marcelo Mendes. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital

Tradução de: Mudbound

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-783-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

17-46123

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha mãe, Gay e Nana,
por suas histórias.

“Se eu pudesse, não escreveria nada aqui. Haveria apenas fotografias; o resto seriam retalhos de pano, bocados de algodão, torrões de terra, gravações de diálogos, lascas de madeira e ferro, frascos com cheiros, pratos de comida e de excremento...

Um pedaço do corpo arrancado pelas raízes talvez fosse mais adequado.”

– James Agee, *Elogiemos os homens ilustres*

I

JAMIE

HENRY E EU TÍNHAMOS que cavar um buraco de dois metros. Mais raso que isso, era bem provável que o corpo viesse à tona na próxima grande enchente e nos cumprimentasse: “Olá, rapazes! Lembram de mim?” Tal pensamento fez com que continuássemos cavando com mais afinco ainda, sem dar atenção às bolhas que brotavam na palma de nossas mãos. Cada golpe da pá era uma agonia – era como o velho dando suas últimas alfinetadas. Mas eu não me importava com a dor. Ela afastava pensamentos e lembranças.

Quando o buraco ficou profundo demais, pulei dentro dele para poder continuar a cavar enquanto Henry andava de um lado para outro lá em cima, olhando para o céu. A terra estava molhada por causa das chuvas, então era como se eu estivesse cavando em carne viva. Volta e meia precisava limpar o barro da pá com a mão, ficando irritado com o atraso que aquilo causava. Aquela era a primeira estiagem após um aguaceiro que durara três dias, talvez nossa última oportunidade de enterrar o corpo.

– Acho melhor você se apressar – disse Henry.

Olhei para o céu. Ao norte, grossas nuvens negras vinham em nossa direção. Rapidamente.

– Não vamos conseguir – falei.

– Vamos, sim.

Este era Henry: sempre convicto de que suas vontades, fossem elas quais fossem, *sem dúvida* se realizariam. O corpo seria enterrado antes que a tempestade caísse. As chuvas iriam embora a tempo de semear o algodão. O ano seguinte seria bem melhor do que este. Seu irmão mais novo jamais o trairia.

Comecei a cavar mais rápido, sofrendo a cada movimento. Eu estava ciente de que podia parar quando quisesse e que Henry tomaria meu lugar sem reclamar, mesmo que ele carregasse nas costas quase 50 anos de vida – bem mais que os meus 29. Mas, por orgulho, teimosia ou ambas as coisas, continuei cavando. Quando Henry finalmente se ofereceu para me render, eu já sentia os músculos em brasa e meus pulmões chiavam como um motor velho. Ao ser içado para fora, precisei trincar os dentes para não gritar de dor. Meu corpo ainda latejava em vários lugares por causa dos chutes e murros, mas Henry não sabia disso.

Henry nunca poderia saber disso.

Ajoelhado na borda do buraco, fiquei observando o trabalho dele. Suas mãos e seu rosto estavam tão sujos de lama que ele poderia ser confundido com um negro. Eu devia estar igualmente imundo, mas meus cabelos ruivos me traíam. Os mesmos cabelos cor de cobre do meu pai, tão finos que as mulheres adoravam correr os dedos por eles. Na verdade, jamais os apreciara muito. Pareciam uma pira acesa no alto da minha cabeça, gritando comigo, e com o mundo, a cada vez que me olhava no espelho.

Lá por um metro e pouco de profundidade, a pá de Henry topou com algo duro.

– O que foi? – perguntei.

– Uma pedra, eu acho.

Mas não era uma pedra, era um osso: um crânio humano com um buraco grande na parte de trás.

– Droga – disse Henry, erguendo-o contra a luz.

– O que a gente faz agora?

– Sei lá.

Nós dois olhamos para o norte. As nuvens negras já estavam bem mais próximas, engolindo o céu.

– Não dá para começar tudo de novo – falei. – Pode demorar dias até a próxima estiagem.

– Não estou gostando nada disso – retrucou Henry. – Não está certo.

Mesmo assim, ele continuou cavando, usando as mãos quando necessário, passando os ossos para mim à medida que os encontrava: costelas, braços, pelve. Parou apenas quando alcançou a parte inferior das pernas e ouviu um barulho metálico. Dali a pouco ergueu uma tíbia, mostrando o grillão em torno do osso. Um pedaço de corrente ainda pendia do ferro.

– Meu Deus... – disse ele. – É a cova de um escravo.

– Não dá para saber.

Henry pegou novamente o crânio furado.

– Está vendo aqui? Ele levou um tiro na nuca. Um escravo fujão. – Ele balançou a cabeça e falou: – Pronto, isso resolve o assunto.

– Que assunto?

– Não podemos enterrar nosso pai na cova de um crioulo. Para ele, nada no mundo seria pior que isso. Agora me ajude a sair deste buraco – declarou Henry, estendendo a mão imunda.

– Pode ser o esqueleto de alguém que fugiu da cadeia. Um branco – argumentei, embora duvidando da ideia. E, vendo que Henry hesitava, perguntei: – A penitenciária não fica a uns dez quilômetros daqui?

– Eu diria uns quinze – respondeu ele.

– Venha – falei, estendendo a mão para ele. – Descanse. Eu cavo mais um pouco.

Quando Henry pegou minha mão, precisei me conter para não rir. Ele tinha razão: nada no mundo seria pior para o nosso pai.

HENRY JÁ HAVIA RETOMADO a pá quando avistei Laura caminhando na nossa direção, escolhendo onde pisar no mato molhado e trazendo um balde em cada mão. Rapidamente tirei um lenço do bolso e limpei a lama do rosto. A vaidade: mais uma coisa herdada do meu pai.

– Laura está vindo aí – informei.

– Me ajude a subir – disse Henry.

Puxando-o pelos braços e grunhindo por causa do esforço, arrastei-o para fora do buraco. Ele ficou de joelhos, mal conseguindo respirar. Ao baixar a cabeça, deixou o chapéu cair, revelando a pele rosada da calvície. “Ele está ficando velho”, pensei. “Não vou poder contar com ele para sempre.”

Henry ergueu a cabeça, procurando Laura. Quando seus olhos a encontraram, brilharam com emoções tão íntimas que fiquei constrangido ao reconhecê-las: desejo, esperança e uma pontinha de preocupação.

– Melhor voltar ao trabalho – falei.

Peguei a pá e me joguei – meio saltando, meio escorregando – dentro do buraco. Era tão fundo que eu não conseguia ver o lado de fora. Melhor assim.

– E aí? Em que pé estão as coisas? – ouvi Laura dizer.

Como sempre, sua voz caiu sobre mim como um jorro de água límpida. Uma voz que, por direito, pertenceria a alguma criatura etérea, uma sereia ou um anjo, não à mulher de meia-idade de um fazendeiro do Mississippi.

– Estamos quase terminando – disse Henry. – Mais uns trinta centímetros e já vai estar bom.

– Trouxe comida e água – informou ela.

– Água! – exclamou Henry, rindo com sarcasmo. – Era só o que a gente precisava: mais água.

Ouvi quando a concha raspou o metal do balde e Henry tomou uns goles. Em seguida, Laura se debruçou sobre a borda e me entregou a concha, dizendo:

– Beba um pouco.

Tomei uns goles também, embora preferisse uísque a água. Meu estoque de uísque tinha acabado uns três dias antes e não pude comprar mais na cidade porque as águas do rio haviam coberto a ponte. E, agora que elas provavelmente já tinham baixado e eu talvez conseguisse atravessar para o outro lado, estava encalhado naquele maldito buraco.

Agradei e ergui a concha para devolvê-la, mas Laura não estava olhando para mim. Ela fitava o outro lado da cova, onde havíamos deixado os ossos.

– Meu Deus! – exclamou. – São de gente?

– Não havia mais o que fazer – explicou Henry. – Já tínhamos cavado mais de um metro quando topamos com eles.

Ao notar os grilhões e as correntes, os lábios de Laura começaram a tremer. Ela cobriu a boca com a mão, virou-se para Henry e ordenou:

– Tirem isso daí antes que as crianças vejam.

A BORDA DO BURACO estava uns trinta centímetros acima da minha cabeça quando parei de cavar.

– Ei, venham ver! – chamei – Acho que está de bom tamanho.

O rosto de Henry surgiu no alto.

– É, acho que sim – concordou ele.

Devolvi a pá e, quando Henry tentou me puxar para fora, não conseguiu. Estava muito fundo, e nossas mãos, assim como as paredes do buraco, estavam escorregadias demais.

– Vou buscar a escada – disse ele.

– Depressa.

Fiquei esperando na cova, cercado por uma lama úmida e fedorenta. No alto, apenas um retângulo de céu cada vez mais escuro. Com a cabeça inclinada para trás, eu aguçava os ouvidos à espera dos passos encharcados de Henry, cogitando por que diabo ele demorava tanto. “Se alguma coisa acontecer com ele e com a Laura”, pensei, “ninguém vai saber que estou aqui.” Tentei subir por conta própria, mas meus dedos escorregaram quando tentei fincá-los na borda. Foi então que senti os primeiros pingos de chuva.

– Henry! – berrei.

Ainda era uma chuvinha fina, mas não demoraria a se transformar numa tempestade. A água começaria a encher o buraco, subindo pelas minhas pernas até alcançar o peito, depois o pescoço.

– Henry! Laura!

Comecei a arranhar as paredes do buraco feito um urso furioso tentando sair de uma armadilha. De algum modo eu percebia a tolice do que estava fazendo, mas o urso seguia adiante, indiferente à lucidez do homem. Não era o confinamento que me afligia; eu já havia passado centenas de horas dentro de uma cabine de avião sem nenhum problema. O que me afligia era a água. Durante a guerra, eu evitava sobrevoar o mar aberto sempre que possível, mesmo sabendo dos riscos que corria. Foi assim que conquistei todas aquelas medalhas por valentia: meu medo do mar era tanto que eu acabava voando de encontro ao fogo antiaéreo alemão.

Eu gritava tão alto que só fui ouvir Henry quando ele já me olhava da borda do buraco, gritando de volta:

– Estou aqui, Jamie! Estou aqui!

Ele baixou a escada e eu subi o mais rápido que pude. Henry se aproximou para me erguer, mas não deixei. Dobrei o tronco para a frente e, com as mãos plantadas nos joelhos, tentei acalmar o coração disparado.

– Você está bem? – perguntou.

Não olhei para ele. Sabia que encontraria a mesma testa franzida e a mesma boca crispada que apareciam em seu rosto sempre que ele pensava: “Meu irmão, esse maluco...”

– Achei que fosse me abandonar aqui – declarei, com um riso forçado.

– Por que eu faria uma coisa dessas?

– Estou brincando, Henry – falei, recolhendo a escada. – Venha, vamos acabar logo com isso.

Voltamos correndo através da plantação, paramos na bomba d’água para tirar a lama do rosto e das mãos e fomos buscar o caixão no celeiro. Era um caixão muito pobre, construído com tábuas tiradas daqui e dali, pois não havia sido possível fazer mais que isso com o material que tínhamos à disposição. Consternado, Henry o levantou por uma das pontas, depois disse:

– Eu queria que a gente tivesse comprado um caixão decente na cidade.

– Eu também – concordei, pensando no uísque.

Carregamos o caixão para a varanda da casa. Quando passamos pela janela aberta, Laura disse do outro lado:

– Acho melhor vocês tomarem um café e trocarem de roupa antes de enterrá-lo.

– Não vai dar tempo – explicou Henry. – Vem temporal por aí.

Levamos o caixão para o anexo e o depositamos no chão duro de tábuas corridas. Henry ergueu o lençol para ver nosso pai uma última vez. A expressão no rosto de Pappy era tranquila. Nada ali sugeria que ele tivesse tido outro fim que não a morte natural e oportuna de um homem velho.

Levantei o corpo pelos pés, Henry pela cabeça.

– Muito cuidado – pediu ele.

– Claro, não queremos machucar ninguém.

– Não é disso que estou falando! – cuspiu ele de volta.

– Desculpe. Estou cansado, só isso.

Com uma cautela ridícula, acomodamos o corpo dentro do caixão. Henry pegou a tampa e disse:

– Eu cuido do resto. Vá lá e veja se Laura e as meninas já estão prontas.

– Tudo bem.

Assim que pisei na sala, ouvi Henry bater o primeiro prego, uma martelada seca e derradeira que assustou as crianças.

– Que barulho foi esse, mamãe? – perguntou Amanda Leigh.

– Foi o seu pai fechando a tampa do caixão do Pappy – respondeu Laura.

– O Pappy não vai ficar bravo com ele? – A voz de Bella era um sussurro assustado.

Laura lançou um olhar rápido e feroz na minha direção.

– Não, meu amor. O Pappy está morto. Nunca mais vai ficar bravo com ninguém. Agora vão vestir o casaco e calçar as botas. Precisamos levar o vovô para descansar.

Felizmente, Henry não estava por perto para ouvir a satisfação na voz dela.

LAURA

QUANDO PENSO NA FAZENDA, penso em lama. Infiltrando-se nas unhas do meu marido. Empapando os joelhos e cabelos das crianças. Sugando meus pés feito um bebê guloso nos seios da mãe. Deixando pegadas por toda parte dentro de casa. Não havia meio de derrotar a lama. Ela cobria tudo. Eu sonhava em tons de lama.

Quando chovia – o que era frequente –, o quintal se transformava num sopão grosso, a casa flutuando nele feito uma torrada mole. Nos dias de tempestade, o rio subia e engolia a única ponte que dava acesso ao resto do mundo: o mundo da luz elétrica, das ruas asfaltadas, das camisas sempre limpas. Quando o rio subia, era o mundo de um lado e nós do outro.

Os dias iam escorregando uns sobre os outros. Minhas mãos faziam o que era pedido delas: lavavam, varriam, tiravam água da bomba, batiam nata para fazer manteiga. E cozinhavam. Cozinhavam muito. Abriam massa, arrancavam favas, decapitavam galinhas, tiravam palha de milho e brotos de batatas. Mal terminavam de limpar a bagunça do café da manhã, já tinham que preparar o almoço, depois o jantar e, logo, o café da manhã seguinte.

Levantar junto com o dia. Fazer as necessidades na fossa externa – tremendo de frio no inverno, suando no verão e respirando pela boca o ano inteiro. Roubar os ovos das galinhas. Buscar lenha para acender o fogão. Colocar os biscoitos para assar, fatiar o bacon, fritá-lo com os ovos, preparar o mingau de farinha de milho. Tirar as filhas da cama, escovar seus dentes, vesti-las, calçar as meias e os sapatos. Carregar a caçula no colo, sair com ela para a varanda e deixar que toque o sino para chamar o pai que trabalha na plantação e para acordar o avô odioso que dorme no anexo. Alimentar todo mundo e a mim mesma. Arear a frigideira de ferro, lavar o rosto das meninas, raspar diariamente a lama do chão enquanto o velho não move uma palha para ajudar. Ele está sempre no meu pé: “Melhor você já ir preparando a salada, garota. Melhor varrer a casa agora. Lavar a roupa. Buscar minha bengala. Dar comida às galinhas. Ensinar um pouco de bons modos a essas pirralhas encapetadas.” A voz enrouquecida pelos cigarros. Os olhos claros e sonsos, sempre plantados em mim.

Ele metia medo nas meninas, principalmente na mais nova, que era meio gordinha. “Venha cá, minha porquinha”, costumava dizer. E ela ficava onde estava, observando o avô por entre

as minhas pernas, olhando para os dentes dele, compridos e encardidos, para as mãos de dedos esqueléticos e unhas curvas, que mais pareciam lascas de um chifre velho. “Venha sentar no colo do vovô.”

Na verdade, ele não tinha intenção nem vontade de colocar a neta no colo, só gostava de ver o medo que causava nela. Ao perceber que a menina não se mexia, dizia que não tinha problema, que ela era gorda demais para sentar no colo de quem quer que fosse, que poderia quebrar seus ossos. Ela começava a chorar e eu imaginava o velho já estendido no caixão, a tampa se fechando sobre o rosto dele, o caixão baixando para a cova, a terra batendo na madeira.

“Pappy”, dizia eu sorrindo carinhosamente, “que tal um cafezinho agora?”

MAS É MELHOR COMEÇAR do início, se for possível achá-lo. Inícios são algo escorregadio. Quando você acha que encontrou um, olha para trás e encontra um segundo mais remoto, depois um terceiro. Mesmo se começar com “Capítulo um: Nasci”, ainda há o problema dos antecedentes, das causas e dos efeitos. Por que o jovem David Copperfield é órfão de pai? Porque, tal como Dickens nos conta, o pai do menino foi vítima de sua saúde frágil. Sim, mas de onde veio essa fragilidade fatal? Dickens não diz, portanto só nos resta especular. Um problema congênito, talvez herdado da mãe, que havia casado com um pobretão apenas para espezinhar o pai cruel que na infância apanhara muito de uma babá que fora obrigada a trabalhar depois que o marido infiel a trocou pela moça que conhecera por acaso quando a carruagem dele quebrou diante da chapelaria onde ela fora reformar um chapéu. Se começarmos daí, o jovem David é órfão porque a futura amante do marido da babá do seu tataravô precisara de novos adornos para o chapéu.

Pela mesma lógica, meu sogro foi assassinado porque nasci mais para comum do que para bonita. Esse é um início possível. Há outros: porque Henry salvou Jamie de um afogamento durante a grande enchente de 1927 no rio Mississippi; porque Pappy vendeu as terras que deveriam ter sido de Henry; porque Jamie ficou muito tempo longe, pilotando bombardeiros durante a guerra; porque um negro chamado Ronsel Jackson brilhava mais do que devia; porque um homem negligenciou a mulher, um pai traiu o filho e uma mãe buscou vingança. Suponho que os inícios dependam de quem está contando a história. Outros certamente começariam de um ponto diferente, mas acabariam chegando ao mesmo lugar.

É tentador pensar que tudo aquilo que aconteceu na fazenda foi inevitável; que, na realidade, todas as ocorrências da vida são tão determinantes quanto as táticas de um jogo da velha: basta começar pela casa do meio para que ninguém vença. Basta começar por uma das quinas para que você ganhe. E se você deixar que o adversário comece? Aí você perde. Simples assim.

A verdade não é tão simples. A morte pode ser inevitável, mas o amor, não. O amor, você

tem que optar por ele.

Vou começar com isso. Com o amor.

NA BÍBLIA MUITO SE fala em “apegar”. Homens e mulheres se apegando a Deus. Maridos se apegando às suas mulheres. Ossos se apegando à pele. Apegar-se, ao que parece, é uma coisa boa. Os bons se apegam; os maus, não.

No dia do meu casamento, mamãe, numa vaga tentativa de me preparar para as indignidades do leito conjugal, sugeriu que, apesar delas, eu me apegasse a Henry. “No início, dói um pouco”, disse, fechando o colarzinho de pérolas no meu pescoço. “Mas depois melhora.”

Ela tinha razão, mas só até certo ponto.

Eu era uma virgem de 31 anos quando conheci Henry McAllan, na primavera de 1939 – uma solteirona já bem avançada no caminho da petrificação. Meu mundo era pequeno e tudo nele era conhecido. Eu vivia com meus pais na casa onde nascera. Dormia no quarto onde antes haviam dormido também minhas irmãs, mas que então era só meu. Dava aulas de língua inglesa numa escola particular exclusiva para meninos, cantava no coral da Calvary Episcopal Church e ajudava a tomar conta dos meus sobrinhos e sobrinhas. Nas noites de segunda-feira, jogava bridge com minhas amigas casadas.

Nunca fui bonita como minhas irmãs. Fanny e Etta herdaram os traços delicados e os cabelos loiros dos Fairbairns, do lado da minha mãe, enquanto eu sou uma Chappell da cabeça aos pés: baixinha, morena, traços acentuadamente gauleses e uma silhueta mais cheinha que jamais combinou muito bem com os vestidos da minha juventude. Naquela época, quando as amigas da minha mãe nos visitavam, elas elogiavam a delicadeza das minhas mãos, os cachinhos do meu cabelo, o meu jeito alegre de ser. Assim eu era na mocidade. Até que um dia (de uma hora para outra, aparentemente) eu não era mais uma moça. No meu aniversário de 30 anos, depois que a louça da festa em família foi lavada e guardada, depois que meus irmãos e irmãs, com suas respectivas famílias, foram embora para casa, mamãe chorou. Os soluços dela, abafados por um travesseiro ou talvez pelo ombro de papai, viajaram pelo corredor até o meu quarto, onde, ainda acordada, eu ouvia as cigarras, os curiangos e os sapos conversando uns com os outros do lado de fora. “Eu sou! Eu sou!”, eles pareciam dizer.

“Eu sou”, sussurrei para mim mesma. As palavras soaram vazias aos meus ouvidos, tão inúteis quanto as tentativas de um grilo para escapar da caixa de fósforos onde está preso. Muitas horas se passaram até que eu conseguisse dormir.

Quando acordei na manhã seguinte, senti uma espécie de alívio. Era oficialmente uma mulher excluída do mercado de casamentos. Todos agora poderiam deixar de lado as esperanças de eu encontrar um par e voltar a atenção para outro lugar, para algum outro projeto

mais viável, deixando-me em paz para tocar a minha vida adiante. Eu era uma professora respeitada, uma filha, irmã, sobrinha e tia adorada por todos. Isso me bastaria para ser feliz.

Bastaria mesmo? Haveria felicidade possível nas margens vazias e brancas das páginas dos livros, lá onde habitavam as tias solteironas e as professoras sem filho? Não posso dizer, pois, passado um ano e pouco, Henry apareceu na minha vida e me levou direto para a tinta preta dos parágrafos centrais.

Meu irmão Teddy o trouxe para jantar conosco num domingo. Teddy trabalhava como avaliador de terras para o Corpo de Engenheiros do Exército e Henry era seu novo chefe. Era uma daquelas criaturas raras e maravilhosas, um solteirão de 41 anos. Aparentava a idade que tinha, sobretudo por causa dos cabelos já brancos. Não era um homem especialmente grande, mas tinha solidez. Mancava um pouco (sequela da guerra, como vim a saber depois), mas isso não tirava seu ar seguro e confiante. Seus movimentos eram lentos, pensados, como se pernas e braços fossem de chumbo. As mãos eram fortes e bem desenhadas; as unhas precisavam ser cortadas. Fiquei impressionada com a imobilidade daquelas mãos, a placidez com que elas permaneciam cruzadas sobre o colo ou plantadas sobre a mesa mesmo quando o assunto era política. Henry falava com aquele sotaque truncado do delta do Mississippi, como se ainda mastigasse algum doce de sobremesa, desses bem calóricos e deliciosos. Dirigia-se quase sempre a Teddy ou aos meus pais, mas volta e meia deixava os olhos verdes deslizarem para o meu lado, desviando-os logo em seguida. Lembro do calor úmido que eu sentia sob as roupas, do ligeiro tremor das mãos quando pegava o copo d'água.

Minha mãe, que tinha um faro todo especial para detectar as inclinações românticas dos outros, começou a inserir na conversa, com uma frequência irritante, as minhas virtudes femininas: “Ah, quer dizer então que o senhor fez faculdade, Sr. McAllan? Minha Laura também, sabia? Formou-se em pedagogia pela West Tennessee State. Sim, Sr. McAllan, todas nós tocamos piano, mas a Laura é de longe a melhor pianista da família. Também canta lindamente, não canta, Teddy? E faz uma torta de pêssego...” E assim por diante. Passei quase todo o jantar olhando para o prato. Sempre que eu ameaçava me levantar para fazer algo na cozinha, mamãe se adiantava e ia no meu lugar ou mandava Eliza, a mulher de Teddy, que obedecia prontamente, mas não sem lançar um olhar de cumplicidade na minha direção. Os olhos de Teddy dançavam de um lado para outro e, no final do jantar, ele já estava abafando as risadas. Minha vontade era estrangular os dois, ele e mamãe.

Quando Henry se preparava para ir embora, mamãe convidou-o para voltar no outro domingo. Ele olhou para mim antes de concordar, um olhar discreto que procurei retribuir com um sorriso educado.

Ao longo da semana seguinte, mamãe não conseguiu falar de outra coisa que não o charmoso Sr. McAllan: seu jeito manso de falar, o cavalheirismo (para ela, o maior elogio que podia ser dispensado a um homem), o hábito de não beber vinho durante o jantar. Papai também gostou dele, o que não chegava a ser uma surpresa, já que Henry possuía um *diploma*.

Aos olhos de um professor de história aposentado, não havia prova maior dos méritos de um homem que uma formação universitária. Nem mesmo o Filho de Deus conseguiria conquistar a boa vontade dele se voltasse à Terra sem um diploma.

Essa expectativa dos dois me incomodava. Ela ameaçava alimentar minha própria expectativa, e eu não podia deixar que isso acontecesse. Convenci a mim mesma que Henry McAllan, por mais cavalheiro e estudado que fosse, não tinha nada a ver comigo. O sujeito tinha acabado de se mudar para Memphis, ainda não tinha amigos na cidade e só por isso havia aceitado o convite de mamãe.

Ah, quanta bobagem da minha parte, quantas defesas desnecessárias! Desnecessárias e fajutas, pois no domingo elas vieram abaixo assim que Henry atravessou a porta com dois buquês de lírio nas mãos, um para mim, outro para mamãe. Depois do jantar, ele sugeriu que fizéssemos um passeio a pé. Levei-o para conhecer o Overton Park. As árvores estavam carregadas e, quando o vento soprava, choviam flores brancas sobre nossas cabeças. Era como uma cena de cinema, e eu lá, como a mais improvável das heroínas. Os dedos de Henry roçaram meu rosto ligeiramente quando ele colheu uma flor dos meus cabelos e disse:

- São lindas, não são?
- Lindas, mas tristes.
- Tristes por quê?
- Porque me fazem lembrar do sofrimento de Cristo.

Ele franziu a testa. Via-se claramente que se irritava quando não sabia alguma coisa. Mas, para mim, era uma qualidade ele admitir sua ignorância em vez de fingir o contrário, como a maioria dos homens fazia. Mostrei-lhe as pintas vermelhas em cada uma das pétalas, tão parecidas com as chagas de Cristo.

- Ah – disse ele, e tomou minha mão.

Percorremos de mãos dadas todo o trajeto de volta e, antes de entrarmos em casa, Henry me convidou para uma apresentação de *O soldado de chocolate* no sábado seguinte, no teatro a céu aberto de Memphis. As mulheres da família uniram forças para me embelezar para a ocasião. Mamãe me arrastou para a Lowenstein's, uma loja de departamentos, e me presenteou com um vestido de gola rendada e mangas bufantes. Na manhã de sábado, minhas irmãs chegaram com frascos e mais frascos de maquiagem para o rosto e os olhos e uma infinidade de batons em todas as gradações entre o vermelho e o rosa, depois foram testando as diversas possibilidades com a rapidez e a autoridade de chefs estreladas a escolher os melhores temperos para o molho do dia. Terminado o longo trabalho, elas ergueram um espelho diante de mim como se me dessem de presente a minha imagem refletida. Não me reconheci naquela imagem e disse isso a elas.

- Espere só até o Henry ver você – riu Fanny.

Quando apareceu para me buscar, Henry disse apenas que eu estava bonita. No entanto, mais tarde, ele me puxou para nosso primeiro beijo, segurando meu rosto entre as mãos com a

naturalidade de quem segura seu chapéu favorito. Até aquele dia homem algum havia me beijado com tanta confiança (em si mesmo ou em minha vontade de ser beijada), e isso me deixou encantada.

Henry tinha toda a autoconfiança que me faltava. Eram muitas as suas certezas: o Packard é o melhor carro fabricado nos Estados Unidos; a carne não deve ser comida malpassada; o hino nacional deveria ser “God Bless America”, de Irving Berlin, e não “The Star-Spangled Banner”, tão difícil de cantar; os Yankees vão ganhar o próximo campeonato; outra Grande Guerra está para estourar na Europa, e o melhor que os Estados Unidos têm a fazer é ficar de fora dela; o azul, Laura, é a cor que mais lhe cai bem.

Passei a usar azul. Ao longo dos meses seguintes, fui contando minha vida para Henry. Conte-lhe sobre meus alunos prediletos; sobre meu trabalho como conselheira nas colônias de férias de Myrtle Beach; sobre toda a minha família, inclusive os primos de segundo e terceiro graus. Falei dos meus anos de faculdade, da minha paixão por Dickens e pelas irmãs Brontë, da minha antipatia por Melville e pela matemática. Ele ouvia tudo com atenção e seriedade, vez ou outra movendo a cabeça em sinal de aprovação. Não demorou para que eu comesse a atentar para esses sinais, observando quando eles eram concedidos ou omitidos e, inevitavelmente, apresentando-lhe aquela versão de mim mesma que eu julgava mais digna deles. Não se tratava de um mero truque de sedução feminina. Eu estava experimentando a admiração masculina e queria doses cada vez maiores de tudo que ela oferecia.

E o que ela oferecia não era pouco. Ter um “namorado firme”, como mamãe gostava de dizer, dava-me um prestígio que até então eu jamais tivera entre amigos e parentes, fazendo de mim uma mulher mais bonita e interessante, alguém que por algum motivo merecia tudo que havia de bom na vida.

“Como você está linda hoje!”, diziam alguns. “Acredite em mim, hoje você está *luminosa!*”, exclamavam outros. “Laura, sente-se aqui do meu lado e conte-me tudo sobre este seu Henry McAllan”, pediam.

Eu não tinha muita certeza de que Henry fosse meu, mas, quando a primavera deu lugar ao verão e ele continuava muito carinhoso, comecei a me permitir a esperança de chamá-lo de meu. Henry me levava a restaurantes, ao cinema, a caminhadas na beira do rio. Quando passeávamos pelo campo, ele gostava de apontar as características da terra e das fazendas pelas quais passávamos. Ele sabia muita coisa sobre lavouras e criação de animais. Certo dia, quando fiz esse comentário, contou que havia crescido numa fazenda.

– Seus pais ainda moram lá? – perguntei.

– Não. Venderam a propriedade depois da enchente de 1927.

Notei a tristeza na voz dele, mas coloquei na conta da nostalgia. Não me ocorreu perguntar se ele sonhava ter sua própria fazenda um dia. Henry era um engenheiro formado, com um emprego que lhe permitia morar em Memphis, o epicentro da civilização. Por que optaria pela vida difícil de fazendeiro?

– MEU IRMÃO ESTÁ chegando de Oxford neste fim de semana – informou Henry num dia de julho. – Gostaria muito que ele conhecesse você.

Que *ele* me conhecesse, não o contrário. Meu coração veio à boca. Henry tinha uma inegável predileção por esse irmão, chamado Jamie. Sempre falava dele de um jeito engraçado, com um misto de carinho e exasperação. Jamie estudava belas-artes na Universidade do Mississippi (“um diploma que não serve para nada”) e nas horas vagas trabalhava como modelo de roupas masculinas (“isso não é ocupação de homem”). Sonhava em ser ator (“duvido muito que consiga sustentar uma família”) e participava de produções amadoras sempre que possível (“gosta de atenção, só isso”). Apesar das críticas, era evidente que Henry adorava o irmão mais novo. Seus olhos brilhavam sempre que falava do garoto, e as mãos, geralmente calmas, gesticulavam sem nenhum pudor.

Se ele desejava me apresentar ao irmão, significava que estava pensando numa relação mais duradoura entre nós. Habituada a não alimentar esperanças, procurei tirar da cabeça aquele pensamento, mas ele, teimoso, insistia em permanecer em minha mente. Naquela noite, enquanto descascava as batatas para o jantar, fiquei imaginando como seria o pedido de casamento que estava por vir: Henry ajoelhado no chão da sala, muito sério e ligeiramente nervoso com a possibilidade de que eu dissesse não. Na manhã seguinte, ao arrumar minha cama estreita, imaginei a cama de casal que teria no futuro, a colcha branca de piquê, os dois travesseiros amassados em vez de um só. Na escola, enquanto os alunos faziam uma prova surpresa sobre locuções verbais, imaginei uma criança com os olhos verdes de Henry olhando para mim de seu bercinho de vime. Essas visões brotavam na minha cabeça feito flores exóticas, exuberantes e multicoloridas, indiferentes àquele meu hábito antigo de cortar todos os meus desejos pela raiz.

No sábado do nosso encontro com Jamie, procurei me arrumar com capricho, optando pelo terninho de linho azul que Henry tanto apreciava, esperando com paciência enquanto mamãe tentava aprisionar os meus cabelos rebeldes num coque alto, digno de uma propaganda de revista. Henry passou para me buscar e fomos juntos para a estação ferroviária esperar Jamie. Na plataforma, corri os olhos pela multidão de passageiros que desembarcavam, procurando uma cópia mais jovem de Henry. Mas o rapaz que veio correndo ao nosso encontro não se parecia nem um pouco com ele. Fiquei observando enquanto eles se abraçavam: Henry com seus cabelos brancos e seu tronco sólido; Jamie, mais alto, mais magro e mais pálido, os cabelos da cor de uma moeda de cobre recém-cunhada. Logo eles começaram a dar tapinhas nas costas um do outro, como costumam fazer os homens para desfazer a intimidade prolongada dos abraços. Recuando um passo, eles se examinaram mutuamente.

– Você está ótimo, irmão! – exclamou Jamie. – Parece que o ar do Tennessee está fazendo muito bem para você. Ou será outra coisa? – emendou ele, olhando para mim com um sorriso largo.

Jamie era um homem bonito; não havia outra palavra para descrevê-lo. Tinha traços bem-

feitos, angulosos, e uma pele tão branca que era possível enxergar as veias das têmporas. Os olhos tinham aquele verde das pedras de berilo, pareciam iluminados. Tinha apenas 22 anos, nove a menos que eu e dezenove a menos que Henry.

– Esta é a Srta. Chappell – apresentou Henry. – Meu irmão, Jamie.

– Muito prazer – foi só o que consegui dizer.

– O prazer é todo meu – disse ele, e tomou minha mão para beijá-la com um excesso de cavalheirismo.

Henry revirou os olhos e declarou:

– Meu irmão acha que é um desses personagens que ele costuma interpretar.

– Qual deles? – questionou Jamie, erguendo o indicador no ar. – Hamlet? Fausto? Príncipe Hal? O que acha, Srta. Chappell?

Falei a primeira coisa que me veio à mente:

– Na verdade, acho que você está mais para Puck.

Fui recompensada com um delicioso sorriso.

– Milady fala com justeza: sou *mesmo* o alegre andarilho da noite! – concordou ele.

– Quem é Puck? – perguntou Henry.

Jamie balançou a cabeça, dizendo:

– Oh mestre! Como são loucos os mortais!

Henry mordeu o lábio e subitamente fiquei com pena ao vê-lo ali, ofuscado pelo próprio irmão.

– Puck é um personagem de Shakespeare – expliquei. – Um espírito desordeiro da floresta.

– Um duende, só isso – acrescentou Jamie, sério. – Desculpe, eu só queria impressionar sua namorada.

Henry me abraçou e falou:

– Laura não é do tipo que se deixa impressionar.

– Ótimo – disse Jamie. – Mas agora... que tal vocês me mostrarem esta cidade linda?

Nós o levamos ao restaurante do Peabody Hotel, o melhor de toda Memphis, onde uma banda tocava nos fins de semana. Por insistência de Jamie, pedimos uma garrafa de champanhe. Até aquele dia eu havia bebido champanhe apenas uma vez, no casamento do meu irmão Pearce, e logo na primeira taça eu já estava tonta. Quando a banda começou a tocar, Jamie perguntou a Henry se podia me tirar para dançar (Henry não dançava nunca, por causa da perna). Fomos para a pista e rodopiamos ao som de Duke Ellington, Benny Goodman e Tommy Dorsey, músicas que eu ouvia no rádio ou dançava em casa com meus irmãos e sobrinhos. Como era diferente aquilo ali! E como era divertido! Eu podia sentir que os olhos de Henry nos acompanhavam; não só os dele, mas outros também: olhos femininos que me invejavam. Eu me sentia nas páginas de um romance e não havia outra coisa a fazer senão aproveitar. Ao fim de várias músicas, Jamie me conduziu de volta à mesa, pediu licença e se afastou. Desabei na cadeira, corada e sem fôlego de tanto dançar.

– Você está especialmente bonita hoje – elogiou Henry.

– Obrigada.

– Jamie produz esse efeito nas mulheres. Elas brilham para ele. – O comentário foi feito com uma expressão neutra no rosto, num tom de voz casual. Se Henry tinha ciúmes do irmão, não deixava transparecer. – Jamie gostou de você.

– Aposto que ele gosta de todo mundo.

– Desde que todo mundo use saia – disse Henry com um sorriso irônico, apontando para a pista de dança. – Olhe lá.

Jamie agora tinha nos braços uma morena alta, esguia, embrulhada num vestido de cetim com um decote baixo na parte de trás. Sua mão pousava nas costas nuas dela. Somente ao ver a facilidade com que a moça acompanhava os passos complicados que ele ia inventando foi que percebi minha própria falta de jeito como dançarina. Minha vontade foi esconder o rosto com as mãos. Eu sabia que todos os meus sentimentos estavam escancarados ali, bem diante de Henry. Minha inveja. Minha vergonha. Meus desejos bobos.

Fiquei de pé. Nem sei o que eu teria dito para me explicar, pois Henry também se levantou e foi logo dizendo:

– Já é tarde. Sei que amanhã você tem que acordar cedo para ir à missa. Venha, eu a deixo em casa.

Henry era sempre assim, gentil, generoso. Senti uma pontada de remorso. Mais tarde, no entanto, deitada e sem conseguir dormir, percebi que para ele talvez não fosse nenhuma novidade aquilo que eu havia mostrado tão claramente no restaurante. Com certeza ele já sentira a mesma coisa uma centena de vezes na presença do irmão: uma vontade de possuir aquele brilho que jamais seria seu.

PROCUREI TIRAR JAMIE DA cabeça assim que ele voltou para Oxford. Não era nenhuma ingênua; sabia que um homem como ele jamais desejaria uma mulher como eu. Já achava espantoso que Henry me desejasse! Não sei ao certo se o que eu sentia por ele naquela época era amor; minha gratidão era tanta que chegava a ofuscar todo o resto. Henry era o salvador que havia me tirado da vida de comiseração, escárnio e condescendência que costumava cercar as solteironas. Sim, Henry era o meu salvador. Mas seria precipitado contar com isso naquele momento, e por um bom motivo.

Certa noite, durante o ensaio do coral, vi que Henry, sentado num dos últimos bancos da igreja, me observava de um jeito solene e firme. “É hoje que ele vai me pedir em casamento”, pensei.

Nem sei como consegui chegar ao fim do ensaio; o regente precisou chamar minha atenção duas vezes por entrar na hora errada. Na sala do coral, enquanto eu desabotoava a túnica com dedos desajeitados, de repente me veio à cabeça a imagem de Henry desabotoando minha

camisola na noite de núpcias. Fiquei imaginando como seria dormir com ele, deixá-lo tocar meu corpo com tanta intimidade quanto ele tocava o seu. Minha irmã Etta, que era enfermeira, me contara tudo sobre o ato sexual assim que completei 21 anos. Durante a conversa ela se limitou apenas aos fatos, jamais mencionando sua relação com o marido, Jack, mas, ao ver o sorriso que ela insinuava, deduzi que o leito conjugal estava longe de ser um suplício.

Henry me esperava no estacionamento da igreja, recostado no carro com a mesma camisa branca de sempre, a mesma calça cinza e o mesmo chapéu de feltro cinza. Esse era o seu uniforme. Ele não dava a menor importância para as roupas, que geralmente lhe caíam mal: calças com cintura frouxa, bainhas arrastando no chão, mangas compridas ou curtas demais. Hoje acho graça quando penso nos sentimentos que as roupas dele despertavam em mim. Eu me roía por dentro, tamanha era a vontade de consertá-las.

– Olá, meu amor – disse ele. E completou: – Vim dizer adeus.

Adeus. A palavra cresceu feito uma nuvem negra no espaço entre nós, pousando aos poucos nos meus ombros.

– Vão construir um aeroporto novo no Alabama e querem que eu administre a obra. Vou me ausentar por muitos meses, talvez mais.

– Entendo – falei.

Fiquei esperando que ele dissesse algo mais: a saudade que sentiria, as cartas que escreveria, o pedido para que eu o esperasse. Mas Henry nada falou. E, quanto mais o seu silêncio se prolongava, mais fraco ia ficando o meu amor-próprio. Eu não havia sido talhada para o amor, para o casamento ou para os filhos. Essas coisas não eram para mim. Que tolice a minha ter pensado o contrário.

De repente tive a impressão de que estava me afastando do meu próprio corpo. Ouvi quando ele se ofereceu para me levar em casa. Ouvi quando agradeci educadamente, dizendo que precisava de ar fresco, depois desejando a ele muita sorte no Alabama. Vi quando ele se inclinou para beijar meus lábios e eu virei a tempo, recebendo o beijo no rosto. Vi quando fui embora sozinha, o tronco tão ereto quanto permitia meu orgulho.

Mamãe fechou o cerco assim que atravessei a porta.

– O Henry passou aqui mais cedo – informou. – Ele a encontrou na igreja?

Fiz que sim com a cabeça.

– Parecia ansioso para falar com você...

Foi difícil olhar para ela e ver a esperança que ameaçava desmoronar em seu sorriso radiante.

– O Henry vai viajar – expliquei. – Não sabe quando vai voltar.

– Isso foi... tudo que ele disse?

– Foi – respondi, subindo para o quarto.

– Ele vai voltar – gritou às minhas costas. – Sei que vai.

Parei onde estava e virei para trás. Lá estava ela ao pé da escada, linda em sua agonia, uma

das mãos delicadamente pousada no corrimão, a outra amassando o pano da saia, ambas magras e pálidas.

– Ah, Laura... – falou com a voz trêmula.

– Mamãe, nem pense em chorar.

Ela não chorou. O que deve ter exigido um enorme esforço da sua parte. Mamãe chorava por qualquer bobagem: a borboleta que morreu, o molho que talhou.

– Sinto muito, minha querida – declarou.

Então perdi a força das pernas. Sentei no alto da escada e deixei a cabeça cair sobre os joelhos. Ouvi o ranger dos degraus quando mamãe subiu e se sentou ao meu lado. Ela me abraçou, beijou minha cabeça e disse:

– Nunca mais vamos mencionar o nome dele.

Ela manteve sua promessa e por certo instruiu o resto da família a imitá-la, pois ninguém comentou nada sobre Henry, nem mesmo as minhas irmãs. Todos redobramos os carinhos comigo, distribuindo elogios sem necessidade, inventando coisas para me manter ocupada. Choviam convites para eu jantar na casa de um, jogar uma partidinha de bridge na de outro, acompanhar não sei quem às compras. Por fora eu estava bem e, passado algum tempo, eles voltaram a me tratar normalmente, certos de que eu já tinha virado a página. Não tinha. Ainda estava furiosa. Furiosa comigo mesma, furiosa com Henry. Furiosa com a crueldade daquela situação, que fazia de mim uma mulher indesejável para os homens, mas também incapaz de me sentir completa sem a presença de um. Percebi que a felicidade de antes havia sido uma mentira. A verdade da minha existência era aquele vazio mal disfarçado de fúria. Ele estivera lá desde sempre. Henry só me forçara a enxergá-lo.

Por quase dois meses não tive nenhuma notícia dele. Um dia, ao chegar em casa, encontrei mamãe, ansiosíssima, me esperando junto da porta.

– Henry McAllan voltou – foi logo dizendo. – Está na sala. O seu cabelo está uma bagunça, deixe-me arrumá-lo para você.

– Não precisa – falei, o queixo erguido. – Vou do jeito que estou.

Eu me arrependi de não ter aceitado a ajuda de mamãe assim que pus os olhos nele. Henry estava mais bronzeado, mais magro, mais bonito do que nunca. Por que diabo eu não havia passado nem um batonzinho? Bobagem. Aquele homem havia me seduzido apenas para me abandonar depois. Não tinha mandado nem sequer um cartão-postal naquelas últimas semanas. Ficar bonita para ele? Para quê?

– Laura, que bom ver você. Como tem passado?

– Bem, obrigada, e você?

– Fiquei com saudades.

Eu não disse nada. Henry se aproximou e tomou minhas mãos, que estavam suadas. As dele estavam frias e secas.

– Eu precisava ter certeza dos meus sentimentos. E agora tenho. Amo você, Laura, e quero

que seja minha mulher. Aceita casar comigo.

Assim mesmo, afirmando, mais do que perguntando. Se ele tinha alguma dúvida quanto à minha resposta, escondeu muito bem. O que não foi fácil de engolir. Como era possível sentir-se tão seguro após uma ausência de quase dois meses? Estava achando o quê? Que podia entrar na minha casa e me recolher como se eu fosse um paletó esquecido? Mas ali estava ela, a proposta que eu pensara jamais receber na vida. Comparada à maravilhosa declaração de Henry, minha revolta era insignificante. Se ele tinha tanta certeza assim da minha resposta, pensei comigo mesma, era porque esse era o seu jeito de ser. *Carne não deve ser comida malpassada. O azul é a cor que mais lhe cai bem. Aceita casar comigo.*

Enquanto eu olhava nos olhos dele, tão sinceros quanto verdes, veio à minha cabeça a inoportuna lembrança de Jamie rindo e dançando comigo na pista do Peabody. Henry não era sedutor nem romântico; como eu, era feito de ingredientes bem mais rústicos e sólidos. Mas me amava. E eu sabia que ele cuidaria de mim, que seria fiel, que me daria filhos saudáveis e inteligentes. Em troca disso tudo, não custaria nada amá-lo também.

– Sim, Henry, eu aceito.

Ele assentiu com a cabeça, depois me beijou, abrindo meus lábios com o polegar antes de inserir a língua. Fechei a boca imediatamente, mais de susto do que qualquer outra coisa; fazia anos desde a última vez que havia sido beijada assim, e a língua dele me pareceu estranha, espessa, invasiva. Henry grunhiu alguma coisa e só então percebi que eu o havia mordido.

– Desculpe – falei. – Não sabia que você ia fazer isso.

Henry não disse nada. Apenas reabriu minha boca e me beijou de novo, como tinha feito antes. Dessa vez aceitei a invasão e aparentemente isso o satisfez, pois dali a alguns minutos ele me deixou para ir falar com papai.

CASAMOS SEIS SEMANAS DEPOIS numa cerimônia simples. Jamie foi o padrinho. Quando apareceu lá em casa com Henry, entregou-me um buquê de rosas, depois me apertou num abraço de urso e disse:

– Minha querida Laura. Fico tão feliz que o Henry finalmente tenha tomado juízo! Falei que ele seria um idiota se não casasse com você.

Após conhecer Jamie naquele restaurante, achei que toda a família seria tão simpática quanto ele. Estava enganada. Ao ser apresentada aos McAllans, dois dias antes do casamento, constatei rapidamente que por algum motivo eles se achavam superiores aos Chappells, os quais, diga-se de passagem, tinham sangue francês pelo lado do meu pai e de um general da Guerra Civil americana pelo lado da minha mãe. Não vi muito o pai de Henry durante aquele fim de semana (Pappy e os outros homens haviam sumido para fazer tudo aquilo que cabia aos homens fazer nas vésperas de um casamento), mas passei tempo suficiente na companhia das mulheres da família para saber que jamais seria tão próxima delas quanto, de modo ingênuo,

eu havia imaginado. A mãe de Henry era uma mulher fria, arrogante e cheia de opiniões (quase sempre negativas) sobre tudo e todos. Suas duas irmãs, Eboline e Thalia, haviam sido Miss Algodão da cidade de Greenville e não falavam de outra coisa que não fosse a riqueza dos próprios maridos. No dia anterior à cerimônia, mamãe ofereceu um almoço apenas para as mulheres de ambas as famílias e Fanny perguntou em que universidade elas haviam estudado. Thalia ergueu as sobrancelhas perfeitamente desenhadas e disse:

- Universidade? E para que uma mulher precisa de universidade? Confesso que não sei.
- A menos que você seja pobre – completou Eboline. – Ou feia.

As duas riram.

Eu e minhas irmãs nos entreolhamos, um tanto assustadas. Henry não dissera a elas que nós três tínhamos formação universitária? “Claro que elas não sabiam de nada”, disse Fanny mais tarde, “claro que a gafe não foi intencional.” Eu não tinha tanta certeza assim.

No entanto, nem mesmo os parentes desagradáveis de Henry conseguiram roubar a alegria que eu sentia no dia do meu casamento. Fomos para nossa lua de mel em Charleston, depois voltamos para a casinha que Henry havia alugado na Evergreen Street, não muito longe da casa dos meus pais. Então eu me apeguei à vida de casada. Adorava as pequenas dimensões da rotina doméstica, a sensação de pertencimento que ela proporcionava. Eu agora era de Henry, e o grande propósito da minha vida na Terra era satisfazer as vontades e as necessidades dele: preparar os pratos prediletos, lavar e passar as camisas, esperar diariamente pelo seu retorno à casa. Em novembro de 1940, Amanda Leigh nasceu; dois anos depois veio Isabelle, e a partir daquele momento eu pertencia muito mais às minhas filhas que ao pai delas.

JAMIE

NO SONHO, ESTOU SOZINHO no telhado da antiga casa de Eboline em Greenville, vendo a água subir. Quase sempre estou com 10 anos de idade, mas às vezes já sou adulto e apenas uma única vez eu fui um velho. Estou sentado na cumeeira, uma perna para cada lado. Objetos varridos pela água vêm na direção da casa para depois girar em torno dela, levados pela corrente. Uma árvore. Um candelabro de cristal. Uma vaca morta. Tento adivinhar de que lado cada coisa vai parar. A cama de dossel, ainda com pedaços do mosquitoireiro, irá para a esquerda. A latrina irá para a direita, junto com o carro do Sr. Wilhoit, um Stutz Bearcat. Os riscos da brincadeira são grandes: cada vez que erro na adivinhação, a água sobe mais trinta centímetros. Quando alcança minhas canelas, encolho as pernas, fazendo o possível para não perder o equilíbrio. Toco a casa adiante como se estivesse tocando um cavalo e sigo de encontro à enchente enquanto a água me chama. Não falo a língua dela, mas sei o que está dizendo: ela me quer. Não porque eu tenha alguma importância, mas porque ela quer tudo que vê pela frente. Quem sou eu, um magricela de calças rasgadas, para dizer não?

Quando o rio me engole, não tento nadar nem boiar. Abro os olhos e a boca e me deixo preencher pela água. Sinto os espasmos dos pulmões, mas nenhuma dor, então o medo vai embora. A correnteza me leva como se eu fosse um simples pedaço de pau e, de repente, percebo que sempre fui exatamente isto, um simples pedaço de pau.

Vejo alguma coisa brilhar mais adiante na água lamacenta, o brilho se intensificando à medida que me aproximo. A luz é tanta que machuca meus olhos. “Será que uma estrela caiu no rio?”, penso. “Será que o rio engoliu tudo, até mesmo o céu?” Cinco raios emanam do centro da estrela, cortando o ar de um lado para outro como se procurassem algo. Ao passar por eles, vejo que são dedos e que aquilo que eu pensava ser uma estrela é na realidade uma mão grande e muito branca. Não quero que ela me encontre. Agora sou parte do rio.

E de uma hora para outra não sou mais. Sinto uma dor forte na cabeça e sou fisgado de volta para o telhado ou para o interior de um barco; os sonhos variam. Mas a mão é sempre de Henry – e sempre apertando uma mecha ensanguentada dos meus cabelos.

Mais de mil pessoas morreram naquela enchente. Sobrevivi graças a Henry. Eu não estava

sozinho no telhado de Eboline; ela e meus pais estavam lá também, assim como seu marido, Virgil, e a empregada, Dessie. A água não veio me pegar, fui eu que caí dentro dela. Caí porque fiquei de pé. Fiquei de pé porque vi Henry se aproximando de barco, vindo nos salvar.

Graças a Henry. Muito do que sou, e do que fiz, se deve a ele. Minha lembrança mais remota é a do dia em que o vi pela primeira vez. Mamãe me embalava, procurando me acalmar, e então decidiu me colocar nos braços de um grandalhão de cabelos brancos, um desconhecido. De início fiquei com medo, mas o medo logo passou. Isso é tudo de que me lembro. Segundo mamãe, eu estava berrando e dando murros no ar, mas, quando Henry me ergueu e disse “Olá, irmãozinho”, imediatamente parei de chorar e enfiei os dedos em sua boca. Eu, que gritava feito um pele-vermelha toda vez que papai ou qualquer outra pessoa do sexo masculino tentava me pegar no colo, cedi de forma dócil ao abraço do meu irmão. Estava com um ano e meio. Ele, com 21, acabara de voltar da Grande Guerra.

Por causa de Henry, cresci odiando os bárbaros. Os bárbaros haviam tentado matar meu irmão numa floresta qualquer da França. Eram os responsáveis por sua perna manca e por seus cabelos brancos. Também haviam lhe roubado coisas; eu não sabia exatamente o que, mas podia notar a falta que sentia delas. Henry nunca falava da guerra. Pappy sempre tentava fazê-lo falar, querendo saber como e quantos homens ele tinha matado. “Mais de dez? Mais de cinquenta?”, perguntava. “Chegou a furar alguém com a baioneta ou fuzilou todo mundo de longe?”

Mas Henry jamais respondia. A única vez que o ouvi mencionar a guerra foi no meu aniversário de 8 anos. Ele foi passar o fim de semana conosco e me levou para caçar. Foi a primeira vez que segurei uma arma de verdade (se é que podemos chamar uma Daisy 25BB de “arma de verdade”), e eu só faltava explodir de tanto orgulho. Não consegui acertar nada além de algumas árvores, mas Henry derrubou um cervo com uma galhada de oito pontas. Não foi um tiro certo. Quando chegamos perto do animal, vimos que ele ainda estava vivo, lutando inutilmente para se levantar. Um osso fraturado se projetava do ferimento na coxa. Os olhos se arregalaram de susto e de medo.

Henry passou a mão pelo rosto do bicho, depois apertou meu ombro, dizendo:

– Se um dia você virar soldado, faça tudo que puder para guerrear do alto, do céu. Dizem que de lá as coisas parecem bem menos feias. Promete?

Ele esperou que eu respondesse. Depois ficou de joelhos e cortou a garganta do cervo ferido.

Desse dia em diante, sempre que via os monomotores sobrevoando a plantação para jogar pesticidas, eu fingia ser o piloto. Só que não eram besouros que eu matava, mas sim os bárbaros. Empoleirado nos galhos mais altos da árvore que ficava atrás da nossa casa, devo ter matado, na minha imaginação, centenas de ases alemães.

Mas se foi Henry quem acendeu em mim o desejo de voar, foi Lindbergh quem o atçou depois de atravessar o Atlântico num voo solo. Isso foi menos de um mês depois da enchente.

Estávamos hospedados na casa de uns tios em Carthage, porque nossa fazenda e toda a cidade de Greenville ainda estavam debaixo d'água. A casa estava cheia, então me botaram para dormir numa cama no sótão, junto com meus primos Albin e Avery, dois parrudões endiabrados, dentuços e cheios de espinha na cara. Espremido entre eles, sonhei mais uma vez com a enchente: o jogo de adivinhação, a voz da água, a mão branca. Resmunguei tanto que acabei acordando meus primos, que se vingaram me despertando com chutes e pancadas, me chamando de maricas e de bebê chorão. Mas nem mesmo as ameaças dos dois (de me estrangular, me arremessar pela janela, me jogar no formigueiro) impediram que a enchente me sugasse no sonho.

Ela vinha quase toda noite e eu sempre me deixava levar por ela. Essa era a parte que eu mais odiava, o momento em que eu parava de me debater. Desistir assim era uma fraqueza, uma vergonha, o tipo de coisa que meu irmão jamais faria, nem mesmo em sonho. Henry lutaria até o fim e, quando ficasse sem forças, lutaria mais um pouco. Como eu *não* tinha feito. Ou pelo menos achava que não. Isso era o pior de tudo: não me lembrava do que realmente havia acontecido entre a minha queda na água e o resgate de Henry. Só o que eu tinha era o sonho, que parecia confirmar as piores suspeitas quanto à minha reação. Os dias iam passando e o sonho não ia embora, então comecei a acreditar que tudo aquilo era verdade. Eu desistira uma vez, e achava que desistiria de novo se outra situação parecida surgisse.

Comecei a me recusar a tomar banho. Albin e Avery acrescentaram “porco imundo” à sua lista de termos carinhosos; Pappy tirou sangue da minha bunda com uma vara de marmelo, dizendo aos berros que um filho seu jamais federia como um crioulo. Cedi apenas quando Mama ameaçou ela mesma me dar um banho se eu insistisse naquela teimosia. Bastou imaginá-la me vendo pelado para que eu mudasse de ideia. Mas, a partir dali, passei a encher a banheira apenas pela metade.

Foi nessa época que as histórias sobre Lindbergh começaram a pipocar nos jornais e no rádio. Seu grande objetivo era botar as mãos no prêmio de 25 mil dólares oferecido por um francês chamado Raymond Orteig ao primeiro piloto que conseguisse voar de Nova York a Paris (ou o contrário) sem fazer escalas. Desde 1919 os aviadores vinham tentando a façanha sem sucesso. Seis já haviam morrido na empreitada.

Lindbergh seria o primeiro, disso eu tinha absoluta certeza. E daí que ele fosse mais novo e mais imaturo que os anteriores? Lindbergh era um deus: destemido, imortal. Não havia a menor possibilidade de que ele não conseguisse. Os jornais locais, no entanto, eram bem menos otimistas. Após saberem da sua intenção de fazer a travessia sozinho, sem copiloto, passaram a chamá-lo de “Tolo Voador”. Tolos eram eles, eu dizia a mim mesmo.

No dia do voo, a família inteira se reuniu diante do rádio para ouvir os boletins sobre o progresso de Lindbergh. O avião fora avistado nos céus da Nova Inglaterra e de Newfoundland. Depois sumiu. E continuou desaparecido durante as dezesseis horas mais longas de toda a minha vida.

- Ele morreu – afirmou Albin, só para me provocar. – Dormiu; e aí o avião caiu no mar.
- Não morreu, não! – gritei. – Lindy nunca ia dormir no meio de um voo.
- Ou então se perdeu – disse Avery.
- Isso mesmo – concluiu Albin. – É tão burro que não conseguiu encontrar o caminho.

Isso era uma referência ao fato de eu ter me perdido alguns dias antes. O combinado havia sido os dois me levarem para pescar. Mas eles ficaram andando em círculos comigo e depois, rindo, se esconderam no meio do mato e me deixaram sozinho. Como eu não conhecia a região de Carthage, levei três horas para encontrar o caminho de volta. A essa altura, mamãe já estava arrancando os cabelos de tanta preocupação. Mais uma vez, Albin e Avery haviam aprontado comigo. E nem a surra que levaram fez com que eu me sentisse melhor.

Mas o troco estava por vir. Lindbergh faria isso por mim: daria uma boa lição naqueles dois.

E, claro, foi exatamente o que ele fez. O “Tolo Voador” passou a ser a “Águia Solitária”, e o seu triunfo passou a ser o meu triunfo. Até meus primos comemoraram quando ele pousou em segurança no campo de Le Bourget. Era impossível não se orgulhar do que Lindy havia feito. Impossível não querer ser como ele.

Após o jantar, fui para o jardim, deitei na grama molhada e fiquei olhando para o céu. Anoitecia. O horizonte era aquela mistura impressionante de roxos e azuis que dura apenas alguns minutos antes de dar lugar ao breu total. Ainda me lembro de ter pensado naquele momento: “Lá em cima não existe nada de ruim. Não tem enchente nem água lamacenta para afogar ninguém. Não tem feiura nem ódio. Apenas os dez mil tons diferentes de azul e cinza, todos igualmente bonitos.”

Eu seria piloto como o Lindbergh. Viveria um monte de aventuras, realizaria façanhas, defenderia meu país. Minha vida seria uma longa sucessão de glórias. Eu seria um deus.

Quinze anos mais tarde as Forças Armadas realizaram meu sonho. Não vi glória nenhuma. Muito menos fui um deus.

RONSEL

CHAMAVAM A GENTE DE “os crioulos de Eleanor Roosevelt”. Diziam que sairíamos correndo assim que o combate começasse para valer. Diziam que não tínhamos disciplina suficiente para nos tornar bons soldados. Que não possuíamos miolos suficientes para pilotar um tanque de guerra. Que éramos, por natureza, inclinados a todo tipo de bandalheira: mentiras, roubo, estupro de mulheres brancas. Falavam que nossa visão noturna era melhor que a dos soldados brancos porque éramos geneticamente mais próximos dos bichos. Quando estávamos em Wimbourne, uma garota inglesa que eu nunca tinha visto antes se aproximou e apalpou minha bunda. Perguntei o que ela estava fazendo e ela respondeu: “Estou verificando se você tem rabo.” “E por que eu teria um rabo?”, questionei. Ela contou, então, que os soldados brancos diziam a todas as inglesas que os negros americanos eram mais macacos do que gente.

Dormíamos em alojamentos separados, comíamos em refeitórios separados, cagávamos em latrinas separadas. Tínhamos até um estoque de sangue separado. Já pensou um branco ferido se ver, de repente, com sangue negro nas veias?

A nós cabia apenas o refugio de tudo, inclusive de oficiais. Nossos tenentes eram, em geral, sulistas brancos que haviam fracassado em alguma missão. Eram alcoólatras, covardes, caipiras fanáticos e imprestáveis, gente que mal conseguia encontrar a porta de casa em plena luz do dia. Colocá-los no comando de uma tropa de negros era a maneira que o Exército havia encontrado para puni-los. Desprezo: era isso que aquele pessoal sentia por nós. E fazia questão de anunciar. No Clube dos Oficiais eles gostavam de usar a melodia de “White Christmas” para cantar “*We’re dreaming of a white battalion*” (“Estamos sonhando com um batalhão branco”). Sabíamos disso pela boca dos negros que trabalhavam lá e eram obrigados a servir os idiotas brancos durante a cantoria.

Se todos fossem daquele jeito, acho que eu teria terminado meus dias como fertilizante nas terras de algum fazendeiro na França ou na Bélgica, junto com meus companheiros de tropa. Por sorte, havia também algumas pessoas corretas entre os oficiais brancos. De modo geral, os que haviam passado por West Point eram decentes e justos, e nosso comandante sempre nos tratava com respeito.

“Dizem que vocês não são tão limpos quanto os outros”, contou-nos certa vez. “Pois a resposta de vocês a isso é muito simples. Basta serem mais limpos do que todo mundo, sobretudo mais limpos do que esses filhos da puta brancos que ficam falando essas besteiras por aí. Deixem os uniformes mais impecáveis que os deles, os coturnos mais brilhantes.”

E era exatamente o que a gente fazia. Nossa meta era fazer do 761º Batalhão de Tanques um exemplo para todo o Exército.

Fomos submetidos a um treinamento rigoroso, primeiro em Camp Claiborne, depois em Camp Hood. Éramos cinco homens por tanque, cada um com suas tarefas específicas, mas todos tínhamos que aprender o ofício dos demais. Eu era o condutor; senti facilidade para fazer aquilo logo nos primeiros dias de treinamento. Era engraçado ver tantos garotos do campo acabarem pilotando um tanque. Bem, se uma pessoa conseguia conduzir uma mula para onde queria, por que não conseguiria conduzir um tanque Sherman também?

Passávamos um bom tempo nas linhas de tiro, manuseando todo tipo de arma: pistolas, metralhadoras, canhões. Fazíamos manobras na Floresta Nacional Kisatchie e as simulações de combate eram com munição de verdade. Sabíamos que estavam testando nossa coragem, e passamos com honras. Verdade seja dita: nosso medo de levar uma mordida de cobra era muito maior que o de levar uma bala na testa. Aquilo lá era um antro de cobras; algumas, juro, tinham mais de três metros de comprimento.

Em julho de 1942 chegaram os primeiros tenentes negros. Eram apenas três, mas agora podíamos caminhar com a cabeça um pouco mais erguida, pelo menos na base. Fora dela, nas cidades em que passávamos nossos dias de folga, todo cuidado era pouco. Em Killeen, por exemplo, eles haviam colocado uma grande placa no fim da rua principal: NEGROS DEVEM IR EMBORA ANTES DAS NOVE HORAS. A mensagem havia sido pintada em vermelho-sangue, para chamar bastante atenção e não deixar dúvidas. Em Killeen não havia áreas reservadas para pessoas de cor. Eram poucas as cidadezinhas em que elas existiam. A de Alexandria, perto de Camp Claiborne, era típica: uma sala de cinema caindo aos pedaços e dois bares que eram verdadeiras espeluncas. Nenhum lugar para comprar o que quer que fosse ou sentar para comer algo. O resto da cidade era terreno proibido para os negros. Se alguém da polícia militar ou da polícia local pegasse um de nós na zona branca da cidade, a surra era feia.

Nosso uniforme não significava nada para os civis brancos. Eu não esperava nada diferente, mas os meus amigos do norte e do oeste do país ficavam horrorizados com o tratamento que recebíamos. Ler nos jornais sobre as leis de Jim Crow, que impunham a segregação no sul do país, era bem diferente de ver um motorista de ônibus espetar uma arma no seu rosto e mandar você descer com sua fuça de preto para dar lugar à pança branca de um fazendeiro. Eles simplesmente não entendiam, por mais que tentássemos explicar. A gente tem que fazer o jogo deles para continuar jogando, dizíamos. O jeito era baixar a crista e ficar mudo diante dos brancos. Mas sempre havia quem não conseguia. Em Fort Knox, por exemplo, onde a maioria do nosso pessoal fazia o treinamento básico, havia um recruta ianque

que um belo dia resolveu enfrentar o balconista branco que não queria vender a ele um maço de cigarros: terminou amarrado ao para-choque de um carro e arrastado rua afora. Esse era apenas um dos muitos casos de linchamento que chegavam aos nossos ouvidos.

Quanto mais tempo eu passava com os soldados de outras partes do país, maior era a minha revolta. Lá estávamos nós, prestes a arriscar nossas vidas por pessoas que nos odiavam tanto quanto detestavam os chucrutes ou os japas, talvez até mais. O Exército não fazia nada para nos proteger das populações locais. Quando a polícia civil espancava algum soldado de cor, o Exército fingia não ver. Quando encontravam o cadáver de um negro fora dos limites do quartel, nem sequer procuravam saber quem eram os responsáveis. Ninguém precisava ser um gênio para entender por quê. Os espancamentos, a pouca comida, a escória que eram nossos oficiais... tudo isso tinha um único objetivo: o Exército queria que fracassássemos.

TREINAMOS POR DOIS LONGOS anos. No verão de 1944, já havíamos perdido as esperanças de lutar. Segundo o *Courier*, havia mais de cem mil combatentes americanos na Europa, mas apenas uma tropa ativa de negros. O resto não fazia mais do que descascar batatas, cavar trincheiras ou limpar latrinas.

E então, no mês de agosto, recebemos a notícia de que o general Patton nos convocara. Ele tinha visto nossas manobras em Kisatchie e queria que lutássemos na linha de frente do seu Terceiro Exército. Puxa, que orgulho! Essa era nossa chance de mostrar ao mundo algo que ele nunca vira antes. Deus e a pátria que se danassem: nossa luta seria pelos negros, pela dignidade da nossa gente.

Deixamos Camp Hood na última semana de agosto. Como foi bom dar as costas àquele lugar! Daquele inferno, só uma pessoa me faria falta: Mallie Simpson, uma professorinha que eu costumava visitar em Killeen. Mallie era bem mais velha que eu. Devia ter mais de 30 anos, mas nunca perguntei, porque não tinha importância. Era uma criaturinha miúda, com uma risada solta, dessas de sacudir a barriga. Sabia de coisas que as moças da minha terra sequer imaginavam, coisas que tinham a ver com as “atividades da natureza”, como dizia meu pai. Havia fins de semana em que a gente só saía da cama para ir à rua comprar bebida. Mallie adorava gim. Preferia tomá-lo puro, uma dose inteira de cada vez, tudo de um gole só. Dizia que deixar um copo pela metade era provocar o diabo. Foi com muita tristeza que me despedi dela. Sabia que tão cedo não teria outra mulher nos braços, pois, pelo que diziam, todo mundo na Europa era branco.

Constatei que estava errado. A grande maioria por lá era realmente de brancos, mas eles não eram como os daqui. Não havia ódio neles. Na Inglaterra, onde passamos nosso primeiro mês, algumas pessoas jamais tinham visto um negro, então ficavam curiosas. Depois que viam que éramos iguais a todo mundo, era assim que nos tratavam. Inclusive as mulheres. A primeira vez que uma garota branca me chamou para dançar, quase caí da cadeira.

– Vá logo – sussurrou meu amigo Jimmy, que era de Los Angeles.

– Jimmy – falei –, você ficou doido?

– Se você não for – disse ele –, eu vou.

Então lá fui eu, dançar com a moça. Não posso dizer que tenha gostado, pelo menos dessa primeira vez. Suava tanto que parecia estar colhendo algodão. Mal conseguia olhar para ela, ocupado que estava em observar a reação dos rapazes brancos à minha volta. Minha mão descansava em sua cintura e a dela, no meu pescoço molhado. Eu mantinha os braços tão duros quanto possível, mas o salão estava cheio e toda hora os nossos corpos se tocavam.

– O que foi? – perguntou a moça depois de um tempo, visivelmente surpresa. – Não gostou de mim?

Foi aí que percebi: para ela, tanto fazia a minha cor. Para ela, eu não passava de um homem que se comportava como um idiota na pista de dança. Puxei-a para mais perto.

– Claro que gostei – respondi. – Acho que nunca dancei com uma moça tão bonita.

Não ficamos naquele país por muito tempo, mas serei eternamente grato àquela gente inglesa que nos recebeu tão bem. Foi a primeira vez na vida que me senti primeiro homem, depois negro.

Em outubro, finalmente nos mandaram para o front, na França. Atravessamos o canal e aportamos na praia de Omaha, codinome de um dos cinco locais destinados à invasão dos Aliados no litoral da França ocupada. Mal podíamos acreditar no horror que encontramos. Navios naufragados, escombros de tanques, jipes, planadores e caminhões. Nenhum corpo à vista, mas era possível sentir a presença deles ali, espalhados na areia. Até aquele momento, pensávamos que nosso país e nossos soldados eram imbatíveis. Naquela praia, encaramos o fato de que isso não era verdade; foi uma constatação dura de engolir.

Essas imagens da Normandia permaneceram em nossa mente durante toda a viagem de seiscentos quilômetros até o front. Levamos seis dias para chegar a uma cidadezinha chamada Saint-Nicolas-de-Port. Estávamos perto o bastante para ouvir o combate, mas não fomos enviados para lá imediatamente. Esperamos por mais três dias, tensos feito gatos. Até aquele princípio de tarde em que recebemos a ordem de ficar de prontidão. Oficiais chegaram em jipes equipados com metralhadoras e estacionaram junto aos nossos tanques. Outro jipe chegou pouco depois. Um general de três estrelas saltou dele, depois se empoleirou no capô de um veículo semilagarta. Só fui perceber quem era quando vi o punho de marfim das pistolas que ele levava na cintura. Ali estava ninguém menos do que George S. Patton, também conhecido como “Old Blood and Guts”. Sangue e tripas.

– Homens – disse ele –, vocês são os primeiros tanqueiros negros a integrar o Exército americano. Eu jamais os teria convocado se não soubesse que vocês são os melhores. No meu Exército só entram os melhores. Pouco importa a cor da pele de quem quer que seja. O que importa é ir lá e matar o maior número possível desses chucrutes filhos da puta.

Levei um susto quando ouvi a voz dele, aguda como a de uma mulher. Acho que era por

isso que ele falava tanto palavrão, para que ninguém o confundisse com um maricas.

– Todos estão de olho em vocês. Todos estão esperando seus grandes feitos – prosseguiu Patton. – Acima de tudo, a raça negra está contando com vocês. Não os decepcionem. E muito menos decepcionem a *mim*, cambada! Dizem que é patriótico morrer pelo próprio país. Então, vamos lá! Vamos ver quantos dessa corja de alemães podemos tornar patriotas!

Claro que já tínhamos ouvido muita coisa a respeito do general. Por exemplo, o tapa que deu no rosto de um soldado hospitalizado na Itália só porque não acreditou na enfermidade dele. Diziam também que o homem, além de doido varrido, detestava os negros. Mas isso não me interessava. George S. Patton era um soldado de verdade e confiara em nós quando o resto do mundo não dava um tostão furado pela valentia dos combatentes de cor. Por ele, eu teria ido ao inferno e voltado, e acho que todos os Panteras pensavam da mesma forma. Era assim que chamávamos a nós mesmos: os Panteras Negras do 761º Batalhão. Nosso lema era: “Sair e lutar.” Naquele dia, em Saint-Nicolas-de-Port, essas palavras eram apenas um lema estampado num pavilhão, mas logo descobriríamos o real significado delas.

A EQUIPE DE OPERADORES de um tanque de guerra é como uma pequena família. Quando cinco pessoas passam dias e dias trancafiadas num espaço tão pequeno, não tem outro jeito: acabam ficando muito amigas e, após algum tempo, passam a agir como se fossem os cinco dedos da mesma mão. Alguém diz “faça isso” e, num piscar de olhos, está feito.

Não tomávamos banho porque, além de não termos tempo para isso, fazia frio demais. Portanto, acreditem em mim: o cheiro dentro daquele tanque podia ficar violento. Teve uma vez que, no meio de uma batalha, nosso canhoneiro, Warren Weeks, um grandalhão desengonçado de Oklahoma, teve uma caganeira. Não pensou duas vezes: fazendo o capacete de penico, aliviou-se nele e continuou a disparar contra os blindados alemães, grunhindo junto com o tumulto dos intestinos. O fedor foi tanto que quase vomitei o café da manhã. O sargento Cleve berrou:

– Porra, Weeks! Era melhor colocar você na boca desse canhão e disparar contra os chucrutes! Eles iam se render rapidinho.

Quase nos mijamos de tanto rir.

No dia seguinte, um projétil AP (perfurador de blindagem) estourou boa parte da cabeça de Warren. Sangue e miolos foram lançados para todo lado, inclusive sobre nós e sobre as paredes brancas. Nunca consegui entender por que pintavam aquelas paredes de branco. Mas nesse dia elas ficaram vermelhas. E, mesmo com pedaços de Warren colados à farda, prosseguimos firmes até o cessar-fogo do anoitecer. Não sei que batalha foi essa, lembro apenas que estávamos em algum lugar da Bélgica, talvez em Bastogne ou Tillet. Àquela altura, eu não tinha ideia das horas nem dos dias. Tudo se resumia à necessidade de lutar, ao estalar constante dos fuzis, ao *ack ack ack* das metralhadoras, ao estrondo das bazucas, à explosão das granadas

e das minas, aos berros e gemidos dos moribundos. Além disso, havia apenas a consciência de que o próximo sangue a espirrar no rosto dos companheiros poderia ser o seu.

Às vezes o bombardeio era tão violento que o pessoal da infantaria implorava para entrar no nosso tanque. Dependendo das circunstâncias, deixávamos que entrassem. Um dia, estávamos parados numa encosta e um soldado branco, sem capacete, veio correndo na nossa direção. Não existe nada pior para alguém da infantaria do que perder o capacete durante o combate.

– Ei, cabe mais um aí dentro? – berrou ele.

– De onde você é, moleque? – gritou de volta o sargento Cleve.

– Baton Rouge, Louisiana!

Imediatamente caímos na gargalhada. Sabíamos muito bem o que isso significava.

– Sinto muito, caipira – disse o sargento –, mas hoje estamos lotados.

– Tenho uma birita aqui, que roubei de um chucrute morto – disse o soldado, retirando do bolso um cantil metálico razoavelmente grande. – Parece querosene de tão forte. Esse negócio tira até tinta de parede. Podem ficar com ele se me deixarem entrar.

Cleve ergueu uma das sobrancelhas, depois olhou para cada um de nós.

– Sou batista – falei.

– Eu também – disse Sam.

E o sargento berrou de volta para o garoto:

– Quer que a gente arda no fogo do inferno, caipira?

– Claro que não, senhor!

– Não sabe que beber é pecado?

Todos nós ali tínhamos motivos de sobra para odiar os caipiras brancos do sul, mas Cleve os odiava mais do que ninguém. Diziam que uma irmã dele tinha sido estuprada por um grupo de brancos em Tuscaloosa, sua cidade natal.

– Por favor! – implorou o soldado. – Me deixem entrar!

– Se manda, caipira!

Imagino que o moleque tenha morrido naquele mesmo dia. Confesso que eu deveria ter sentido algum remorso, mas não senti. Estava exausto demais para sentir o que quer que fosse.

Eu não contava nada disso quando escrevia para minha família. Não porque temesse ser censurado, mas porque não queria preocupar os velhos. Então falava da neve, da gentileza com que os locais tratavam a gente (deixando de fora alguns detalhes sobre as francesas), da comida esquisita que eles comiam, do show que Lena Horne fez para as tropas americanas, do vestido de lantejoulas que ela tinha usado. Papai escrevia de volta com as notícias de casa: os pernilongos não estavam dando sossego aquele ano; Ruel e Marlon tinham crescido cinco centímetros; Lilly May havia cantado um solo na igreja; a mula se machucara outra vez nos espinhos de um arbusto.

O Mississippi ficava longe da Europa. Muito, muito longe.

LAURA

SETE DE DEZEMBRO DE 1941. Tudo mudou para nós nesta data. Poucos dias antes do ataque a Pearl Harbor, Jamie e meus dois irmãos haviam se alistado. Teddy ficou com o Corpo de Engenheiros, Pearce com a Marinha e Jamie se candidatou a uma vaga de piloto na Força Aérea. Seu desejo era se tornar um ás da defesa antiaérea, mas os comandantes tinham outros planos para ele. Fizeram dele um piloto de bombardeiro, ensinando-o a pilotar os gigantescos B-24, também conhecidos como Liberators. Jamie treinou por dois anos antes de partir para a Inglaterra. Àquela altura, meus irmãos já estavam nas zonas de guerra: Teddy na França e Pearce no Pacífico.

Eu fiquei em Memphis, preocupada com todos eles, enquanto Henry rodava o sul do país construindo bases e campos de pouso para as Forças Armadas. Henry permaneceu civil, isento do serviço por conta do ferimento adquirido na Primeira Guerra, o que para mim foi um grande alívio. Eu não me importava com as ausências dele, acabei me acostumando a elas. E logo percebi que, quando ele retornava, parecia mais interessado em mim. Além disso, eu tinha a companhia de Amanda Leigh e de Isabelle, que nascera em fevereiro de 1943. As duas não podiam ser mais diferentes uma da outra. Amanda era filha de Henry: calada, séria, autossuficiente. Isabelle era o oposto. Desde o dia em que nasceu, queria colo o tempo todo e começava a chorar assim que era colocada no berço. Sua natureza carente exasperava Henry, mas, para mim, sua doçura era compensação mais do que suficiente.

Eu ficava encantada com minhas duas filhas e com a beleza da vida, que seguia em frente apesar da guerra e, por causa dela, parecia ainda mais preciosa. Quando não estava trocando fraldas ou capinando minha “horta da vitória”, estava enrolando bandagens ou costurando para a Cruz Vermelha. Minhas irmãs, primas e eu organizávamos coletas de sucata e de roupas velhas, sobretudo de meias de nylon ou seda que depois o Exército transformava em sacos de pólvora. Eram tempos de medo e tristeza, mas também de alegria. Pela primeira vez na vida tínhamos um objetivo maior do que nós mesmos.

Nossa família teve mais sorte do que muitas outras. Perdi dois primos e um tio, no entanto meus irmãos sobreviveram. Pearce foi ferido na coxa e mandado para casa antes que a luta no

Pacífico se tornasse mais cruel. Teddy voltou são e salvo no outono de 1945. Jamie perdeu um dedo da mão (gangrenado por causa do frio), mas foi só. Ele não retornou aos Estados Unidos após ser dispensado; preferiu ficar na Europa para viajar e conhecer o continente pelo ponto de vista do chão, para variar um pouco. Henry achou aquilo estranho, podia jurar que havia algo de errado com o irmão, algo que ele não queria contar. As cartas de Jamie eram sempre alegres e superficiais, repletas de descrições engraçadas dos lugares que ele visitara e das pessoas que conhecera. Henry dizia que pareciam forçadas, mas eu não as enxergava assim. Achava natural que Jamie quisesse aproveitar a liberdade após quatro anos fazendo apenas o que mandavam e indo somente aonde ordenavam.

Os meses que se seguiram à guerra foram de alegria para nós e para o país inteiro. Nosso esforço coletivo fora vitorioso. Nossos homens estavam de volta. Tínhamos açúcar, café e gasolina de novo. Henry agora passava mais tempo em Memphis e eu planejava engravidar outra vez. Estava com 37 anos e queria dar a ele um filho homem enquanto ainda era possível.

Em nenhum momento enxerguei o choque que estava por vir naquele Natal. Como sempre fazíamos, no dia 24 ceamos com a minha família em Memphis e, na manhã do dia 25, fomos de carro para Greenville. Eboline e o marido, Virgil, nos recebiam todo ano para um grande jantar de família no casarão que possuíam na Washington Street. Como eu odiava aquelas viagens! Eboline não perdia a oportunidade de fazer com que eu me sentisse uma caipira, assim como os filhos dela não perdiam a oportunidade de fazer minhas meninas chorarem. Naquele ano, seria ainda pior, pois Thalia vinha da Virgínia com toda a família. As duas irmãs, quando juntas, eram Regan e Goneril para a minha desafortunada Cordélia. Sim, exatamente como em *Rei Lear*.

Quando estacionamos diante da casa de Eboline, o pai de Henry veio nos receber. Pappy morava com Eboline desde a morte da mulher, no outono de 1943. Bastou ver a expressão grave no rosto dele para saber que havia algo errado.

– Bem – foi logo dizendo a Henry, sem ao menos um bom-dia –, aquele marido metido da sua irmã resolveu se matar.

– Meu Deus! – exclamou Henry. – Quando?

– Ontem à noite, depois que todo mundo já tinha ido dormir. Eboline encontrou o corpo agora há pouco.

– Onde?

– No sótão. Ele se enforcou – informou Pappy. – Feliz Natal.

– Deixou algum bilhete, explicando o que fez? – perguntei.

Pappy tirou um papel do bolso e me entregou. A tinta da caneta estava borrada onde uma lágrima havia caído. O bilhete estava endereçado “À minha querida mulher”. Com uma letra trêmula, Virgil confessava a Eboline que havia perdido uma parte do dinheiro deles num negócio que envolvia uma mina de prata na Bolívia e o restante num cavalo chamado Barclay’s Bravado. Dizia que resolvera dar fim à vida porque não suportaria contar tudo isso a

ela. (Mais tarde, ao conhecer melhor meu sogro, eu me perguntaria se o que Virgil realmente não suportava era a ideia de passar mais uma noite sob o mesmo teto que Pappy.)

Eboline não queria sair da cama, nem mesmo para consolar os filhos. Coube a mim essa missão, bem como a tarefa de cozinhar para uma casa cheia de gente. Henry manteria a empregada por mais um tempo, mas fora obrigado a dispensar o jardineiro e a cozinheira. Fiz o que pude. Por maior que fosse minha antipatia por Eboline, não havia como não ficar sensibilizada com sua tragédia.

Após o enterro, voltei com as meninas para Memphis, mas Henry ficou em Greenville para ajudar a irmã a colocar a vida nos trilhos. Disse que demoraria apenas alguns dias. No entanto, “alguns dias” logo se transformaram em uma semana, depois em duas. A situação era complicada, ele falou ao telefone, explicando que precisaria de mais tempo para resolver as coisas.

Em meados de janeiro, pegou o trem de volta para casa. Estava alegre, quase radiante, e à noite se revelou bem mais animado na cama do que de costume. Depois tomou minha mão, limpou a garganta e começou:

– Meu bem, por falar nisso...

Imediatamente me preparei para o pior. Vindo de Henry, “por falar nisso” podia levar a qualquer coisa, eu nunca sabia a quê: “Meu bem, por falar nisso, a mostarda acabou; você se importaria de dar um pulo no mercado?” ou “Meu bem, por falar nisso, hoje de manhã sofri um acidente de carro”.

– ... comprei uma fazenda no Mississippi. Mudamos daqui a duas semanas.

A tal fazenda, ele contou em seguida, ficava a sessenta quilômetros de Greenville, próximo a uma cidadezinha chamada Marietta, da qual eu nunca tinha ouvido falar. Moraríamos na cidade, numa casa que ele já alugara, e ele iria diariamente de carro trabalhar na fazenda.

– É por causa de Eboline? – perguntei, assim que consegui ficar mais calma.

– Em parte – respondeu, apertando minha mão de leve. – O inventário de Virgil está uma confusão. Vai levar meses para ficar pronto, preciso ficar por perto. – Devo ter olhado para ele com uma expressão de dúvida, pois ele logo acrescentou: – Eboline agora está sozinha com as crianças, é minha obrigação ajudar.

– E o seu pai? – perguntei.

Em outras palavras: ele não pode ajudar também?

– Eboline não está mais em condições de cuidar dele. Pappy vai morar com a gente. – Ele fez uma pausa antes de dizer: – Chegará com a caminhonete na semana que vem.

– Que caminhonete?

– A que comprei para usar na fazenda. Vamos precisar dela para fazer a mudança. Não vamos conseguir levar tudo de uma vez, mas posso fazer uma segunda viagem depois que estivermos mais estabelecidos.

Estabelecidos. Numa fazenda no Mississippi. Dentro de duas semanas.

– Também comprei um trator – prosseguiu Henry. – Um John Deere Modelo B. Uma máquina e tanto. Dá para arar um terreno num piscar de olhos, você nem acredita. Vou poder arar 120 acres sozinho. Imagine isso!

Como eu não dizia nada, ele se virou para me olhar.

– Você está muito calada.

– Estou é muito surpresa.

Ele me olhou, intrigado.

– Mas você sempre soube que eu tinha vontade de ter uma fazenda.

– Não, Henry. Eu nem fazia ideia.

– Devo ter falado alguma coisa, tenho certeza.

– Não, nunca falou.

– Bem – disse ele –, então estou falando agora.

Assim, de repente, minha vida virou de cabeça para baixo. Em nenhum momento Henry perguntou o que eu achava de abandonar a cidade que fora meu lar por 37 anos para ir morar naquele fim de mundo com um sogro perverso. E em nenhum momento eu disse a ele o que pensava. Aquele era o seu território, assim como as crianças e a cozinha eram o meu, e tomávamos todo o cuidado para não invadir o território um do outro. Quando não havia outro jeito, pisávamos em ovos e procurávamos não avançar muito.

MAMÃE CHOROU QUANDO CONTEI que estávamos indo embora, mas não fez o estardalhaço que eu havia imaginado. Foi uma cena rápida, seguida de conselhos para que eu erguesse a cabeça e procurasse fazer do limão uma limonada. Papai apenas suspirou e declarou:

– Bem, acho que tivemos sua companhia por muito mais tempo do que tínhamos o direito de desejar.

Isso é o que acontece com as filhas, o olhar deles parecia dizer. Elas eram criadas pelos pais e depois, com sorte, encontravam maridos que tinham o direito de levá-las para onde bem entendessem, o que não só era esperado, mas também recebido com alegria.

Tentei manter o entusiasmo, mas não foi fácil. Todo dia me despedia de algo ou de alguém especial. O balanço na varanda da casa dos meus pais, onde, na noite do meu aniversário de 17 anos, eu havia recebido de Billy Escue o meu primeiro beijo de verdade. Minha casinha na Evergreen Street, com suas cortinas de renda e papel de parede floral. Os rugidos dos leões no jardim zoológico vizinho, que no início me incomodavam, mas que com o passar do tempo se tornaram tão familiares para mim. A luz na minha igreja, que descia pelos vitrais coloridos para incidir sobre o rosto erguido dos fiéis.

Mas, para os rostos da minha família, eu mal conseguia olhar. Sofria, antecipadamente, ao pensar na saudade que sentiria. Mamãe e minhas irmãs com a testa alta e os olhos azuis

espantados que haviam herdado dos Fairbairns. Papai com aquele sorriso largo e gentil, aquele nariz anguloso do qual os óculos viviam escorregando.

- Vai ser uma aventura – disse ele.
- Nem é tão longe assim – emendou Etta.
- Aposto que você vai conhecer muita gente boa por lá – acrescentou mamãe.
- Vocês têm razão – concordei.

Mas sem nenhuma convicção. Marietta era um vilarejo típico do Delta do Mississippi, com uma população (de 412 pessoas, como eu viria a saber depois) quase inteiramente composta de fazendeiros, mulheres de fazendeiros e filhos de fazendeiros, todos com certeza batistas, metade provavelmente de negros. Estaríamos a quilômetros da civilização, cercados de caipiras que todo domingo bebiam suco de uva na igreja e só sabiam conversar sobre as safras e as chuvas.

Como se isso não bastasse, Pappy estaria lá conosco. Eu nunca havia passado muito tempo com meu sogro, uma bênção à qual eu não dera o devido valor até nossa última semana em Memphis, quando de repente me vi obrigada a passar dias inteiros na companhia dele enquanto Henry trabalhava. Pappy era um homem azedo, mandão, vaidoso. Exigia calças com vincos, lenços dobrados do seu jeito, camisas engomadas. Estas ele trocava duas vezes ao dia, sujando-as com a comida que derramava. Seu único trabalho era enrolar os cigarros e me dizer como encaixotar a mudança. Dei-lhe alguns livros na esperança de que se distraísse com a leitura, mas ele não quis, dizendo que livros eram uma perda de tempo, que escola era para fanfarrões e maricas. Nunca entendi como um homem desses foi capaz de produzir dois filhos como Henry e Jamie. Minha esperança era que, uma vez em Marietta, ele passasse boa parte do tempo com Henry na fazenda, deixando a casa para mim e para as meninas.

A casa era o único ponto positivo naquele cenário essencialmente negativo. Henry a alugara de um casal que perdera o filho na guerra e estava de mudança para a Costa Oeste. Ele contou que era uma casa antiga, pré-Guerra Civil, com dois andares, quatro quartos, uma varanda de fora a fora e, o mais importante, uma figueira no quintal. Sempre fui louca por figos. Enquanto embrulhava a louça em jornal ou encaixotava livros, lençóis e luminárias, me pegava sonhando com essa figueira, saindo feliz para o quintal para colher um fruto maduro e comê-lo sem lavar, feito uma criança gulosa. Imaginava as tortas e os empadões que faria, as conservas que deixaria prontas para os meses de inverno. Não falava disso com Henry, jamais daria o braço a torcer. Mas toda noite, durante o jantar, ele revelava mais alguma qualidade da casa, algo que havia esquecido de dizer. “Eu lhe contei que tem um fogão elétrico moderno?”, “Sabia que a três quarteirões tem uma escola onde Amanda Leigh vai poder estudar no ano que vem?”, dizia animado. E eu apenas respondia: “Que bom, Henry.”

No dia da mudança, levantamos de madrugada. Teddy e Pearce vieram ajudar Henry a colocar os móveis na caminhonete. Entre eles estava o nosso maior tesouro, um piano Steiff de

1859, o corpo de jacarandá talhado no estilo Eastlake. Havia pertencido à minha avó, que me ensinara a tocar. Fazia pouco tempo que eu começara a ensinar Amanda Leigh a tocar.

Eu dava uma última conferida na casa quando papai chegou. Fiquei surpresa ao vê-lo; já tínhamos feito nossas despedidas na noite anterior. Ele trouxe o prato de biscoitos e o pote de manteiga de maçã que mamãe havia preparado. Ficamos ali, os oito, comendo nossos biscoitos quentes enquanto tremíamos de frio na sala praticamente vazia, lambendo os dedos melados entre uma mordida e outra. Terminado o lanche, papai e meus irmãos nos acompanharam até o carro. Ele apertou a mão de Pappy, depois a de Henry, em seguida abraçou as meninas. Só então veio ter comigo. Falando baixinho, como se não quisesse ser ouvido pelos outros, disse:

– Com um ano de idade você teve rubéola e o médico disse que não ia sobreviver. Não lhe deu mais do que 48 horas de vida. Sua mãe ficou apavorada, mas eu falei que o médico não sabia de nada. “Nossa Laura é uma guerreira, vai ficar boa”, tranquilizei-a. Nunca tive dúvida disso, nem naquela época nem agora. Então guarde isso no seu coração. E relembre quando precisar, ok?

Com a garganta apertada, fiz que sim com a cabeça e o abracei. Depois abracei meus irmãos mais uma vez.

- Bem – disse Henry –, acho que já podemos ir.
- Cuide bem das minhas três meninas – pediu papai.
- Vou cuidar. São minhas meninas também.

Eu e as crianças começamos a cantar assim que saímos de Memphis, eu ao volante do DeSoto, elas ao meu lado no banco dianteiro. Henry, Pappy e todos os nossos pertences iam à nossa frente, na caminhonete. À direita, o rio Mississippi era uma presença vasta e indiferente à nossa passagem.

– *You’ve got to ac-cent-tchu-ate the positive...* – cantávamos.

“Enxergar o lado bom”, recomendava Bing Crosby, mas as palavras me pareciam bobas e vazias, um reflexo do que eu mesma sentia.

COMEÇAVA A ANOITECER QUANDO dobramos na Tupelo Lane. Como sabia que esse era o nome da nossa rua, eu experimentava um arrepio de empolgação toda vez que Henry reduzia a velocidade à nossa frente. Por fim, ele estacionou. Nossa casa era tão linda quanto ele dissera e possuía outros atributos simpáticos que ele não tinha mencionado. Talvez porque, sendo Henry, nem sequer os houvesse notado. No jardim da frente havia uma nogueira grande e glicínias abraçavam toda a lateral da casa feito um enorme casaco verde; na primavera, quando florescessem, perfumariam nossos quartos à noite, embalando nosso sono; no verão, pintariam o gramado de roxo com as pétalas que deixariam cair. Dois janelões ladeavam a porta da frente e sob eles viam-se canteiros de azaleias já grandes.

– Você não falou que tínhamos azaleias, Henry – repreendi-o assim que desci do carro com

as meninas.

– Pois temos – disse ele com um sorriso.

Henry estava orgulhoso de si mesmo, mas não me incomodei com isso. A casa era mesmo adorável.

Amanda Leigh espirrou, agarrada à minha perna. Sua irmã dormia nos meus braços. Ambas estavam gripadas.

– Elas estão caindo de sono – falei. – Vamos entrar.

Caminhávamos em direção à casa quando a luz da varanda se acendeu e um homem saiu pela porta da frente. Era enorme, os ombros caídos feito os de um urso. Uma mulher de porte miúdo surgiu às suas costas para espiar.

– Quem são vocês? – perguntou ele.

O tom de voz não era amigável.

– Somos os McAllans – respondeu Henry. – Os novos inquilinos desta casa. E você, quem é?

O homem afastou as pernas e cruzou os braços sobre o peito.

– Orris Stokes. O novo proprietário desta casa.

– Novo proprietário? Aluguei o imóvel há três semanas, das mãos do próprio George Suddeth.

– Suddeth me vendeu a casa na semana passada e não falou nada sobre inquilinos.

– É mesmo? Então vou ter que ir lá para refrescar a memória dele – anunciou Henry.

– Não vai encontrá-lo. Ele saiu da cidade faz três dias.

– Fiz um depósito de cem dólares!

– Não sei de depósito nenhum – declarou Stokes.

– Você não tem nada por escrito? – perguntou Pappy a Henry.

– Não. Fizemos apenas um acordo verbal.

– Nunca vou entender como um filho meu pode ser tão burro – disse o velho depois de cuspir no chão.

De repente, vi a expressão do meu marido mudar ao se dar conta de que havia sido ludibriado e, pior, de que não podia fazer nada a respeito. Virando-se para mim, relatou:

– Paguei em dinheiro um depósito de cem dólares. Bem ali naquela sala. Depois jantei com ele e com a mulher. Mostrei fotos de você com as meninas...

– É melhor ir embora – avisou Orris. – Você não vai conseguir nada aqui.

– Mamãe... preciso fazer pipi – disse Amanda Leigh, sussurrando para quem quisesse ouvir.

– Depois, meu amor.

Só então a mulher, uma criaturinha franzina e sardenta, de mãos pequenas e inquietas, saiu de trás do marido. Tinha o ar frágil de um passarinho. Bem, isso foi o que pensei até atentar

para o queixo dela. Aquele queixo, saliente e anguloso feito uma colher de pedreiro, contava outra história. Eu podia jurar que Orris Stokes conhecia de perto os ferrões de um gênio forte.

– Sou Alice Stokes – apresentou-se. – Por que vocês não entram e comem alguma coisa antes de ir embora?

– Alice – rosnou o marido.

Ela o ignorou por completo e se dirigiu a mim como se os três homens nem sequer estivessem presentes.

– Fiz um cozido com pão de milho. Comidinha simples, mas será um prazer dividir com vocês.

– É muita gentileza sua – fui logo dizendo, antes que Henry recusasse.

A casa era mobiliada com modéstia, merecia coisa melhor. O teto era alto e os cômodos espaçosos, com lindos detalhes de época. Não me contive e fiquei imaginando minhas coisas no lugar das que estavam ali: meu piano ao lado do janelão da sala, meu pequeno sofá vitoriano diante da lareira. Ao me acomodar na mesa de pinho de Alice, pensei em como minha louça ficaria melhor sob aquele medalhão de gesso no teto.

Durante o jantar, soubemos que Orris era o proprietário do armazém de suprimentos agrícolas da cidade, o que deixou Henry um pouco mais animado. Por algum tempo, os dois homens conversaram sobre animais, discutindo os méritos de diferentes raças de porcos, assunto sobre o qual Henry tinha um conhecimento espantoso. Lá pelas tantas, o tema mudou para mão de obra rural.

– Malditos crioulos – disse Orris. – Foram todos para o norte, deixando a gente sem condição de tocar uma lavoura. Devia ter uma lei que proibisse isso.

– No meu tempo, a gente não deixava que eles partissem – falou Pappy. – E os que tentavam fugir no meio da noite acabavam arrependidos da bobagem que tinham feito.

Orris assentiu e completou:

– Meu irmão tem uma fazenda lá pelos lados de Yazoo City. No último mês de outubro, ele perdeu boa parte da safra de algodão porque não encontrou crioulos suficientes para a colheita. E os poucos que encontrou pediram 2,50 dólares por cada 45 quilos.

– Dois e cinquenta! – exclamou Henry – Com esse preço não vai sobrar uma plantação de algodão no Delta. E o que eles vão fazer quando não tiver ninguém para oferecer emprego nem teto para eles?

– Se você espera bom senso de um preto – declarou Pappy –, melhor esperar sentado.

– Pode escrever o que estou dizendo: este ano eles vão pedir ainda mais, agora que o governo tirou o controle sobre os preços – apostou Orris.

– Malditos crioulos – disse Pappy.

Eram oito da noite quando terminamos de comer e as meninas só faltavam desabar sobre o prato. Quando Alice ofereceu para que pernoitássemos lá, não pensei duas vezes antes de aceitar. Teríamos que enfrentar mais duas horas de viagem até a casa de Eboline em

Greenville, e seria uma grande imprudência colocar os pneus gastos de nossos carros naquelas estradas esburacadas e escuras. Henry e Orris não pareciam contentes com a solução, mas nenhum dos dois se opôs. Os três homens saíram para cobrir os móveis da caminhonete e protegê-los do orvalho da noite. Depois de tirar a mesa junto com Alice, subi para acomodar as meninas na cama e ajudei-a a arrumar a cama em que eu dormiria com Henry.

– É uma casa grande – falei. – São só vocês dois?

– Sim – respondeu ela com tristeza. – A difteria levou meu Orris Jr. no outono de 1942 e, no ano passado, nossa Mary morreu de pneumonia. Suas filhas estão dormindo nas camas que eram deles.

– Sinto muito.

Atrapalhada, logo tratei de me ocupar com as fronhas e os travesseiros.

– Estou grávida – confessou Alice, um tanto tímida, logo em seguida. – Ainda não contei para Orris. Quero ter certeza de que o bebê vingou.

– Espero que ele nasça forte e saudável.

– Eu também. Rezo toda noite para que assim seja.

Ela me desejou boa-noite e foi embora.

Assim que me vi sozinha no quarto, fui para a janela que dava para o quintal. Lá estava a figueira prometida, pelada de folhas mas ainda bela e imponente sob a luz do luar. “Ah, se ele tivesse assinado um contrato”, pensei. “Se fosse outro tipo de homem...” Henry não tinha lá muito jeito para ler as pessoas. Achava que todo mundo era igual a ele, que todo mundo era sincero e cumpria com a palavra.

Não virei para trás quando ele entrou no quarto e tocou meu ombro. Hesitei um instante, mas depois pousei minha mão sobre a dele. Henry tinha a pele já um tanto ressecada, fina como uma folha de papel. De repente, senti um pouco de pena dele: pelas mãos que começavam a envelhecer, pelo orgulho ferido. Senti que beijava minha cabeça, então suspirei e me recostei no peito dele. Por que diabo eu haveria de querer que Henry fosse diferente? Diferente como? Ranzinza e desconfiado como o pai? Claro que não. Era uma vergonha que um pensamento desses tivesse passado pela minha cabeça.

– Vamos encontrar outra casa – falei.

– Acho que não. Essa era a única disponível na cidade. Por causa dos soldados, que voltaram da guerra. Ficaram com tudo. Vamos ter que morar na fazenda.

– E as outras cidadezinhas da região? – perguntei.

– Não vou ter tempo de procurar. Preciso preparar a terra. Já estou um mês atrasado. – Henry se afastou e abriu uma das malas. – A casa da fazenda não é lá grande coisa, mas tenho certeza de que você vai deixá-la perfeita. Vou lá escovar os dentes. Por que você não se deita?

Ouvi quando ele abriu a porta e saiu para o banheiro. Olhei mais uma vez para a figueira e pensei nos frutos que começariam a amadurecer no verão. Cogitei se Alice Stokes gostava de figos, se os colheria diariamente ou se os deixaria cair e apodrecer no chão.

NA MANHÃ SEGUINTE NOS despedimos do casal e fomos para o mercado comprar comida, querosene, baldes, velas e todas as provisões de que precisaríamos na fazenda. Só então fiquei sabendo que a casa não tinha eletricidade nem água encanada.

– Tem uma bomba no quintal da frente – informou Henry –, e uma espécie de fogão na cozinha.

– Uma bomba? Não tem encanamento?

– Não.

– E os banheiros?

– Não tem banheiro – disse, já com uma ponta de impaciência. – Só uma latrina externa.

“Meu bem, por falar nisso...”

Do outro lado do balcão, uma mulher parruda, vestindo uma camisa xadrez masculina sob o macacão, veio falar conosco.

– Vocês são os novos proprietários da fazenda dos Conley?

– Isso mesmo – disse Henry.

– Vão precisar de lenha para aquele fogão. Meu nome é Rose Tricklebank. Dona deste mercado, junto com o meu marido, Bill.

Ela estendeu a mão para que a apertássemos, uma mão forte, calejada. Henry arregalou os olhos ao constatar a força da mulher. Apesar do jeitão abrutalhado, ela lembrava justamente a rosa que levava no nome: a boca bem desenhada parecia um arco de cupido e o rosto redondo tinha por moldura uma cabeleira de cachos ruivos. O cigarro alojado na orelha destoava do quadro, mas não chegava a arruiná-lo.

– Sugiro que vocês deixem a casa bem abastecida – recomendou. – Vem chuva grossa por aí. É bem provável que chova a semana inteira.

– E daí? Que diferença faz? – perguntou Pappy.

– O rio sobe quando chove muito e a fazenda dos Conley pode ficar isolada durante dias.

– A fazenda agora é dos McAllans – informou Henry.

Depois de receber o pagamento, Rose pegou uma das nossas caixas e, sob os protestos de Henry, levou-a para o carro. Em seguida, tirou do bolso dois pedaços de alcaçuz e presenteou Amanda Leigh e Isabelle.

– Também tenho duas filhinhas. Minha Ruth Ann tem mais ou menos a sua idade – disse a Amanda, fazendo um carinho em seus cabelos. – Agora elas estão na escola, mas espero que vocês voltem em breve para visitar a gente.

Prometi que voltaríamos, já pensando que seria bom eu e minhas filhas termos amigas na cidade. Assim que ela se afastou, Henry resmungou:

– Essa mulher age como se quisesse ser homem.

– Talvez seja, e o marido ainda não se tocou – disse Pappy.

Os dois riram, o que me deixou irritada.

– Pois eu gosto dela – falei. – E já decidi que vou visitá-la assim que estivermos instalados.

Henry ergueu as sobrancelhas. Cheguei a pensar que fosse proibir minha visita e fiquei me perguntando o que lhe diria. Mas tudo que ele disse foi:

– Você vai ter muito o que fazer naquela fazenda.

A FAZENDA FICAVA A uns 25 minutos da cidade, mas dava a impressão de que ficava mais longe, pois a estrada era péssima e a paisagem, monótona. Negros pontilhavam a terra, preparando-a com arados puxados por mulas. Sem o verde das plantações para lhe dar vida, o horizonte era um mar triste do mesmo marrom, um mar em que navegávamos ao léu.

Uma ponte de aspecto frágil levava para o outro lado de um rio pequeno, ladeado de ciprestes e salgueiros. Depois de passarmos por ela, Henry botou a cabeça para fora da caminhonete e gritou em direção ao carro em que eu estava:

– Chegamos, meu amor! Isto aqui já é a nossa terra!

Forcei um sorriso e acenei para ele. Para mim, não havia muita diferença entre aquelas terras e todas as outras pelas quais tínhamos passado. Eu só via um descampado marrom pontilhado pelos casebres dos arrendatários, com seus quintais de terra batida. Mulheres não muito mais novas do que eu penduravam a roupa lavada nos varais bambos enquanto a filharada descalça e suja observava sem grande entusiasmo da varanda. Depois de algum tempo, chegamos a uma casa não muito maior que as outras, porém menos decrepita. Parecia abandonada. Henry parou a caminhonete diante dela e desceu com o pai.

– Por que paramos? – gritei para ele.

– Chegamos!

A casa era comprida e não muito sólida, com um telhado de zinco empenado e janelas sem vidraças nem telinhas, apenas com as duas folhas externas. A varanda corria por toda a extensão da casa, terminando num pequeno cômodo anexo. O quintal era de terra batida e, no meio dele, ficava a bomba d'água, à sombra de um carvalho grande que de algum modo conseguira escapar do machado dos ex-proprietários. Havia ainda um pasto, um celeiro, um depósito de algodão, outro de milho, um chiqueiro, um galinheiro e uma latrina externa.

Aquele era o nosso novo lar.

Amanda Leigh e Isabelle saltaram do carro e começaram a correr pelo quintal, fascinadas com tudo que viam. Corri atrás delas e acabei enterrando o pé num monte de estrume. Levaria semanas até aprender que, numa fazenda, você sempre olha por onde anda, já que pode pisar em qualquer coisa: um monte de estrume, uma poça de lama, uma cobra venenosa.

– A gente vai ter galinha, papai? – quis saber Amanda Leigh. – Porco também? E uma vaca?

– Claro que sim – disse Henry. – E sabe o que mais? – Ele apontou para o arvoredor junto do rio. – Está vendo aquele rio que a gente acabou de atravessar? Aposto que tem um monte de bagres e lagostins.

À margem do rio, a mais de um quilômetro de distância, havia uma construção que, mesmo de longe, parecia bem maior que uma casa.

– O que é aquilo? – perguntei a Henry.

– Uma serraria antiga, anterior à Guerra Civil. Você e as crianças devem ficar bem longe dali. Está para desabar a qualquer momento.

– Não é só a serraria que está para desabar – falou Pappy, apontando para a casa. – Esse telhado precisa ser reformado e a madeira dos degraus da varanda está podre. Algumas das janelas estão banguelas; melhor você dar um jeito nisso logo, senão vamos morrer congelados no inverno.

– Vamos consertar tudo que precisa ser consertado – disse Henry. – Vai dar tudo certo, você vai ver.

Ele não estava falando com Pappy, mas comigo. Seus olhos pareciam dizer: “Sem escândalo, por favor. Não me faça passar vergonha na frente do meu pai e das minhas filhas.” Senti o sangue ferver de raiva. Claro que eu não faria escândalo nenhum, principalmente para preservar as meninas.

Com a ajuda de um dos arrendatários, um mulato falante chamado Hap Jackson, Henry descarregou a caminhonete e levou os móveis para dentro. Vi imediatamente que não seria possível trazer de Memphis muito mais do que já estava ali. A casa tinha apenas três cômodos: um maior, que fazia as vezes de sala e cozinha, e dois menores, que eram os quartos. Nos quartos, só cabiam uma cama e uma cômoda. Não havia armários, apenas ganchos enfileirados nas paredes. Estas, assim como o piso, eram de madeira, e as frestas entre uma tábuia e outra eram grandes o bastante para dar passagem a todo tipo de inseto, sem falar no vento. A imundície era geral. Senti mais uma onda de raiva. Como Henry era capaz de levar sua família para uma espelunca daquelas?

A insatisfação não era só minha.

– Onde é que eu vou dormir? – perguntou Pappy.

Henry olhou para mim. Apenas encolhi os ombros. Se ele havia botado aquele ovo sozinho, que o chocasse sozinho também.

– Acho que vamos ter que colocá-lo no anexo – respondeu. – São só dois quartos.

– Não vou dormir lá fora. Não tem nem piso naquele anexo.

– Então não sei o que fazer. Não tem espaço na casa.

– Teria se você se livrasse desse piano – disse Pappy. – Se o piano sair, podemos colocar uma cama no lugar dele.

O piano se espremia num dos cantos da sala.

– Tem razão – concordou Henry.

– Não – contestei. – Precisamos do piano. Estou ensinando as meninas a tocar. Além disso, não quero uma cama no meio da sala.

– A gente pode colocar uma cortina em torno dela.

– É verdade – disse Henry.

– Preciso conversar com você a sós – falei, e saí para a varanda.

Henry me seguiu. Esperei que ele fechasse a porta, depois falei baixinho:

– Quando você disse que ia me trazer para cá, que ia me tirar de perto da minha família e da cidade onde nasci, eu não disse nada. Quando simplesmente informou que seu pai ia morar com a gente, baixei a cabeça. Quando Orris Stokes cruzou os braços e falou que tinham passado a perna em você, calei o meu bico. Mas agora você vai ouvir, Henry. Não vou ficar sem o meu piano. É a única coisa civilizada neste fim de mundo. Preciso dele não só para as crianças, mas para mim também. O piano fica. Então você vai entrar e dizer ao seu pai que ele vai dormir no anexo. Ou isso ou ele pode dormir na cama com você, porque aqui eu *não* fico sem o meu piano.

Henry olhava para mim como se estivesse diante de um animal desconhecido. E eu sustentava o olhar dele, resistindo bravamente ao impulso de fitar o chão.

– Você está cansada demais – falou.

– Não. Estou bem.

Àquela altura, meu coração batia alucinado dentro do peito. Eu jamais confrontara meu marido daquela forma tão direta. Para falar a verdade, nunca havia confrontado ninguém. Aquilo me parecia arriscado, impetuoso. Dentro de casa, as meninas agora discutiam por conta de alguma bobagem. Isabelle começou a chorar, mas mantive os olhos cravados em Henry.

– Melhor você ir lá falar com elas – disse ele afinal.

– E o piano?

– Vou colocar um piso no anexo. Arrumar direitinho para ele.

– Obrigada, meu amor.

Naquela noite ele me pegou com força, por trás, sem nenhuma das preliminares de costume. Apesar da dor, não dei um pio sequer.

HENRY

QUANDO COMPLETEI SEIS ANOS, meu avô me chamou no quarto onde estava morrendo. Eu não gostava de entrar naquele quarto (o ar recendia a doença e velhice e o corpo esquelético dele me dava medo), mas fui criado para ser obediente, então fui.

– Vá lá fora, pegue um punhado de terra e traga de volta – ordenou ele.

– Para quê?

– Faça o que estou mandando. – Ele gesticulou com a mão nodosa para que eu me apressasse. – Vá logo.

– Sim, senhor.

Fiz o que mandou e então voltei para o quarto. Assim que me viu, ele perguntou:

– O que é isso aí na sua mão?

– Terra.

– Isso mesmo. Agora me dê.

Ele juntou as mãos, que tremiam por causa da trombose, e eu deposei a terra nelas, fazendo o possível para não deixar cair nada nos lençóis.

– O que é isto que estou segurando? – indagou.

– Terra.

– Não.

– Pó?

– Não, garoto. É *patrimônio*. Sabe o que é isso? – questionou ele, erguendo as sobrancelhas brancas, espetadas e duras feito arame.

Fiz que não com a cabeça.

– Esta terra é *minha* e um dia será *sua*. Isto é patrimônio. Mas, enquanto esse dia não chega, para você ou para qualquer outra pessoa que não seja eu, isto aqui é apenas um punhado de terra de fazenda. Agora vá e jogue isso fora antes que sua mãe veja.

Recebi a terra de volta e já ia saindo quando vovô me puxou pela manga da camiseta e plantou em mim os olhos molhados.

– Lembre sempre disto, garoto. Você pode depositar sua fé onde quiser: em Deus, no

dinheiro, em outras pessoas. Mas a terra é a única coisa que no dia de amanhã vai continuar onde está. Só com ela você pode contar. Só a terra é realmente sua.

Uma semana depois ele morreu e a fazenda passou para as mãos da minha mãe. Foi naquela fazenda que nasci e cresci. Embora tenha partido aos 19 anos para ver o que existia além daquela terra, sempre soube que voltaria um dia. Era nela que eu pensava enquanto estava no campo de batalha, o rosto enterrado numa terra estrangeira e empapada de um sangue que não era meu. Era nela que eu pensava durante os longos meses que passei nos hospitais do Exército, minha perna fedendo, latejando e coçando até o dia em que finalmente ficou boa. Era nela que eu pensava durante os anos que estudei em Oxford, um lugar onde a terra não é plana, mas ondulada feito o mar. Era nela que eu pensava quando fui trabalhar para o Corpo de Engenheiros, um emprego que me levava a muitos lugares que me pareciam estranhos, que em nada se assemelhavam à minha terra natal. E, mesmo quando veio a enchente de 1927, submergindo Greenville e destruindo nossa casa e toda a safra daquele ano, nunca me passara pela cabeça que papai pudesse fazer outra coisa a não ser reconstruir a casa e replantar o algodão. Fazia quase um século que aquela terra estava nas mãos da família da minha mãe. Meu tataravô e seus escravos a tinham limpado para o primeiro plantio, arrancando com as próprias mãos o mato e a cana que haviam encontrado nela, acre por acre. Reconstruir e replantar: era isso que faziam os fazendeiros do Delta.

Papai não fez nem uma coisa nem outra. Vendeu a fazenda em janeiro de 1928, nove meses depois da enchente. Na época, eu morava em Vicksburg e viajava boa parte do tempo a trabalho. Só fui descobrir o que ele havia feito quando já era tarde demais.

“Aquela maldita enchente acabou comigo”, dizia Pappy às pessoas depois de se mudar para a cidade e começar a trabalhar para a companhia ferroviária. “Jamais teria vendido se não fosse a maldita enchente.”

Mentira. Aquela era uma das muitas mentiras que compunham sua autobiografia. Na realidade, ele dera as costas para aquela fazenda porque não a queria. Detestava agricultura, tinha medo dela. Temia as chuvas e as enchentes, odiava as longas horas de suor e solidão que deixava na plantação. Quando criança, eu percebia a preocupação com que ele erguia os olhos para o céu, o nojo com que limpava a terra das mãos no fim do dia, como se aquilo fosse bosta. A enchente havia sido apenas um pretexto.

Levei quase vinte anos para juntar o dinheiro de que precisava para comprar minha própria terra. Primeiro foram os anos da Grande Depressão, depois a guerra. E, além disso, eu tinha mulher e filhas para sustentar. Então guardava o que podia e esperava.

Quando o Japão finalmente jogou a toalha, dando fim à guerra, eu já poupara o suficiente. Achei por bem trabalhar mais um ano, apenas para juntar uma reserva antes de começar a procurar propriedades no verão seguinte. Isso me daria tempo de sobra para aprender o que não sabia, comprar sementes e equipamento, encontrar arrendatários e fazer o que mais fosse necessário antes de iniciar o plantio no mês de janeiro. Isso também me daria tempo para

dobrar minha mulher. Eu sabia que ela não veria com bons olhos a perspectiva de deixar Memphis.

Esse era o plano, tudo certinho e organizado, e assim teria sido se o inútil do marido da minha irmã não tivesse se enforcado no Natal. Nunca confiei naquele meu cunhado – da mesma forma que não confio em ninguém que fique confortável dentro de um terno. Virgil era um beerrão e um falastrão, duas manchas graves no caráter de qualquer um. Mas que tipo de homem dá fim à vida assim, sem pensar um minuto sequer na desonra e na infelicidade que trará à família? Ele deixou minha irmã sem dinheiro e meus sobrinhos sem pai. Se já não estivesse morto, eu o mataria com minhas próprias mãos.

Eboline e os filhos precisavam de alguém que cuidasse deles, e eu era a única pessoa que poderia fazer isso. Tão logo enterramos Virgil, comecei a procurar uma propriedade nas vizinhanças. Não havia nada à venda nas imediações de Greenville, mas fiquei sabendo de uma fazenda de duzentos acres em Marietta, uns sessenta quilômetros a sudoeste. Pertencia a uma viúva chamada Conley, cujo marido havia morrido na Normandia. Ela não tinha filhos que a herdassem, portanto queria muito vendê-la.

Assim que pisei na fazenda, tive uma ótima impressão dela. Os campos já estavam completamente limpos e um riozinho corria ao sul. A terra era escura, fértil; ao que tudo indicava, Conley tivera o bom senso de fazer seu plantio no sistema de rotação. O celeiro e o depósito pareciam em bom estado e havia um casebre decrépito na propriedade que ele poderia utilizar como base quando estivesse ali, mas não como residência para Laura e as meninas.

Aquela fazenda era tudo que eu queria. A Sra. Conley pediu 9.500 dólares por ela, talvez porque me vira chegar no Cadillac de Eboline. Barganhei até chegar a 8.700, mais 150 pela vaca e pelas duas mulas.

Finalmente eu era proprietário de terras. Mal podia esperar para contar à minha mulher.

Mas antes precisava fazer umas coisinhas: encontrar uma casa para alugar na cidade; comprar um trator (não tinha a menor intenção de puxar um arado de mula como meu pai havia feito) e uma caminhonete; decidir quais arrendatários manter e quais dispensar. Com o trator, eu poderia cultivar sozinho mais da metade da terra, portanto precisaria apenas de três dos seis arrendatários que moravam lá. Entrevistei todos eles, fazendo uma acareação entre a contabilidade que me apresentavam e a de Conley, depois dispensei aqueles com o menor índice de produtividade e o maior talento para o exagero.

Mantive os Atwoods, os Cottrills e os Jacksons. Os Jacksons pareciam os melhores do grupo, embora fossem de cor. Eram rendeiros, não meeiros, e pagavam apenas um quarto da sua safra em vez da metade. Não se veem muitos pretos na condição de arrendatários. Eles não têm a disciplina necessária para guardar dinheiro e comprar sua própria mula, seu próprio equipamento. Mas Hap Jackson não era um preto comum. Para início de conversa, sabia ler. Quando o encontrei pela primeira vez, antes de assinar o contrato comigo, Hap pediu para ver a página, no livro de contas de Conley, que dizia respeito a ele.

– Claro – concordei. – Mas como você vai saber o que está escrito nela?

– Faz sete anos que sei ler – respondeu. – Foi Ronsel, meu menino, que me ensinou. No início, eu não era lá muito bom, mas o danado não largou do meu pé. Insistiu até que eu conseguisse debulhar um pouquinho do Gênesis, um pouquinho do Êxodo. Também me ensinou os números. Sim, senhor, meu Ronsel é muito esperto. Sargento do Exército. Lutou com o general Patton em pessoa, já ganhou um monte de medalha por lá. Sim, senhor. Deve estar chegando qualquer dia desses, sim, senhor.

Entreguei a Hap o livro de Conley, ao menos para que o homem parasse de falar. Sob seu nome estava escrito: “Crioulo trabalhador, tira um fardo limpo.”

– Pelo visto, o Sr. Conley tinha você em alta conta – falei.

Hap não disse nada. Estava concentrado nos números, correndo o dedo pelas colunas, resmungando enquanto lia. De repente ele franziu a testa, balançou a cabeça e disse:

– Minha mulher tinha razão. Desde o início que ela tinha razão.

– Sobre o quê?

– Está vendo aqui? Onde está escrito “vinte fardos” do lado do meu nome? O Sr. Conley só me pagou dezoito. Falou que era só isso que valia o meu algodão, que o resto era caroço. Florence falou que ele estava roubando a gente, mas eu não quis acreditar.

– Você nunca tinha visto este livro?

– Não, senhor. Teve uma vez que eu pedi pra ver, no primeiro ano da gente por aqui, e o homem começou a gritar até soltar espuma pela boca. Falou que corria comigo daqui se eu duvidasse da palavra dele outra vez.

– Bem, Hap, eu não sei. Está dizendo aqui que ele pagou pelos vinte fardos.

– Não sou homem de mentir, não, senhor – disse ele.

E eu acreditei. Os pretos são feito crianças: fica estampado na cara deles quando estão mentindo. E no rosto de Hap eu via uma frustração sincera. Além do mais, sei que roubar dos arrendatários de cor é uma prática comum entre os produtores. Não posso concordar com isso. Um preto pode ser o que for, mas é nosso irmão. Um irmão mais novo, claro, indisciplinado e levado pelos impulsos, mas também bondoso e humilde perante Deus. Para o bem ou para o mal, foi colocado sob os nossos cuidados. Se não cuidarmos bem dele ou se usarmos da nossa superioridade natural para prejudicá-lo, estaremos condenados. Como Caim.

– Então vamos combinar o seguinte, Hap: você fica e eu deixo que confira este livro sempre que quiser. Aliás, você pode até me acompanhar no descaroçamento para conferir a classificação.

Ele me encarou espantado, e só então notei que os olhos dele não eram castanhos como eu havia pensado, mas verdes, um tom pantanoso de verde. Somando a isso a pele mais clara, deduzi que seus dois avôs eram brancos. O que explicava muita coisa.

Hap continuou me encarando, então ergui as sobrancelhas e ele finalmente baixou os olhos.

Ainda bem. Inteligência é sempre muito bom, mas não quero nenhum crioulo atrevido trabalhando para mim.

– Obrigado, Sr. McAllan. Assim está bem pra mim.

– Ótimo, então estamos combinados – falei. – Só mais uma coisa. Pelo que sei, sua esposa e sua filha não trabalham na lavoura. É isso mesmo?

– Sim, senhor. Quer dizer... tem vezes que elas ajudam na colheita, mas nunca a arar ou capinar. Nem precisa. Eu e os moleques damos conta do recado muito bem sem elas. Florence é parteira, ganha os seus trocados por aí.

– Mas você poderia cultivar uns 5 acres a mais com a ajuda delas.

– Mulher minha não capina, não, senhor. Nem a minha Lilly May – disse ele. – Mulher não foi feita pro trabalho pesado.

Também acho isso. Mas eu nunca tinha ouvido um negro falar assim antes. A maioria trata as mulheres como mulas, ou coisa pior. Já vi mulheres de cor trabalhando enquanto esperavam criança, com um barrigão tão grande que elas mal conseguiam abaixar para capinar o algodão. Mas, claro, as negras são bem mais fortes do que as brancas.

Laura não duraria uma semana na lavoura, mas eu acreditava que ela se sairia muito bem como esposa de fazendeiro depois que se acostumasse com a ideia. Para você ver como fui esperto.

ELA FOI CONTRA A mudança desde o primeiro momento. Não falava abertamente, mas nem precisava. Notei que ela começava a cantarolar sempre que eu chegava perto. As mulheres acabam demonstrando os seus sentimentos de uma forma ou de outra. O jeito de Laura era a música: ela cantava a plenos pulmões quando estava feliz, cantarolava displicentemente quando estava infeliz e assobiava fora do tom quando ainda refletia sobre algo, pensando se deveria cantar a plenos pulmões ou cantarolar displicentemente.

Sua música ficou bem menos agradável depois que nos instalamos na fazenda. Quando não eram as portas que ela batia ou as panelas que chocalhava no fogão, eram as discussões terríveis que tinha com Pappy. Apenas para me provocar. Era como se alguém tivesse aparecido à noite e roubado a minha mulher doce e cordata, deixando em seu lugar uma bruxa. Nada do que eu falasse ou fizesse estava bom para Laura. Eu sabia que ela me culpava por ter perdido a casa na cidade, mas que culpa eu tinha se as meninas viviam doentes? E a tempestade? Culpa minha também?

A maldita tempestade caiu no meio da nossa primeira noite na casa, fazendo uma barulheira dos infernos no telhado de zinco. Como apareceu uma goteira no quarto das meninas, levamos as duas para dormir na nossa cama. Ambas acordaram tossindo e febris. Já vinham fungando havia dias, mas não dei muita atenção, pois as crianças sempre têm pequenos

problemas de saúde. A chuva continuou forte por mais dois dias. No fim da tarde do segundo dia, eu estava no celeiro consertando algumas coisas quando Pappy veio me buscar.

– Sua mulher está chamando você – disse ele. – Suas filhas pioraram.

Corri ao encontro delas. Amanda Leigh tossia muito, uma tosse estranha que vinha em estalos parecidos com os de uma pistola calibre 22. Deitada ao lado dela, Isabelle chiava de um jeito horrível toda vez que enchia os pulmões. Ambas estavam com a boca e as unhas roxas.

– É coqueluche – falou Laura. – Vá buscar o médico agora mesmo. E peça a seu pai para colocar um panela d’água para ferver.

Cogitei dizer algo para tranquilizá-la, mas vi em seus olhos que não devia.

– Vá! Depressa – suplicou.

Pedi a Pappy para ferver a água e corri para a caminhonete. Por milagre, consegui chegar à ponte sem derrapar na lama nem cair numa vala qualquer. Ouvi o rugido forte do rio antes mesmo de avistá-lo. A ponte estava uns 50 centímetros abaixo da água. Com a chuva batendo forte no rosto, fiquei ali, olhando para aquela torrente de água turva, xingando George Suddeth por ser um mentiroso e a mim mesmo por ser um otário. Eu jamais devia ter confiado naquele sujeito, como disse Pappy com toda a razão. No entanto, continuo achando que um mundo em que um homem não cumpre a palavra dada depois de ter sentado à mesa com você e comido do mesmo pão está perdido.

Foi no caminho de volta para casa que me lembrei de Florence, a esposa de Hap Jackson. Hap tinha dito que ela era parteira, talvez entendesse alguma coisa de doenças infantis. Mesmo que não entendesse, poderia ajudar na cozinha e na limpeza da casa enquanto Laura cuidava das meninas.

Foi a própria Florence quem me recebeu à porta. Como nunca a encontrara antes, levei um susto com o que vi. Florence era muito alta e forte, tinha a musculatura saliente de um homem e a pele mais preta do que fuligem. Uma amazona de sua raça. Eu precisava erguer os olhos para falar com ela, que devia ter mais de 1,80 metro.

– Posso ajudar em alguma coisa? – perguntou ela.

– Sou Henry McAllan.

– Prazer. Florence Jackson. Se você quer falar com Hap, ele tá lá no curral, dando comida pra mula.

– Na verdade, é com você que eu queria falar. Minhas duas filhas... uma de 5 e outra de 3 anos... elas estão tossindo muito, parece que é coqueluche. Fui buscar um médico na cidade, mas a ponte está debaixo d’água, então minha mulher...

“Minha mulher vai me matar se eu aparecer em casa sem um médico ou qualquer outro tipo de ajuda”, quase confessei.

– Quando foi que a tosse começou?

– Hoje à tarde.

Florence balançou a cabeça, dizendo:

– Então ainda tá muito no início. Posso até dar uns remédio pro senhor, mas não posso ir junto.

– Vou pagar, é claro.

– Se eu for com o senhor, não vou poder pisar em casa por mais três ou quatro dia. E aí? Quem vai cuidar da minha família? Do meus filho e da minhas grávida?

– Por favor – pedi, sustentando o olhar dela.

E mais uma vez fiquei assustado com a força bruta da mulher, uma força que naquele momento estava adormecida, mas que poderia despertar a qualquer instante. Aquilo não era apenas a vitalidade normal da raça negra, aquela que eles consumiam tão irresponsavelmente na música e na fornicção. Era algo como o vigor espiritual de um guerreiro, se é que dava para imaginar como guerreira uma roceira preta com um vestido feito de saco de aniagem.

De repente, percebi às costas dela uma menina de 9 ou 10 anos. Tinha os braços inteiramente sujos de farinha. Parecia que estivera abrindo massa. Só podia ser a filha, Lilly May. Ela observava de longe, esperando, assim como eu, pela resposta da mãe.

– Preciso pedir pro Hap – disse Florence afinal.

A menina baixou a cabeça e correu de volta para sua massa. Eu sabia que Florence estava mentindo. A decisão era sua, não de Hap, e ela já a tomara.

– Por favor – repeti. – Minha mulher está apavorada.

Quanto mais a mulher me encarava, mais quente ficava meu rosto. Se ela negasse, eu não pediria outra vez. Não passaria pela humilhação de implorar a ajuda de uma negra. Se ela dissesse que não...

– Tudo bem – concordou. – Espera aqui enquanto busco as minhas coisa.

– Vou esperar na caminhonete.

Minutos depois ela voltou com uma maleta de couro bastante surrada, umas roupas emboladas debaixo do braço e um saco de aniagem vazio. Abriu a porta da frente, largou a maleta e as roupas no banco, depois perguntou:

– Já tem galinha por lá?

– Não.

Florence fechou a porta da caminhonete e se dirigiu para o galinheiro ao lado da casa, caminhando sem pressa apesar da chuva. Com o saco debaixo do braço, pulou a cerca de arame, pegou uma galinha no interior do cercado de madeira e, indiferente ao pavor da criatura, torceu seu pescoço com um gesto rápido e certo. Botou a galinha morta dentro do saco e voltou para o carro com a mesma calma de antes.

– Elas vão precisar de um bom caldo – explicou.

Não pedi minha permissão, apenas entrou na caminhonete como se tivesse todo o direito de ir na frente junto comigo. Num dia normal, eu não teria tolerado tal coisa, mas, naquelas circunstâncias, não tive coragem de pedir que ela fosse para a carroceria.

FLORENCE

NA PRIMEIRA VEZ QUE vi Laura McAllan, ela tava que nem uma doida de tanta preocupação. Preocupação de mãe com filho doente. Não dá pra gente esperar juízo de mãe com filho doente. Isso é obra do Senhor, fique você sabendo. O Senhor fez as mãe assim porque criança precisa de alguém pra proteger ela e nem sempre o pai tá lá pra fazer isso. Se alguma coisa ruim acontece com a criança, pode apostar que o pai vai estar em outro lugar. Não vai ter ninguém pra cuidar dela que não seja a mãe. Mas Deus nunca dá a missão sem dar junto os meio. Essa preocupação de mãe vem direto d'Ele. De vez em quando aparece uma mãe que não tem isso, que não quer cuidar do bebê que saiu de dentro do corpo dela. A gente tenta que ela pegue a criança no colo, que dê de mamar, que aconchegue o pequeno no peito, mas não tem jeito: ela bate o pé e diz que não. Vira pra parede e deixa o pobrezinho ali, chorando, até que aparece outra pessoa pra pegar ele. E a gente sabe que essa criaturinha vai crescer ruim da cabeça, se é que vai crescer.

Laura McAllan tava cuidando de suas menina doente quando cheguei com o marido dela. Uma das menina tava debruçada numa panela de vapor com um lençol em cima da cabeça. A outra, deitadinha na cama, chiava que nem uma chaleira. Quando Laura McAllan viu nós chegando, fritou a gente com os olho, como se tivesse fritando bacon no fogão.

– Quem é essa, Henry? Cadê o médico?

– A ponte está debaixo d'água – disse ele. – Não deu para chegar à cidade. Esta é Florence Jackson, ela é parteira. Pensei que talvez pudesse ajudar.

– Por acaso você está vendo alguém parir aqui? – perguntou ela. – Essas meninas precisam de um médico de verdade, não de uma curandeira com uma sacola cheia de poções.

Foi então que a menorzinha começou a sufocar daquele jeito que acontece quando o chiado é tanto que elas nem consegue respirar. Corri e segurei sua cabecinha pra ela vomitar na bacia, mas só o que saiu foi um pouquinho de bÍlis amarela.

– Já vi a mesma coisa nos meus filho – falei pra mãe. – Muito líquido, é disso que elas precisa. Mas antes a gente tem que tirar um pouco desse catarro pra fora.

Ela arregalou os olhos e, depois de um segundo, falou:

– Como?

– Primeiro a gente faz um chá de marroio e dá pra elas, depois deixa no vapor, assim mesmo como a senhora tá fazendo. Foi muito bom a senhora fazer esse vapor.

O Sr. McAllan olhava de longe, parado ali de pé, pingando água de chuva no chão. Cada vez que ouvia uma de suas crias tossir, seu rosto se contorcia como se tivesse levado uma facada. Quando é assim, a gente precisa botar eles pra fazer alguma coisa. Então pedi pro Sr. McAllan ferver um pouco mais de água.

– Esse chá vai tirar o catarro delas lá do fundo, o senhor vai ver. Depois, quando elas tiver respirando melhor, a gente faz um caldo de galinha bem quente, com um pouquinho de casca de salgueiro moída pra aliviar a febre.

– Tem um frasco de aspirina por aí – disse a Sra. McAllan. – Se eu conseguir achar no meio dessa bagunça...

– Não precisa. Aspirina é feita de casca de salgueiro, uma coisa é igual à outra.

– Eu devia ter levado as duas ao médico ontem, assim que começaram a tossir. Se alguma coisa acontecer a elas...

– Olha só, Sra. McAllan. Suas menina vão ficar boa, escuta o que eu falo. Jesus tá zelando por elas e eu estou aqui também. Ninguém vai embora enquanto suas filha não tiver melhor. Espera uma semana e a senhora vai ver: as duas vai estar forte que nem um coco.

Eu falava com ela do mesmo jeito que falava com aquelas que ajudava a parir. Mãe precisa disso: de uma palavrinha de consolo, de coragem. Isso é tão importante quanto remédio, às vez até mais.

– Obrigada por ter vindo – disse ela.

– De nada.

Quando as meninas beberam o chá e ficaram mais quietinhas, fui depenar a galinha que tinha trazido. Era a primeira vez que eu pisava naquela casa desde que os Conley tinha partido. Depois de ficar vazia por tanto tempo, ela tava imunda. Bem, nem tão vazia assim: um monte de bicho tinha passado por ali. Vi titica de rato nos canto, rastro de lesma no chão, carcaça de cigarra grudada na parede e poeira pra todo lado. Quando a Sra. McAllan percebeu que eu tava olhando, se envergonhou.

– Ainda não tive tempo de limpar – explicou ela. – As crianças adoeceram assim que chegamos.

– A gente vai dar um jeito nisso. Não precisa se preocupar.

Enquanto eu depenava a galinha e cortava cenoura e cebola pra fazer o caldo, o velho, sentado lá na mesa, não tirava os olho de mim. Era o pai do Sr. McAllan, que eles chamavam de Pappy. Um careca sem quase nenhuma carne nos osso, mas com todos os dente – uma boca inteira de dente comprido e amarelo que nem espiga de milho. Os olho era tão claro que parecia transparente. Tinha uma coisa neles que me dava arrepio toda vez que se virava pra mim.

O Sr. McAllan saiu pra varanda e a Sra. McAllan voltou pro quarto das filha, de modo que por um tempo fiquei sozinha com o tal de Pappy.

– Ei, você aí – chamou ele. – Estou com sede. Vá lá na bomba e traga um pouco de água para mim.

– Preciso terminar o caldo das menina – falei.

– O caldo não vai se importar de esperar uns minutinhos.

De costas pro velho, não falei nada. Me fiz de boba e continuei mexendo o caldo.

– Não ouviu o que eu disse, menina?

Meu pai e minha mãe ensinaram nós a respeitar os velho, a ser gentil com eles, mas eu não queria de jeito nenhum ir buscar a água daquele sujeito. Era como se de repente eu tivesse chumbo no pé e não conseguisse nem andar. Eu ia acabar pegando a porcaria da água, mas o Sr. McAllan voltou lá pra sala e disse:

– Pappy, tem água limpa bem ali, no balde perto da pia. Você devia saber. Foi você mesmo quem trouxe da bomba hoje de manhã.

O velho olhou pra mim e levantou a caneca sem falar nada. Também sem falar nada, peguei a caneca da mão dele e enchi com a água do balde. Mas, antes de me virar pra levar de volta, enfiei meu dedo nela.

Para o jantar, fritei um pouco das batata e do bacon que eles tinha comprado, assei pão e preparei um molho com leite. Depois de servir todo mundo, fiz um prato pra mim e fui saindo com ele pra varanda.

– Florence, você já pode ir – disse a Sra. McAllan. – Imagino que tenha sua própria família para cuidar.

– Tenho sim, senhora – falei –, mas não posso voltar pra casa. É como eu disse pro seu marido quando ele foi me buscar. Coqueluche pega, ainda mais no começo, que nem as suas menina. E ela vai ficar contagiosa por mais uma semana pelo menos. Se eu voltar pra casa, vou passar pros meus filho ou pra algum bebê que nascer na minha mão.

– Não vou dormir debaixo do mesmo teto que uma crioula – disse Pappy.

– Florence, por que você não vai dar mais uma olhada nas meninas? – pediu a Sra. McAllan.

Fui para o quarto delas, mas a casa era pequena e não tinha nada de errado com os meus ouvido.

– Ela não vai dormir aqui – falou Pappy.

– Mas não posso mandar a mulher de volta para infectar a família – reagiu a Sra. McAllan. – Isso não é certo.

– Então que durma no celeiro, junto com os outros animais.

– Como o senhor pode sugerir uma coisa dessas, ainda mais num frio desses?

– A negrada precisa conhecer o seu lugar.

– Nessas últimas horas – disse a Sra. McAllan –, o *lugar* dela foi ao lado das suas netas,

fazendo tudo o que podia para que elas melhorassem. Ao contrário do senhor, que ficou aí, de braços cruzados.

– Laura, por favor – pediu o marido.

– Vamos improvisar uma cama para Florence aqui na sala – disse Laura McAllan. – Ou então ela vai para o anexo e o senhor dorme aqui dentro.

– E deixar que ela contamine o meu quarto com o cheiro dela?

– Então ela dorme na sala.

Alguém arrastou uma cadeira.

– Aonde você vai? – perguntou o Sr. McAllan.

– Ao banheiro. – Era a Sra. McAllan. – Se você não se importar.

Ela saiu e bateu a porta com força.

– Não sei que bicho mordeu sua mulher – falou Pappy –, mas acho melhor você dar um jeito nisso. Quanto antes, melhor.

Eu tava com as duas orelha em pé, mas, se o Sr. McAllan disse alguma coisa de volta, não ouvi.

DORMI QUATRO NOITE NAQUELA casa, o bastante pra saber que aquilo não ia dar certo. Podia apostar dinheiro, se alguém perguntasse. Uma mulher do tipo de Laura McAllan, criada na cidade, cheia de mimo, não era talhada pra vida no Delta. O Delta pega uma mulher dessas e vai sugando a seiva dela até sobrar só osso e raiva. Raiva do homem que trouxe ela pra cá, raiva da terra que prende os dois aqui. Henry McAllan era desses que nasceu pra ser fazendeiro, mais do que muitos brancos e pretos que já vi por aí. Tá no olho dele. Os homem assim, eles olha pra terra como se olhasse pra mulher que eles quer ter. O branco vai lá e pega. Depois pensa: “Você agora é minha. Espera só pra ver o que vou fazer com você.” O preto não pode pegar, então fica sonhando com ela, com cada acre que vai preparar, cada enxadada que vai dar no mato. Mas esses homem, não importa se são branco ou preto, não percebe que não são dono dessa terra. A terra é que é dona deles. A terra suga o sangue e o suor deles, depois suga o suor e o sangue da mulher e dos filhos e, quando acaba sangue e suor, suga o corpo de todo mundo. Até o dia em que gente e terra viram uma coisa só.

Eu sabia que a terra ia acabar sugando todo mundo da minha família também: eu, Hap, Ruel, Marlon, Lilly May... O único que ela não ia conseguir pegar era Ronsel, meu mais velho. Ele não era que nem o pai e os irmão. Ronsel sabia que a roça não levava a lugar nenhum nesta vida. Bastava olhar pra mim e pra Hap. Eu e meu marido passamo a vida toda pulando de fazenda em fazenda, sonhando com uma situação melhor, com um patrão que não passasse a perna em nós. Nunca ficamos numa fazenda por tanto tempo quanto na dos Conleys. Já tinha sete ano. O Sr. Conley roubava também, mas era melhor que a maioria. Deixava a gente plantar uma hortinha no quintal e de vez em quando a mulher dele aparecia com roupa e sapato

velho pra todos. Então, no dia que ela veio contar que tinha vendido a fazenda, ficamos bem preocupado, eu e Hap. Patrão novo. A gente nunca sabe como vai ser.

– Fico aqui pensando se esse tal McAllan entende alguma coisa de fazenda – disse Hap, nervoso. – O sujeito é de Memphis. Aposto que não sabe o que é boca e cu numa mula.

– Não importa – falei. – A gente vai se virar, como sempre faz.

– E se ele dispensar todo mundo?

– Não vai dispensar. Não assim tão perto do plantio.

Mas a verdade era que ele podia dispensar, sim, se quisesse. Patrão faz o que bem entende. Já vi patrão colocar a família inteira na rua depois da colheita, depois de elas terem passado a primavera e o verão inteiro preparando a safra do sujeito. E, se ele diz que o empregado deve alguma coisa pra ele, acabou. Não tem santo que consiga tirar um tostão furado do homem. E nem adianta reclamar com a polícia, porque a lei fica sempre do lado do patrão.

– Dependendo do tipo do novo dono, vamos ter que ir embora mesmo ele querendo que a gente fique – anunciou Hap.

– Ele pode ser o coisa-ruim em pessoa – afirmei. – Eu é que não saio daqui. Levei muito tempo pra colocar essa casa no jeito, pra tirar um tomate decente daquela horta. Tem mais: uma parteira não pode ir embora e deixar suas grávida pra trás.

Nos dois meses seguintes, eu tinha quatro parto pra fazer. E uma das que ia ganhar bebê, Renie Atwood, era ela própria quase uma criança. Aquelas mulheres não tinham dinheiro pra pagar médico e eu era a única parteira da região.

– Você vai mudar se eu mandar você mudar – disse Hap. – Porque o homem é o chefe da família, que nem Cristo é o chefe da Igreja.

– Só enquanto você viver – falei. – Porque se o homem morre, a mulher fica livre dessa lei. Está lá nos Escritos.

Hap olhou torto pro meu lado e eu olhei torto e meio pro lado dele. Hap nunca bate em mim; posso falar com ele o que me der na telha. Tem homem que precisa bater pra conseguir dobrar a mulher, mas não o meu marido. Ele conversa comigo e é só isso que ele precisa fazer. Tem vez que começo lá do outro lado de uma ideia, aí ele vai falando e falando e, quando dou por mim, já estou do lado de cá, concordando com ele. Foi assim que comecei a amar meu marido, por causa das palavras dele. Muito antes de sentir a quentura das mãos de Hap no meu corpo, ou o cheiro dele no escuro, eu deitava minha cabeça naquele ombro, fechava os olhos e ficava assim, deixando as palavras dele me carregar que nem as águas de um rio.

Henry McAllan, no fim das contas, não era o coisa-ruim, mas não adiantava dizer isso pro meu marido.

– Você sabe o que aquele homem vai fazer? – perguntou Hap. – Vai trazer um daqueles malditos trator! Vai usar uma máquina pra trabalhar a terra em vez das mãos que Deus deu pra ele, e com isso vai colocar três famílias na rua.

– Quem?

– Os Fike, os Byrd e os Stinnet.

Fiquei surpresa, porque os Fike e os Stinnet era branco. Quase sempre são os preto que vai pra rua primeiro.

– Mas ele fica com a gente – falei.

– Fica.

– Então a gente tem mais isso pra agradecer ao Todo-Poderoso.

Hap apenas balançou a cabeça.

– Obra do diabo, só pode ser.

Naquela noite, depois do jantar, Hap leu o Apocalipse pra nós. Quando chegou naquela parte da besta de sete cabeças e dez chifres, eu sabia que ele tava falando do trator.

O COISA-RUIM DE VERDADE era o velho. Quando a Sra. McAllan me chamou pra trabalhar na casa dela, do mesmo jeito que eu tinha trabalhado pra Sra. Conley, quase falei que não por causa do tal do Pappy. Mas, como a minha Lilly May precisava de uma bota especial por causa do pé torto, Ruel e Marlon precisava de roupa nova – porque tavam crescendo tão rápido que as velha só faltava explodir nas costura – e Hap precisava de uma segunda mula pra arar mais e ganhar mais dinheiro pra gente comprar nossa própria terra, então falei que sim. Comecei a trabalhar na casa da Sra. McAllan de segunda a sexta, menos quando tinha parto pra fazer ou alguma mãe precisando de mim. Logo no começo, disse a ela que o trabalho de parteira vinha primeiro. Ela não gostou, não, mas aceitou.

O velho não dava um minuto de paz nem pra Sra. McAllan nem pra mim. Ficava sentado o dia todo, reclamando de tudo e de todo mundo. Quando tava dentro da casa, eu inventava alguma coisa pra fazer do lado de fora; quando ele saía pra varanda, eu entrava de volta. Mas às vezes não tinha jeito e a gente ficava junto no mesmo lugar. Feito um dia que eu tinha roupa pra passar, quase tudo dele, porque o velho usava roupa de domingo todo dia da semana. Ele tava sentado na mesa da cozinha, como sempre, fumando e limpando as unha com a ponta de uma faca. Mas não devia estar limpando direito, porque não tirava os olho de mim.

– Melhor você tomar cuidado, menina, senão vai queimar esse lençol aí.

– Nunca queimei nada, não, senhor.

– Então não comece agora.

– Sim, senhor.

Ele ficou olhando pra sujeira na ponta da faca. Depois de um tempo, disse:

– E esse seu filho que foi pra guerra? Por que não voltou ainda?

– Ainda não foi dispensado.

– Com certeza ainda tem muita trincheira para cavar por lá, não é?

– Ronsel não cava trincheira, não, senhor – falei. – É comandante de tanque. Já lutou num monte de batalha.

– Foi isso que ele disse a você?

– É isso que ele faz.

O velho riu.

– Seu filho está mentindo pra você, menina. O Exército não ia ser doido de colocar um tanque de milhares de dólares nas mãos de um crioulo. Cavando trincheira, é isso que ele está fazendo por lá. Mas, claro, “comandante de tanque” impressiona muito mais quando você está escrevendo uma carta para seus pais.

– Meu filho é sargento do 761º Batalhão de Tanque – afirmei. – Essa é a verdade. O senhor acredita se quiser.

Ele explodiu num riso de zombaria e eu dei o troco do jeito que podia: enchendo o lençol dele de goma, deixando o pano duro que nem um pedaço de pau.

LAURA

CAMPO BELO. ESSE ERA o nome que Henry queria dar à fazenda. Ele revelou a novidade a mim e às meninas num domingo depois da missa, limpando a garganta antes de falar, solene como o prefeito de uma cidadezinha de interior ao inaugurar a estátua da praça.

– Acho bonito, sem ser muito metido a besta – disse ele. – O que vocês acham?

– Campo Belo? – questionei. – Acho que Atoleiro seria mais adequado.

– Atoleiro! Atoleiro! – gritaram as meninas, rindo e repetindo o nome sem parar.

E Atoleiro ficou. Por insistência minha. Uma forma baixa de vingança, eu sei, mas a única que me era possível naquele momento. Nunca senti tanta raiva quanto naqueles primeiros meses na fazenda, vendo de perto a felicidade de Henry. Tornar-se um proprietário de terras havia transformado meu marido em outra pessoa, trazendo à tona um entusiasmo infantil que raras vezes eu vira nele. Henry entrava em casa e enchia a boca para contar as maravilhas do seu dia: os 30 acres de soja que havia decidido plantar, a porca que comprara de um vizinho, o novo pesticida sobre o qual tinha lido na *Progressive Farmer*. Eu ficava ouvindo, respondendo com a empolgação que conseguia inventar. Tentava moldar minha felicidade em torno da dele, como fazem as boas esposas, mas a verdade é que essa alegria de Henry me machucava. Quando o via parado no meio do campo com as mãos enterradas nos bolsos, admirando a terra com o orgulho de proprietário, eu pensava com meus botões: “Ele nunca olhou para mim desse jeito. Nem uma única vez.”

Pelo bem das minhas filhas e do meu casamento, eu reprimia meus sentimentos e procurava manter certa alegria no rosto, mesmo que forçada. Mas havia dias em que nem precisava fingir. Dias de céu limpo e temperaturas amenas, dias em que o vento soprava para longe o cheiro da latrina em vez de soprá-lo na nossa direção, dias em que o velho saía com Henry e deixava a casa só para mim, as meninas e Florence. Eu dependia de Florence para muito mais coisas do que apenas o trabalho da casa. Sempre que ouvia suas batidas firmes à porta antes de entrar, eu respirava aliviada, sentia os músculos descontraírem. Às vezes ouvia as batidas bem mais tímidas de Lilly May e sabia na mesma hora que Florence havia sido chamada à casa de outra mulher. Outras vezes abria a porta e encontrava um pai nervoso na

varanda, amassando o chapéu de palha nas mãos, dizendo que as contrações haviam começado e pedindo que Florence o acompanhasse imediatamente. Florence pegava sua maletinha de couro e saía com o sujeito, decidida e importante, me deixando sozinha com as meninas e o velho. Eu aceitava essas ausências porque não tinha escolha. “Preciso cuidar dessas mãe e desses bebê”, disse ela certa vez, com seu linguajar todo próprio. “Calculo que foi pra isso que o Senhor botou eu no mundo.”

Florence tinha quatro filhos: Ronsel, o mais velho, que estava na guerra; os gêmeos Marlon e Ruel, de 12 anos, garotos parrudos e tímidos que ajudavam o pai na lavoura; e Lilly May, de 9. Além desses, ela teve um menino chamado Landry, que morreu algumas semanas após o nascimento. Até hoje, Florence traz, pendurado no pescoço, um saquinho com os restos de placenta de Landry. Ele nasceu com parte da placenta sobre a cabeça, o que é conhecido como “coifa”. “Coifa é sinal que meu menino foi reservado pra Jesus”, dizia ela. “Jesus viu o sinal e levou meu Landry pra junto dele. Mas o meu filhote vai zelar por mim lá do alto enquanto eu tiver essa coifa comigo.”

Como a maioria dos negros, Florence era muito supersticiosa e cheia de conselhos bem-intencionados sobre questões sobrenaturais. Vivia pedindo que eu queimasse as unhas cortadas e os fios de cabelo deixados na escova para que nenhum inimigo os pegasse e fizesse bruxarias contra mim. Quando eu falava que não era necessário, ela apontava o queixo na direção de Pappy e dizia que o capeta tinha vários aliados e que era preciso estar atenta o tempo todo. Certo dia, senti um cheiro de podre no quarto e encontrei, debaixo da cama, um ovo sobre um pires. Quando perguntei a Florence o que era aquilo, ela explicou que era para espantar olho gordo.

- Aqui não tem olho gordo – falei.
- Só porque a gente não vê, não significa que ele não tá lá.
- Florence, você é cristã – argumentei. – Como pode acreditar em espíritos e maldições?
- Tá tudo na Bíblia. Caim foi amaldiçoado porque matou o irmão. Tudo quanto é mulher foi amaldiçoada porque Eva deu ouvido pra serpente. E o Espírito Santo tá dentro de todos nós.
- Isso é outra coisa bem diferente – declarei.

Florence respondeu com um sonoro muxoxo. Vi quando ela entregou o tal pires a Lilly May e mandou que a menina enterrasse o ovo perto do carvalho. Só Deus sabe o que ela pretendia alcançar com aquilo.

Durante a época de plantio não havia escola para as crianças de cor, então muitas vezes Florence aparecia para trabalhar com a filha a tiracolo. Lilly May era uma menina adorável. Era bastante alta para a sua idade e tinha a pele roxa de tão preta, como a da mãe. Minhas filhas tinham adoração por ela. Por causa do pé torto, Lilly May não tinha o jeito seguro e gracioso da mãe, mas compensava amplamente com a voz. Nunca ouvi ninguém cantar igual. A voz de Lilly May subia alto, levando a gente junto, e quando vinha a nota final, sempre tão triste e aguda, chegava a ser doloroso descer daquelas alturas divinas e voltar à mortalidade e à

solidão da existência humana. A primeira vez que ouvi Lilly May cantar, eu estava ao piano, ensinando às minhas filhas a letra de “Amazing Grace”. A menina começou a cantar junto lá da varanda, enquanto debulhava suas ervilhas. Sempre tive orgulho da minha voz, mas, quando ouvi a de Lilly May, me senti humilhada. A voz da menina não era deste mundo; com uma doçura tão graciosa quanto sólida, parecia ser ao mesmo tempo uma rendição e uma promessa. Se alguém ainda achava que os negros não eram filhos de Deus, era porque nunca tinham ouvido Lilly May cantar para Ele.

Mas nem por isso eu achava que Florence e sua filha eram iguais a nós. Eu a chamava de Florence e ela me chamava de Sra. McAllan. Ela e Lilly May não usavam nosso banheiro. Faziam suas necessidades no mato. E, quando sentávamos para almoçar, as duas saíam para comer na varanda.

POR MAIS QUE FLORENCE me ajudasse, eu ainda me sentia sobrecarregada: pelo trabalho, pelo calor, pelos pernilongos, pela lama, mas, sobretudo, pela brutalidade da vida rural. Como a maioria das pessoas nascidas na cidade, eu sempre idealizara a vida no campo. Imaginara a chuva caindo suavemente sobre as plantações, meninos pescando descalços com talos de azedinha entre os dentes, mulheres costurando no conforto dos seus chalezinhos de madeira e seus maridos fumando cachimbo na varanda. É preciso chegar bem perto para enxergar as coisas como elas são de fato: a indigência dos casebres espalhados pelas plantações, onde famílias de dez pessoas fazem suas roupas com trapos de aniagem e dormem juntas no chão de terra de um mesmo cômodo; as crianças com marcas horríveis da ancilostomíase nos pés e as escamas avermelhadas da pelagra nas mãos e nos braços; os hematomas no rosto das mulheres; a fúria e o desespero no olhar dos homens.

A violência é parte integrante da vida rural. Volta e meia tropeçamos em algo morto: um rato, um coelho, um gambá, um passarinho. Ora deparamos com eles no jardim, já carcomidos pelos vermes, ora sentimos sob o piso da casa o cheiro podre das carcaças. Também há aqueles que matamos para comer: galinhas, porcos, veados, codornas, perus selvagens, peixes, coelhos, sapos e esquilos, os quais estripamos para depois jogar na panela.

Aprendi a carregar e disparar armas de fogo, a suturar cortes ensanguentados, a enfiar a mão no útero de uma porca para retirar de dentro dele um porquinho virado. As mãos faziam com facilidade o que era necessário, mas a cabeça sempre sofria. A vida parecia perigosa, como se algo pudesse acontecer a qualquer momento. E, no fim de março, várias coisas aconteceram.

Certa vez, era quase de manhã quando ouvi tiros do lado de fora. Eu estava sozinha com as crianças; Henry e Pappy tinham ido a Greenville para ajudar Eboline na mudança para uma casa bem mais modesta que o casarão da Washington Street, que fora vendido para pagar as dívidas deixadas por Virgil. Dei uma olhada nas meninas, mas nenhuma das duas despertara

com os tiros. Fui até a varanda e espiei a escuridão cinzenta. A uns 800 metros, na direção da casa dos Atwoods, vi uma luz se movendo. De repente, ela parou. Então ouvi mais dois tiros vindos do mesmo lugar. Trinta segundos depois, outro. Depois outro. E, enfim, silêncio.

Devo ter ficado uns vinte minutos parada na varanda, com o revólver apertado nas mãos. O sol nasceu. Avistei alguém vindo pela estrada e fiquei tensa, mas depois reconheci o vulto ligeiramente corcunda de Hap. Já sem fôlego, ele estava com as roupas imundas e também empunhava um revólver.

– Sra. McAllan, seu marido tá em casa?

– Não. Ele e Pappy foram para Greenville. O que aconteceu? Foi você quem deu aqueles tiros?

– Não, senhora. Foi o Carl Atwood. Atirou na cabeça do cavalo de arado dele.

– Santo Deus! Mas por que ele faria uma coisa dessas?

– Andou se engraçando com o uísque de novo. O homem faz muita diabrura quando tá de fogo.

– Por favor, Hap, diga logo o que aconteceu.

– Bem, a Florence e eu, a gente tava dormindo quando ouviu os primeiro tiro. Um susto dos diabo. Fui pra janela, mas não vi nada. Depois ouvi mais dois tiro, lá pelas banda da casa do Carl Atwood. Peguei minha arma e fui pra lá. Mas sei que aquele pessoal não bate bem da cabeça, então cheguei de mansinho. A primeira coisa que vi foi o cavalo dele numa carreira campo afora, como se o próprio capeta corresse atrás dele. E o Carl berrando e xingando o animal que nem doido: “Você não devia ter feito isso, seu coisa-ruim! Seu couro vai arder no quinto dos inferno!” Aí ele saiu atrás do animal com uma espingarda na mão. Dava pra ver que ele tinha bebido. Com medo que ele me visse e resolvesse atirar em mim também, me joguei no chão e fiquei ali, que nem morto. Ele apontou a espingarda pro animal e... bum! Errou de novo e caiu pra trás. O cavalo guinchava tanto que eu podia jurar que ele tava rindo do dono. Toda vez que o Carl tentava levantar, pimba, caía de novo e começava a xingar o cavalo. Acabou conseguindo ficar de pé, o infeliz, e mirou de novo e... bum! Dessa vez ele acertou o cavalo, que desabou no chão, uns 20 metro de onde eu tava. Carl correu pra junto dele e disse: “Vai pro inferno, cavalo maldito, você não devia ter feito o que fez.” Depois mijou em cima do... Desculpe, Sra. McAllan... Depois ele fez suas necessidade bem em cima da cabeça furada do animal, xingando e chorando o tempo todo que nem um bebê.

– Ele ainda está lá? – perguntei, abraçando a mim mesma.

– Não, senhora. Voltou pra casa. Aposto que vai dormir o dia todo.

De todos os arrendatários, Carl Atwood era aquele de quem eu menos gostava. O homem parecia um galo de briga, com pernas finas e compridas, uma lordose acentuada, dois olhos miúdos e pretos bem juntos do nariz. Os lábios eram de um vermelho escuro, pareciam as guelras de um robalo, e a língua estava sempre para fora, molhando a boca. Carl era sempre muito educado comigo, mas algo nele, um jeito dissimulado, me deixava com o pé atrás.

Olhei na direção da casa dele e Hap disse:

– A senhora quer que eu fique aqui até seu marido voltar?

Por mais tentada que eu estivesse para aceitar, não podia pedir a ele que perdesse um dia inteiro de trabalho durante a época de plantio.

– Obrigada, Hap, mas não precisa.

– A Florence já tá chegando por aí. Pode deixar que vou ficar de olho no Carl.

– Obrigada.

Passei o dia andando de um lado para outro, espiando aflita pelas janelas. Os Atwoods teriam que ir embora. Eu diria isso a Henry assim que ele chegasse. Eu não queria um homem como Carl Atwood perto das minhas filhas.

Mais tarde naquele mesmo dia, eu estava tirando água da bomba quando avistei duas pessoas vindo pela estrada. Caminhavam devagar, uma se apoiando na outra. Logo me dei conta de que era Vera Atwood com uma das filhas. Vera estava enorme de grávida. Mas, fora a barriga, ela era só pele e osso. Um de seus olhos estava tão inchado que nem sequer abria e sua boca sangrava por causa de um corte. A menina parecia uma corça assustada. Tinha olhos grandes, escuros e afastados; os cabelos castanhos precisavam de um bom sabão. Devia ter no máximo 11 anos. Portanto não era a filha solteira que havia parido no mês de fevereiro e cujo bebê vivera apenas alguns dias. Aquela, segundo Florence, tinha 14 anos.

– Boa tarde, Sra. McAllan – disse Vera.

Tinha uma voz suave e estranhamente infantil.

– Boa tarde, Vera.

– Esta aqui é a Alma, minha caçula.

– Como vai, Alma?

– Como vai – repetiu a menina, baixando a cabeça.

Alma tinha um pescoço comprido e elegante que não combinava com os trapos que vestia. Por trás da sujeira, os traços do rosto eram bem desenhados e tristes. Fiquei me perguntando se ela já sorria. Se já tivera motivos para sorrir.

– Vim falar com a senhora, de mulher pra mulher – falou Vera, tombando para o lado da filha, que cambaleou ao apoiá-la.

As duas pareciam prestes a desabar. Apontei para as cadeiras da varanda e convidei:

– Entrem e sentem-se, por favor.

Subíamos os degraus da varanda quando Florence surgiu à porta.

– Perdeu o juízo, Sra. Atwood? Caminhando essa lonjura toda? Eu não falei pra senhora não levantar da cama? – ralhou ela.

Só então ela percebeu o olho inchado e a boca cortada. Franziu a testa e balançou a cabeça, mas não disse nada.

– Eu precisava vir – disse Vera. – Resolver um assunto com a Sra. McAllan.

Entreguei o balde a Florence, pedindo que ela nos trouxesse um jarro d'água.

– Ah, traga também um pouco daqueles biscoitos amanteigados que assei ontem. E fique de olho na Amanda Leigh.

– Sim, senhora.

Vera se esparramou na cadeira e cruzou as mãos sobre o barrigão. O pano desbotado do vestido estava tão esticado que era possível ver o volume do umbigo, quase um mamilo de tão saliente. De repente bateu em mim uma vontade enorme de ter outro filho, de me sentir inchada de vida outra vez.

– Quer tocar? – ofereceu ela.

– Não, obrigada – respondi, constrangida.

– Pode tocar se quiser. – Vendo que eu hesitava, ela disse: – Ele está chutando agora. Venha ver.

Por fim, me levantei e pousei a mão na barriga da mulher, próxima o bastante para sentir o odor que ela exalava. Numa fazenda, não havia quem não cheirasse mal, mas o caso de Vera era grave. Prendi a respiração, esperando algum sinal do bebê. Por um bom tempo nada aconteceu. Depois senti dois chutes fortes contra a palma da mão. Abri um sorriso e, quando Vera sorriu de volta, enxerguei nela o fantasma da menina que um dia ela havia sido. Uma menina bonita, assim como Alma.

– Esse vai dar trabalho – declarou ela com orgulho.

– Acha que é um menino?

– É isso que peço a Deus todo santo dia. Ele já me mandou meninas de mais.

Florence chegou com a água e os biscoitos numa bandeja. Vera aceitou a água, mas não quis comer nada. Alma olhou para a mãe e esperou sua permissão para pegar um biscoito. Achei que fosse devorá-lo inteiro, mas ela apenas o mordiscou.

– Agora saia – disse a mãe. – Preciso trocar uma palavrinha com a Sra. McAllan.

– Tem um ninho de passarinho ali naquela árvore – indiquei.

Obediente, Alma desceu para o quintal e foi ver o ninho na árvore. Florence voltou para dentro, mas seus passos não foram longe. Eu sabia que ela escutaria a conversa.

– É uma boa menina, essa sua Alma – falei.

– Obrigada. A senhora também tem duas, não tem?

– Tenho. Isabelle, de 3 anos, e Amanda Leigh, de 5.

– Devem ser boas meninas também. A senhora faria qualquer coisa por elas, não faria?

– Claro que faria.

Vera se inclinou para a frente. Os olhos ameaçavam saltar do rosto abatido para me devorar.

– Então não mande a gente embora – pediu ela.

– O quê?

– É o que vocês estão querendo fazer, não é? Depois do que Carl aprontou essa noite.

– Não sei do que você está falando – gaguejei.

– Mais cedo, vi aquele crioulo vindo pra cá. Ele deve ter contado.

Timidamente fiz que sim com a cabeça.

– Se a senhora botar nossa família na rua, não vamos ter pra onde ir. Ninguém vai querer a gente nessa altura da estação.

– Essa decisão não é minha, Vera. É do meu marido.

Pousando a mão na barriga, ela falou:

– Pelo bem deste aqui... e pelo bem dos outros também... Por favor, não mande a gente embora...

– Como eu disse, a decisão não é minha.

– E se fosse?

Se a mulher estivesse me acusando com os olhos, eu poderia virar o rosto e pronto. Mas no olhar dela se via apenas uma esperança cega, desesperada.

– Não sei – respondi. – Tenho que pensar nas minhas filhas também.

Vera ergueu o barrigão e foi levantando da cadeira, grunhindo com o esforço. Também fiquei de pé, mas não me ofereci para ajudá-la. Achei que ela não fosse querer.

– Carl nunca machuca nada nem ninguém que não seja dele – acrescentou ela. – Não é da sua natureza. Pode dizer isso pro seu marido quando for contar tudo pra ele. – Virando para o quintal, berrou: – Alma! Vamos embora!

Alma correu na mesma hora, ajudou a mãe a descer os degraus da varanda e seguiu com ela para a estrada. Entrei em casa imediatamente, tamanha era a vontade de ver minhas filhas. Quando passei por Florence, ela resmungou:

– Aquele homem ainda vai queimar no fogo dos inferno, e já vai tarde.

Amanda Leigh estava quietinha, lendo no sofá. Peguei-a no colo e fui com ela para o quarto onde sua irmã tirava um cochilo. O rostinho de Isabelle era apenas um borrão indefinido do outro lado do mosquiteiro. Quando afastei a telinha, ela se assustou e despertou. Deitei na cama e apertei minhas filhas debaixo do braço, inalando o cheirinho das duas.

– Que foi, mamãe? – perguntou Amanda Leigh.

– Nada, meu amor. Dá um beijinho na mamãe, dá?

NOTÍCIA RUIM É A ÚNICA coisa que viaja rápido no campo. Eu dava aula de piano a Amanda Leigh quando ouvi o carro parar do lado de fora e Henry correr para a varanda. Segundos depois, ele irrompeu na sala e, todo esbaforido, foi logo dizendo:

– Passei no mercado e ouvi o que aconteceu. Vocês estão bem?

– Estamos, Henry.

As meninas correram para ele, gritando:

– Papai! Papai!

Henry ficou de joelhos e abraçou as duas tão forte que elas chegaram a reclamar. Depois se

levantou e me abraçou também.

– Desculpe, meu amor. Sei que você deve ter ficado muito assustada. Vou agora mesmo à casa dos Atwoods informar que eles estão dispensados.

Até aquele momento eu ainda não havia decidido o que dizer a ele, mas de repente me peguei falando:

– Por favor, não dispense ninguém.

Ele me olhou como se eu fosse louca. O que talvez não estivesse muito longe da verdade.

– Vera Atwood passou aqui mais cedo, Henry. A mulher está com oito meses e meio de gravidez. Se eles forem dispensados, o que será deles? Vão pra onde? Vão viver do quê?

Foi então que ouvi uma gargalhada. Era Pappy que chegava com uma caixa da mercearia entre os braços. Ele entrou, deixou a caixa na mesa e disse:

– Ora, ora, ora. Que cena mais comovente. Santa Laura, protetora das mulheres e das crianças, implorando a clemência do marido. Só me responde uma coisa, garota: Quando Carl Atwood vier atrás de você, o que pretende fazer, hein?

– Não virá – falei.

– Como é que você sabe?

– Vera jurou que ele não vem. Assegurou que o marido nunca machuca o que não é dele.

O velho gargalhou de novo. Henry me encarava com o queixo rígido.

– Isso é uma questão da fazenda – disse ele.

– Pense bem, meu amor. Por favor.

– Amanhã bem cedo vou lá conversar com Carl, ver o que ele tem a dizer. É só o que posso prometer.

– Isso é tudo que eu quero.

Henry se dirigiu para a porta. Antes que ele saísse, Pappy falou:

– Quando você menos esperar, vai estar plantando só o que ela mandar.

– Cale a boca – cuspiu Henry.

Não sei quem ficou mais espantado, eu ou Pappy.

No dia seguinte, durante o jantar, Henry contou a conversa que teve com Carl Atwood. Ao que tudo indicava, o cavalo havia entrado no barracão de secagem e comido todo o tabaco de Carl. O que explicava o comportamento maluco do animal, assim como a fúria do dono.

– Falei que ficaria com ele até a colheita – disse Henry. – Mas, assim que entrar o mês de outubro, eles têm que ir embora. Não dá para confiar num sujeito que mata a criatura que poupa ele de tanto trabalho, que bota comida na mesa dele.

Agradei a meu marido e busquei a mão dele para fazer um carinho, mas ele a recolheu.

– Agora que Carl está sem cavalo, vai ter que usar uma das nossas mulas e pagar o mesmo que os Cottrills. O que significa mais dinheiro no nosso bolso. Foi por isso, mais do que qualquer outra coisa, que decidi mantê-lo. Numa fazenda, não há espaço para piedade.

– Claro, Henry, eu entendo.

Eu não entendia, não mesmo, mas sabia que estava prestes a receber uma lição sobre o assunto.

HAP

“A SOBERBA PRECEDE A ruína e a altivez de espírito, a queda.” Quantas vez já repeti isso num sermão? Quantas vez, lá na frente da igreja, já louvei os humilde e alertei os soberbo, dizendo que o dia do acerto de conta ia chegar muito antes do que eles pensava e que todos ia ter que pagar pela falta de modéstia? Pois eu devia era repetir tudo isso na frente de um espelho, porque se tivesse ouvido meu próprio sermão não entrava na enrascada que entrei. Ninguém me tira da cabeça que teve o dedo de Deus nisso. Era Ele tentando me mostrar tudo que eu tava fazendo e pensando de errado. E me dizendo: “Hap, é melhor você se emendar e voltar pro caminho da modéstia. Você não tem dado o devido valor pras bênção que tem recebido. Tem andado por aí achando que é melhor que os outro só porque não é meeiro que nem eles. Não lembra mais quem tá no comando e quem não tá. Então Eu vou fazer o seguinte: vou mandar uma tempestade medonha pra arrancar o telhado daquela baia onde fica a mula que você tanto se orgulha, deixando a criatura doida e fazendo ela quebrar a pata tentando fugir. E só pra você ter certeza que é Comigo que tá lidando, na manhã seguinte, depois que você enterrar a mula que teve que sacrificar, quando tiver lá no alto da sua escada, pregando de volta o telhado da baia, vou deixar aquele último degrau se despedaçar, o mesmo degrau que rachou faz tempo e que você fica enrolando pra consertar, e você vai despencar lá de cima e quebrar uma perna que nem a mula, e eu vou mandar Florence e Lilly May fazer um parto bem longe e os gêmeo lá pro outro lado da plantação, de modo que você vai passar boa parte do dia estatelado no chão, sem poder levantar. Vai ter tempo suficiente pra pensar direitinho em tudo que eu tô falando.”

Uma mula morta, uma baia sem teto e uma perna quebrada. É isso que a soberba traz pra gente.

Devo ter ficado duas ou três horas naquele chão, tentando me arrastar de volta pra casa, mas a dor não deixava. O sol foi subindo no céu até ficar bem em riba da minha cabeça. Fechei os olho por causa da claridade. Quando abri de novo, vi um rosto vermelho e bravo na minha frente, que só podia ser a cara do capeta. Achei que tava no inferno. Devo ter falado isso em voz alta, porque o capeta me respondeu:

– Não, Hap, você está no Mississippi.

Quando ele deu uns passos pra trás, vi que era Henry McAllan.

– Passei pra ver se você sofreu algum estrago com a tempestade – disse ele.

Se a perna não doesse tanto, até que eu tinha rido um pouco. Sim, senhor, acho que dá pra dizer que teve algum estrago.

Ele foi buscar Ruel e Marlon pra ajudar. Quando eles me levantou pra carregar pra casa, acho que apaguei, porque, quando dei por mim outra vez, já tava na cama com a Florence do meu lado, tentando amarrar uma coisa no meu pescoço.

– O que você tá fazendo? – perguntei.

– Alguém deve ter feito feitiço pra você. A gente precisa virar ela ao contrário, de volta pra eles.

Espichando a cabeça, consegui ver, pendurado logo embaixo do meu queixo, um daqueles saquinho de flanela vermelha onde ela colocava dentro só Deus sabia o quê: rabo de lagartixa, olho de peixe, uma moeda furada, sei lá.

– Pode ir tirando esse troço de mim – falei pra ela. – Não quero nenhum vodu no meu pescoço, isso é coisa do capeta.

– Primeiro você fica bom, depois tira sozinho.

– Sua *diaba*!

Tentei sentar na cama, mas a perna doeu como se alguém tivesse pegado um serrote e a serrasse de lá pra cá, de cá pra lá.

– Agora fica quietinho aí – disse Florence. – Até o médico chegar.

– Que médico?

– O Dr. Turpin. O Sr. McAllan foi buscar ele lá na cidade.

– Duvido que ele vem – falei. – Você sabe muito bem que o sujeito não gosta de tratar de preto.

– Se o Sr. McAllan pedir, ele vem. Enquanto isso, você vai beber esse chá que eu coei. Vai ser bom pra febre e pra dor.

Bebi um pouco do chá de Florence, mas a barriga não aceitou e mandou tudo de volta. O sujeito que serrava minha perna começou a serrar mais rápido, e eu apaguei outra vez.

Já era noite quando acordei. Florence dormia numa cadeira junto da cama e tinha um lampião aceso no chão. Ela ficava bonita e serena naquela luz que vinha de baixo pra cima. Minha mulher não tem essa beleza comum que a gente vê por aí, mas eu gosto dela do jeito que é: queixo forte, osso forte e um gênio mais forte ainda, sim, senhor, um gênio que eu conheci quando ainda fazia rapapé pro lado dela. Heck e Luther, meus irmão, vivia fazendo troça porque ela era mais alta que eu e retinta de tão preta. Eles era que nem nosso pai: na hora de escolher uma mulher, não pensava noutra coisa que não fosse as coisa da natureza. Eu dizia que a gente não casa com uma mulher só pra se enfiar entre as perna dela, que um casamento é muito mais do que isso, mas eles só ria de mim. Dois bocó, isso sim. Ninguém progride na

vida sozinho. Se um homem não tem uma mulher do lado e uma mulher não tem um homem, nenhum dos dois chega a lugar nenhum. Antes de casar com Florence, disse a ela: “Pra mim, essa viagem tem que ser pra vida toda. Se você não pensa igual, melhor dizer agora, porque aí vai cada um pro seu lado.” E ela respondeu: “Vambora.” Então a gente foi e casou. Lá pelos idos de 1923.

Com certeza ela sabia que eu tava pensando nela, porque abriu os olhos.

– Você tá desperdiçando querosene – falei.

– Achei que por você valia a pena. – Ela se achegou e colocou a mão na minha testa. – A febre ainda não passou. Primeiro você vai botar um pouco de comida nessa barriga, depois vai tentar mais um pouco do chá de salgueiro.

Por maior que fosse o carinho dela, eu via que tinha alguma coisa errada.

– O médico não apareceu, não foi?

– Não. Falou que tentava vir amanhã, depois de atender os outros pacientes.

Olhei pra minha perna. Estava coberta com uma manta e apoiada no saco de farinha de milho que Florence tinha colocado por baixo. Tentei me ajeitar na cama e me arrependi rapidinho.

– Ele mandou um chá de papoula pra dor – disse ela, segurando um frasco de vidro marrom. – Dei uma colherada pra você antes do pôr do sol. Quer mais um pouco?

– Agora não. Primeiro a gente precisa conversar. Essa perna quebrada... é coisa grave?

– A pele não abriu. Mesmo assim... só um médico pra voltar com o osso pro lugar.

– Confio em você.

Florence balançou a cabeça.

– Se eu fizer alguma besteira...

Ela não terminou a frase. E nem precisava. Aleijado não planta algodão. Perneta não serve pra nada.

– O que você falou pro Henry McAllan? – perguntei.

– Sobre o quê?

– Sobre a mula.

– Falei a verdade, ora. Ele podia ver com os próprios olhos dele que a mula não tava lá na baía.

– E o que ele disse?

– Perguntou se a gente ia querer uma das mulas dele. Perguntei quanto custava e ele disse que a gente ia ter que pagar meia safra em vez de um quarto. Aí falei que a terra já tava preparada e ele respondeu que ainda tinha que deixar a terra descansar, depois fertilizar e semear, e que se a gente fosse usar a mula dele pra isso, ia ter que pagar a meia. Falei que não precisava de mula nenhuma, que a gente se virava muito bem sem ela, e ele disse: “Vamo ver.”

Ou seja: se a gente não conseguisse fazer o plantio a tempo, ele ia obrigar nós a usar a mula dele e depois cobrar meia safra. Se eu ficasse só com metade da minha safra, mal ia ter

dinheiro pra botar comida na mesa durante um ano, imagina pra comprar outra mula. Quem não tem mula tá perdido. Quem planta de meia com o patrão não tem nada no bolso quando chega o fim do ano, nada guardado pra enfrentar o período das vaca magra. Você começa a fazer dívida com o homem, aí toma um dinheirinho emprestado pra uma coisa, mais um pouco pra outra e, quando vê, tá nas mão dele, trabalhando só pra pagar o que deve. E, quanto mais trabalha, mais a dívida cresce.

– Não vamo usar a mula de Henry McAllan – afirmei.

Afirmei da boca pra fora, eu sabia tanto quanto ela. Ruel e Marlon nunca que ia conseguir colher 25 acre sem a ajuda de uma mula. Os gêmeo era forte e trabalhador, mas tava com doze anos, nem tinha acabado de crescer ainda. Se o Ronsel já tivesse voltado, os três daria conta do recado. Mas para os dois sozinho, sem mula, era trabalho demais, e eu não tinha um pé de meia pra comprar outro animal. Paguei 130 dólares pela falecida, achando que ia ter ela por mais uns doze ano, pelo menos.

– Foi o que falei pra ele – concordou Florence. – Também falei que não ia poder continuar trabalhando na casa dele porque ia ter que ajudar os gêmeo na lida. – Antes de eu dizer que ela não podia fazer aquilo, ela tapou minha boca com a mão e falou: – Hap, não tem outro jeito e você sabe disso. Não vou morrer se tiver que plantar e capinar um pouquinho até você ficar bom de novo.

– Eu prometi que nunca ia pedir pra você voltar pra lida, não prometi?

– Você não pediu nada. Eu que tô oferecendo.

– Se eu tivesse consertado aquela escada...

– A culpa não é sua.

Mas era sim: por empinar o nariz tão alto que nem conseguia ver o degrau podre debaixo dos pé. Nunca me senti tão inútil como naquele momento, preso ali na cama. A garganta apertava e as lágrima vinha no olho, mas eu mandava elas de volta. Nem morto que eu ia abrir as comporta na frente da minha mulher.

QUANDO O DR. TURPIN finalmente apareceu na noite seguinte, minha perna estava pra lá de inchada. Eu já tinha me consultado com ele duas vez: primeiro quando pisei num prego enferrujado e tive tétano, depois quando minha Lilly May ficou doente do pulmão. Ele não era de Marietta. Tinha vindo da Flórida cinco ano antes e muita gente dizia que o homem era da Ku Klux Klan quando morava por lá. Não existia Ku Klux Klan naquela parte do Mississippi. Em 1922, eles tentaram vir pra Greenville, mas o senador Percy correu com eles. Um sujeito decente, esse Leroy Percy. Branco, mas do tipo bom. O Dr. Turpin era do outro tipo. Tinha ódio das pessoa de cor, odiava a gente só por existir neste mundo. O problema era que não tinha outro médico na região. Quem quisesse outro precisava se despencar pra Belzoni ou pra Tchula e ficar duas hora em cima de uma carroça. Dr. Turpin só tratava de preto certos dia da

semana, que nem sempre eram os mesmo. Era nas segunda-feira quando tive aquele tétano, mas ele disse que só ia poder atender na quarta-feira; era nas sexta quando levei Lilly May, e ele disse que eu tava com sorte porque sexta era o dia dos preto.

Quando Florence entrou com o homem no quarto, ele pediu para ela esperar do lado de fora.

– Não tem nada que posso fazer pra ajudar o doutor? – perguntou ela.

Minha vontade era ela ficar, e eu sabia que esse também era o desejo dela, mas Florence obedeceu e saiu. O Dr. Turpin fechou a porta do quarto e veio pro meu lado. Era um sujeito gordo, tinha um olho castanho meio puxado pro amarelo e um nariz engraçado, arrebitado, mais parecido com nariz de mulher.

– Então, meu rapaz – disse ele –, ouvi dizer que você caiu e quebrou a perna.

– Quebrei, sim, senhor.

– Henry McAllan quer muito que você fique bom, então suponho que devo dar um jeito nisso. Você tem consciência da sorte que é ter um patrão como o Sr. McAllan?

Era sempre assim: toda vez que via o homem, ele falava da sorte que eu tinha. Naquele momento, não me sentia lá com muita sorte, mas fiz que sim com a cabeça. Ele puxou a manta da minha perna e assobiou.

– É... parece que você se arreventou mesmo. Tomou o remédio pra dor que mandei?

– Tomei, sim, senhor.

Ele cutucou a minha perna e eu pulei.

– Quando foi a última vez que tomou?

– Logo depois do almoço, umas cinco hora atrás.

– Nesse caso, se prepara porque vai doer um bocado.

Ele tirou da maleta uns pedaço de pau e de pano.

– O doutor não pode me dar mais um pouco do remédio? – perguntei.

– Claro que posso. Mas só vai fazer efeito daqui a uns quinze ou vinte minutos. E eu não posso ficar aqui, esperando. A Sra. Turpin está me aguardando em casa para o jantar.

Ele me entregou um dos pedaço de pau, o menor de todos. Uma ripa cheia de marca dos dois lado.

– Ponha isso entre os dentes – falou.

Pus a ripa na boca e mordi com força. Eu suava feito um doido. Podia sentir o cheiro do meu próprio medo e, com certeza, o médico também podia. Não tinha nada que eu pudesse fazer, mas jurei que por nada neste mundo ia gritar. Deus ia me dar força pra atravessar mais aquela agonia, como já tinha dado tantas outras vez, bastava eu ter fé. E falei para mim mesmo algumas palavras do Salmo 56: *Mas eu, quando estiver com medo, confiarei em ti.*

– Pois agora, meu rapaz, eu fecharia os olhos se fosse você – disse o doutor. – E não se mexa. Não se quiser continuar com essa sua perna.

Ele piscou pra mim, depois pegou minha perna pelo joelho e pela canela.

Em Deus, cuja palavra eu louvo, em Deus eu confio e não temerei. Que poderá fazer-me o simples mortal?

Ele deu um puxão forte na canela e a dor veio, uma dor tão medonha que, perto dela, todas as outras que já tinha sentido na vida não passaram de uma topada com o dedão do pé. Dei um berro com os dentes fincados na madeira.

Depois, nada.

LAURA

QUANDO HENRY ME DISSE que Florence não voltaria, senti algo muito próximo do pânico. Não era apenas da ajuda dela que eu sentiria falta, mas também da companhia, da calma, da presença feminina. Sim, eu tinha minhas filhas e meu marido ali comigo, mas os três se sentiam absurdamente felizes na fazenda. Sem Florence, eu ficaria sozinha com minha raiva, minhas dúvidas e meus medos.

– É só até o mês de julho – disse Henry. – Depois que o algodão estiver colhido e armazenado, é bem possível que ela volte.

Ainda faltavam três meses até julho: uma eternidade. Sem pensar antes, falei:

– Não podemos emprestar uma de nossas mulas para eles?

Assim que as palavras saíram da minha boca, me arrependi de tê-las dito. “Emprestar” é um palavrão para Henry, algo equivalente à pior das obscenidades. Henry não confia em bancos e paga absolutamente todas as compras à vista. Na fazenda, ele guardava nosso dinheiro num cofrinho de ferro que escondia sob as tábuas do piso do quarto. Eu não fazia ideia de quanto havia ali, mas um dia ele me chamou para mostrar onde ficava o esconderijo e contar o segredo do cadeado: 30-8-62, data em que os Confederados, sob o comando do general Robert E. Lee, derrotaram o Exército da União na Batalha de Richmond.

– Não, não podemos *emprestar* uma mula – cuspiu ele de volta. – Ninguém *empresta* uma mula. E digo mais: se Florence e aqueles meninos não ficarem espertos com o plantio, vão acabar usando nossa mula, sim, e vão ter que pagar pelo privilégio.

– Como assim?

– Vou explicar: enterrei tudo que eu tinha nesta fazenda. Tudo. A gente precisa juntar algum dinheiro este ano. Caso contrário, é a *nossa* família que vai ficar em apuros. Entendeu agora?

Como o Exército da União em Richmond, me senti completamente derrotada.

– Entendi, Henry.

Ele arrefeceu um pouco, generoso com a vitória.

– Meu amor, sei que não tem sido fácil para você. Vamos procurar outra empregada assim

que o plantio terminar, ok? Enquanto isso, por que não dá um pulo em Greenville, amanhã por exemplo, e faz umas comprinhas? Compre um chapéu novo, um vestidinho de Páscoa para as meninas. Leve Eboline para almoçar. Pappy e eu não vamos morrer porque você se ausentou por um dia.

Eu não queria chapéu, não queria almoçar com Eboline e, principalmente, não queria uma empregada nova.

– Tudo bem, Henry. Acho que pode ser bom – falei.

NA MANHÃ SEGUINTE, SAÍ cedo com as meninas. Antes de pegar a estrada, parei na casa dos Jacksons para saber de Hap e deixar mais um pouco de comida para a família. Eu não via Florence desde o dia do acidente, e seu aspecto abatido e desleixado me deixou preocupada.

– Hap não tá nada bom – disse ela. – A perna não sarou direito e a febre já completou três dias. Já tentei de tudo, mas não consigo fazer ela baixar.

– Quer que eu chame o Dr. Turpin outra vez?

– Aquele diabo? Eu não devia ter deixado aquele homem encostar um dedo no meu Hap. Metade dos preto que procura ele acaba mais doente do que antes. Se o Hap perder a perna por causa desse coisa-ruim...

Florence se calou de repente, certamente pensando em tormentos diversos para o médico. Na minha cabeça, o pensamento era outro: se Hap perdesse a perna, eu jamais teria Florence de volta.

Então lá fui eu para Greenville, não para comprar chapéus ou vestidos, mas para tentar encontrar um médico disposto a viajar duas horas para atender um homem de cor e a enfrentar outras duas para voltar. Seria mais fácil encontrar um elefante com asas. Os dois primeiros com quem falei reagiram como se eu tivesse pedido a eles que lavassem minha trouxa de roupas. O terceiro, um senhor com seus 70 anos, disse que não tinha mais idade para dirigir. Mas, antes que eu fosse embora, falou:

– Tem o Dr. Pearlman na Clay Street. Ele é estrangeiro e judeu. Ou então você pode tentar o bairro dos pretos, eles têm um médico por lá.

Preferi apostar no estrangeiro judeu, mesmo sem saber o que esperar dele. Seria competente? Tentaria me explorar? Concordaria em tratar de um negro? Mas logo vi que tinha me preocupado à toa. O tal Dr. Pearlman se revelou um homem gentil, aparentemente erudito, e o consultório dele me pareceu muito bem equipado, apesar da escassez de pacientes. Mal esperou que eu terminasse de explicar a situação: pegou sua maleta e se dirigiu à porta. Guiando seu próprio carro, ele nos seguiu até Marietta. Deixei-o na casa de Hap, paguei o valor bastante razoável da consulta e voltei para casa.

Já anoitecia quando cheguei. Henry me esperava na varanda.

– Imagino que vocês tenham comprado metade de Greenville – disse, vindo nos encontrar

no carro.

– Que nada – respondi. – Não tinha muita coisa para comprar.

E ao nos ver descer sem sacola nenhuma, perguntou espantado:

– Não compraram *nada*?

– A gente comprou um médico – falou Amanda Leigh. – Ele fala engraçado.

– Um médico? Tem alguém doente?

Senti um frio na espinha.

– Tem, Henry. O Hap. A perna quebrada continua ruim. O médico era para ele.

– Você passou o dia inteiro procurando um médico para Hap Jackson?

– Não era essa a minha ideia. Mas tinha um consultório médico bem do lado da modista, então pensei...

– Amanda Leigh – interrompeu Henry –, leve sua irmã para o quarto.

Ambas conheciam esse tom de voz, então obedeceram sem protestar e me deixaram sozinha com Henry. Bem, não exatamente, porque o velho assistia a tudo pela janela, sorvendo cada palavra da conversa.

– Por que você não me procurou antes? – disse Henry. – Hap é responsabilidade minha. Se está doente, preciso saber.

– Dei uma passadinha na casa deles antes de pegar a estrada e Florence contou que ele tinha piorado, então...

– Então você achou o quê? Que eu não tomaria uma providência? Que não iria buscar o Dr. Turpin?

De repente percebi qual era o problema de Henry: ele não reprovava o que eu tinha feito, só se sentia ferido no seu orgulho de homem.

– Claro que não, meu amor. Mas Florence não confia no Dr. Turpin, e já que eu estava em Greenville...

– Como assim, não confia no Dr. Turpin?

– Segundo ela, ele não imobilizou direito a perna do Hap.

– E você simplesmente acreditou nela. Preferiu acreditar numa parteira de cor que mal frequentou a escola, é isso?

Vendo a coisa por esse ângulo, era ridículo o que eu tinha feito. Confiara cegamente na palavra de Florence. No entanto, mesmo sob o olhar furioso do meu marido, eu sabia que faria tudo de novo.

– Sim, Henry. Acreditei nela.

– Bem, então preciso que você acredite em mim também, que sou seu marido. Preciso que acredite na minha palavra quando digo que sempre farei o que for melhor para a minha família e para os que trabalham na minha terra. Preciso que você confie em mim, Laura. – Com a voz embargada, ele acrescentou: – Nunca achei que precisasse lhe pedir uma coisa dessas.

Henry me deu as costas e entrou em casa. A esta altura, o sol já havia sumido por completo

e a temperatura caía. Estremeci de frio e me recostei no capô do carro, grata pelo calor que encontrei nele.

HAP

QUANDO ACORDEI, O DR. Turpin tinha ido embora e eu continuava vivo, o que era boa notícia. A notícia ruim era que minha perna ainda doía pra diabo. Ela tava toda enrolada com bandagem, de modo que eu não via nada, mas podia sentir tudinho. Sentia a perna muito quente e a pele ressecada, repuxada. Depois de tanto tempo cuidando de mula, eu sabia que isso era mau sinal.

– O doutor falou que em dois dia você já deve tá melhor – disse Florence.

Mas eu não tava melhor porcaria nenhuma, tava era pior. A perna não parava de latejar e toda hora eu meio que desmaiava. Lembro que via uns rosto na minha frente quando abria o olho. O rosto de Florence, das criança... E o da minha mãe também, e já fazia vinte ano que ela descansava debaixo da terra. Depois veio um branco que eu não conhecia, um velho de barba branca e umas sobancelha gorda que nem bigode.

– Esse é o Dr. Pearlman – falou Florence. – Ele vai consertar sua perna.

O homem pegou meu pulso e ficou segurando enquanto olhava o relógio de bolso. Aí acendeu uma luz no meu olho e olhou bem lá dentro.

– Seu marido está em choque – disse ele, com um sotaque engraçado.

Depois começou a balançar a cabeça como se estivesse bravo com alguma coisa, e eu achei que era por estar tratando de um preto. Eu não queria nenhum médico bravo tratando de mim, então falei isso pra ele, que nem me ouviu e começou a tirar as bandagem da perna. Comecei a me debater.

– Segure seu marido.

Florence me segurou pelos ombro. Tentei empurrar ela pra longe de mim, mas tava fraco demais. Não podia ver o que o médico fazia, mas boa coisa não devia ser.

– Ele tá com um serrote na mão? – perguntei pra minha mulher.

– Não, Hap.

– Não deixa esse homem cortar minha perna fora. Sei que esse aí não bate bem da cabeça, mas não deixa ele cortar minha perna.

– Hap, agora você precisa ficar quieto – ordenou Florence.

O médico se aproximou pra falar comigo; chegou tão perto que eu podia sentir o bafo de

cachimbo dele.

– Essa bandagem não foi colocada corretamente em sua perna – explicou ele. – Por isso ela está tão quente.

– O quê?

Tentei empurrar Florence de novo, pra poder sentar na cama, mas era como se eu tentasse empurrar Golias.

– Calma... – disse ela. – Sua perna tá inchada, só isso. É o que tá causando a febre.

– Agora vou fazer você dormir – informou o médico.

Ele colocou um cestinho em cima da minha boca e do meu nariz, depois pingou um líquido dentro, um negócio enjoativo de tão doce.

– Por favor, doutor, preciso da minha perna.

– Procure descansar, Sr. Jackson. E não se preocupe.

Tentei ficar acordado, mas o sono foi me puxando, puxando, puxando... A última coisa que lembro é do médico se abaixando pra tirar alguma coisa da maleta. No alto da careca dele tinha um chapeuzinho, parecia feito de crochê, e eu fiquei pensando como é que aquilo ficava pregado ali. Depois o sono chegou de vez e me engoliu todinho.

O DIA TINHA AMANHECIDO quando acordei. A perna ainda doía, porém menos que antes. Achei que tava tudo bem, mas então lembrei do velho Waldo Murch e do braço que ele amputou, lá pelos idos de 1929. Waldo jurava que o braço doía, mesmo não tendo mais braço pra doer. Várias vez vi aquele homem coçando o ar, aí fiquei pensando se a mesma coisa tava acontecendo comigo agora. Mas acho que Deus resolveu que a lição de humildade estava de bom tamanho, porque, quando tirei a manta, vi a perna no lugar, toda enrolada em bandagem e com uma tala dentro. Eu vou dizer uma coisa: é muito bom quando a gente pensa que só tem uma perna e depois vê que tem duas.

Florence andava de um lado para outro na sala. Chamei por ela.

– Tô fazendo o seu café – disse ela. – Já, já chego aí.

Pouco depois ela trouxe um prato de miolo com ovos mexido. Foi só sentir aquele cheirinho que minha barriga começou a roncar. Parecia que fazia uma semana que eu não colocava nada dentro dela.

– Toma isso aqui antes – falou Florence, entregando um comprimido.

– O que é?

– *Pencilina*. Pra infecção. Tem que tomar dois por dia até acabar o frasco.

Engoli o comprimido e ataquei a comida. Florence pôs a mão na minha testa.

– A febre baixou. Ontem você tava pegando fogo. Ainda bem que esse outro médico apareceu. A Sra. McAllan trouxe ele lá de Greenville.

– Foi lá e buscou o homem ela mesma?

– Foi. Ele veio no carro dele, atrás dela.

– Quando você encontrar ela, fala que a gente tá muito agradecido.

Florence deu um riso azedo.

– Sorte sua que essa perna ainda tá aí depois do que aquele açougueiro fez. O Dr. Pearlman não gostou nada do que viu. Disse que o Dr. Turpin nem merece ser chamado de médico. Foi assim mesmo que ele falou.

– Acho que esse Dr. Pearlman não é daqui, não – falei.

– Ele vem das Europa. Austrália. Acho que é isso.

– Não é Austrália, é Áustria. É aquele lugar que Ronsel contou que não parava de nevar.

– Austrália, Áustria, tanto faz. O importante é que ele veio parar aqui na nossa terra.

– Quanto tempo vou ter que ficar de molho?

– Oito ou dez semana. Se não tiver infecção.

– Oito semana? Não posso ficar preso nessa cama até junho!

Foi como se eu nem tivesse falado nada.

– Ele mandou você não fazer nenhuma bobagem e ficar com essa perna bem quietinha. Avisou que vai voltar na segunda-feira pra ver como tá indo. Se a perna tiver desinchado, vai botar um gesso.

– E como é que eu vou capinar algodão com uma perna engessada? Como é que vou fazer os sermão na igreja?

– Não vai – respondeu Florence. – As criança e eu vamo fazer todo o trabalho e Junius Lee vem lá de Tchula pra fazer os sermão. E você vai descansar essa perna que nem o médico mandou. Senão vai ficar aleijado ou coisa pior.

– E, se isso acontecer e eu tiver que voltar pra condição de meeiro, nunca mais a gente vai ficar livre de Henry McAllan.

– Melhor não preocupar com isso agora – disse Florence. – Deus vai dar um jeito, você vai ver. Mas até lá tem que fazer direitinho o que o doutor mandou.

– “Esposa briguenta é como uma goteira constante” – citei. – Provérbios 19:13.

– “Uma esposa prudente vem do Senhor” – retrucou ela sem nem pensar. – Provérbios 19:14.

A gente tinha que reconhecer que a mulher conhecia as Escritura. Nunca pisou numa escola, mas não tinha nada de errado com a memória dela.

– Tô saindo pra lida – informou. – Lilly May vai ficar. Se precisar de alguma coisa, é só chamar que ela vem. Agora descansa.

O tempo não passava em cima daquela cama. Eu ali, sabendo que minha mulher tava fazendo o trabalho que era meu. Nem as minha necessidade eu conseguia fazer sem ajuda de alguém. Tentava segurar até Florence ou um dos gêmeo chegar, mas um dia não deu pra esperar e tive que chamar Lilly May pra me ajudar. Tem coisa que uma filha nunca devia ter

que fazer pro pai. Fiquei tão vexado que me arrependi de não ter borrado a cama, esperando quietinho até Florence aparecer.

Enquanto isso, ela e os gêmeo iam se matando de tanto trabalhar. As mão de Florence parecia em carne viva de tanta bolha; volta e meia, quando pensava que eu não tava vendo, ela esfregava as costas. Mas não reclamava. Apenas ia lá e fazia o que tinha que ser feito. Eles trabalhava direto, inclusive no domingo. Logo a Florence, que sempre fez questão de respeitar o sabá. Mas não tinha outro jeito. A terra precisava ser semeada antes que Henry McAllan viesse empurrar a mula dele pra gente.

Passou o domingo e o Dr. Pearlman voltou como tinha falado que ia voltar. Tirou as bandagem da minha perna e deu uma olhada.

– *Perfekt* – disse ele, e deduzi que só podia ser “perfeito”. – O inchaço foi embora. Agora podemos engessar. Para isso, vou precisar de água fervida.

Florence mandou Lilly May ferver a água. Enquanto ela não vinha, o médico me examinou de cima a baixo, olhando meu olho, ouvindo meu coração, mandando eu mexer os dedo do pé. Parecia não se importar de tocar em mim. Fiquei me perguntando se todo branco no país dele era assim.

– Florence contou que o senhor veio da Áustria – falei.

– *Ja* – confirmou. – Vim com minha mulher oito anos atrás.

Antes que eu pudesse pensar, já tava contando pra ele:

– Nosso filho Ronsel passou por lá. Ele é piloto de tanque, lutou sob o comando do general Patton.

– Então sou muito grato a ele.

Olhei pra Florence. Ela parecia tão espantada quanto eu. Falando bem devagar pra ter certeza que o homem ia entender, expliquei:

– Ronsel lutou *contra* o povo da sua terra.

Ele me olhou de um jeito manso, que deixou os cabelo do meu braço em pé.

– Espero que tenha matado uma grande quantidade deles – declarou, saindo pra lavar as mãos.

Virei pra Florence e perguntei:

– Entendeu alguma coisa?

Ela fez que não com a cabeça.

– Branco doido é o que não falta neste mundo.

A CHUVA VEIO NO dia seguinte, uma chuva forte que deixou a terra compacta como cera. A única coisa que a gente podia fazer era cruzar os braço e esperar passar, o que só foi acontecer dois dia depois. Então Florence e as criança voltaram pra lida, inclusive Lilly May. O pé torto deixava tudo mais difícil pra pobrezinha, mas não tinha outro jeito.

Era uma tortura ficar preso naquela cama com a perna espetada pra cima. Eu só fazia xingar. A coceira debaixo do gesso era tanta que parecia que um bando de formiga tinha entrado ali, buscando comida. Eu não podia me mexer, porque o gesso ia da canela até o alto da coxa.

Pra esquecer a coceira, comecei a fazer um cesto com uns galho de bétula. De repente, ouvi um barulho infernal e olhei pela janela. Era Henry McAllan chegando com seu trator. Ele desligou o motor e desceu.

– Hap?

– Estou aqui! – berrei de dentro do quarto.

Ele veio até a janela, me deu bom-dia e perguntou como eu tava passando.

– Muito melhor agora, graças ao médico que a Sra. McAllan trouxe pra me ver. Sou muito agradecido a ela.

– Imagino que sim – falou, acendendo um cigarro. – Por quanto tempo você vai ter que ficar engessado?

Atrás dele, lá longe, eu podia ver Florence e as criança arando a terra. Vou confessar uma coisa: o que realmente doía, muito mais que a perna quebrada, era ficar de conversa com o Sr. McAllan enquanto via minha família labutar debaixo daquele sol quente.

– Mais ou menos um mês, só isso – respondi.

– É mesmo?

– Sim, senhor.

– Sabe, também quebrei a perna uma vez, durante a Primeira Guerra. Pelo que me lembro, tive que esperar uns dois meses até poder tirar o gesso e mais um pouco até poder voltar à ativa.

– Sou rápido pra curar as coisa, sempre fui – expliquei.

Ele deu um trago no cigarro. Fiquei esperando, já imaginando o que vinha depois.

– O problema, Hap, é o seguinte: já estamos na segunda semana de abril. A esta altura, o plantio já devia estar bem adiantado, mas vocês ainda nem deixaram a terra descansar.

– A terra precisa ser quebrada de novo por causa da chuva.

– Eu sei. Mas, se eles estivessem usando uma mula, fariam isso num minuto. No ritmo em que as coisas vão, a semana vai acabar e eles não terão conseguido fertilizar a terra, quanto mais semeá-la. Eles são apenas três, Hap. Não posso me dar ao luxo de continuar esperando. Você conhece a terra e sabe que tenho razão.

– Não vai demorar tanto assim. Lilly May também tá ajudando.

– Uma menina aleijada não vai fazer tanta diferença e você sabe disso. – Ele jogou o cigarro no chão. – Peça a um dos seus meninos pra buscar a mula hoje à tarde.

“Quando avaliei tudo o que as minhas mãos haviam feito e o trabalho que eu tanto me esforçara para realizar, percebi que tudo fora inútil; não há nenhum proveito no que se faz debaixo do sol.” Eclesiastes.

– Sim, senhor – concordei, sentindo uma pedra atravessada na minha garganta.

Não tinha outra coisa pra dizer. Pensei comigo mesmo: “É, Hap. Meeiro de novo. Melhor ir se acostumando.”

Quando Florence voltou pra casa com as criança, nem precisei falar nada. Ela olhou pra mim e foi logo dizendo:

– Ele vai mandar a mula, não vai?

– Vai. Começando hoje de tarde.

– Bem... pelo menos vai adiantar o arado.

Sentamos pra comer. Não tinha muito na mesa, só um pouco do mingau de milho com toucinho que uma das irmã da igreja tinha trazido mais cedo, mas nem por isso deixei de dizer minhas prece como sempre faço. Depois que terminei, Florence ainda manteve a cabeça baixa por um bom tempo. Ela tava pedindo algo ao Senhor, e eu sabia muito bem o quê. Era a mesma coisa que eu pedia desde o dia que caí daquela escada: que Ronsel voltasse pra salvar a gente.

II

LAURA

HENRY CONTINUAVA BRAVO COMIGO e deixou isso bem claro quando me ignorou na cama. Meu marido nunca foi um homem de grandes apetites, mas sempre fez amor comigo pelo menos duas vezes por semana. Nos primeiros meses de casamento, isso me deixava meio desconcertada. No entanto, eu jamais o rejeitava, sequer me passava pela cabeça a possibilidade de dizer não. Aos poucos, fomos chegando a uma intimidade tranquila, sem sobressaltos, ainda que não inteiramente satisfatória. Ele gostava de fazer amor à noite, com o abajur aceso. Ali na fazenda, com uma vela. Esse era o sinal: o barulhinho do fósforo raspando na caixa. Na hora do amor, quando o corpo dele estremecia sobre o meu, me sentia ao mesmo tempo próxima e distante do meu marido. Era evidente que ele experimentava sensações que eu não experimentava. Mas eu não esperava nenhum tipo de êxtase. Nem sabia que isso era possível para uma mulher. Não podia dizer que gostava do sexo com Henry, entretanto, ao fazê-lo, me sentia uma esposa de verdade. Só fui me dar conta de quanto isso era importante para mim no dia em que ele deixou de me procurar na cama.

Se naquele mês de abril a cama andava fria, os dias estavam quentes, úmidos e, na ausência de Florence, torturantes. Henry contratou Mattie Jane, a filha de Kester Cottrill, para fazer a limpeza da casa. Só que, além de relapsa, a menina era faladeira demais, então restringi as tarefas dela a lavar a roupa e a tudo aquilo que podia ser feito no quintal. Via Florence apenas de longe, sempre com uma enxada em punho, capinando as pragas que ameaçavam o crescimento do seu algodão. Um dia nos encontramos por acaso na cidade e, quando comecei a reclamar de Mattie Jane, ela olhou para mim como se dissesse: “É isso que você chama de problema?” Foi o que bastou para me silenciar. Eu sabia que devia erguer as mãos para o céu e dar graças a Deus por não ter que passar doze horas por dia capinando algodão, mas nem por isso me sentia consolada.

Num sábado no fim de abril, fomos os cinco resolver algumas coisas na cidade e almoçar no Dex’s Diner, famoso pelo bagre frito e pela placa que ficava do lado de fora:

Após o almoço, passamos no mercado dos Tricklebanks para comprar as provisões da semana. Henry e Pappy ficaram conversando com Orris Stokes e outros homens na varanda e eu entrei com as meninas para papear com as senhoras. Enquanto eu e Rose Tricklebank colocávamos a conversa em dia, Amanda Leigh e Isabelle corriam e brincavam com as duas filhas dela. Alice Stokes também estava lá, radiante com sua gravidez, comprando um corte de popelina para fazer um vestido novo. Embora me sentisse infeliz, fiquei feliz por ela. Já conversávamos havia algum tempo quando um soldado negro entrou pela porta dos fundos. Era jovem, alto e sua pele tinha a cor de um chá forte. Na manga da farda, havia uma insígnia de sargento e, no peito, muitas medalhas. Ele tinha um saco de lona pendurado ao ombro.

– Como vai, Sra. Tricklebank? – perguntou o rapaz. – Quanto tempo!

Sua voz retumbante e musical assustou as senhoras ao ressoar na loja.

– Ronsel? É você? – disse Rose, surpresa.

– Eu mesmo. Pelo menos até a última vez que chequei.

Então era aquele o filho de Florence. Ela já havia falado muito dele. Da inteligência, da beleza, da valentia como soldado. De como ele gostava da escola “que nem peixe gosta de água”. De como ele atraía as pessoas “que nem mel atrai abelha”. E assim por diante. “Isso não é invencionice de mãe, não, senhora”, disse ela certa vez. “Meu Ronsel tem esse brilho em volta dele, a senhora há de ver assim que deitar os olhos nele. As moças ficam tudo doidas com ele, os moços querem ser como ele. Não tem jeito. Esse brilho atrai as pessoas.”

Na ocasião, achei que tudo realmente não passava de “invencionice de mãe”, mas fiquei quieta. Que mãe não via no filho mais velho uma obra-prima de Deus? Mas quando conheci Ronsel naquele mercado, constatei que Florence não havia exagerado. Ele nos cumprimentou com um respeitoso aceno da cabeça, depois disse:

– Boa tarde.

– Ora, ora, como você cresceu, rapaz! – exclamou Rose.

– Como tem passado, Sra. Tricklebank?

– Muito bem, obrigada. E você, já esteve com seus pais?

– Não, senhora. Acabei de descer do ônibus. Passei aqui primeiro para comprar umas coisinhas para eles.

Fiquei observando de longe enquanto Rose o atendia. Ronsel era fisicamente mais parecido com Hap, mas tinha aquela presença forte de Florence. Não havia como olhar para outra pessoa além dele – esse era o tipo de magnetismo que ele exercia. O rapaz ficou um tanto espantado ao perceber que eu o observava, então me apresentei.

– Sou Laura McAllan – falei envergonhada. – Seus pais trabalham na nossa fazenda.

– Como vai?

Nossos olhares se cruzaram por não mais que alguns segundos, mas tive a sensação de ter sido aquilatada da cabeça aos pés.

– Hap e Florence sabem que você voltou? – perguntei.

– Não, senhora. Quis fazer uma surpresa.

– Vão pular de alegria quando o virem, posso apostar.

Ronsel franziu a testa, preocupado.

– Algum problema com eles?

Aparentemente a perspicácia era mais uma das qualidades do tal filho de Florence. Hesitei um instante, mas depois, procurando enfatizar o lado bom da coisa, contei sobre o acidente de Hap.

– Ele já está andando de muletas. Deve ficar livre delas agora em junho, segundo disse o médico.

– Ainda bem. Aquele lá não consegue ficar parado um minuto. Deve estar deixando a mamãe louca, pegando no pé dela o dia inteiro.

Meio desconcertada, desviei o olhar.

– O que foi? – questionou ele.

Percebi de repente que as outras mulheres haviam emudecido e nos encaravam. Nem se davam ao trabalho de disfarçar o espanto ou a hostilidade. Rose parecia preocupada, olhava para mim como se quisesse me advertir de alguma coisa. Voltando a atenção para Ronsel, falei:

– Seus pais perderam a mula, depois tivemos dias de muita chuva. Eles agora estão usando um dos nossos animais. E sua mãe e seus irmãos estão ajudando na lavoura.

Foi como se uma nuvem escura descesse sobre a expressão de Ronsel.

– Muito obrigado por me contar – disse, com os maxilares rígidos.

Não pude deixar de perceber certa ironia nas duas primeiras palavras. Nem de ouvir o desespero com que Alice Stokes subitamente encheu os pulmões.

– Com licença – falei para o rapaz. – Tenho compras para fazer.

Eu ainda não dera dois passos quando o ouvi dizer:

– Volto outra hora para escolher aquele tecido, Sra. Tricklebank. Agora preciso ir.

Rapidamente ele pagou as compras e foi saindo com seus embrulhos e seu saco de lona. Pouco antes de alcançar a porta, quase foi atropelado por Pappy, Orris Stokes e o Dr. Turpin, que entravam na loja.

– Desculpe – disse, tentando contornar os três.

Orris se interpôs no caminho, dizendo:

– O que temos aqui? Um macaco de uniforme!

Ronsel ficou imóvel, apenas olhando para Orris. Até que baixou a cabeça e falou:

– Desculpe, senhor. Eu não estava prestando atenção.

– Aonde você pensa que vai, rapaz? – perguntou o Dr. Turpin.

– Estou indo para casa, só isso. Ver os meus pais.

A porta se abriu de novo e Henry entrou por ela, seguido dos outros homens. Todos agora cercavam Ronsel, visivelmente bravos. Senti um arrepio de medo.

– Este é o filho de Hap e Florence – apresentei, me dirigindo a Henry. – Acabou de chegar do estrangeiro.

– Bem, isso explica tudo – disse Pappy.

– Explica o quê? – perguntou Ronsel.

– Que você tenha tentado sair pela porta da frente. Devia estar confuso, achando que ainda estava lá nas Europas.

– Não tem confusão nenhuma, não, senhor.

– Acho que tem, sim, senhor – replicou Pappy. – Não sei o que eles deixam vocês fazerem por lá, mas agora você está no Mississippi. Crioulo aqui não usa a porta da frente.

– Seu lugar é lá atrás, rapaz, na porta dos fundos – avisou Orris.

– Acho melhor você ir – disse Henry.

Seguiu-se um silêncio carregado de hostilidade, músculos tensos e punhos cerrados. Mas, se Ronsel estava com medo, não dava qualquer sinal disso. Com tranquilidade, ele correu os olhos pelos homens e mulheres à sua volta. “Por favor, vá embora”, supliquei mentalmente. Mas ele permaneceu onde estava por mais algum tempo, esperando até o último segundo para, dirigindo-se a Pappy, dizer:

– Sabe... O senhor tem razão. Lá eles não nos mandavam para os fundos. Pelo contrário, nos colocavam na linha de frente, bem ali, cara a cara com o inimigo. E de lá ninguém saía enquanto tivesse guerra. Os alemães mataram alguns de nós, mas, no fim das contas, fomos nós que corremos com eles. Sim, senhor.

Despedindo-se de Rose apenas com um aceno, ele deu as costas ao grupo e caminhou para a porta dos fundos.

– Vocês ouviram o que ele acabou de dizer? – rosnou Pappy.

– Um crioulo desses não vai durar muito tempo por aqui – anunciou Orris.

– Talvez seja o caso de ensinarmos um pouco de boas maneiras para ele – acrescentou Turpin.

As coisas poderiam ter desandado ali mesmo, mas Henry foi logo falando:

– Não precisa. Vou falar com o pai dele.

Por um instante, pensei que eles não fossem recuar, mas então Orris disse:

– Faça isso, Sr. McAllan. Faça isso.

Enfim os ânimos se acalmaram e eles se dispersaram. Fiz minhas compras, recolhi as crianças e fomos embora. A caminho da fazenda, avistamos Ronsel seguindo a pé pela estrada. Ele se afastou para o lado assim que notou nossa presença. Quando passamos por ele, olhei-o pela janela do carro e seus olhos faiscantes e cheios de brio me fitaram de volta.

RONSEL

CRIOULO, MACACO, TIÇÃO. TANTO tempo defendendo meu país lá fora e, ao voltar, a primeira coisa que vejo é que ele não mudou nada: os negros ainda são obrigados a se sentar nos bancos traseiros dos ônibus, ainda são proibidos de usar a porta da frente das lojas, ainda colhem o algodão dos brancos e ainda pedem licença a esses mesmos brancos para tudo. Pouco importava que tivéssemos atendido ao chamado para lutar a guerra deles: para os brancos, ainda éramos apenas crioulos. E os soldados negros que haviam morrido, apenas crioulos mortos.

Naquele confronto no mercado, eu tinha plena consciência de que me encontrava em águas perigosas, mas não consegui controlar minha língua o suficiente para evitar o naufrágio. Agi do mesmo modo que um camarada meu dos tempos de treinamento, o Jimmy. Eu sempre dizia a ele que, se dava valor à própria vida, o melhor a fazer era baixar a cabeça. Mas Jimmy batia o pé, dizendo que preferia mil vezes enfrentar um espancamento a se fazer de preto medroso. E, de fato, ele foi espancado três vezes, uma em Louisiana e duas no Texas. Na última delas, os policiais bateram tanto nele que Jimmy passou dez dias numa enfermaria. Mas ele nunca baixou a cabeça. Se não tivéssemos partido logo para a guerra, acho que acabariam por matá-lo. Quando disse isso ao próprio Jimmy, ele apenas riu e falou: “Até podiam tentar, mas duvido que conseguissem.”

Jimmy teria ficado orgulhoso da minha atitude no mercado, mas papai teria enchido meus ouvidos com um belo sermão. Ele jamais saíra do Delta do Mississippi. Jamais caminhara por uma rua com a cabeça erguida, muito menos por uma rua apinhada de gente dando vivas e jogando flores para ele. As batalhas que papai havia lutado eram aquelas em que não havia ninguém para comemorar sua vitória: batalhas contra pés e ossos doloridos, contra a escassez ou o excesso de chuva, contra o calor, contra as pragas que podiam arruinar o algodão, contra as pedras soltas que podiam arruinar a lâmina do arado. Nelas não havia trégua nem cessar-fogo. A vitória obtida num dia não o isentava de acordar no dia seguinte e lutar as mesmas batalhas outra vez. E, numa única derrota, ele podia perder tudo que tinha. Só mesmo um

idiota para se meter numa batalha com esse tipo de desvantagem. Um idiota ou alguém que não tem escolha.

Papai envelhecera consideravelmente nos dois anos que passei sem vê-lo. Agora tinha fios brancos no cabelo e rugas de preocupação em torno dos olhos. E estava muito magro. Segundo mamãe, por causa da perna quebrada. Mas a voz continuava forte e segura como sempre. Antes mesmo de entrar em casa, já dava para ouvir, lá do quintal, sua voz potente agradecendo a Deus pela comida que estavam prestes a comer; pelo sol que Ele mandava e que fazia o algodão crescer; pela saúde de todos, inclusive a das galinhas poedeiras e a da porca que estava prenhe; e, sobretudo, pela proteção que Ele dava a mim, aonde quer que eu estivesse. Que, naquele momento, era a soleira da porta dele.

– Amém – falei.

Por um instante, ninguém se mexeu. Ficaram ali, parados, os olhos arregalados na minha direção como se não tivessem me reconhecido.

– Então? Ninguém vai me oferecer um prato de comida?

– Ronsel! – gritou Ruel, com Marlon ecoando o irmão com meio segundo de atraso, como sempre.

Depois vieram todos me abraçar. Mamãe e Lilly me cobrindo de beijos e tagarelando sem parar, espantadas que eu tivesse crescido tanto, que estivesse tão bonito, perguntando como tinha sido minha viagem de volta, quando eu tinha chegado ao país, por que eu não tinha escrito para eles para avisar que ia chegar... Até que papai berrou:

– Larga o menino, gente! Deixa ele vir cumprimentar o pai!

Sentado em sua cadeira com a perna esticada sobre um banco, ele abriu os braços e eu me inclinei para dar nele um abraço bem forte. Depois me ajoelhei no chão para que ele não tivesse de levantar a cabeça para falar comigo.

– Eu sabia que você tava vindo – disse ele. – Pedi pro Senhor e cá está você.

– E essa perna aí? O que aconteceu?

– Uma história comprida. Senta aí e vai comendo enquanto eu conto.

Não pude deixar de rir. Com papai, toda história era comprida. Coloquei uma montanha de comida no prato: carne-seca, feijão, quiabo e mais os pãezinhos de milho da mamãe para raspar o caldo depois.

– Eu sonhava com esse pão – confessei. – Ficava lá, sentado no meu tanque, comendo a ração do dia...

– Ração? – espantou-se Ruel.

– Igual a bicho? – questionou Marlon.

– Não. Ração é a comida em lata que o Exército dava para a gente. Até trouxe algumas para vocês experimentarem. Estão ali na mochila. Podem pegar.

Imediatamente os gêmeos correram, alcançaram a mochila e viraram todo o seu conteúdo no chão. Ainda eram dois meninos, embora já estivessem quase tão altos quanto eu. Fiquei um

pouco triste ao observar os dois, tão novinhos e tão cheios de vida. Sabia que não seria assim por muito tempo.

– Mãe, os seus pãezinhos... Falei deles para todo mundo. Quando a alemãozada finalmente se rendeu, não tinha soldado naquele batalhão que não sonhasse com eles. Até mesmo os tenentes ianques.

– Pois eu sonhava era com você, meu filho.

– Sonhava o que, mãe? – perguntei.

Ela apenas balançou a cabeça e esfregou os braços como se estivesse com frio.

– Vai, conta – insisti.

– Deixa pra lá. Nenhum sonho virou realidade. Você tá outra vez aqui com a gente, são e salvo, e é só isso que importa.

– Aqui é o seu lugar, filho – disse papai.

DEPOIS DA JANTA, EU e ele estávamos conversando fiado na varanda quando uma caminhonete surgiu na estrada e parou no nosso quintal. Era Henry McAllan.

– O que será que esse aí quer comigo agora? – perguntou papai.

– Acho que é comigo que ele quer falar – disse, já me levantando.

– Que diabo Henry McAllan havia de querer falar com você, filho?

Não respondi. O homem já estava nos degraus da varanda.

– Tarde, Sr. McAllan – disse papai.

– Boa tarde, Hap.

– Ronsel, esse é o nosso arrendador. E esse aqui é o meu filho Ronsel, que falei pro senhor.

– Já nos conhecemos – disse McAllan.

Papai virou pra mim, preocupado.

– Acho melhor conversarmos sozinhos, Hap – pediu McAllan.

– Perdão, Sr. McAllan, mas não sou nenhuma criança – falei. – Se o senhor tem algo a dizer, diga na minha frente.

– Tudo bem. Primeiro me responda uma coisa: você pretende continuar aqui, ajudando seu pai?

– Sim, senhor.

– Bem... Se quer mesmo ajudar, não vai poder se comportar do jeito que se comportou mais cedo no mercado. Agindo daquela forma, só vai trazer um monte de problemas, não só para si mesmo, mas para toda a família.

– O que você fez? – perguntou papai.

– Nada – respondi. – Só tentei sair pela porta.

– Pela porta da frente – explicou McAllan. – E, quando meu pai e os outros acharam ruim, ele fez um belo discurso. Colocou todo mundo em seu devido lugar, não foi?

– É verdade, filho?

Fiz que sim com a cabeça.

– Então acho melhor você pedir desculpa.

McAllan ficou esperando com os dois olhos plantados em mim. Eu não tinha escolha e ele sabia disso. Para mim e para papai era como se ali estivesse o Todo-Poderoso. Então me obriguei a dizer o que o homem queria ouvir:

– Desculpe, Sr. McAllan.

– Meu pai também vai gostar de ouvir as suas desculpas.

– Ronsel vai fazer uma visitinha a ele amanhã, depois da igreja – informou papai. – Não vai, filho?

– Claro, faço sim.

– Ótimo – disse McAllan. – A propósito, Ronsel, não concordo com tudo o que meu pai diz, mas num aspecto ele tem razão: você agora está no Mississippi, e é melhor não esquecer disso outra vez. Tenho certeza de que Hap ainda quer você ao lado dele por muito tempo.

– Quero, sim, senhor – concordou papai.

– Muito bem, então. Um bom sábado para vocês.

– Só uma coisa – falei antes que ele fosse embora.

– O que é?

– Não vamos precisar da sua mula por muito mais tempo.

– Como assim?

– Vou comprar outra para nós assim que encontrar um bom animal.

O queixo de papai caiu na mesma hora. E ouvi mamãe sufocar o susto do outro lado da porta; é claro que ela estava ouvindo nossa conversa. Minha intenção era comprar a mula primeiro e depois fazer uma surpresa para os dois, mas eu não ia deixar passar aquela oportunidade de dar mais uma alfinetada em Henry McAllan.

– Mulas custam muito dinheiro – disse o homem.

– Sei muito bem quanto custam.

McAllan olhou para papai.

– Tudo bem, Hap. Me avise quando ele encontrar essa mula. Até lá, pode pagar só as diárias da minha. Boto na sua conta e a gente acerta depois da colheita.

– Vou acertar com o senhor em dinheiro mesmo – informei.

Vi imediatamente que Henry McAllan não gostou do que ouviu. Não gostou nem um pouco. Foi com uma ponta de rispidez que ele respondeu:

– Como estava dizendo, Hap, vou debitar as diárias na sua conta.

Papai pousou a mão no meu braço e falou:

– Sim, senhor. Assim tá bom pra mim.

McAllan voltou para a caminhonete e ligou o motor. Antes de sair, berrou pela janela:

– Não esqueça de passar lá em casa amanhã, rapaz!

Vi o carro desaparecer no crepúsculo. Os passarinhos já faziam sua algazarra, os vagalumes piscavam na plantação. A terra parecia macia, receptiva, mas eu sabia que isso era uma grande mentira.

- Não adianta brigar com essa gente – avisou papai. – Eles sempre vão sair ganhando.
- Não estou acostumado a fugir da luta, pai.
- Então é melhor ir acostumando, filho. Pelo bem de todos nós.

FORAM SEIS MESES SEGUIDOS de combate: na França, na Bélgica, em Luxemburgo, na Holanda, na Alemanha e na Áustria. Ajudamos, com nossos tanques, diferentes batalhões de infantaria a matar milhares de soldados alemães. Não era nada pessoal. Os chucrutes eram os inimigos, mas, embora eu procurasse eliminar o maior número deles, não chegava a odiá-los. Pelo menos não até 29 de abril de 1945. Foi nesse dia que chegamos a Dachau.

A gente não tinha noção do que era aquilo que apareceu em nosso caminho. Nenhum de nós jamais ouvira falar de campo de concentração. Circulavam notícias sobre o tratamento cruel que os alemães davam aos seus prisioneiros, mas achávamos que eram apenas boatos, inventados com o intuito de nos fazer lutar com mais garra.

Àquela altura eu já era comandante do meu próprio tanque. Sam era o meu artilheiro de proa. Estávamos seguindo para Munique, apenas alguns quilômetros à frente da infantaria, quando sentimos o cheiro: um fedor sem igual. Chegamos a um complexo cercado por um muro de concreto, não muito diferente de um posto militar, e deparamos com um enorme portão de ferro com palavras escritas em alemão. Uma fila se formava do outro lado dele, uma fila de pessoas nuas com pernas e braços tão magros que mais pareciam caniços. Soldados da SS andavam de um lado para outro, atirando nelas com metralhadoras, formando uma onda com os cadáveres que iam caindo um a um. Bem ali, diante de nós! Sam cuidou dos soldados e depois o tanque do capitão Scott derrubou o tal portão.

Centenas de pessoas (se é que dava para chamar de “pessoas” aquilo que víamos) cambalearam portão afora, todas de cabeça raspada e corpo machucado. Algumas saíam correndo pela estrada, mas a maioria apenas caminhava, arrastando as pernas em total estado de choque. No entanto, quando avistavam no asfalto a carcaça de um cavalo morto por acidente, corriam desesperadas para devorar os nacos de carne que conseguiam arrancar com mãos e dentes, assaltando o animal como formigas numa casca de melão. Uma coisa horrível de se ver, terrível mesmo. Ouvi quando um dos rapazes atrás de mim começou a vomitar.

Seguimos os sons de tiro até um dos galpões do complexo, uma espécie de celeiro grande. Ele estava em chamas, e eu podia sentir o cheiro de carne queimada. Ao contornar o prédio vimos, lá dentro, uma pilha de cadáveres que atingia quase dois metros de altura. Alguns sobreviventes atropelavam os mortos para tentar sair, mas eram recebidos do lado de fora pelos alemães, que, com a maior calma do mundo, atiravam em tudo que se mexia. Abrimos fogo

contra os filhos da puta da SS. Alguns fugiram correndo, então descemos do tanque, partimos atrás deles e atiramos. Eu mesmo derrubei dois, com o maior prazer.

Eu caminhava de volta para o tanque quando uma mulher veio cambaleando com os braços estendidos na minha direção. Ela vestia uma camisa listrada toda rasgada, mas da cintura para baixo estava nua – e só por isso eu sabia que se tratava de uma mulher. Os olhos eram dois buracos de tão fundos e as pernas estavam totalmente machucadas. Parecia um cadáver ambulante. Ao recuar, tropecei num buraco e caí no chão, daí ela se jogou em cima de mim e começou a me agarrar, resmungando alguma coisa numa língua que eu desconhecia. Tentei me desvencilhar, berrando para que a criatura me largasse, quando, de repente, ela pareceu perder as forças. Deitado, com ela sobre mim, olhei o céu lá no alto, lindo e azul como se nada estivesse acontecendo. A mulher era tão leve que nem parecia estar ali. Mas então senti o calor do seu corpo através da minha farda. Nunca fiquei tão envergonhado de mim mesmo! Não era culpa dela estar naquela situação. Os verdadeiros culpados eram aqueles que tinham feito aquilo com ela e os que não moveram uma palha para impedi-los.

Tomando muito cuidado, ergui o tronco e me sentei. Com a cabeça no meu colo, a mulher me olhava como se eu fosse a pessoa que ela mais amava no mundo. Revirando os bolsos, encontrei uma barra de chocolate. Desembrulhei e entreguei a ela, que se sentou e enfiou a barra inteira na boca, como se receasse que eu a pegasse de volta. Notei uma sombra em torno de mim; olhei para cima e vi que outros prisioneiros nos cercavam, dezenas deles, maltrapilhos, fedidos e miseráveis. Alguns resmungavam e, gesticulando, pediam comida; outros ficavam parados e mudos como fantasmas. Eu vasculhava os bolsos para ver se encontrava algo quando a mulher no meu colo se encolheu feito um tatu, gemendo e apertando a barriga.

– O que foi? – perguntei. – Está sentindo alguma coisa?

Mas ela não falava nada, apenas gemia e se retorcia. Ficou assim por um bom tempo, e não havia nada que eu pudesse fazer. De repente, ficou imóvel. Baixei a cabeça para ouvir seu peito, mas o coração não batia mais. Os olhos arregalados olhavam para mim. Eram azuis como o céu.

– Ronsel!

Em meio às pernas esqueléticas dos prisioneiros, vi Sam correndo na minha direção com o rosto molhado de lágrimas.

– O médico falou pra gente não dar comida pra eles. Falou que pode até matar, já que não comem há tanto tempo – disse ele.

Fitei a mulher no meu colo, a mulher que eu acabara de matar com uma barra de chocolate. Fiquei me perguntando qual seria seu nome, de onde vinha e se, antes de ela ir parar naquele lugar, alguém já a abraçara ou acariciara seu cabelo como eu estava fazendo naquele momento. Esperava que sim.

NUNCA PENSEI QUE FOSSE sentir tanta saudade. Não da Alemanha nazista, porque só um louco sentiria falta de um lugar como aquele. A saudade era do homem que fui no período em que estive lá. Na Alemanha, eu era um libertador, um herói. No Mississippi, era apenas um preto empurrando um arado. E, quanto mais me demorava ali, mais me tornava somente isso.

Eu estava na cidade comprando ração para a mula nova quando deparei com Josie Hayes. Bem, ela agora era Josie Dupock. Mudara de nome no último mês de setembro ao se casar com Lem Dupock. Antes da guerra, a gente teve um namoro. Eu gostava muito de Josie, até pensava em casar com ela um dia, mas, quando me alistei no Exército, ela ficou tão brava que nem quis mais falar comigo. Acabei indo embora de Marietta sem nem me despedir. Escrevi umas cartas pra ela, mas nunca recebi resposta. Depois de um tempo, deixei pra lá. Por isso, quando a encontrei na rua, não sabia ao certo o que esperar.

– Eu soube que você tinha voltado – disse ela.

– Pois é. Cheguei faz uns dois meses. Tudo bem com você?

– Tudo. Agora estou casada.

– É, papai me escreveu contando.

Um silêncio se instalou entre nós. Quando a gente namorava, vivíamos rindo e fazendo palhaçada um com o outro. Eu adorava fazer cócegas nela, que ria, se contorcia e gritava, mas nunca corria de mim. E, quando eu parava, me provocava até eu começar tudo de novo. Mas, pelo visto, ela agora não ria muito. Ainda era uma moça bonita, mas os olhos tinham endurecido, e eu podia muito bem imaginar por quê. Lem foi meu colega de escola. Ele era do tipo que se metia em encrenca e se safava, rindo enquanto via os outros levarem a culpa por ele. Já mais velho, estava sempre atrás de um rabo de saia, namorando duas ou três ao mesmo tempo. Lem Dupock não tinha nada a oferecer a uma mulher além de muitas lágrimas.

– Não tenho visto você na igreja – falei.

– Não tenho ido. Lem não é muito de igreja.

Hesitei um instante, depois perguntei:

– Ele trata você bem?

– E isso é lá da sua conta, o jeito que ele me trata?

Depois disso, dizer o quê?

– Bem, já vou indo. Te cuida.

Comecei a me dirigir para a carroça, mas ela segurou meu braço e pediu:

– Espere, Ronsel. Preciso falar com você.

– Sobre o quê?

– Sobre nós.

– Não tem mais “nós”, Josie. Foi você mesma quem acabou com tudo cinco anos atrás.

– Por favor... Tem umas coisas aí que preciso falar com você.

– Pode falar.

– Não aqui. Pode me encontrar hoje à noite?

– Onde?

– Na minha casa. Lem tá viajando, foi pra Jackson. Só deve voltar na semana que vem.

– Sei não, Josie.

– Por favor.

Eu sabia que não devia ir, mas fui mesmo assim. Comemos o jantar que ela preparou e relembramos os velhos tempos. Ouvi calado quando ela começou a falar de como estava arrependida. Deixei que ela demonstrasse. No passado, eu e Josie costumávamos dar uns beijos, fazer umas brincadeiras, mas nunca deitamos juntos. Muitas vezes me peguei imaginando como seria nossa primeira vez, o meu corpo sobre o dela, o dela sobre o meu. E no final a gente satisfeito, abraçadinho na cama, rindo juntos... Era assim que eu sempre imaginava a coisa.

Mas a realidade foi bem diferente. Durante, só tristeza e solidão; depois, um silêncio de pedra. Pensei que Josie estivesse dormindo, mas de repente, com a voz rouca, ela perguntou:

– Pra onde você foi, Ronsel? Tá pensando no quê?

Não contei a verdade. Porque estava de volta à Alemanha, pensando numa branca chamada Resl e no homem que fui nos braços dela.

SEU NOME VERDADEIRO ERA Theresia Huber. Resl era apenas um apelido. Quando soube que os alemães tinham apelidos, como nós, fiquei surpreso. Para você ver como era eficiente o Exército americano na hora de treinar os seus soldados para não pensarem nos alemães como se fossem gente.

O marido de Resl, tanqueiro como eu, tinha sido morto em Estrasburgo. Essa foi a primeira coisa que ela quis saber: “Focê também esstefe em Strassburg?” Fiquei feliz por poder responder que não. Ela tinha uma filhinha de 6 anos chamada Maria, uma coisinha tímida com olhos azul-escuros e cabelos brancos como algodão. Aliás, foi por causa dela que nos conhecemos. Sempre que entrávamos nas cidades, as mães mandavam os filhos até nós para mendigar comida. Alemães ou não, era duro ver a criançada revirando as latas de lixo em busca de algo para comer, então costumávamos separar umas latinhas da nossa ração pra distribuir. Maria estava meio arredia, com medo da gente. Perguntei seu nome, mas ela não respondeu, provavelmente porque não entendeu a pergunta. Então apontei para mim mesmo e disse “Ronsel”, depois apontei para ela. Mas a menina continuou muda, olhando para mim com aqueles olhos que pareciam grandes demais para um rostinho tão pequeno. Uma criança daquela idade ainda deveria ter bochechas bem gordinhas, mas as dela estavam secas, chupadas.

Naquele dia, dei à menina toda a minha reserva de latinhas. No dia seguinte também. No terceiro, ela pegou minha mão e me puxou até a casa dela. Sam foi junto comigo. Por segurança, sempre andávamos em dupla. Embora os alemães já tivessem se rendido, havia o

risco de encrenca naquelas cidadezinhas da Baviera: soldados da SS escondidos no porão de alguém, esse tipo de coisa. Porém, chegando à casa da menina, só o que encontramos foi Resl, que nos esperava com uma sopa quente e um pedaço de pão preto pequeno e velho. Entregamos a ela mais umas latinhas de ração, dizendo que não estávamos com fome, mas ela insistiu, aparentemente ofendida com nossa recusa. Então sentamos e comemos. A sopa era quase só água com algumas batatas e cebolas boiando em cima, e o pão estava duro o bastante para quebrar o dente de alguém. Mesmo assim, eu e Sam reviramos os olhos como se aquela fosse a melhor sopa do mundo.

“*Gut*”, disse ela. E então abriu um sorriso que me deixou sem fôlego. Resl tinha aquele tipo triste de beleza que era muito mais bonito que o alegre. Isso acontecia com algumas mulheres: os tempos difíceis lhes tiravam tudo até que um dia sobrava apenas a beleza. Eu já tinha visto isso acontecer em casa também, mas por algum motivo na Europa era diferente, e não só porque os rostos eram brancos. Ali estava uma mulher que nunca havia passado necessidade na vida e que, de uma hora para outra, não tinha mais nada: nem marido, nem comida, nem esperança. Quero dizer, ainda tinha a filha e o amor-próprio, as duas coisas que ainda a mantinham viva.

O inglês de Resl não era muito bom e eu não falava mais do que dez palavras em alemão, no entanto isso não impedia que entendêssemos um ao outro. Até aquele momento, eu evitara as *fräulein* (depois de tudo que vira em Dachau, simplesmente preferia ficar longe delas), mas muitos dos meus companheiros tinham uma namorada alemã. Jimmy andava de caso com uma *frau*, ou seja, uma mulher casada cujo marido estava vivinho da silva. Ele a conhecera em Bissingen, a primeira cidade que ocupamos após o cessar-fogo. Mais tarde, quando seguimos para Teisendorf, a alemã o acompanhou.

Havia muitas outras como ela. E eu ficava me perguntando o que levava uma mulher a se comportar daquele jeito, a abandonar o marido para se juntar com um homem de cor que destruía o país dela, que matara sua gente. Mas, depois de um tempo ao lado de Resl, comecei a entender melhor. O que a unira a mim não fora apenas o fato de, após ter vivido dois anos sozinha, ela finalmente ter alguém que a protegesse, que lhe oferecesse comida e tudo mais que ela quisesse. Era isso também, claro. Entretanto, a verdade é que nós dois tínhamos algo em comum naquele momento. Alemães e negros eram dois povos igualmente subjugados e hostilizados. E, como eu, Resl não via a hora de ser tratada como um ser humano.

Eu passava cada segundo que podia na casa dela. Com o dinheiro e os mantimentos que lhe dava, ela preparava bolinhos fritos, chucrute, pão de centeio ou salsichas. Toda noite, depois que Maria adormecia, ficávamos conversando no sofá da sala. Às vezes, Resl falava baixinho em alemão, parecendo triste, e eu imaginava que ela devia estar relembrando e contando como as coisas costumavam ser em seu país. Outras vezes, eu contava a ela sobre a vida no Delta: como o céu era tão grande que fazia a gente se sentir um grão de areia, como no verão a felpa

do algodão cobria tudo à nossa volta como um manto branco. E então ela me puxava pela mão e subíamos para o quarto.

Àquela altura eu já tinha deitado com um número razoável de mulheres; não era um cachorro no cio feito alguns dos meus companheiros de batalhão, mas também não era santo. No entanto, nunca tinha experimentado com outra mulher o que sentia com Resl na cama. Ela se entregava por inteiro, sem pudores, e depois de um tempo comecei a fazer a mesma coisa. Quando estava no tanque, pensava nela o tempo todo, chegava a sentir seu cheiro. Um dia, durante aquela paz do pós-sexo, ela colocou a mão no meu peito e sussurrou: “*Mein mann.*” Meu homem. Falei que gostava demais de ser o homem dela, mas depois fiquei sabendo pelo Jimmy que aquilo também podia significar “meu marido”. Isso me aborreceu por uns dias, até que me obriguei a encarar a verdade. A vida que a gente tinha junto não era lá muito diferente de uma vida de marido e mulher.

Portanto, quando chegou setembro e a maioria dos rapazes pediu dispensa para voltar para casa, eu me ofereci para ficar em Teisendorf. Muitos recrutas chegariam para substituir os soldados que estavam indo embora, e o Exército precisaria de homens mais experientes para orientar os novatos. Jimmy e Sam disseram que eu tinha ficado doido, mas eu não conseguia pensar na possibilidade de deixar Resl. A primeira vez que menti para os meus pais foi quando escrevi dizendo que o Exército ainda não podia me dispensar. Não gostei do que fiz, mas papai jamais compreenderia a verdade. Ele até poderia entender, mesmo achando que era uma grande burrice da minha parte, que eu tivesse me apaixonado por uma branca. Mas que eu não quisesse voltar para casa na primeira oportunidade... Bem, isso ele jamais entenderia, nem que tivesse cem anos para pensar no assunto.

Mas aí, em março, eles exigiram que eu escolhesse: me realistar ou voltar para casa. Eu não queria enfrentar mais quatro anos de Exército, então pedi dispensa. Muitas lágrimas rolaram, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Não podia ficar na Alemanha, muito menos levar Resl e Maria comigo. No navio para Nova York, procurei me convencer de que aquilo não havia passado de um romance de guerra fadado a terminar, uma aventura entre duas pessoas que se sentiam sozinhas.

E foi nisso que acreditei até aquela noite com Josie.

FLORENCE

TODO DIA EU PEDIA a Deus: “Por favor, manda ele de volta pra gente. Manda ele inteiro e bom da cabeça. Se for pedir demais, então deixa ele só com a cabeça boa, e não como o meu tio Zeb, que voltou da Grande Guerra com os parafuso tudo fora do lugar.” Um dia, eu e minha mãe, a gente saiu pro quintal e encontrou seis das nossa galinha no chão com o pescoço torcido e o tio Zeb ferrado no sono, deitado do lado delas como se fosse a galinha número sete. Algumas semanas depois, tio Zeb foi embora e a gente nunca mais teve notícia dele.

Durante quatro ano, rezei pra meu filho retornar. Nos dois primeiro ano, a gente viu ele só duas vez, e isso foi quando ele ainda tava fazendo o treinamento na Louisiana e no Texas. Nossa esperança era que poupassem ele da guerra, mas no verão de 1944 mandaram ele pra lá, bem pro meio da confusão. Volta e meia saía alguma notícia sobre o batalhão dele no *AFRO American* e Hap lia em voz alta pra mim. Mas, claro, quando o jornal chegava, as notícia já era velha, tinha um mês ou até mais que isso.

Com as carta acontecia a mesma coisa: elas demorava uma eternidade pra chegar. Sempre que a gente recebia uma, eu ficava imaginando se, naquele exato momento, o meu filho tinha levado um tiro, se tava largado no chão todo ensanguentado ou se já tava morto. Mas aquelas letra no papel não tinha resposta pra me dar. E, quando a guerra acabou e meu filho não voltou pra casa, também não teve letra pra me dizer o que tava acontecendo. Ronsel vivia no meu pé, falando que eu precisava aprender a ler e escrever, mas nunca vi motivo pra isso. Um papel cheio de letra não é a mesma coisa que um filho de carne e osso debaixo do teto.

Mas tem um velho ditado que diz: “Cuidado com o que você deseja, porque pode acabar conseguindo.” Deus atendeu minhas prece e mandou meu filho de volta com saúde e dinheiro suficiente pra comprar uma mula nova. A gente agora era rendeiro outra vez, e eu tinha voltado a trabalhar pra Sra. McAllan enquanto Lilly May cuidava do Hap. (Bem, eu não rezei pra voltar a trabalhar na casa de Laura McAllan, mas o dinheirinho extra até que era bem-vindo.) Hap tava cada vez mais acostumado com as muleta, tinha recomeçado os sermão na igreja e continuava a falar de seus sonho – comprar uma segunda mula, pegar mais uns acre pra cultivar e economizar dinheiro pra comprar a própria terrinha. Marlon e Ruel adorava ter o

irmão mais velho por perto. Andava atrás dele que nem dois cachorrinho, pedindo pra contar alguma história da guerra, pra falar dos lugar que tinha visto, das batalha que tinha lutado. Pois é. Graças ao Ronsel, todo mundo teve o desejo realizado. Todo mundo menos ele.

O que Ronsel queria era ir embora. Ele nunca dizia isso (não criei filho pra ficar reclamando da vida), mas, desde o primeiro dia, vi que ele não tava feliz. No começo, achei que era por causa daquela confusão no mercado com o pai do Sr. McAllan e os outro homem branco. Falei pra mim mesma que ele tinha ficado muito tempo fora, mas que logo, logo ia acostumar de novo com as pessoa por aqui. Mas as coisa não aconteceu assim, não. Ele vivia mudo pelos canto e não dormia direito. Quando não tava na lida, tava escrevendo carta pros amigo do Exército. Ou ficava sentado na escada da varanda, olhando pro nada. Não puxava conversa na hora das refeição e não arrastava asa pra nenhuma moça da igreja. E isso me preocupava muito. Que homem não havia de querer os braço de uma mulher depois de passar tanto tempo na guerra?

Uma parte do meu filho tinha ficado naquela guerra. Eu sabia disso por causa do que ele resmungava enquanto dormia. Imagino que fez e viu muita coisa terrível por lá, coisa que não conseguia suportar bem. Mas eu também sabia que não era só a guerra que atazanava a cabeça do meu Ronsel. Era o Delta que sugava a vida que tinha dentro dele. E também era a gente, que não queria que ele fosse embora.

Hap achava tudo isso uma grande bobagem. Falava que eu sempre me preocupava demais com Ronsel. Talvez fosse verdade, talvez não, mas eu conhecia meu filho e sabia que aquela quietude não era do feitio dele. Quatro dos meus cinco filho vieram mansinho pro mundo, mas não o Ronsel. Quando tava na minha barriga, ele revirava o dia todo, chutava a noite inteira. Foi minha tia Sarah que me ensinou a ser parteira. Ela falava que essa inquietação toda era um bom sinal, prova de que o bebê era cheio de saúde. E eu respondia: “Que bom que alguém tá saudável, porque eu não me aguento mais de tanto cansaço.” Na hora do parto, Ronsel resolveu que não ia sair. Foram 32 hora de trabalho no parto desse menino. Ele só faltou me rasgar em duas enquanto saía de mim. E, quando finalmente saiu, deixou todo mundo surdo com o berreiro que aprontou. Tia Sarah nem precisou virar ele de cabeça pra baixo ou dar palmada; o pulmão já sabia o que tinha que fazer.

Depois disso, achei que ia ter um capeta como filho, mas o meu Ronsel foi o menino mais doce que você pode imaginar. E forte também. Com menos de um ano começou a andar. Na colheita, eu deixava ele num caixotinho perto dos pé de algodão onde eu tava trabalhando, mas o danado pulava pra fora e vinha dando os passinho na minha direção, pedindo peito. Vivia tagarelando e cantando sozinho. A primeira coisa que ele aprendeu a falar foi “Olha!”. Repetia isso umas cinquenta vezes por dia, apontando pros pezinho, pra nuvem, pra lagarta na plantação, pra qualquer coisa que chamasse a atenção dele. Quando fez três ano, já falava que nem papagaio, enchendo a gente de pergunta, querendo saber de tudo. Adorava a hora de ir pra escola. Nas férias, ia com a gente pra plantação e ficava todo chateado. Quando tava na oitava

série, a professora veio falar comigo, dizendo que ele tinha muito talento. Como se eu não soubesse disso! Falou que, se a gente deixasse o menino passar o período da tarde na escola, ela ia dar mais aula pra ele durante as férias. Tive uma briga feia com meu marido por causa disso. Hap queria Ronsel do lado dele o dia todo, ajudando na lida. Mas eu bati o pé: falei que a gente precisava deixar nosso filho usar tudinho que o Senhor tinha dado pra ele, não só os braços e as costas fortes.

– Tem certeza que é isso que você quer? – perguntou Hap pro Ronsel.

– Tenho, sim, pai.

– De qualquer jeito, você vai ter que me ajudar até as duas horas todo dia, mais as obrigações de dentro de casa. Não vai ter tempo nem de brincar nem de pescar.

– Eu sei – falou Ronsel.

Hap apenas balançou a cabeça e acabou dando permissão. E, quando veio a guerra, Ronsel encasquetou que queria se alistar no Exército dos brancos. Hap também não entendeu, mas deixou.

Quando eu olhava pras crianças, via nelas um pouco de mim e um pouco de Hap. E amava elas do mesmo modo que amava meu marido, do mesmo modo que me amava também. Mas, quando olhava pra Ronsel, via uma coisa que era só dele, um negócio que não podia ter vindo nem de mim nem de Hap, simplesmente porque a gente não tinha aquilo pra dar. Era um brilho tão forte que às vezes machucava os olhos da gente e que mesmo assim a gente não conseguia parar de olhar.

Eu gostava de todos os meus filhos, mas era do Ronsel que eu gostava mais. Se isso era pecado, Deus havia de me perdoar, já que Ele é que tinha dado as cartas daquele jeito.

LAURA

O ALGODÃO FLORESCEU NO fim de maio. Uma coisa linda de se ver. Era como se estivéssemos cercados por milhares de fadinhas brancas reluzindo ao sol. As flores ficavam rosadas ao fim de alguns dias, depois caíam, deixando em seu lugar um monte de cápsulas verdes não muito maiores que a ponta do meu dedo. Essas cápsulas gestavam durante o verão e abriam no mês de agosto. Pelas minhas contas, minha própria gestação acabaria por volta do ano-novo. Os enjoos haviam começado nos primeiros dias de maio, quando eu já devia estar com uns dois meses de gravidez.

Eu queria ter certeza antes de contar para o Henry. Como em Marietta não tínhamos obstetra, muito menos hospital, a maioria das mulheres paria em casa com a ajuda do Dr. Turpin. Mas eu não pretendia seguir por esse caminho. Já pensava em pedir a Eboline o nome de seu médico em Greenville quando recebi do meu irmão Pearce um oportuno convite para a cerimônia de crisma de Lucy, em Memphis, no fim de junho. Como minha sobrinha Lucy era também minha afilhada, não havia como recusar o convite. E aquela seria uma excelente oportunidade para fazer uma rápida consulta com o Dr. Brownlee, meu antigo obstetra.

Henry não poderia me acompanhar na viagem, mas permitiu que eu levasse as meninas e que ficasse uma semana inteira por lá. Sete dias de civilização! Sete dias sem lama, sem latrina, sem Pappy. Puxa, era tudo de que eu precisava naquele momento! Poderia tomar um banho quente todo dia – até dois, se quisesse. Poderia usar o telefone, tomar chá na confeitaria, ver Renoir no museu. Poderia até passar uma noite em claro, lendo um livro sob a luz forte de uma lâmpada elétrica.

Henry nos levou de carro até a estação ferroviária. Dirigia com sua tranquilidade habitual, reduzindo a velocidade sempre que passava por uma plantação de algodão, soja ou milho, comparando cada uma delas com a nossa. Minha vontade era mandar que ele se apressasse antes que perdêssemos o trem, mas sabia que de nada adiantaria. Henry não dava muita importância à natureza – às florestas, às montanhas ou ao mar –, mas bastava ver uma fazenda bem cuidada para seus olhos brilharem.

Chegamos à estação dez minutos antes do embarque. Henry beijou as meninas e obrigou-as

a prometer que se comportariam direito e tomariam conta da mãe.

– Vou sentir saudades – disse a mim.

O tempo e o prazer diário de ver seu algodão crescer no campo haviam acalmado meu marido, mas ele ainda ficava bravo quando sua autoridade era questionada, e só na semana anterior havia retomado nossas relações íntimas.

– Pena que você não pode vir com a gente – falei.

Imediatamente percebi que não tinha sido sincera. Eu precisava ficar um tempo longe – não apenas de Pappy e da fazenda, mas dele também. Fiquei me perguntando se Henry suspeitava dos meus sentimentos.

– Você sabe que não posso me ausentar por uma semana, não nessa época do ano – explicou. – Além do mais, vai ser muito mais divertido para vocês sem a minha presença.

– Vou escrever todos os dias.

Ele se inclinou e me beijou.

– Só preciso que volte, ok? Não saberia viver sem você.

O tom foi de brincadeira, acompanhado de um sorriso, mas pensei ter detectado nele uma pontinha de preocupação. Senti um princípio de culpa, mas nada que me levasse a dizer: “Não vou sem você.”

A viagem me pareceu interminável. O calor estava sufocante e a fuligem que entrava pelas janelas me deixava enjoada. Mas, para as meninas, que nunca haviam pisado num trem, aquilo foi uma grande aventura. Meus pais nos receberam na estação; papai com um grande abraço, mamãe com a choradeira de praxe.

Após cinco meses de exílio, foi maravilhoso estar novamente entre os meus. Ir à igreja, ver todos os membros da minha família ali reunidos e ouvir suas vozes ecoando nas paredes. Sentar entre minhas irmãs no confortável sofá de Etta, bebericar um chazinho doce e observar as crianças perseguirem insetos na preguiça do entardecer. E o melhor de tudo: compartilhar minhas boas-novas, devidamente confirmadas pelo Dr. Brownlee, e ser objeto das atenções e do carinho de todo mundo. Fossem outras as circunstâncias, em vez de voltar para a fazenda Atoleiro, eu teria me acorrentado à minha velha cama e jogado a chave do cadeado fora. Mas, passados alguns dias, comecei a sentir falta de Henry: dos rangidos da nossa cama quando ele se acomodava à noite; do braço pesado e úmido que ele pousava sobre a minha cintura; da sua respiração junto ao meu ouvido. O amor que eu sentia pelo meu marido sempre aumentava quando eu levava um filho dele em meu ventre. “Isso é obra do Senhor”, diria Florence.

Na noite anterior à nossa partida, no instante em que eu ia apagar o abajur do criado-mudo, ouvi alguém bater de leve à porta do quarto. Mamãe entrou e sentou na cama ao meu lado, trazendo consigo aquele aroma de Shalimar que eu conhecia tão bem. Era o perfume de que papai mais gostava, e ela jamais havia usado outro na vida, assim como jamais cortava os cabelos porque papai gostava deles compridos. Durante o dia, ela os prendia num coque, mas

agora eles caíam numa trança quase infantil, apesar de grisalha. Mamãe estava com 71 anos e, na minha opinião, mais bonita do que nunca. E mais ardilosa do que nunca.

– Tenho pensado muito no seu irmão – disse ela.

– No Pearce?

Pearce era o filho com quem ela mais se preocupava, porque ele era sério demais e se casara com uma mulher muito rica.

– Não, no Teddy.

Por mais que ela tentasse negar, Teddy era o filho predileto. Ele era o predileto de todos. Era um palhaço nato, não se levava nem um pouco a sério e era por isso que todo mundo gostava dele, inclusive Pearce.

– O que tem o Teddy?

– Eu tinha mais ou menos a sua idade quando engravidei dele...

Eu já escutara aquela história um milhão de vezes: o milagre de conceber aos 38 anos, depois de o médico dizer que ela jamais teria outro filho; a tranquilidade que havia sido aquela gravidez; a facilidade do parto.

– “O último a sair foi o que deu menos trabalho” – falei, repetindo o conhecido final da história. – Espero que seja assim para mim também.

– Só que Teddy não foi o último a sair – disse mamãe baixinho.

– Como assim?

– Ele tinha uma irmãzinha gêmea, que nasceu morta dez minutos depois. Não pesava nem dois quilos.

– Mamãe... Teddy sabe disso?

– Não. E você não vai contar para ele. Não quero essa história assombrando a cabeça dele como assombra a minha até hoje. Eu devia ter ouvido o médico quando ele aconselhou que eu não engravidasse novamente. Falou que eu já estava velha demais, que meu corpo não aguentaria o esforço... Mas eu achei que sabia mais do que ele. Aí... aquele bebezinho... sua irmã...

Ela se calou e baixou os olhos para as próprias mãos.

– Está me contando isso agora porque está preocupada comigo? – perguntei.

– Sim.

– Mas, mãe... se você não tivesse engravidado, não teria tido o Teddy. E como é que a gente ia viver sem o Teddy? Impossível!

Ela apertou minha mão e falou:

– Tome muito cuidado, é só isso que peço. Não faça nenhuma besteira. Deixe o trabalho pesado para o Henry e para sua menina de cor. Se ficar cansada, descanse. Descanse até quando não estiver cansada, pelo menos umas duas horinhas toda tarde. Promete?

– Prometo, mãe, prometo. Mas você está se preocupando à toa. Estou ótima.

Ela pousou a mão no meu cabelo e começou a fazer carinho nele, exatamente como fazia

quando eu era criança. Fechei os olhos e, sentindo-me segura naquele afago de mãe, deixei o sono chegar.

NO DIA SEGUINTE, RETORNEI para a fazenda, não exatamente pulando de felicidade, mas com boa vontade. Henry ficou extasiado com a notícia.

– Esse vai ser menino – afirmou. – Posso sentir nos ossos.

“Que os ossos dele estejam certos!”, pensei. Eu tinha verdadeira adoração por minhas filhas, claro, mas agora queria um outro tipo de amor, menos complicado, menos poluído pelos julgamentos e pelas comparações com a mãe; o mesmo amor que minhas irmãs tinham por seus meninos e que meus irmãos tinham por suas meninas.

– Bem, uma coisa é certa: é um menino que tá aí dentro dessa barriga – afirmou Florence quando lhe contei que estava grávida.

– Como é que você sabe?

– Faz dois mês que sei. Tinha sinal pra todo lado, tava escrito na sua testa.

“Ela soube antes mesmo de mim?”, pensei, sem levar a ideia muito a sério.

– Que sinais? – perguntei.

– Bem, os enjoos da manhã, que a senhora quase não teve. Isso é sinal de menino. A vontade de comer carne e queijo, mais que doce.

– Nunca fui muito de comer doce.

– Além do mais – acrescentou ela, com o dedo em riste –, os travesseiros da senhora tão virado pro norte.

– Que diferença isso faz?

A expressão atônita em seu rosto parecia questionar: “Como é possível você não conhecer um fato que o mundo inteiro conhece?”

– A senhora vai vê. Daqui a seis mês.

A relação de Florence comigo era a mesma de antes. No entanto, ela agora ficava muito mais tensa quando se achava perto de Pappy e, num grau menor, de Henry. Provavelmente por causa do problema deles com Ronsel. Creio que não tornamos a vê-lo depois do dia em que ele apareceu para se desculpar com o velho. Melhor assim, pelo seu próprio bem. Ronsel e Pappy não eram óleo e água; eram óleo e fogo. O mais prudente era ficarem bem longe um do outro.

Minha vontade também era ficar o mais longe possível do meu sogro, só que, infelizmente, não havia como. O velho vivia no meu pé; e tudo piorou depois que Henry mandou que ele nos ajudasse no trabalho da casa. Henry sempre se mostrou mais cuidadoso comigo durante os meses de gravidez, mas dessa vez ele estava muito mais preocupado e rigoroso: em hipótese alguma eu deveria correr riscos ou fazer extravagâncias. Florence tinha apenas duas mãos, então cabia a Pappy ordenhar a vaca, desnatar o leite para fazer manteiga, carregar o que precisasse ser carregado...

– Era de se esperar que um homem pudesse descansar um pouco na velhice, que a família não o colocasse para trabalhar como um crioulo – disse certo dia.

– É só por um tempo, Pappy. Só para garantir que o bebê vai nascer com saúde.

Ele riu com sarcasmo e falou:

– Era só o que faltava. Mais uma menina nessa casa.

JULHO PASSOU VOANDO. Os dias estavam bem mais quentes, o algodão crescia. Minha barriga ainda não aparecia, mas eu podia sentir a presença do bebê dentro dela, apenas uma pequena centelha que eu alimentava com preces sussurradas, pedindo a Deus que tudo corresse bem. A gravidez havia eliminado os conflitos que ainda existiam entre mim e Henry, desfazendo todas as mágoas, deixando-nos bem mais próximos um do outro. Começamos a conversar sobre como seria quando o bebê nascesse. Não havia a menor possibilidade de permanecer na fazenda com um recém-nascido. Henry prometeu que procuraria uma casa para alugar logo depois da colheita. Disse que, se necessário, mudaríamos para uma das cidades vizinhas, Tchula ou Belzoni, mesmo que isso implicasse um deslocamento maior. A ideia de voltar a morar numa casa de verdade era maravilhosa. De repente, comecei a sentir um princípio de tristeza por ter que deixar nossa fazenda. Havia dias em que eu até apreciava certos aspectos mais rústicos da nossa vida ali.

Foi num dia assim, um sábado inusitadamente fresco para um fim de julho, que se deu o desastre. Henry estava fora, como sempre ocorria quando algo de ruim acontecia. Ele e Pappy tinham ido a Lake Village para ver uns porcos e eu estava sozinha com as meninas. Elas faziam tortas de lama perto da bomba d'água enquanto eu remendava uma camisa de Henry à sombra do carvalho. Um ventinho fresco chegava de longe, trazendo consigo o cheiro doce do pesticida que o monomotor havia fumegado na plantação naquela manhã. Devo ter cochilado, porque não vi quando Vera Atwood entrou no quintal. Despertei apenas quando reconheci sua voz estridente e infantil.

– Onde está a mamãe de vocês?

– Estou aqui, Vera.

Ela virou para trás e só então me viu. Com certeza tinha vindo correndo de casa, pois a respiração estava ofegante e o vestido empapado de suor.

– O que foi? – perguntei.

– A senhora precisa me levar até a cidade. Vou matar Carl.

Só então notei a faca de cozinha que ela trazia na mão. As meninas estavam logo ali, do lado dela. Fiquei de pé e falei:

– Venha aqui, Vera. Diga o que aconteceu.

Ela caminhou na minha direção com as pernas meio bambas. As meninas ameaçaram vir atrás, mas sinalizei para que ficassem onde estavam. Amanda Leigh segurou a mão da irmã.

– Ele foi pro lado da Alma também – disse Vera.

– Como assim?

– Pra fazer a mesma coisa que fez com a Renie. Não posso deixar ele fazer isso. A senhora tem que me levar até a cidade.

– Ele bateu na menina?

– Não.

Quando finalmente entendi o que ela queria dizer, senti um calafrio na espinha. Renie era a filha mais velha deles. Florence havia feito o parto do bebê dela em fevereiro, dois meses antes de fazer o parto da própria Vera. As duas crianças morreram alguns dias após o nascimento.

“Morte de berço”, como dizia Florence.

– Mas ele não vai pegar a Alma, não se depender de mim – declarou Vera.

– Onde ele está agora?

– Foi comprar munição na cidade. Falou que vai levar Alma pra caçar com ele hoje de tarde.

“O importante é esticar a conversa o máximo possível”, pensei comigo mesma. Henry e Pappy chegariam a qualquer momento.

– Pra caçar? – falei.

– Foi assim que ele começou com Renie, levando ela pro mato junto com ele.

– Como você pode ter certeza que ele...?

– Renie não conseguia comer nada do que eles traziam. Veado, coelho, esquilo... tanto fazia, ela nem mexia no prato. Falava que não tava com fome. Ao contrário do Carl, que raspava o prato como se não tivesse comido nada a semana inteira, chupando os ossos e falando que não tinha comida melhor do que aquela que você mesmo caça e leva pra casa. “Você não acha, Renie?”, perguntava pra menina. E ela, magrinha de dar dó, não falava nada, só olhava pro prato como se a comida estivesse podre.

Vera cambaleava sobre os pés descalços com a faca ainda na mão, a cabeça ligeiramente caída para o lado, os olhos esbugalhados e vidrados. Lembrava a mulher hipnotizada que eu vira certa vez num parque de diversões.

Esticar a conversa.

– Você chegou a conversar com ele sobre isso? – questionei.

– Não ia adiantar nada, porque ele ia negar. Quando a barriga da Renie começou a crescer, perguntei quem tinha feito aquilo, mas ela não respondeu, nem mesmo quando ameacei com a vara. Ela aceitou a surra sem falar uma palavra, como se tivesse feito por merecer. Na minha cabeça eu já sabia a verdade, mas não queria saber. Disse a mim mesma: se nascer menino, então o pai é outra pessoa, mas se nascer menina... aí só pode ser o Carl, porque daquele homem só sai menina. E quando a criança nasceu e vi ela peladinha... A semente era mesmo do Carl.

Olhei de relance para Amanda Leigh e Isabelle. Havia respingos de lama no vestidinho

xadrez que as duas usavam e na testa da menor. Isabelle acompanhava nossa conversa de longe, chupando o dedo polegar.

– Olhe pra mim – disse Vera.

Obedeci imediatamente.

– Olhe pra mim! – repetiu ela mais alto.

– Estou olhando, Vera. Estou vendo você, bem aqui na minha frente.

– Alguns dias depois do nascimento, entrei no quarto e deparei com Carl segurando a criança no colo, deixando que ela mamasse o dedo dele, e Renie lá na cama, olhando pros dois. Foi aí que resolvi.

– Resolveu o quê? – perguntei, mesmo sabendo a resposta.

– Esperei até todo mundo dormir. Então peguei um travesseiro e despachei o bebê pra longe do alcance dele. Fiz por ele o que não fiz por Renie.

– E o seu próprio bebê?

Ela fez uma careta, parou do meu lado e espetou a ponta da faca no meu rosto. Meu coração retumbava.

– A senhora tem que me levar pra cidade *agora* – ordenou.

O hálito era o de quem tinha os dentes podres. Apesar das ânsias de vômito, consegui dizer:

– Escute, Vera. Meu marido não vai demorar. Assim que ele chegar, explicaremos tudo. Henry vai saber o que fazer.

– Não – disse a mulher. – Não posso esperar. A gente tem que ir agora. Anda, vem.

Ela me pegou pelo braço e me arrastou até a caminhonete, mas a chave não estava lá; estava pendurada num prego junto da porta. Amanda Leigh e Isabelle assistiam a tudo com os olhos arregalados de medo. O que fazer com elas? Seria muito perigoso deixá-las sozinhas na fazenda; eram novinhas demais. Mas também não poderia levá-las comigo. Vera não tinha a intenção machucá-las, mas, no estado em que se achava, tudo era possível. Imaginei Carl tentando impor um beijo na filha caçula. Imaginei Vera sentada ao lado das meninas na caminhonete com aquela faca de cozinha na mão.

– Não vai dar, Vera – falei.

– Por que não?

– Henry não me deixa dirigir a caminhonete. Nem sei onde ele guarda as chaves.

– Mentira.

– É verdade! Juro! A única vez que dirigi esse carro, quase acabei com ele. Está vendo aquele amassado no para-lama? Eu que fiz. Henry ficou tão bravo que escondeu a chave.

Vera me agarrou pelos ombros. Os olhos estavam esbugalhados e as pupilas dilatadas, apesar da claridade do dia.

– Eu preciso fazer alguma coisa! – berrou ela enquanto me sacudia. – Você precisa me ajudar a deter aquele homem!

Quase vomitei outra vez. Senti o corpo amolecer.

– Não tem nada que eu possa fazer, Vera. É bem possível que Henry tenha levado a chave com ele!

Ela enfim me largou, deixando que eu desabasse no chão. Depois jogou a cabeça para trás e deu um grito, um grito de desespero, um grito tão comovente que precisei me conter para não correr e buscar a chave da caminhonete.

– Mamãe? – chamou Amanda Leigh com um fiapo de voz, assustada.

Olhei para as minhas filhas, depois para Vera. Vi a loucura sumir da expressão dela.

– Vocês não precisam ter medo – falou para as meninas. – Não vou machucar a mamãe de vocês. – Depois se virou novamente para mim. Seus olhos estavam serenos, terríveis. – Vou embora.

– Vou falar com Henry assim que ele chegar. Ele vai ajudar você, prometo.

– Vai ser tarde demais.

– Vera...

– Cuida bem das suas filhas – pediu, e em seguida voltou para a estrada, caminhando rumo à cidade com passos firmes, a faca refletindo a luz do sol.

As meninas correram na minha direção. Foi então que senti a primeira cólica, algo parecido com as dores do parto. Caí de joelhos, pressionando a barriga com as mãos.

– O que foi, mamãe? – perguntou Amanda Leigh.

– Filha, você já é grande, vai poder ajudar a mamãe. Vá chamar a Florence pra mim, lá na casa dela. Você sabe chegar lá?

Ela fez que sim com a cabeça, séria.

– Então vá depressa. Corra o mais rápido que conseguir.

Ela foi. Senti mais uma cólica, como se alguém apertasse minhas entranhas com a mão, depois senti a umidade entre as pernas. Isabelle chorava, agarrada a mim. Deitei no chão e abracei minha filha, deixando que ela chorasse por nós duas e pelo irmãozinho que não teria mais.

O CORPO DE CARL foi encontrado na estrada, entre a fazenda e a cidade. Vera o matou com dezessete facadas, depois seguiu até Marietta e se entregou ao xerife Tacker. Rose e Bill viram quando ela passou pela Main Street. Estava coberta de sangue.

Soube desses detalhes mais tarde. Naquele momento, eu estava imersa demais na minha própria tragédia para dar atenção à tragédia alheia. Dormia tantas horas quanto meu corpo permitia; acordava a contragosto e continuava deitada com o rosto virado para a parede. Levantava apenas para usar a latrina. Florence cuidava de mim, obrigando-me a comer, a trocar de camisola. Volta e meia as meninas apareciam com algum presente: flores que haviam colhido no mato, desenhos que tinham feito, uma pele de cobra que haviam encontrado em

algum lugar (e que me deixou enojada, por mais que eu tentasse demonstrar o contrário). Rose veio me ver algumas vezes, trazendo notícias da cidade e pigarreando meio sem jeito quando eu permanecia calada. Henry tentava me consolar na cama à noite, mas eu permanecia rígida quando ele me abraçava, e após algum tempo ele deixou de me procurar.

Uma semana se passou, depois outra. As crianças ficaram irrequietas e a compaixão de Henry se transformou em impaciência. Um dia, ouvi quando ele disse a Florence:

– Por que ela não levanta da cama?

– Dá mais um tempo pra ela, Sr. McAllan. O bebê deixou um buraco que ainda não foi preenchido.

Mas Florence estava enganada. Faltava pouco para que esse buraco transbordasse, de tão preenchido que estava. Preenchido de raiva. Raiva de Vera e de Carl, raiva de Henry, raiva de Deus e, sobretudo, de mim mesma. Uma raiva que eu sentia arder no meu peito e que alimentava recriminações e um monte de conjeturas: E se Florence não estivesse de folga naquele dia? E se Henry não tivesse me deixado sozinha com as meninas? E se ele não tivesse me trazido para a brutalidade daquele lugar? E se eu tivesse ouvido quando ele disse que numa fazenda não havia lugar para a piedade? A última pergunta se repetia em minha mente, martelando minha consciência. Não conseguia esquecer do rosto de Henry ao entrar no quarto e me encontrar deitada na cama, vazia do nosso filho; do esforço que ele precisou fazer para disfarçar a decepção e não me magoar; do carinho que ele demonstrou. Carinho por mim, pela mulher que acabara de perder o filho dele porque tinha sido burra e teimosa. Sim, eu sabia que abortos espontâneos eram comuns, principalmente em mulheres da minha idade, mas ainda não conseguia afastar a ideia de que Vera era a culpada de tudo, de que nada daquilo teria acontecido se Henry tivesse dispensado os Atwoods como pretendia fazer. O bebê era um menino, tal como a gente queria. Florence não me disse nada, nem deixou que eu visse o feto, mas isso estava escrito na testa dela. E na de Henry.

Retomei minha vida numa segunda-feira, umas três semanas após o aborto. Não se falou uma palavra sobre o período em que eu passara na cama, esperneando e xingando. Tomei um banho para tirar o azedume do corpo, vesti uma roupa limpa e assumi novamente o papel de esposa e mãe, ainda que sem grande entusiasmo. Depois de um tempo, percebi que não era necessário entusiasmo. Enquanto eu fizesse o que era esperado de mim (cozinhasse as refeições, beijasse os machucados das minhas filhas para sará-los, aceitasse os novos avanços de Henry na cama), minha família se daria por satisfeita. O que me deixava com um certo ódio deles. Às vezes eu acordava no calor sufocante da madrugada e dava asas à imaginação: me via levantando da cama, vestindo uma roupa qualquer, me despedindo das minhas filhas com um beijinho rápido na testa, pegando as chaves do carro no prego junto à porta, atravessando o lamaceiro do quintal, entrando no carro e fugindo dali, cruzando a ponte em direção à rodovia e rumando para leste até encontrar as areias de uma praia. Fazia tanto tempo que eu não sentia o cheiro nem mergulhava nas águas refrescantes e esverdeadas do mar!

Nunca levei esse impulso adiante, claro. Mas às vezes me pergunto se não teria feito exatamente isso se Jamie não tivesse vindo morar conosco.

NÃO ESPERÁVAMOS SUA CHEGADA; achávamos que ele estava em Roma. Em maio, tínhamos recebido um cartão-postal com a imagem do Coliseu e uma mensagem escrita às pressas no verso, dizendo como as italianas eram quase tão bonitas quanto as sulistas americanas. O que bastou para me fazer rir. Henry, por sua vez, não achou muita graça.

– Há algo errado – disse ele. – Jamie está rodando pelo mundo como se fosse um cigano e não volta para casa.

– Sei que você não vai entender – falei –, mas nem todo mundo quer morar numa fazenda no Mississippi. Além disso, seu irmão ainda é jovem, não deve nada a ninguém. Tem o direito de viajar para onde quiser.

– Estou lhe dizendo, há algo errado – repetiu Henry. – Conheço meu irmão. Ele está com algum problema.

Eu não queria acreditar nisso, então não acreditei. Não havia problema algum com Jamie.

Ele chegou no fim de agosto, num daqueles dias compridos e quentes que antecediam a colheita. Fui a primeira a vê-lo, um vulto indistinto, bruxuleando no calor do dia, vindo pela estradinha de terra com uma mala em cada mão. Estava de chapéu, portanto não vi o cabelo ruivo, mas sabia que era ele só pelo modo de andar: tronco ereto, ombros firmes, os quadris absorvendo todo o impacto. O caminhar de um astro do cinema.

– Quem é aquele? – perguntou Pappy, estreitando os olhos para enxergar melhor através da nuvem de fumaça que o cercava.

Nós dois estávamos na varanda, eu fazendo manteiga, ele, o nada de sempre. As meninas brincavam no quintal. Henry alimentava os animais no celeiro.

Por motivos que não consigo explicar nem para mim mesma, balancei a cabeça como se não soubesse a resposta para a pergunta do velho. Quanto mais Jamie se aproximava, mais eu discernia os detalhes: os óculos de aviador, as manchas de suor na camisa branca, as calças de prega que escorregavam da cintura fina. Assim que nos avistou, ele ergueu uma das malas para nos cumprimentar.

– É o Jamie! – exclamou Pappy, acenando para o filho com a bengala.

Não havia nada de errado com a perna do velho. Pappy tinha a agilidade de uma raposa. A bengala era apenas para impressionar, um adereço que ele usava sempre que queria aparentar nobreza ou fugir do trabalho.

– Sim, acho que é ele.

– Então não fique parada aí, mulher! Vá lá receber ele!

Engoli a resposta malcriada que tinha na ponta da língua (pelo menos dessa vez eu queria obedecê-lo) e corri na direção da estrada, envergonhada das minhas próprias marcas de suor,

da pele queimada de sol, dos cabelos sujos. Tentei dar um jeito neles com a mão e senti os fios se agarrarem nos calos da palma. “Mãos de fazendeira, é isso que tenho agora”, pensei.

Eu já estava a uns cem metros de casa quando Pappy gritou:

– Henry! Seu irmão voltou! Henry!

Henry emergiu do celeiro com um balde de ração.

– O quê? – berrou ele de volta.

Assim que avistou Jamie, escancarou um sorriso, largou o balde no chão e saiu em disparada para encontrar o irmão. Por causa da perna ruim, se deslocava de um jeito esquisito, mas aparentemente não se importava com isso. Corria com a alegria e o despudor de um colegial, e Jamie também vinha correndo ao encontro dele. De repente, me dei conta de que jamais vira meu marido correr antes. Era como se estivesse vendo um outro lado dele, um lado secreto do qual eu nem suspeitava.

Os dois se encontraram a uns dez metros de onde eu estava. Abraçaram-se com muitos tapinhas nas costas, depois se afastaram e examinaram o rosto um do outro. Um ritual entre irmãos. Fiquei esperando.

– Você está ótimo – disse Jamie. – Está fazendo o que sempre quis.

– Você está péssimo – devolveu Henry.

– Puxa, quanta gentileza!

– Você precisa colocar mais carne nesse esqueleto aí, rapaz. Deixar essa cara branca debaixo do sol do Mississippi.

– Foi para isso que eu vim.

– Como foi que chegou aqui?

– Peguei uma carona até Greenville. Aí conheci um dos seus vizinhos no mercado da cidade e ele me deixou na ponte.

– Por que Eboline não trouxe você?

– Uma das meninas não estava muito bem. Dor de cabeça ou algo assim. Eboline falou que não podia deixá-la sozinha.

– Que bom que você não esperou – disse Henry.

Só então Jamie virou para mim e me olhou daquele mesmo jeito de antes, como se realmente estivesse me vendo, correndo os olhos de cima a baixo. Abriu os braços e exclamou:

– Laura!

Ao abraçá-lo, fiquei um tanto chocada. Jamie estava bem mais magro, as costelas saltavam para fora como as teclas pretas de um piano. Achei que, se quisesse, conseguiria carregá-lo no colo; e de repente tive uma vontade irracional de fazer justamente isso. Recuei na mesma hora, aturdida. Ciente dos olhos dele sobre mim.

– Seja bem-vindo, Jamie. É muito bom ver você outra vez – falei.

– É muito bom ver você também, cunhadinha querida. Então? Está gostando de viver aqui, nisto que Henry considera o paraíso?

Por sorte, o velho me poupou de contar uma mentira.

– Filho ingrato, nem lembra que tem pai – berrou ele da varanda.

– Ah, a voz suave e adorável do nosso pai – disse Jamie. – Eu até já tinha esquecido a falta que ela me fazia.

Henry pegou uma das malas e fomos os três caminhando juntos para a casa.

– Acho que ele fica muito sozinho aqui – explicou Henry. – Sente muito a falta da mamãe e de Greenville.

– Ah, é essa a desculpa que ele tem dado ultimamente?

– Não. Papai não é homem de dar desculpas, você sabe disso. Ele sentiu muito a sua falta, Jamie.

– Aposto que sentiu. Aposto também que parou de fumar e se filiou à NAACP, a associação para o progresso de pessoas de cor.

Ri da resposta dele, mas foi com seriedade que Henry falou:

– Acredite em mim, ele sente sua falta. Não admite, mas sente.

– Se é o meu irmão que está dizendo... – Jamie abraçou Henry e depois declarou: – Hoje não vou discutir com você. Mas devo admitir: foi muita generosidade sua receber e aturar o velho esses meses todos.

Henry deu de ombros, respondendo:

– É o nosso pai.

Senti uma pontinha de inveja e vi o mesmo sentimento no rosto de Jamie. Como as coisas eram simples para o meu marido! Como eu gostaria de, pelo menos às vezes, viver naquele seu mundo de linhas claras e ângulos retos, onde só havia certo ou errado, onde nunca havia dúvida ou questionamento! Que luxo seria jamais ter que se debater com os porquês e serás, jamais ter que passar noites em claro se perguntando: “E se...?”

À NOITE, DURANTE o jantar, Jamie nos presenteou com as histórias de suas viagens. Tinha rodado de norte a sul na Europa, da Noruega a Portugal, quase sempre de trem, mas algumas vezes de bicicleta ou a pé. Contou sobre as estações de esqui nos Alpes suíços, onde as montanhas eram tão altas que os picos furavam as nuvens, onde a neve era tão espessa e macia que parecia um colchão de penas. Levou-nos aos cafés de Paris com suas mesinhas na calçada; seus garçons sempre impecáveis de camisa branca e avental preto; seus doces com um milhão de camadas, mais finas que uma folha de papel. Levou-nos às touradas de Barcelona, onde os toureiros eram tratados como deuses por uma plateia de milhares de pessoas; ao cassino de Mônaco, onde ele ganhou cem dólares numa única rodada de bazar e usou o dinheiro para presentear Rita Hayworth com uma garrafa de champanhe.

Do jeito que falava, tudo parecia ter sido grandioso e extraordinário, mas eu não pude deixar de notar certo desconforto em seu rosto e um pequeno tremor nas mãos sempre que ele

acendia um dos seus cigarros Lucky Strike. Jamie quase não comeu, preferindo fumar um cigarro atrás do outro. A fumaça na sala era tanta que os olhos das crianças começaram a arder. Mas elas não reclamaram. As duas estavam completamente fascinadas pelo tio, em especial Isabelle, que caprichava no charme toda vez que olhava para ele e pediu para se sentar em seu colo. Eu nunca tinha visto Isabelle tão encantada com alguém.

Henry era o único que parecia impaciente com as histórias de Jamie, franzindo a testa sem parar. A certa altura, não se contendo, finalmente disse:

- Então foi isso que você fez esses meses todos em vez de voltar para casa?
- Eu precisava de um tempo – explicou Jamie.
- Para brincar na neve e comer pão francês?
- Cada um tem seu próprio jeito de se curar.

Henry fez um gesto que deixou Jamie assustado.

– Bem, se é isso que você chama de “curar” – falou –, tenho até medo de saber o que é “ferir” para você.

Jamie suspirou, depois correu a mão pelo rosto. As veias no dorso dela pareciam fios elétricos azuis, grossos e salientes.

– Você machucou, tio Jamie? – perguntou Isabelle, preocupada.

– Todo mundo se machucou um pouquinho na guerra, meu amor. Mas vou ficar bom. Você sabe o que significa *bella*?

Ela balançou a cabeça.

– Significa “bonita” em italiano. Acho que é assim que vou chamar você daqui pra frente: Bella. Você vai gostar?

– Vou, sim, tio Jamie!

Eu curaria aquele homem. Cozinharía para fortalecê-lo com a minha comida, tocaria piano para consolá-lo com a minha música, contaria histórias para arrancar sorrisos dele. Não os sorrisos cansados daquela noite, mas outros tão radiantes e despreocupados quanto aqueles que eu tinha visto no Peabody Hotel tantos anos antes.

A guerra havia roubado um pouco da sua luz, mas eu traria essa luz de volta.

HENRY

A GUERRA MUTILOU MEU irmão. Na cabeça, onde ninguém podia ver. O papo simpático, os flertes com Laura e as meninas... tudo fachada. Notei que ele não estava bem assim que o vi. Magro demais, irrequieto. Os olhos tinham aquele mesmo assombro que eu vira tantas vezes na minha própria passagem pelo Exército. Eu conhecia de perto os horrores que ele presenciou.

Jamie não tinha o couro tão curtido quanto o meu; nunca teve. Estava sempre pescando elogios e ficava amuado quando fisgava poucos ou nenhum. Não tinha consciência do próprio valor – aquela consciência que um homem precisa ter mais dentro das tripas do que na cabeça. A culpa era do nosso pai, que vivia no pé do garoto, diminuindo ele. Pappy achava que enganava todo mundo, mas eu sempre soube por que ele fazia aquilo: porque amava meu irmão como jamais amara ninguém na vida, nem mesmo a mamãe. Queria que Jamie fosse igual a ele e ficava furioso quando o menino não conseguia ou – o que era mais frequente – não queria ser como ele. Não era fácil ver aquilo, mas aprendi a não meter a colher. Todos nós aprendemos, inclusive mamãe. Defender Jamie só fazia com que Pappy implicasse ainda mais com ele.

Jamie devia ter uns 6 ou 7 anos quando, num Natal que passei em casa, fomos ao depósito buscar lenha e deparamos com uma cobra. Peguei um machado e decapitei o bicho, mas Jamie gritou.

– Deixe de ser maricas, menino! – exclamou Pappy, dando um sopapo na cabeça dele. – Senão vão achar por aí que tenho três filhas em vez de duas!

Jamie empertigou o tronco, fingindo que não ligava. Desde pequeno era bom em representar, mas eu sabia que ele estava magoado.

– Por que o senhor fez isso? – perguntei a Pappy assim que ficamos sozinhos.

– Isso o quê?

– Por que humilhou o garoto daquele jeito?

– Pelo bem dele – respondeu Pappy. – Você, sua mãe e suas irmãs... vão acabar estragando esse menino com tanta paparicação. Alguém precisa preparar ele para a vida.

– Jamie vai acabar odiando o senhor se não tomar cuidado.

Pappy olhou para mim com uma expressão de escárnio.

– Quando ele virar homem, vai entender. E me agradecer!

Meu pai morreu esperando esse agradecimento. Não sinto o menor prazer em dizer isso.

JAMIE NÃO CONVERSAVA COMIGO sobre a guerra. Isso acontecia com a maioria dos veteranos ou, pelo menos, com aqueles que haviam passado por combates de verdade. Os que contavam histórias eram, em geral, os que tinham passado a maior parte do tempo longe da linha de frente. E só os que nunca serviram é que gostavam de ouvir. Nosso pai não perdeu tempo antes de despejar suas perguntas. Na primeira noite de Jamie em casa, assim que Laura e as meninas foram dormir, ele perguntou:

– E aí? Como é essa vida de herói?

– Eu não saberia dizer – respondeu Jamie.

Pappy riu de modo irônico e disse:

– Não me venha com essa. Eles escreviam para mim, contando das suas medalhas por valentia.

As “medalhas por valentia” de Jamie incluíam a Silver Star e a Distinguished Flying Cross, duas das condecorações mais importantes que um piloto de guerra pode receber. Ele nunca falou dessas medalhas em suas cartas. Se Pappy não tivesse sido notificado pela Força Aérea, nenhum de nós teria sequer sabido da existência delas.

– Tive sorte – disse Jamie. – Uma sorte que muitos dos meus companheiros não tiveram.

– Mas pelo menos elas serviram para conquistar a mulherada.

Jamie simplesmente deu de ombros.

– Ele nunca precisou de medalha para isso – falei.

– Claro que não – disse Pappy. – Nisso ele puxou ao pai. Eu não tinha um tostão furado quando a mãe de vocês casou comigo. A moça mais bonita de Greenville podia ter casado com quem quisesse, mas foi a mim que ela escolheu.

O que era verdade, pelo menos até onde eu sabia. Mamãe nunca contestava a versão que ele dava dos fatos. Às vezes, acho que os dois se casaram só porque se achavam bonitos.

– E ela não era a única – prosseguiu Pappy. – Elas viviam atrás de mim, filho, exatamente como fazem com você hoje.

Jamie se ajeitou na cadeira. Detestava ser comparado ao nosso pai.

– Mas uma coisa é certa – continuou Pappy. – Você deve ter matado um monte de chucrute pra ganhar essas medalhas todas.

Jamie ignorou o comentário. Olhou para mim e disse:

– Tem alguma coisa para beber nesta casa?

– Acho que tem uma garrafa de uísque por aí.

– Uísque está ótimo.

Encontrei a garrafa e servi dois dedos da bebida para cada um de nós. Jamie tomou-a de um gole só, depois se serviu de mais duas doses. Fiquei surpreso. Nunca soube que ele gostasse de beber.

– Mas e aí? – insistiu Pappy. – Quantos você apagou?

– Não sei.

– Calcule.

– Não sei – repetiu Jamie. – Que importância isso tem?

– Um homem precisa saber quantos ele matou.

Jamie deu um gole demorado no uísque, depois sorriu a contragosto e declarou:

– Mais de um, isso eu garanto.

Pappy estreitou os olhos, contrariado, e eu xinguei mentalmente. Em 1934, quando ainda trabalhava na ferrovia, Pappy matou um homem, um presidiário que fugira de Parchman e tentara assaltar alguns passageiros com uma arma em punho. Pappy sacou seu próprio revólver e atirou no sujeito, acertando-o no olho. Um único tiro, disparado com a mais absoluta precisão, ou pelo menos era isso que ele contava. Com o passar dos anos, a história foi adquirindo ares de mito: o pavor das mulheres e crianças; o sangue-frio do condutor, que não sentira nem um pinga de medo; os aplausos quando ele tirou o cadáver do trem e deixou aos pés do xerife. Matar aquele fugitivo havia sido a grande façanha do nosso pai, a coisa da qual ele mais se orgulhava na vida. Jamie sabia que não devia fazer pouco caso disso.

– Bem – ironizou Pappy –, pelo menos eu estava frente a frente com *o meu* quando matei ele. Bem diferente de despejar uma bomba a 2 quilômetros de altura.

Jamie cravou os olhos no copo de uísque e assim permaneceu, tenso e mudo.

– Acho que vou dormir – falei. – Amanhã tenho que acordar cedo.

– Vou terminar esta dose primeiro – disse Jamie.

Pappy se levantou com um grunhido, pegando um dos lampiões.

– Não vá me acordar quando entrar – falou para Jamie.

Fiquei um pouco mais com meu irmão. Com dois ou três goles ele terminou seu uísque e olhou para a garrafa como quem pedia mais. Alcancei-a antes dele, guardando-a de volta no armário.

– O que você precisa é de uma boa noite de sono. Venha, Laura já fez sua cama.

Peguei o outro lampião e fui com ele para o anexo. À porta, junto com um abraço rápido, falei:

– Seja bem-vindo, Jamie.

– Obrigado, Henry. É muita gentileza sua e de Laura me receber aqui.

– Bobagem. Você é da família e esta casa é sua também. Pode ficar quanto quiser.

– Não posso me demorar muito.

– Por que não? Aonde mais você precisa ir?

Ele apenas balançou a cabeça e olhou para o céu. Era numa noite de céu limpo, o que para

mim era ótimo. Eu precisava que o algodão permanecesse sequinho até a colheita. Depois, poderia chover à vontade.

– Na verdade, era bem mais do que 2 quilômetros – disse Jamie. – Seis ou sete, no mínimo.

– Do que você está falando?

– A altitude em que a gente despejava as bombas.

– E como alguém consegue enxergar alguma coisa a uma distância dessas?

– Dá para ver mais do que você imagina – explicou ele. – Estradas, cidades, fábricas. Só não dá para ver as pessoas. A 20 mil pés de altitude, elas não são nem formigas. – Jamie riu de modo sarcástico, igual ao nosso pai. – Quantos você matou, Henry? Na Grande Guerra?

– Não sei exatamente. Cinquenta, talvez sessenta homens.

– Só?

– Quando fui ferido, fazia apenas seis semanas que estava na França. Uma sorte, eu acho.

Jamie permaneceu calado por um bom tempo.

– Pappy tem razão – falou afinal. – A gente precisa saber.

Depois que ele foi dormir, apaguei o lampião e fiquei na varanda mais um pouco, ouvindo o barulhinho dos pés de algodão balançando ao vento. “Jamie precisa de mais do que apenas uma boa noite de sono”, pensei. Precisava de uma casa, de uma boa mulher sulista que lhe desse filhos e o ajudasse a fincar raízes novamente em sua terra natal. Tudo isso viria com o tempo, eu não tinha a menor dúvida. Mas, naquele primeiro momento, ele precisava de uma boa dose de trabalho duro para tirar o veneno de suas feridas. Trabalho duro e noites tranquilas na companhia de uma família carinhosa. Eu, Laura e as meninas daríamos isso a ele. Ajudaríamos meu irmão a se curar.

Quando entrei no quarto, achei que Laura estivesse dormindo, mas, assim que me juntei a ela debaixo das cobertas, falou baixinho:

– Quanto tempo ele pretende ficar?

– Não muito, foi o que disse. Mas vou tentar fazer com que mude de ideia.

Laura suspirou, soprando um jato de ar quente na minha nuca.

A COLHEITA COMEÇOU DUAS semanas depois. Os algodoeiros estavam tão pesados que mal conseguiam ficar de pé. Devia haver umas cem cápsulas por arbusto, todas gordas e peludas de tanta fibra. O ar cheirava a algodão. Olhando aquelas terras e sentindo o perfume poeirento que exalavam, eu tinha a sensação de que tudo estava bem no mundo, uma sensação que, até onde me lembrava, jamais experimentara na vida. Eram as minhas terras e a minha plantação. A plantação que eu extraía do solo com o esforço do meu próprio trabalho e das minhas próprias habilidades. Não há nada no mundo que possa dar tamanha felicidade a um homem.

Contratei oito famílias de cor para trabalhar na colheita, as únicas que consegui encontrar. Orris Stokes estava certo: trabalhadores rurais andavam cada vez mais escassos. Era difícil

entender por que uma pessoa, fosse ela preta ou branca, preferia trabalhar no fedor infernal de uma fábrica ou morar na imundície de uma favela na cidade a trabalhar no campo. No mercado dos Tricklebanks só se falava das máquinas novas que algumas das grandes plantações vinham usando na colheita. Mas eu nunca ia querer uma máquina dessas, mesmo que tivesse dinheiro para comprar uma. Nada substitui um preto na colheita. Não tem máquina que seja melhor do que eles. Colher algodão está no sangue dos negros sulinos, está incrustado em seus ossos.

Basta observar as crianças de cor numa plantação. Elas ainda nem batem no joelho dos pais, mas os dedinhos já sabem o que fazer. Claro, trabalhar com pretos na colheita não é lá muito diferente de trabalhar com eles em qualquer outra coisa – é preciso ficar de olho para ter certeza de que não estão passando a perna na gente, de que não estão misturando fibra no algodão para aumentar o peso da sua produção. Se levarmos isso para o descaroçamento, a qualidade do algodão cai muito. Aquele que for pego fazendo tal trapaça tem seu pagamento cortado pela metade. Depois que comecei a agir assim, foi batata: não houve mais quem não viesse a mim com o algodão limpinho.

Jamie me ajudou muito. Meu irmão realizava com afinco toda tarefa que eu lhe delegava, sem jamais reclamar do cansaço ou do calor. Às vezes era rígido demais com ele mesmo, mas eu não falava nada. Quanto à cabeça, tinha seus altos e baixos. Ficava bem por uns três ou quatro dias, depois tinha um dos costumeiros pesadelos e acordava a casa inteira com seus berros no meio da madrugada. Eu ia até lá e tentava acalmá-lo, enquanto Pappy falava palavrões por ter sido acordado. Pappy via naquilo uma fraqueza de espírito, algo que Jamie podia consertar se quisesse. Eu tentava explicar que não era bem assim e que, embora tivesse passado bem menos tempo que Jamie na guerra, também sofrera com pesadelos semelhantes.

– Seu irmão precisa embrutecer – disse ele certo dia. – Vocês nunca iam me ver gritando assim, que nem mulherzinha.

Nos fins de semana, Jamie pegava o carro e sumia por uma ou duas noites. Podia apostar que ele ia para Greenville encher a cara e se enrabichar com as mulheres. Eu não dizia nada, pois achava que ele tinha idade suficiente para tomar as próprias decisões e não precisava mais de um irmão mais velho para lhe dizer o que fazer.

Mas eu estava enganado. Numa segunda-feira de outubro, eu estava no trator, colhendo soja, quando vi a caminhonete de Bill Tricklebank vindo em disparada rumo à fazenda. Jamie sumira desde sábado e eu começava a ficar preocupado. Não tínhamos telefone, por isso, quando alguém precisava se comunicar conosco, ligava para o mercado dos Tricklebanks.

Saltei do trator e corri pela plantação até chegar à estrada. Já estava completamente sem fôlego quando alcancei Bill.

– O que aconteceu? – perguntei.

– O xerife de Greenville ligou. Seu irmão foi preso. Foi levado para a prisão do condado.

– Preso por quê?

Bill desviou o olhar e resmungou alguma coisa.

– Fale mais alto, Bill!

– Estava dirigindo bêbado. Atropelou uma vaca.

– Uma *vaca*?

– Foi o que disseram.

– Ele se machucou?

– Segundo informou o subxerife, um galo na cabeça e alguns hematomas. Só isso.

Respirei aliviado. Agarrei Bill pelos ombros, talvez mais forte do que devia. O homem era tão magrinho e frágil que quase caiu.

– Obrigado, Bill. Obrigado por ter vindo me avisar.

– Não foi só isso. Tinha uma... uma mulher no carro com ele.

– Ela se machucou?

– Concussão e um braço quebrado. Mas o subxerife disse que ela vai ficar boa.

– Eu ficaria muito agradecido se você e Rose não contassem isso a ninguém – falei.

– Claro, Henry. Mas vou logo avisando: foi Mercy quem passou a ligação.

– Bosta.

Mercy Ivers era a telefonista mais fofqueira da cidade. Se a população de Marietta ainda não sabia da prisão de Jamie, saberia no mais tardar até o fim do dia, disso eu tinha absoluta certeza.

Bill me deixou em casa e foi embora. Laura e Pappy me esperavam na varanda. Conteí a eles o que havia acontecido, mas não disse nada sobre a moça. Era uma pena que minha mulher tivesse que saber daquela história, mas com os Tricklebanks e Mercy Ivers no ramal, não havia muito que eu pudesse fazer. Supus que Laura fosse ficar brava, e realmente ficou, mas não do modo que eu esperava.

– Jogar o rapaz numa cela de prisão, como se fosse um criminoso qualquer, depois de tudo que ele fez por este país! Deviam ter vergonha! – exclamou ela.

– Bem, a verdade é que ele estava bêbado feito um gambá.

– Não sabemos disso. E, mesmo que estivesse, tenho certeza de que tinha um bom motivo para beber. Depois de tudo que passou...

– E se ele tivesse batido em outro carro em vez de numa vaca? Alguém poderia ter se machucado feio.

– Mas ninguém se machucou – disse Laura.

Achei estranho que ela defendesse Jamie dessa maneira. Minha esposa era uma mulher sensata, mas, quando se tratava de Jamie, ficava tão cega quanto qualquer outra mulher na face da Terra. Se fosse eu a beber e atropelar vacas por aí, a reação seria bem diferente.

– Henry? Alguém mais se machucou?

Precisei contar até dez para não derrubar meu irmão daquele pedestal em que Laura o havia colocado. Essa era a minha vontade, tamanha a raiva que sentia dos dois naquele momento. No entanto, para a sorte de Jamie, eu não era nenhum Judas, nunca fui.

– Não, só ele – respondi.

– Bem, então vou preparar uma marmita para você levar para ele. Aposto que está passando fome na cadeia – declarou Laura, encaminhando-se para a cozinha.

– Quer que eu vá junto? – perguntou Pappy.

– Não precisa. Me viro sozinho.

– Vai precisar de dinheiro para a fiança.

– Tenho o suficiente no cofre.

Pappy pegou a carteira no bolso da calça e retirou dela uma nota de cem dólares já bem amassada. Eu mal podia acreditar no que via. Meu pai era escocês até a medula. Tirar dinheiro dele era mais difícil do que tirar leite de uma mula.

– Pegue logo – disse ele, azedo. – Mas não conte a ele.

– Por que não?

– Para que depois não venha me pedir mais.

– Como quiser, Pappy.

NA PRISÃO DE GREENVILLE, pedi para falar com o xerife Partain. Eu o conhecia superficialmente, pois ele teve um namorico com minha irmã Thalia nos tempos de escola e queria até se casar com ela. Mas Thalia, almejando coisa melhor, acabou fisingando um ricaço produtor de tabaco e partiu com ele para o norte do país. Não sem antes espalhar aos quatro ventos que fizera pedacinhos do coração de Charlie Partain. Para o bem de Jamie, eu torcia para que ela não tivesse realmente feito isso.

Ao me ver entrar, Charlie levantou de sua mesa e apertou minha mão, talvez um pouco forte demais.

– Henry McAllan. Quanto tempo...

– Quinze anos, mais ou menos.

Charlie não mudara muito. Agora tinha uma barriguinha, mas ainda era bonitão, um homem parrudo e simpático, com um sorriso fácil que não conseguia esconder sua ambição. Um político nato.

– Como você está? – perguntou.

– Bem, obrigado. Agora moro em Marietta. Comprei uma fazenda de algodão por lá.

– Ouvi dizer.

– Você também se saiu muito bem – falei, apontando para o distintivo na camisa dele. – Parabéns pelo posto de xerife.

– Obrigado. Fui da polícia do Exército durante a guerra. Acho que foi aí que comecei a gostar da coisa.

– Quanto ao meu irmão...

Ele balançou a cabeça, sério.

– Pois é. A coisa foi feia.

– Como ele está?

– Tirando a ressaca, está bem. Mas quem não fica de ressaca depois de enxugar meia garrafa de Bourbon?

– Charlie, você pode me contar o que aconteceu exatamente? Fiquei sabendo por terceiros. Sem nenhuma pressa, ele voltou à mesa e se sentou.

– Sabe? Prefiro ser chamado de “xerife” quando estou trabalhando. Me ajuda a separar as coisas. Você entende, não é? – disse ele.

O jeito afável era o mesmo de antes, mas não pude deixar de notar certa severidade no olhar.

– Claro. Xerife.

– Por favor, sente-se.

Agradei, sentando-me diante dele.

– Parece que na noite de sábado seu irmão e uma companhia feminina foram de carro para a zona leste da cidade. “Pra ver a lua”, como disse a moça.

O tom de Charlie indicava muito bem o pouco crédito que ele dava à história.

– Quem é essa moça afinal?

– O nome dela é Dottie Tipton. Trabalha como garçonete no Levee Hotel. Joe, o marido dela, era meu amigo. Morreu em Bastogne.

– Sinto muito. Jamie também lutou na Batalha das Ardenas. Foi nela que conquistou sua Silver Star. Pilotava um bombardeiro, não sei se você sabia.

– Quem diria... – falou Charlie, cruzando os braços sobre o peito.

Pelo visto, a minha tentativa de impressionar o homem não estava funcionando. Melhor seria voltar ao nosso assunto principal.

– Então os dois estavam no carro e... o que aconteceu depois?

– Bem, esse é o problema. Seu irmão não lembra de nada. Ou pelo menos diz que não lembra.

– E a moça, disse o quê?

– Que ele atropelou a vaca por acidente quando voltava para o centro. Eu teria acreditado se tivesse encontrado a vaca no asfalto, não no meio do pasto de Tom Easterly.

– Você falou que Jamie estava bêbado. Provavelmente ele perdeu o senso de direção.

Charlie recostou na cadeira, depois cruzou os pés sobre a mesa. Parecia estar se divertindo com aquilo.

– Há dois problemas com essa sua hipótese – falou.

– Quais?

– Primeiro, ele passou direto pela cerca do pasto. Segundo, pegou a vaca bem nas ancas, como se estivesse mirando nela. Devia estar em alta velocidade. Se queria bater um bife, conseguiu. Em grande estilo.

Balancei a cabeça, incapaz de imaginar o que levaria Jamie a atropelar uma vaca de propósito. Aquilo não fazia sentido.

– Seu irmão tem algo contra as vacas? – perguntou Charlie, erguendo uma das sobralcelhas.

Decidi abrir o jogo com ele.

– Jamie não está bem. Desde que voltou da guerra, não é mais o mesmo.

– Pode ser – disse Charlie. – Mas isso não dá a ele o direito de fazer o que bem entende. De *matar* o que bem entende. Seu irmão não está mais na todo-poderosa Força Aérea. – Ele apagou o cigarro. – Esses aviadores que voltaram da guerra... se acham os maiores. Andam por aí com suas jaquetas de couro feito uns pavões, como se fossem donos do mundo e de tudo que tem nele. Do jeito que as garotas andam atrás deles, parece até que foram os únicos a colocar a própria vida em risco. Mas quer saber? Pra mim, os verdadeiros heróis foram os que combateram no chão. Homens como Joe Tipton. Mas claro que ninguém deu uma Silver Star pro Joe. Ele era apenas mais um soldado.

– Também há muita honra nesse tipo de combate – concordei.

– Muito nobre da sua parte dizer isso, McAllan – falou o xerife com ironia.

Minha vontade foi apagar o sorrisinho dele com um belo murro na cara. O que me conteve foi pensar que Jamie estava trancafiado numa cela do outro lado da parede. Com os olhos plantados nele, falei:

– Meu irmão participou de sessenta missões em território alemão. Arriscou o pescoço sessenta vezes para que mais dos nossos pudessem voltar vivos para casa. Jamie pode não ter salvado a vida do seu amigo Joe, mas salvou a de muita gente. E agora... ele está meio ruim da cabeça, precisa de um tempinho para voltar ao rumo. Acho que ele merece isso. Você não acha?

– Acho que a viúva de Joe Tipton merece coisa melhor do que ser tratada como uma puta.

“Então não devia agir feito uma”, pensei.

– Tenho certeza de que nunca foi a intenção do meu irmão faltar ao respeito com ela. Como eu disse, ele não está bem. Mas dou minha palavra, xerife: se você retirar a queixa e deixar que eu leve Jamie comigo, nunca mais vai ter problemas com ele.

– E a conta de hospital da Dottie? E a vaca do Tom?

– Pode deixar que eu cuido disso. Hoje mesmo.

Charlie sacudiu um cigarro para fora do maço, acendeu-o e deu três tragos lentos, sem dizer nada. Por fim, levantou-se, foi até a porta e gritou para alguém:

– Traga Jamie McAllan. Vamos soltá-lo.

Também fiquei de pé e estendi a mão para ele.

– Obrigado, xerife. Muito obrigado.

Charlie ignorou tanto a mão estendida quanto o agradecimento.

– Diga a seu irmão para ficar longe da Dottie e de Greenville – avisou. – Se aprontar mais

alguma por aqui, é ele quem vai precisar de alguém pra salvar sua vida.

QUANDO ENTROU NA SALA, Jamie não conseguiu olhar para mim; simplesmente resmungou umas desculpas enquanto Charlie Partain e o subxerife o encaravam. Fedia a uísque e vômito. O aspecto também não era dos melhores: a testa tinha um corte feio e um dos olhos mal abria de tão inchado.

Ainda assim, o estado dele era bem melhor que o do carro, que havia sido deixado no pátio da prefeitura. Passamos lá para pegá-lo, mas vi que não seria possível dirigir aquilo. A parte da frente estava arriada como uma abóbora podre e o motor estava irreconhecível. Jamie ficou branco quando o viu.

– Meu Deus, fui eu que fiz isso?

– Foi. Que diabo aconteceu, Jamie?

– Não sei. A última coisa de que me lembro é da Dolly pedindo para eu ir mais devagar.

– O nome dela é Dottie. E por sua culpa foi parar no hospital.

– Pois é, eles me contaram – balbuciou Jamie. – Mas vou me acertar com ela. E com você também. Juro.

– Pode se acertar comigo quanto quiser, mas vai ficar longe da Dottie.

– Quem disse?

– Charlie Partain. O marido da moça era amigo dele.

– Então era por isso que estava tão enfezado. Foi ele que fez isso aqui – disse Jamie, apontando para o olho roxo.

– Charlie bateu em você? Filho da puta...

– Acho que fiz por merecer.

Vendo-o murcho e amuado, falei:

– Da próxima vez, me faça um favor.

– Qual?

– Atropele um coelho, ok?

Jamie demorou alguns segundos, mas depois começou a rir. E eu também. Rimos como não fazíamos havia muito tempo, até as lágrimas começarem a rolar. E, se depois disso elas continuaram a rolar no rosto do meu irmão, fingi que não vi.

Deixei-o no Levee Hotel, onde ele se hospedara. Enquanto Jamie tomava banho, fui até o hospital e paguei a conta de Dottie Tipton. Ela receberia alta naquela tarde, o que era uma boa notícia. Não subi para visitá-la (que diabo poderia dizer?), mas pedi a uma das enfermeiras que lhe dissesse que Jamie sentia muito e que esperava que ela ficasse boa logo.

Quando voltei ao hotel, ela já estava de banho tomado e bem mais apresentável. De lá, fomos juntos até a fazenda de Tom Easterly. O filho da puta queria cem dólares pela vaca, cinquenta a mais do que valia qualquer outro animal, mas, pensando em Charlie Partain, não

reclamei. A história toda acabou me custando cerca de trezentos dólares, sem contar o carro. Pelos meus cálculos, eu teria que desembolsar mais uns quatrocentos para consertá-lo, ou o dobro disso se resolvesse comprar outro. Eu vinha guardando dinheiro para alugar uma casa para Laura e as meninas na cidade, mas agora isso não seria mais possível.

Durante o trajeto de volta, fiquei pensando na decepção de Laura, na cara que ela faria quando recebesse a notícia.

– Estamos zerados – confessei. – Mesmo que a colheita seja boa, não vai sobrar dinheiro para uma casa na cidade este ano. Sinto muito, meu amor.

Ela não disse nada. E, na escuridão do quarto, também não consegui ver a expressão em seu rosto.

– O lado bom é que Jamie prometeu ficar mais seis meses para ajudar no trabalho e pagar pelo prejuízo que causou. Com a ajuda dele, vamos poder economizar o suficiente para alugar uma casa no ano que vem.

Ela suspirou. Ouvi seus passos na madeira do chão quando ela contornou a cama para riscar um fósforo e acender a vela ao meu lado. Em seguida, abriu o mosquiteiro e se espremeu contra o meu corpo, pousando o braço na minha barriga.

– Está tudo bem, Henry – disse baixinho. – Eu não me importo muito.

Senti os lábios de Laura no meu pescoço e sua mão escorregando para dentro do meu pijama.

JAMIE

GRAÇAS AO HENRY.

Lá estava eu, de novo, em dívida com meu irmão. Ele salvara minha pele, mas se recusava a dizer quanto havia desembolsado. Eu imaginava algo em torno de mil pratas.

E não era só com Henry que eu estava em dívida. Por minha causa, Laura não conseguiu sua casa na cidade nem seu banheiro interno nem seu jardim. Em vez disso, ganhou mais um ano de lama e latrina. No entanto, em nenhum momento me repreendeu por isso, nem mesmo com o olhar. Me recebeu de braços abertos, como se eu estivesse chegando da igreja e não da cadeia. Muitas mulheres se comportam assim, com essa mesma amabilidade, mas, na maioria dos casos, tudo não passa de uma encenação aprendida desde muito cedo e já totalmente desenvolvida quando elas completam 21 anos. Minhas irmãs eram mestras nessa arte, mas Laura era diferente. Laura era amável de verdade.

E também havia Dottie Tipton. Dei um jeito de escapulir até Greenville uma semana após o acidente. (Era assim que todos – menos Pappy – falavam: “o acidente”. Pappy dizia “aquela sua carraspana desgobernada” e, não satisfeito, volta e meia me chamava de “o vaquicida”.) Dottie ficou radiante com minha visita. Nada era bom o bastante para o homem que lhe dera uma concussão e um braço quebrado. Trocou de vestido, passou batom. Usando apenas o braço bom, serviu uma dose de uísque num copo de cristal, depois me cobriu de perguntas, querendo saber se eu estava bem, se queria comer alguma coisa. Prepararia uma coisinha qualquer, não era trabalho nenhum. Fiquei imaginando a cena: nós dois fazendo uma refeição em sua sala de jantar, comendo nos pratos do seu enxoval, certamente indo degustar a sobremesa na cama. A vontade de sair correndo dali era tão forte quanto qualquer outra que eu sentira em combate.

Joe Tipton me encarava do porta-retratos de prata sobre a lareira, sério sob o quepe da farda. Sua expressão dizia: “Não vá fazer uma patifaria dessas, seu piloto de merda.” Então fiquei mais um pouco, rindo e bebendo com Dottie. Quanto mais eu bebia, mais soltas iam ficando as risadas e as mentiras. Na despedida, proferi palavras de carinho e pesar. “Muito bem”, disse Joe do alto da lareira, “agora se manda.” Dottie resmungou um pouco quando falei

que não poderia mais vê-la, mas não chegou a chorar. Mais uma coisa que eu ficava devendo a ela.

Todas as pessoas cuja vida eu invadia livravam a minha cara assim, sem qualquer problema. Para aliviar a culpa, a bebida ajudava bastante, assim como as lembranças: aviões despencando do alto com um rastro de fumaça preta em sua esteira; homens pulando com o paraquedas em chamas, outros saltando sem paraquedas nenhum, preferindo qualquer coisa a morrer queimado; o *wuff-wuff-wuff* do fogo antiaéreo inimigo.

Dizem que é preciso ser capaz de odiar para estar na infantaria. Na Força Aérea isso não era necessário, pois jamais víamos o rosto dos inimigos. Quando eu pensava neles, imaginava apenas uma forma branca e indistinta, de cabelos sempre louros e com um corte militar, nunca tranças ou cachinhos, mesmo sabendo que as bombas caíam sobre mulheres e crianças também. Às vezes escolhíamos uma cidade maior e bombardeávamos boa parte dela. Outras, quando não conseguíamos acertar o alvo predeterminado, geralmente uma fábrica ou instalação militar, corríamos atrás de algum “alvo de oportunidade” para compensar. Chamávamos esses alvos de AWMs ou *Auf Wiedersehen, Motherfuckers*: Adeus, filhos da puta.

Havia uma regra tácita de nunca voltar para a base com bombas a bordo. Na minha última missão, uma tempestade impediu que sobrevoássemos o depósito de munição que devíamos explodir, então acabamos despejando toda a carga sobre um parque enorme, repleto de refugiados. Tínhamos sido informados de que havia soldados da SS ali, buscando proteção junto aos civis. Milhares de inocentes foram mortos com eles. Mesmo assim, ao retornar à base e fazer o relatório da operação, fomos parabenizados pela iniciativa.

Segundos antes de ser atropelada, a tal vaca virou a cabeça e olhou diretamente nos meus olhos. Poderia ter corrido, mas não correu. Ficou parada onde estava, olhando para mim enquanto eu avançava na direção dela.

EU ATÉ PODIA CONVERSAR sobre a guerra com o Henry, mas, toda vez que o assunto surgia, eu me pegava fazendo uma piada qualquer ou inventando alguma história. Ele não ia entender o que eu sentia. O horror, sim, mas não a culpa, muito menos o impulso que eu às vezes tinha de bater de frente com um caça inimigo e transformar os dois aviões numa única bola de fogo. Henry, buscando o esquecimento... a ideia em si era ridícula. O que meu irmão buscava de verdade estava bem debaixo de seus pés. Era o que ele meticulosamente raspava das botas toda noite antes de entrar em casa. A fazenda era seu habitat, assim como o céu havia sido o meu um dia. Esse era o outro motivo pelo qual eu não me abria com Henry: não queria emporcalhar a felicidade dele.

O uísque era a única coisa capaz de afastar os pesadelos. Eu sabia que Henry, Laura e Pappy andavam de olho em mim por causa do acidente, então tomava o cuidado de nunca

beber mais do que duas cervejas diante dos três. Mas saciava minha vontade sempre que conseguia ficar sozinho. Tinha escondido garrafas por toda parte: no telhado da latrina, no celeiro, sob o piso da varanda. E sempre levava comigo uma latinha de balas de limão para esconder o bafo. Nunca ficava bêbado a ponto de trocar as pernas, mas, em compensação, bebia todos os dias. Muito do álcool saía junto com o suor. Quando ao resto, eu procurava fazer bom uso dele. Era o palhaço oficial da casa, responsável por manter o bom humor geral, e para isso precisava da minha biritá.

Modéstia à parte, eu desempenhava muito bem esse papel. Ninguém desconfiava de nada, exceto Florence Jackson. Seus olhos de águia não deixavam nada escapar. Um dia, encontrei uma garrafa de Jack Daniel's sob o meu travesseiro, feito um presente da fada do Bourbon. Sabia que tinha sido Florence quem a colocara ali, porque era dia de lavanderia e a roupa de cama havia sido trocada. Devia tê-la esquecido em algum lugar, então Florence a encontrara e devolvera em segredo. Apesar desse ato de generosidade, ela não ia muito com a minha cara. Eu tentava conquistar sua simpatia, no entanto a mulher era (uma das poucas) imune aos meus encantos. Acho que ela já intuía o papel que me caberia nos acontecimentos que estavam por vir. Henry zombaria de mim se ouvisse isso, mas acho que os negros possuem um talento nato para farejar esse tipo de coisa, uma sensibilidade que trazem na alma e que nós brancos não possuímos.

Florence podia até ter intuído algo, mas eu não fazia a menor ideia do que estava desencadeando quando certo dia, logo depois do ano-novo, dei uma carona a Ronsel Jackson da cidade até a fazenda. Fazia quatro meses que eu estava no Mississippi, porém era como se fossem quatro anos. Fui até Marietta cortar o cabelo, comprar os mantimentos encomendados por Laura e o meu uísque. Em geral, eu adquiria minhas bebidas em Tchula ou Belzoni, mas nesse dia não havia tempo. Estava saindo do mercado dos Tricklebanks quando ouvi uma explosão à minha esquerda. Imediatamente me joguei no chão e cobri a cabeça, deixando todo o conteúdo da caixa de compras rolar para a rua.

– Fique tranquilo – disse uma voz grossa atrás de mim. – É apenas um carro.

Um negro alto, vestindo um macacão, saiu de trás de uma caminhonete estacionada na rua e apontou para o Ford modelo A que seguia mais adiante.

– Foi o escapamento que engasgou, só isso – explicou.

Só então reconheci Ronsel Jackson. Nossas poucas conversas na fazenda tinham sido sempre sobre questões de trabalho, mas Henry já me contara que ele havia combatido num dos batalhões de negros.

Alguém riu às minhas costas. Virando o rosto, deparei com meia dúzia de curiosos observando a cena sob a aba larga de seus chapéus. Eram os mesmos que todo sábado se reuniam na varanda do mercado dos Tricklebanks para dar sua opinião sobre todos os acontecimentos que eram notícia em Marietta. E, naquele momento, sem dúvida alguma, o primeiroparagrafo era o irmão maluco de Henry McAllan, o tal que tinha matado uma vaca em

Greenville. Envergonhado, comecei a recolher as compras que deixara cair. Ronsel ajudou, trazendo as laranjas que haviam rolado na sua direção. O saco de farinha se desamarrara, espalhando metade do conteúdo no chão, mas por sorte o uísque estava intacto. Quando peguei a garrafa, minhas mãos tremiam tanto que a deixei cair de novo.

Se Ronsel dissesse qualquer coisa, se desse um único pio para me consolar ou animar, eu teria partido a cara dele. Só Deus sabe como eu queria partir a cara de alguém naquele instante. Mas ele não disse nada. Apenas estendeu a própria mão com a palma virada para baixo de modo que eu pudesse ver que ele tremia tanto quanto eu. Vi no rosto dele a mesma frustração e a mesma raiva que eu sentia, talvez até mais.

- Acha que isso vai passar algum dia? – perguntou ele, olhando para a mão trêmula.
- Dizem que acaba passando – falei. – Você veio a pé para a cidade?
- Vim. Papai está usando a mula para quebrar a terra.
- Então dou uma carona a você.

Ronsel pulou na carroceria da caminhonete. E eu já ia dizer que ele podia vir na frente comigo (estava frio, começava a choviscar) quando vi os homens na varanda e lembrei de Henry ter mencionado que Ronsel havia tido problemas com eles recentemente. Esperei até sairmos da cidade, parei o carro e gritei pela janela:

- Sente aqui na frente!
- Não precisa, estou bem aqui! – berrou ele de volta.

Àquela altura a chuva já havia engrossado um pouco. Eu não podia ver Ronsel na carroceria, mas sabia que ele devia estar bastante molhado e com muito frio.

- Entre aqui, soldado! – gritei mais uma vez. – É uma ordem!

A caminhonete balançou quando Ronsel saltou para o chão. Logo ele abriu a porta e entrou, cheirando a suor e roupas molhadas. Achei que fosse me agradecer, mas o que disse foi:

- Como você sabia que tinha uma patente mais alta que a minha?

Ri e falei:

- Você obedeceu, não obedeceu? Além disso, eu era capitão.
- Também tinha capitães negros – declarou com o queixo erguido. – Servi com muitos deles.

- Deixe-me adivinhar. Você era sargento.
- Certo.

Peguei a garrafa de uísque na caixa ao meu lado e dei um bom gole.

- Então, sargento, o que está achando do retorno ao Delta?

Ele não respondeu, apenas virou a cabeça e ficou olhando pela janela. Primeiro, achei que tivesse pisado em algum calo, mas depois percebi que ele havia desviado o olhar para que eu pudesse beber com privacidade. “Um sujeito bacana, esse Ronsel Jackson”, pensei, tomando mais um pouco. De repente, percebi outra coisa, mais verdadeira que a primeira: ele não olhou

para mim porque imaginou que eu não fosse lhe oferecer um gole. Estava protegendo a própria dignidade ao mesmo tempo que me deixava à vontade para ser o asno que quisesse ser. Irritado, cutuquei-o com a garrafa e disse:

– Vai, bebe aí.

– Não, obrigado.

– É teimoso com todo mundo ou só com os brancos que tentam ser gentis com você?

Ele pegou a garrafa e bebeu com os dois olhos plantados em mim. Na realidade, até pouco tempo atrás eu não teria oferecido uísque nenhum. Mas agora eu já não me importava mais. Não sabia dizer se isso era bom ou ruim.

– Que espécie de sargento é você, rapaz? – perguntei no momento em que ele tentou devolver a garrafa após um golezinho de nada. Então ele deu um segundo bem maior, a ponto de engasgar e derramar um pouco de bebida no macacão. – Sem desperdício, por favor. Isso aí é o meu remédio, preciso de cada gota.

Quando peguei a garrafa de volta, vi que ele notou o dedo que faltava na minha mão.

– Sequela da guerra? – indagou.

– Sim. Gangrenou com o frio.

– E como um piloto consegue deixar o frio fazer isso com seu dedo?

– Você não faz ideia de como é gelado lá em cima. Vinte mil pés de altitude, o vento corta que nem faca. Estou falando de dez, quinze graus negativos.

– Mas por que você deixava a janela aberta?

– Porque precisava. Não tinha limpador de para-brisa. Quando chovia, a gente tinha que enfiar a cabeça para fora para enxergar alguma coisa.

– E eu achava que a vida era dura naquela minha lata de sardinha...

– Você era tanqueiro?

– Exatamente. Ponta de lança do general Patton.

– Chegou a ter que mijar no capacete?

– Muitas vezes.

– No avião, a gente tinha um funil para essas horas, mas às vezes era mais fácil usar o capacete. E, a vinte mil pés, o mijo da gente congela em menos de um minuto. Teve um dia que mijeí no capacete e acabei esquecendo. Eram muitas milhas de viagem. Quando nos aproximamos do alvo, coloquei o capacete de volta na cabeça. Jogamos as bombas que tínhamos que jogar e já estávamos fugindo do fogo antiaéreo quando senti um líquido escorrendo pelo meu rosto. Pelo cheiro, só podia ser uma coisa.

Ronsel deu uma risada retumbante.

– Posso imaginar a gozação que foi depois, no Clube dos Oficiais – disse ele.

– Meus amigos não me deram paz. Bem, os que sobreviveram.

– É, eu sei.

Já começava a escurecer e o frio fazia nossa respiração sair em forma de vapor. Liguei a

caminhonete outra vez e voltei para a estrada. Ficamos em silêncio durante toda a viagem, deixando que a garrafa de uísque, passeando de uma boca para outra, conversasse por nós. Chegando à casa dos Jacksons, encontramos Hap do lado de fora, tirando água da bomba. A cara de susto que ele fez ao ver o filho na cabine comigo foi tão exagerada que chegou a ser cômica. Baixei a janela e cumprimentei:

– Boa noite, Hap.

– Aconteceu alguma coisa, Sr. Jamie?

– Não aconteceu nada. Dei uma carona ao Ronsel, só isso.

Ronsel abriu a porta e desceu com as pernas já meio bambas.

– Obrigado, capitão.

– De nada. – Antes que ele fechasse a porta, falei: – Sábado que vem devo voltar à cidade.

Se quiser ir também, posso passar aqui e pegar você.

Ronsel olhou para o pai, depois para mim. Então assentiu com a cabeça. E, naquele instante, selou seu destino.

Talvez seja uma covardia da minha parte considerar Ronsel o dedo que apertou o gatilho. Outros momentos decisivos haviam determinado os acontecimentos que viriam a seguir: o momento em que o escapamento do Ford engasgou; o momento em que ele entrou na cabine da caminhonete; o momento em que entreguei a ele a garrafa de uísque. Mas, na verdade, acho que foi mesmo ao assentir com a cabeça, sob a chuva e meio bêbado, que ele decretou sua sorte. E acho que o próprio Ronsel concordaria com isso. Se fosse possível perguntar a ele.

III

LAURA

EU ME APAIXONEI PELO meu cunhado do mesmo modo que a gente adormece no carro quando confia no motorista: gradualmente, em saltos imperceptíveis, fechando os olhos e deixando-se embalar pelos movimentos. “Deixando”, essa é a palavra-chave. Eu poderia ter reprimido meus sentimentos. Poderia tê-los varrido para algum canto escuro da mente, da mesma maneira que já havia feito tantas vezes com outros sentimentos incômodos. Por um tempo até tentei, mas sem muita convicção. Foram tentativas destinadas ao fracasso.

Jamie fez com que me apaixonasse logo em seu primeiro dia na fazenda: elogiando minha comida, ajudando com pequenos gestos no trabalho de casa. Gestos que simbolizavam: “Enxergo você. Penso no que pode agradá-la.” Eu andava ávida por esse tipo de atenção, então suguei cada um desses momentos como o pão suga cada gota de molho que sobra no prato. Henry nunca foi muito atencioso, não em relação a essas coisas pequenas e cotidianas que significam tanto para as mulheres. Em Memphis, cercada por tantos Chappells e Fairbairns zelosos, eu não dava muita importância a isso, porém, no Mississippi, qualquer atenção era mais do que bem-vinda. A grande preocupação de Henry era com a fazenda. Ele me enxergaria melhor se em mim crescesse um rabo e eu começasse a zurrar.

Um esclarecimento: quando afirmo que Jamie fez com que me apaixonasse, não estou dizendo que ele me seduziu. Sim, ele flertava comigo, mas da mesma forma que flertava com todo mundo, até mesmo com os homens. Falando assim, parece que aquilo era uma espécie de jogo para ele. Não. Jamie não era nenhum dom-juan. Apenas *precisava* conquistar as pessoas. Na época, eu não enxergava isso. Enxergava somente que ele se inclinava na minha direção e tombava a cabeça para o lado para poder ouvir melhor o que eu dizia. Enxergava as flores que ele colhia no mato e deixava para mim sobre a mesa da cozinha. Enxergava a alegria das minhas filhas quando ele brincava com elas.

Jamie era louco por Isabelle, o que para mim era um grande alívio. Nunca me sobrava tempo para dedicar à minha caçula todo o amor e toda a atenção que ela merecia. Percebendo a carência da menina, Jamie a cobria de carinhos e afeto, que ela retribuía em igual medida. Quando Isabelle estava com o tio, era como se ninguém mais existisse na face da Terra. Jamie

chegava em casa imundo e exausto do trabalho no campo e ela abria os bracinhos rechonchudos para chamá-lo, não muito diferente de um pastor quando abre os braços para invocar o Senhor. Jamie balançava a cabeça e dizia: “Hoje estou cansado demais para brincar, Bella *mia*.” Mas ela batia o pé, brava, e, já antevendo a vitória, corria para junto dele. Jamie a pegava no colo e a rodopiava pela sala, deixando todo mundo surdo com os gritinhos de alegria que arrancava da menina. O amor de Jamie por Isabelle era *especial*. O que para ela era tudo. Não demorou para começar a exigir que só a chamassem de Bella. Ficava muda quando alguém a chamava de Isabelle, mesmo depois de levar umas palmadas de Henry por causa disso. Como puxou à mãe na teimosia, acabou conseguindo o que queria.

Na realidade, a presença de Jamie encantava e melhorava o humor de todos. Pappy andava bem menos rabugento, Henry ria com mais frequência e dormia melhor. E eu me sentia viva de verdade pela primeira vez desde o aborto. Ficava menos ressentida com Henry, menos irritada com as dificuldades da fazenda. Era bem provável que Henry soubesse que era Jamie quem estava por trás da minha súbita mudança de humor, porém, se ficava incomodado com isso, não demonstrava. Parecia aceitar o fato de que “as mulheres brilhavam” para Jamie, tal como dissera anos antes. Para ele, era impensável que eu pudesse ter algum tipo de interesse sexual por seu irmão mais novo.

No entanto, era isso que estava acontecendo: eu estava sexualmente interessada em Jamie, com uma intensidade até então desconhecida. Esse desejo se revelava nos momentos mais inusitados: descascando um tomate, capinando o jardim, escovando os cabelos. Meus sentidos estavam aguçados. A comida parecia mais succulenta, os cheiros, mais fortes. O apetite andava bem maior que o normal e eu transpirava com mais frequência. Nem mesmo na gravidez meu corpo havia ficado tão esquisito.

Na verdade, essa intensidade se firmou quando Jamie construiu um chuveiro para mim. Esse chuveiro se tornou o grande catalisador dos meus sentimentos por ele. Para entender por que, é preciso imaginar uma vida sem banheiros e sem água encanada. Era um longo calvário para que todos da família pudessem tomar um banho, portanto só nos lavávamos no sábado.

Nos meses de verão, eu enchia a banheira e deixava o sol da manhã esquentar a água. Primeiro dava banho nas meninas, depois tomava o meu, rezando para que ninguém aparecesse enquanto eu estivesse nua. Para obter um pouco de privacidade, pendurávamos dois lençóis em varais paralelos e colocávamos a banheira no meio, um arranjo que deixava o banhista exposto e que de pouco adiantava nos dias de muito vento. Em seguida, eu trocava a água para Pappy. Terminado o banho dele, trocava a água de novo (às vezes com a ajuda contrariada do velho, mas geralmente sozinha) para quando Henry e Jamie chegassem da lavoura.

No inverno, tínhamos que arrastar a banheira para a cozinha e esquentar a água nas panelas. E, apesar de todo o trabalho envolvido, o sábado era o meu dia da semana predileto. O único em que eu me sentia realmente limpa.

Nos outros, fedíamos todos. Há quem louve o suor adquirido com honestidade, mas,

verdade seja dita, ele fede tanto quanto o outro, o desonesto. Henry aparentemente não ligava; eu, no entanto, jamais consegui me acostumar. Morria de saudades do meu banheirinho da Evergreen Street. Lembro que, na época, ficava reclamando da pouca pressão da água e das rachaduras na porcelana da banheira. Agora, toda vez que tomava meus banhos de panela na cozinha, sonhava com ele, que me parecia o banheiro mais luxuoso do mundo.

Mas os piores dias eram os de menstruação. O cheiro almiscarado do sangue nas minhas roupas parecia contaminar o ar da casa inteira, e eu mal conseguia respirar ali. À noite, depois que todos se recolhiam, eu ia de mansinho até a cozinha para limpar tanto as roupas quanto o corpo. Certa vez, Henry entrou de surpresa e me pegou agachada sobre a bacia com a camisola enrolada na cintura, jogando água entre as pernas. Rapidamente ele virou de costas e voltou para o quarto. Nunca me senti tão envergonhada na vida.

Jamie com certeza conseguia imaginar como eu me sentia. Num dia de março, ao chegar de uma rápida viagem a Greenville, deparei com uma cabine de madeira nos fundos da casa. No alto da cabine, havia um balde grande pendurado a uma polia. Jamie ainda estava terminando o trabalho quando desci do carro com as meninas.

- O que é isso, tio Jamie? – quis saber Amanda Leigh.
- Um chuveiro, minha pequena petúnia.
- Eu não gosto de chuveiro, gosto de banheira! – resmungou Bella.
- Meus amores, não foi para vocês que fiz isso. Foi para a mãe de vocês.

Bella armou uma tromba. Jamie acariciou os cabelos dela, mas seus olhos estavam plantados em mim.

- Então, o que achou? – perguntou ele.
- É a coisa mais linda que já vi na vida.

E realmente era. Claro que, como tudo mais na fazenda, usar o chuveiro novo dava um certo trabalho. Ainda era preciso esquentar a água na cozinha e levar para fora (dois ou três panelões, dependendo do frio ou da intenção de lavar o cabelo). Depois, era necessário baixar o balde para despejar a água dentro e tornar a subi-lo com o auxílio da corda passada na polia. Em seguida, a gente entrava na cabine, fechava a porta e tirava as roupas, deixando-as sobre a borda da parede. Só então puxava bem devagarzinho a cordinha pregada ao bico do balde e deixava cair apenas a quantidade de água necessária para ensaboar o corpo. Por fim, puxava a cordinha novamente e jogava o resto da água na cabeça para tirar o sabão.

Tomei meu primeiro banho naquela noite mesmo. Era uma daquelas noites quentinhas do princípio da primavera, quando o ar parece um ser vivo que nos abraça. Assim que pisei na cabine e fechei a porta às minhas costas, vi que estava num universo só meu. Podia ouvir, ali fora, os insetos e os sapos (a música perene do Delta) e, mais ao longe, a conversa dos homens se misturando às escalas de Amanda Leigh ao piano. Tirei a roupa e por alguns minutos fiquei apenas assim, sentindo os carinhos do ar quente em minha pele nua. Nuvens gordas passavam no alto, maravilhosamente pintadas de rosa e dourado pelo sol do crepúsculo. Puxei a

cordinha, deixei a água escorrer pelo corpo e de repente me vi pensando em Jamie, nas mãos dele serrando aquelas tábuas, juntando umas às outras, pregando-as com um martelo. Ele tinha feito até uma saboneteira, deixando nela um sabonete chique, desses com monograma, que são vendidos nas melhores lojas de Memphis. Levei a barra ao nariz e aspirei o perfume delicioso e adocicado de lavanda, o meu favorito. Anos antes eu comentara isto durante uma conversa, e ele se lembrara.

Enquanto ensaboava o corpo, fiquei me perguntando se, durante a construção do chuveiro, Jamie também pensara em mim, nua como eu estava naquele momento, sob o céu do anoitecer. Nem sei dizer o que me deixou mais chocada: a suposição em si ou a súbita onda de prazer que ela despertou em mim.

HENRY FOI O PRINCIPAL beneficiário desse meu novo ardor. Quase sempre era ele quem tomava a iniciativa na cama, mas agora, para nossa mútua surpresa, era eu quem procurava o corpo dele no meio da noite. Às vezes ele me repelia. Não dava nenhuma explicação, apenas pegava minha mão atrevida e a colocava de volta no meu lado da cama, repreendendo-a com tapinhas antes de me dar as costas e tornar a dormir. Eu ficava com muita raiva quando isso acontecia. Naqueles anos todos de casamento, eu nunca havia repelido meu marido. Ora, como ele ousava fazer isso comigo, me afastar como se eu fosse uma cachorrinha inconveniente?

Eu fazia o possível para não deixar transparecer os meus sentimentos por Jamie. O problema é que nunca tive muito talento para a dissimulação; papai costumava dizer que as expressões do meu rosto tornavam públicas todas as minhas emoções. Um dia, enquanto eu cozinhava e Florence separava a roupa para lavar, ela disse:

– O Sr. Jamie parece que tá bem melhor.

– É, acho que sim – concordei.

Aqueles sete meses na fazenda haviam sido muito bons para Jamie. Eu não me iludia, achando que ele já estivesse curado, mas agora os pesadelos eram bem menos frequentes e ele parecia fisicamente mais forte. Minha comida havia contribuído para isso, o que me deixava bastante orgulhosa.

– É porque ele arrumou alguma mulher, aposto – afirmou Florence com um sorrisinho.

Senti um nó na garganta.

– Do que você está falando?

– Tá vendo isso aqui? – perguntou, mostrando uma das camisas dele, com uma mancha vermelha no colarinho.

– Isso é sangue – falei. – Provavelmente ele se cortou quando fazia a barba.

Mas eu sabia que não era isso. Manchas de sangue eram mais amareladas.

– Então o sangue dele é bem perfumoso – disse Florence.

O nó na minha garganta aumentou e eu mal conseguia engolir minha própria saliva.

– Não faz bem pra homem nenhum ficar sem mulher – prosseguiu ela. – Já a mulher, ela pode até gostar de um homem, mas consegue ficar muito bem sem ele. Foi o Senhor que quis assim. Homem, não. Homem morre se não tiver uma mulher do lado. Vai procurar por tudo quanto é canto até encontrar uma. Mas no caso do Sr. Jamie, claro, ele nem precisa procurar. Porque as mulher deve fazer fila na frente dele, que nem flor de beira de estrada, esperando pra ser colhida. É só ele esticar o braço e...

– Cale a boca, Florence – ordenei. – Não quero ouvir nem mais uma palavra dessa sua conversa baixa.

Por alguns segundos, ficamos olhando uma para a outra. Então, de repente, ela baixou a cabeça, mas não antes que eu percebesse em seus olhos negros uma expressão de quem havia compreendido tudo.

– Agora vá buscar água lá fora. Quero coar um café.

Ela obedeceu, mas com uma falta de pressa que beirava a insolência. Esperei que ela saísse, depois corri até a mesa e peguei a tal camisa para cheirar. Ela exalava um perfume barato, desses à base de lírio, adocicados demais. Tentei imaginar que tipo de mulher usaria um perfume semelhante. Os vestidos seriam decotados, as unhas pintadas do mesmo vermelho do batom. Ela teria uma risada solta e rascante, usaria uma piteira comprida para fumar seus cigarros e deixaria intencionalmente a anágua aparecer quando cruzasse as pernas. “Uma boa bisca, isso sim”, pensei.

– Está cheirando o que aí, mulher?

Virei assustada. Era Pappy, do outro lado da janela. Senti o rosto queimar de vergonha. Há quanto tempo ele estaria ali? O que teria ouvido da minha conversa com Florence? O bastante, a julgar pelo veneno do sorriso que ele estampava no rosto.

Calmamente, ou assim eu esperava, joguei a camisa no cesto.

– É apenas suor. Esse cheiro que as pessoas têm quando trabalham em alguma coisa. Imagino que o senhor já tenha ouvido falar – falei, saindo dali antes que ele pudesse responder qualquer coisa.

O PROBLEMA COMEÇOU NO primeiro sábado de abril. Eu estava levando o velho para a cidade quando avistamos Jamie vindo na caminhonete. Chegando mais perto, vi que Ronsel Jackson estava ao lado dele na cabine. Desde sua chegada, Ronsel havia sido esperto o bastante para manter a cabeça baixa. Só o víamos de longe, apenas um vulto na plantação, debruçado sobre o arado. Isso bastou para apaziguar Pappy, que pelo menos parou de resmungar diariamente sobre “aquele preto metido a besta”.

– Quem é esse aí com o Jamie? – perguntou, estreitando os olhos para ver melhor.

Pappy era vaidoso demais para usar os óculos em público, de modo que sempre dependia de alguém que enxergasse por ele. Pelo menos dessa vez não achei ruim.

– Não sei – respondi. – Não estou vendo direito.

A estrada não era larga o suficiente para dois carros, então Jamie atropelou um pouco o mato para dar passagem ao DeSoto, obrigando-me a reduzir a velocidade. Quando passamos pela caminhonete, Jamie nos cumprimentou com um aceno de mão, mas Ronsel permaneceu imóvel, olhando para a frente.

– Pare o carro! – ordenou Pappy.

Pisei no freio, mas Jamie seguiu adiante. Pappy imediatamente virou para o vidro traseiro e acompanhou a caminhonete.

– Você viu? Acho que era aquele preto que estava com ele.

– Quem?

– Aquele filho dos Jacksons, o atrevido. Você não viu?

– Não. O sol estava me ofuscando.

Encarando-me com seus olhos de serpente, Pappy falou:

– Está mentindo para mim, garota?

– Claro que não, Pappy – respondi com toda a inocência do mundo.

Ele resmungou alguma coisa, depois tornou a olhar para a estrada e cruzou os braços no peito.

– Vou lhe dizer uma coisa: é melhor que não seja aquele crioulo.

Voltamos para a fazenda horas depois. Minha intenção era alertar Jamie antes que Pappy o procurasse, mas, por azar, quando chegamos em casa, ele e Henry estavam no quintal, vendo algo no trator. As meninas correram ao meu encontro, cobrando as balas que eu havia prometido.

– Lá dentro dou para vocês. Jamie, você pode me ajudar a guardar essas compras? – pedi.

– Espere só um segundo, Jamie – disse Pappy. – Quem estava com você na caminhonete lá na estrada?

Jamie olhou na minha direção. Balancei a cabeça discretamente, esperando que ele entendesse o recado e inventasse alguma coisa.

– Vai me responder ou não? – insistiu Pappy.

– Meninas, podem ir entrando – falei. – Daqui a pouco eu vou também.

Elas obedeceram a contragosto. Jamie esperou que elas se afastassem e só então respondeu:

– Quem estava comigo era Ronsel Jackson. Por quê? Algum problema?

A voz saiu firme, mas as bochechas estavam um pouco vermelhas. Fiquei me perguntando se ele tinha voltado a beber.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Henry.

– Dei uma carona ao Ronsel, que estava na cidade. Nosso pai, claro, não aprovou.

– O que não aprovo é que ele tenha vindo na frente com você. Isso não aprovo mesmo. E aposto que seu irmão não aprova também.

Henry mal acreditou no que ouviu.

- Você deixou ele sentar na frente? Da cidade até aqui?
- E se tiver deixado? – disse Jamie. – Que diferença faz?
- Alguém viu vocês?
- Não. Mas, se viu, não me importo.

Eles ficaram olhando um para o outro, Jamie com uma expressão de afronta, Henry com aquele misto de raiva, mágoa e espanto do qual eu mesma já tinha sido vítima algumas vezes. Meu marido balançou a cabeça e disse:

- Acho que não conheço mais você. Se bobear, nem mesmo você se conhece.

Jamie ameaçou deter o irmão quando ele marchou de volta para casa, mas permaneceu mudo. Pappy disse:

- Nunca mais quero ver aquele macaco na caminhonete com você, ouviu bem?
- Senão vai fazer o quê? – perguntou Jamie. – Vai me dar uma surra de bengala?

O velho riu, deixando à mostra os dentes compridos e amarelos. Raramente ele ria e, quando o fazia, o efeito era ao mesmo tempo estranho e repulsivo.

– Se eu tiver que dar uma surra em alguém, não vai ser em você – avisou, indo atrás de Henry e deixando-me sozinha com Jamie.

Jamie estava com os músculos tensos, pronto para um ato de violência. Ou para fugir às pressas dali. Eu não sabia se o repreendia ou se o consolava.

- Não dá para ficar aqui – falou. – Vou voltar para a cidade.

“Vai procurar a bisca dele”, pensei.

- Que pena. Vou fazer aquele cozido de coelho que você adora.

Jamie ergueu o braço e roçou apenas um dedo no meu rosto. Juro por Deus que senti aquele toque em cada um dos nervos do meu corpo.

- Minha doce Laura...

Fiquei olhando enquanto ele se afastava. Deixando um rastro de poeira atrás de si, a caminhonete foi ficando cada vez menor na estrada, até desaparecer por completo. E eu pensei: “Cozido de coelho. Isso foi tudo que pude oferecer a ele.” E isso era tudo que eu poderia oferecer para o resto da vida. Essa constatação deixou um sabor amargo na minha boca.

FLORENCE

PASSEI A VASSOURA NO pé dele três vez. Falei: “Desculpa, Sr. Jamie, tô meio distraída hoje.” Na terceira vez, a Sra. McAllan me deu bronca, correu comigo de casa e terminou de varrer ela mesma. Tanto fazia o que os dois tava pensando de mim. O que eu queria mesmo era que aquele homem fosse embora. Mas não foi; nem depois que joguei sal no rastro dele e coloquei um despacho de figueira-brava com goma-elástica debaixo da cama. O sujeito simplesmente não ia embora, que nem uma doença ruim.

Mas de doença ruim ele não tinha nada, com aquele rostinho bonito, aquele sorriso de menino. As pessoa se encantava por ele, não tinha jeito, queria pegar ele que nem as criança quer a todo custo pegar uma flor do azevinho. Elas não sabe que azevinho é veneno, então vê as bolinha vermelha, acha bonito e vai logo querendo colocar na boca. Aí a gente arranca a flor das mão dela e elas chora que parece que a gente arrancou o coração de dentro do peito delas. Tem muita peçonha no mundo que é assim, bonita do lado de fora.

Jamie McAllan não era peçonhento como o pai dele, mas fazia o trabalho do coisa-ruim do mesmo jeito. Era fraco que nem um vaso de barro. Bafo de uísque todo dia na hora do almoço, perfume de mulher nas roupa toda segunda-feira. Um homem tem lá suas necessidade, eu sei, pode até tomar umas bebida de vez em quando e ainda ser filho de Deus, mas Jamie McAllan tinha um buraco na alma, desses que o diabo adora encontrar, uma porta aberta que ele usa pra entrar e fazer suas diabice. Eu achava que esse buraco era coisa da guerra, que um dia ia acabar fechando, mas ele só fazia crescer. Ninguém mais enxergava isso, só eu. Jamie McAllan encantava todo mundo, em especial a Sra. McAllan. Do jeito que ela olhava pra ele, dava até pra achar que tava olhando pro marido, não pro cunhado. Mas Henry McAllan nem ligava, se é que notava. Vou dizer uma coisa: se minha irmã espichasse os olho pro meu Hap desse jeito, eu arrancava eles com as minha própria mão.

Até meu filho tava encantado com o homem. Eu sabia das carona que Ronsel pegava com ele nas tarde de sábado e sabia também que saía de casa depois que escurecia. Por essas banda do sul, preto só sai de casa à noite pra usar a latrina, pelo menos os que têm algum juízo na cabeça. Eu sabia muito bem que Ronsel ia praquela serraria abandonada na beira do rio e

ficava lá, enchendo a cara com Jamie McAllan. Quantas vez não ouvi meu filho saindo de mansinho e depois voltando de madrugada, trocando as perna dentro de casa? Eu falava pra Ronsel ficar longe de Jamie McAllan, mas ele não me dava ouvido.

– O que você tanto faz com esse branco por aí, filho? – perguntei um dia.

– Nada. A gente só conversa.

– Tá cutucando onça com vara curta, é isso que você tá fazendo.

Ronsel balançou a cabeça.

– Ele é diferente dos outros.

– Nisso você tem razão – concordei. – Jamie McAllan tem uma cobra dentro do bolso, uma cobra que ele carrega pra todo lado. Mas quando ela tiver que cravar as presa bem fundo no couro de alguém, não vai ser no dele. Vai ser no couro da pessoa que tiver do lado dele. Melhor que essa pessoa não seja você, filho.

– A senhora não conhece o Jamie – falou Ronsel.

– Sei que ele bebe uísque todo dia, escondido da família.

– Para espantar os fantasmas, só isso – explicou, olhando para o outro lado.

Meu filho também tinha lá seus fantasma, mas nunca falava deles. Desde que tinha voltado da guerra, ele era que nem uma casa com as janela e as porta fechada com tapume: nada entrava pra dentro nem saía pra fora. A gente não conseguia chegar nele nem ele na gente. Jamie McAllan recebia mais de Ronsel do que qualquer um de nós.

Não contei pro Hap sobre as bebedeira dos dois. Não gostava de esconder as coisa do meu marido, mas fazia um tempo que ele e Ronsel vinha se desentendendo um com o outro... E por culpa do Hap, que ficava tentando convencer Ronsel a falar com Henry McAllan e pegar os acre que era dos Atwoods. O Sr. McAllan já tinha passado as terra pra outra família, só que comentou com o Hap que não tava nem um pouco satisfeito com eles. Ronsel falava pro pai que ia pensar no assunto. Ora, a verdade é que ele queria aquelas terra pra ele tanto quanto um gato queria uma lagoa pra nadar. Mas Hap ficava martelando a mesma história na cabeça do menino, quando era ele próprio que queria pegar as terra.

– Se você não parar com isso – falei pra ele um dia –, vai acabar afugentando seu filho pra longe.

– Ronsel já não é mais criança – explicou. – Precisa de uma terra só dele. Uma família só dele. Melhor que seja aqui do nosso lado. Um dos gêmeo vai poder ajudar. Com todo mundo cultivando cinquenta acre, e se o preço do algodão continuar acima dos trinta centavo por quilo, daqui a três ou quatro ano a gente vai ter dinheiro suficiente pra comprar nossa própria fazenda.

Ronsel não queria fazenda nenhuma, mas não adiantava dizer essa verdade pro meu marido. Ele não escutava. Um porco morto ia ouvir mais que ele. Quando Hap mete um negócio na cabeça, não ouve nem enxerga nada que diz o contrário. E é essa coisa que faz dele um pregador tão bom: nada abala a fé desse homem. As pessoa enxerga isso no Hap, se sente

segura. Acontece que o que funciona na igreja nem sempre funciona na casa da gente. Tudo que Ronsel enxergava era um pai que não dava importância pras vontades dele. E a vontade dele era ir embora. Eu também não queria que meu filho fosse embora, mas sabia que um dia ele ia precisar partir – e eu não ia conseguir impedir.

QUANDO CHEGOU A PRIMAVERA, Ronsel já bebia com Jamie McAllan quase todo dia. Então, quando o velho viu os dois junto na caminhonete, achei até bom. Pensei que isso ia pôr um fim na história toda.

Ronsel não falou nada com a gente. Igual tinha acontecido da outra vez, foi Henry McAllan que veio falar com Hap. E igual tinha acontecido da outra vez, fiquei ouvindo atrás da porta. Achava que tinha o direito de saber o que era dito na minha varanda, por mais que os homens pensassem o contrário.

– Você já deve saber o motivo da minha visita, Ronsel – disse o Sr. McAllan.

– Não sei, não, senhor.

– Meu irmão contou que deu uma carona para você hoje, vindo da cidade.

– Deu, sim, senhor.

– Imagino que tenha sido a primeira vez.

– Não, não foi a primeira vez.

– Há quanto tempo isso vem acontecendo?

– Não sei direito.

– Hap, você sabe do que estou falando?

– Sei não, senhor.

– Então vou explicar – falou o Sr. McAllan. – Parece que seu filho e meu irmão têm andado por aí na minha caminhonete, só Deus sabe desde quando, sentados juntos na cabine feito duas ervilhas na fava. Meu pai viu os dois hoje, voltando da cidade. Você está me dizendo que não sabia de nada disso?

– Sabia não, senhor. Bem, eu sabia que de vez em quando Ronsel voltava com ele da cidade, mas não que era junto na cabine.

Só que Hap sabia, sim, porque viu a primeira vez que isso aconteceu. Se passou um sermão no filho? Pode apostar que sim. Falou que era pra ele nunca mais sentar no banco da frente com um branco, a menos que fosse como motorista e tivesse um quepe preto na cabeça pra provar.

– E, agora que já sabe, o que tem pra dizer? – perguntou o Sr. McAllan.

Por um tempo ninguém disse uma palavra. Eu podia sentir Hap pelejando pra encontrar uma resposta. Aquilo não era certo; Henry McAllan tava pedindo a um pai pra tomar partido contra o próprio filho. Se ele queria dar uma lição no meu Ronsel, então que desse ele mesmo,

em vez de pedir pro meu marido. “Não fala nada, não, Hap”, pensei do outro lado da porta. Mas, antes que Hap abrisse a boca pra responder qualquer coisa, Ronsel se adiantou:

– Meu pai não tem nada pra dizer, já que não sabia do que estava acontecendo. É pra mim que o senhor tem que perguntar.

– Como quiser. E aí? Onde é que você estava com a cabeça?

– Quando um branco manda eu sentar do lado dele, eu sento – disse Ronsel, mas com uma falsa humildade que até eu podia ver.

– Está brincando comigo, rapaz?

– Claro que não, Sr. McAllan – falou Hap. – Ele está explicando, só isso.

– Então deixa eu explicar uma coisa também, Ronsel. Se eu pegar você outra vez num carro com o meu irmão, você vai se ver numa grande encrenca, algo muito pior do que essa nossa conversinha de hoje. Meu pai não é de mandar aviso quando perde a cabeça, se é que você me entende. Portanto, da próxima vez que Jamie lhe oferecer uma carona, diga que precisa exercitar as pernas, entendido?

– Sim, senhor.

– Sabe de uma coisa, Hap? – disse Henry McAllan. – Eu esperava mais juízo de um filho seu. – Depois berrou: – E isso vale pra você também, Florence.

Assim que ele foi embora, saí pra varanda e encontrei Ronsel observando a caminhonete se afastar. Hap tava sentado na cadeira de balanço, olhando pras costa do filho. Ronsel virou de repente e perguntou pra ele:

– Então, pai, não vai dizer “bem que eu te disse”?

– Não preciso.

– Deve estar se coçando, aposto. Então fala logo.

– Não preciso falar nada.

Por um bom tempo, naquela varanda só se ouviu o coaxo dos sapo, a gritaria dos grilo no mato e o nheco-nheco da cadeira de balanço. Mas aí Ronsel limpou a garganta e eu pensei: “Lá vem.”

– Vou ficar só até o armazenamento do algodão, depois vou embora.

– Embora pra onde, filho? – questionou Hap. – Pra alguma cidade grande do norte onde você não tem nem casa nem família? Isso não é vida pra ninguém.

– Qualquer outra vida há de ser melhor do que esta aqui.

HENRY

QUANDO CHEGOU A ÉPOCA do plantio, eu já estava a um passo de matar meu irmão, por mais doente que ele estivesse da cabeça. E não só pelo fato de ele ter voltado a beber escondido depois de jurar que havia parado. Era seu egoísmo que me deixava furioso. Jamie só fazia o que lhe dava na telha, sem pensar um segundo na consequência dos seus atos. Eu lá, trabalhando feito um condenado para poder instalar minha família numa casa em Marietta, e ele se metendo com putas e pretos. Grande ajuda! O pior de tudo foi ter que ouvir Laura defendê-lo e ver meu pai com um sorrisinho irônico no rosto enquanto assistia à nossa discussão. Pappy achava que eu não percebia nada, mas estava enganado. Mesmo que eu não tivesse dois olhos perfeitos para enxergar, os ouvidos estavam lá para ouvir.

Se Jamie estivesse por perto, Laura parecia cantar. Se eu me aproximasse, ela mal se dispunha a murmurar.

MESMO ASSIM NÃO FOI minha intenção dizer o que disse. Não daquele jeito... Mas Jamie passou dos limites e as palavras simplesmente escapuliram da minha boca; e, uma vez ditas, não havia como sugá-las de volta.

Nós dois estávamos no celeiro. Jamie tinha acabado de ordenhar a vaca e estava levando o balde para a cozinha quando tropeçou e caiu, derramando todo o leite no chão e sobre si. Começou a rir como se aquilo não fosse nada. Até acho que não era mesmo, mas, naquele exato momento, a reação dele me deixou com muita raiva.

– Acha que leite derramado é alguma piada? – perguntei.

– É como dizem por aí: não adianta chorar por ele.

Logo vi, tanto pela língua enrolada quanto pelo desequilíbrio ao tentar ficar de pé, que ele tinha bebido. O que me deixou ainda mais irritado.

– Claro, especialmente quando o leite não é seu.

Foi o que bastou para apagar o sorriso do rosto dele.

– Já entendi – disse ele com ironia. – Quanto devo a você, Henry? – Tirou umas moedas do

bolso e falou: – Vejamos... Devia ter o que neste balde? Uns dez litros? Então são 2 dólares. Mas aqui estão 2,25, só por garantia. Não vou roubar meu próprio irmão.

Ele começou a contar o dinheiro.

– Não seja idiota – falei.

– Não, mano. Eu insisto.

Jamie se aproximou com as moedas na palma da mão. Quando viu que eu não ia pegá-las, tentou despejá-las no bolso da minha camisa. Dei um tapa na mão dele e as moedas caíram no chão.

– Pelo amor de Deus! O problema não é o dinheiro.

– Então qual é o problema? O que você quer que eu faça, Henry?

– Para começar, quero que pare de beber. Assuma a responsabilidade por seus atos e passe a se comportar feito um homem.

– Um balde de leite derramado e de repente não sou mais um homem? – disse ele.

– Ultimamente você não tem agido como um.

Jamie apertou os olhos com um ar feroz, exatamente como fazia nosso pai quando era contrariado.

– E como acha que devo agir, hein? Feito você? Que anda por aí como se fosse o Todo-Poderoso, distribuindo ordens e leis, tão voltado para o próprio umbigo que nem percebe a infelicidade da mulher? É esse o tipo de homem que eu deveria ser?

Eu nunca havia batido no meu irmão, mas estava faltando pouco para que isso acontecesse.

– Seja o homem que você bem entender, Jamie. Mas noutro lugar que não seja aqui.

– Tudo bem. Vou para a cidade – respondeu ele, já saindo.

– Você não entendeu. Não é só por hoje.

De repente, vi no rosto do meu irmão aquele mesmo olhar que ele costumava mostrar quando os coices do Pappy doíam mais fundo. E, no mesmo instante, o olhar se apagou para dar lugar a uma expressão de indiferença.

– Ótimo – disse ele, dando de ombros. – Já não estava mais aguentando isto aqui.

“Esse infeliz não tem nada”, pensei. “Não tem mulher nem filhos, não tem uma casa para chamar de sua. Não tem sequer uma vocação para ajudá-lo a construir uma vida.”

– Jamie, não era isso que eu queria dizer.

– Ah, não? Porque as palavras saíram prontinhas da sua boca, como se você pensasse nelas há bastante tempo.

– Acho apenas que você precisa de um novo começo noutro lugar. Nós dois sabemos que você não é um fazendeiro.

– Amanhã mesmo eu saio daqui.

Eu não queria que ele fosse embora daquele jeito, com raiva e desprevenido.

– Não precisa – falei. – Aliás, estava contando com você para o plantio.

Jamie fez que não me ouviu.

– Amanhã bem cedo pego o primeiro ônibus que sair da rodoviária.

– Estou pedindo para você ficar mais um pouco. Só até a gente terminar de semear.

Ele refletiu um instante, depois abriu um sorriso duro.

– O que eu não faço pelo meu irmão mais velho? – disse, e saiu marchando com a rigidez de um soldado.

Jamie nunca daria o braço a torcer, mas, num aspecto, ele era igualzinho ao nosso pai: jamais esquecia uma afronta e jamais perdoava.

LAURA

SE HENRY NÃO TIVESSE sido tão teimoso.

Se não tivesse havido um jogo de futebol.

Se Eboline tivesse cuidado melhor de suas árvores.

Era doze de abril, uma semana após o incidente com Ronsel. Eu, Henry, Jamie e Pappy estávamos almoçando no Dex's. As meninas estavam na casa da Rose e dormiriam por lá; haviam contando os dias para esse aniversário de 7 anos de Ruth Ann, comemorado com um chá e uma festinha do pijama.

Lá pelo meio da refeição, Bill Tricklebank veio nos procurar. Eboline ligara para a loja, apavorada. O galho podre de uma árvore de seu quintal caíra sobre o telhado da casa. Ninguém se machucara, mas o teto da sala agora tinha um enorme buraco e uma tempestade horrível estava a caminho de Greenville, com chegada prevista para a segunda-feira seguinte.

– Diabos! – exclamou Henry assim que Bill foi embora. – Tinha que ser bem no meio do nosso plantio.

– Eu vou até lá – ofereceu-se Jamie.

– Não – disse Henry. – Não acho que seja uma boa ideia.

– Por que não? – perguntou Jamie, bravo.

As coisas ainda estavam tensas entre os dois. Eu agora procurava não me meter; nas duas vezes em que tentei conversar sobre isso com Henry, quase fui apedrejada.

– Você sabe muito bem por quê – respondeu ele.

– Mas já se passaram seis meses, caramba. Charlie Partain não vai fazer nada, mesmo que trombe comigo por acaso. O que não vai acontecer.

– Não vai mesmo – disse Henry. – Porque não vou deixar.

– Quem é esse Charlie Partain? – perguntei.

– O xerife de Greenville – informou Pappy. – Não tem muita simpatia pela nossa família.

– Depois daquele acidente, mandou que eu mantivesse Jamie longe da cidade – acrescentou Henry. – E é exatamente o que pretendo fazer.

– O problema não é o xerife – disse Jamie. – A questão é que você não confia em mim. É

ou não é?

Henry ficou de pé, tirou uma nota de dez dólares da carteira e deixou sobre a mesa. Virando-se para mim, falou:

– Ligue para Eboline e avise que estou indo. Depois, peça a alguém no mercado para levar vocês para a fazenda. Volto daqui a alguns dias.

Ele se inclinou e deu um beijo rápido na minha testa. Antes que fosse embora, Jamie segurou-o pelo braço e perguntou:

– E aí? Confia ou não confia?

Henry olhou para a mão que o detinha, depois para o irmão.

– Avise os arrendatários que vem uma tempestade por aí – disse. – Leve o trator para dentro do celeiro e conserte a janela do quarto das meninas, que está bamba. Também acho prudente dar uma olhada no telhado, pregar todas as telhas soltas.

Jamie assentiu e Henry saiu. Após terminarmos de comer, seguimos a pé até o mercado dos Tricklebanks. Jamie e Pappy ficaram esperando na varanda enquanto eu fazia a ligação para Eboline. Depois comprei alguns mantimentos para levar para casa. Quando saí com as sacolas, encontrei Pappy num dos cantos da varanda, ouvindo um jogo de futebol no rádio junto com outros homens. Jamie estava sozinho no canto oposto, fumando e olhando sem grande entusiasmo para a rua. Fui até ele e perguntei se já havia arrumado nossa carona de volta.

– Tom Rossi vai nos levar – falou. – Ele foi comprar ração e pediu que a gente o encontrasse por lá.

Tom era o proprietário da fazenda que ficava a oeste da nossa. Também trabalhava, em meio período, como subxerife de Marietta. Para mim, era desanimador morar num lugar tão pacato que a polícia podia se resumir a uma pessoa e meia.

– Pappy, podemos ir? – gritei.

– Claro que não, garota – berrou ele de volta. – Não está vendo que o jogo acabou de começar?

– Pode deixar que depois eu levo ele – disse um dos homens.

– O jantar é às seis – avisei.

Irritado, Pappy gesticulou para que fôssemos embora, então fui com Jamie ao encontro de Tom.

Sentada entre os dois na viagem até a fazenda, eu puxava conversa com Tom enquanto Jamie se remoía de aflição a meu lado. Assim que chegamos, ele pegou a caminhonete e saiu para avisar os arrendatários sobre a tempestade. Quando ouvi a caminhonete voltar, fui para a varanda. Jamie saltou e foi pisando duro na direção do celeiro, os cabelos ruivos brilhando ao sol. Chamei-o, mas ele seguiu adiante, dizendo:

– Preciso pegar a escada para ver o telhado.

– Isso pode esperar um pouquinho. Tenho que falar com você.

Jamie parou, mas não virou para trás. O corpo estava rígido e os punhos cerrados. Fui até

ele.

– Está enganado se pensa que Henry não confia em você – falei.

– Acha mesmo?

– Você não entende? Era isso que ele estava tentando dizer quando lhe pediu que alertasse os arrendatários e tudo mais. Estava demonstrando que confia em você.

– Confia tanto que não vê a hora de me ver pelas costas – disse com um sorriso amargo.

– Não seja bobo. Ele ficou bravo com aquela história do Ronsel, só isso. Vai passar.

Jamie inclinou a cabeça e falou:

– Então ele ainda não contou a você? Eu já imaginava.

– Contou o quê?

– Que me mandou embora.

– Do que está falando?

– Ontem ele pediu que eu fosse embora da fazenda. Fico aqui mais uma semana, no máximo. Só até a gente terminar o plantio.

Senti uma pontada no peito, seguida de uma sensação de vazio que me deixou meio tonta. Como quando eu doava sangue na época da guerra. Só que agora não era apenas o sangue que me deixava, mas toda a cor e a energia da minha vida. Quando Jamie partisse, eu tornaria a ser a mesma pessoa invisível que era antes de sua chegada. Não, eu não conseguiria voltar a ser aquele fantasma obediente que cumpria suas obrigações domésticas automaticamente, sem estar presente nelas. *Não*.

– *Não* – falei em voz alta, sem perceber.

– Preciso ir, Laura. Numa coisa Henry tem razão: preciso de um recomeço. E este recomeço, é óbvio, não pode ser aqui – declarou Jamie, apontando para a triste paisagem à sua volta: a casa decrépita, a latrina, os barracões, a feiura das terras.

E eu também fazia parte dessa paisagem. A paisagem de Henry. Uma fúria brotou subitamente dentro de mim e tomou conta do meu corpo. Naquele momento, eu seria capaz de dizer que odiava meu marido.

– Acho melhor ir ver esse telhado de uma vez – disse Jamie, indo em direção ao celeiro. À porta, virou para trás e confessou: – Nunca imaginei que meu irmão fosse me apunhalar dessa forma. Jamais pensei que ele pudesse fazer isso.

Não encontrei o que dizer. Não consegui pensar em nada que pudesse acalmá-lo. Que o impedisse de ir embora.

FIQUEI OUVINDO ENQUANTO ELE guardava o trator, martelava a janela e subia no telhado. Ruídos comuns, mas que me enchiam de tristeza. Só conseguia pensar no silêncio que estava por vir.

Passado algum tempo, ele surgiu na janela da frente.

– O telhado está bom. Do resto eu já cuidei.

– Quer um café?

– Não, obrigado. Acho que vou tirar um cochilo.

Jamie dormia fazia uns vinte minutos quando começou a gemer e gritar. Corri imediatamente para o anexo, mas, à porta, hesitei. Olhando a minha mão pousada no trinco, pensei em tudo que ela havia sido capaz de fazer desde a nossa mudança para a fazenda, coisas que no passado teriam me deixado perplexa ou assustada. Por um instante, fiquei observando as unhas maltratadas, as juntas inchadas, a faixa de ouro em torno do anular. Vi os dedos abrirem o trinco.

Jamie estava deitado de costas com os braços esparramados para o lado. Tirara apenas os sapatos e as meias antes de dormir. Os pés eram grandes e magros, com veias azuis riscando a pele muito branca. Senti vontade de beijar aqueles pés. De repente, ele deu um grito e jogou um dos braços para o alto como se quisesse afugentar alguma coisa. Sentei na beira da cama e segurei seu braço contra o lençol. Com a mão livre, afastei os cabelos de sua testa suada.

– Jamie, acorde.

Ele se debateu e fincou os dedos no meu ombro. Chamei-o novamente pelo nome e Jamie abriu os olhos, correndo-os desesperadamente por toda parte até me localizar. Vi a lucidez brotar ali aos poucos, reconhecendo onde estava e quem eu era.

– Laura.

Eu poderia ter virado o rosto naquele momento, mas não virei. Fiquei imóvel, sabendo que ele podia ver tudo que eu estava sentindo, permitindo que ele visse. Foi o ato de intimidade mais intenso da minha vida. Jamie não se mexeu, mas senti uma diferença no modo como apertava meu ombro. Seus olhos baixaram para minha boca e meu coração deu um salto dentro do peito. Fiquei esperando que me puxasse para si, mas ele não puxou; logo me dei conta de que a iniciativa teria que ser minha. Lembrei da primeira vez que Henry me beijou, a firmeza com que segurou meu rosto, como se tivesse nas mãos algo que era seu por direito. “Esta é a diferença entre homens e mulheres”, pensei. Os homens vão lá e pegam o que querem, enquanto as mulheres ficam esperando que alguém lhes dê o que elas querem.

Eu não queria esperar mais. Então me inclinei e o beijei. Um beijo com gosto de uísque e cigarro. Um beijo que ele agora devolvia com raiva, com um desejo que, eu sabia muito bem, não era só por mim. Mas pouco importava. Pulei de cabeça, sem exigir respostas nem dele nem de mim mesma. Jamie desabotoou minha blusa, desprende as ligas das meias. Avançava com pressa, impaciente, atropelando todos os sinais do pudor e da prudência, e eu me deixava levar, seguindo de bom grado pelos caminhos do desejo dele.

De repente ele parou, me jogou para o lado e levantou da cama. Imediatamente pensei: “Mudou de ideia. Claro que mudou.” Em seguida, estendeu a mão e me puxou da cama, fazendo com eu ficasse de pé diante dele. Morrendo de vergonha, comecei a abotoar a blusa. Ele ergueu meu queixo e disse:

– Olhe para mim.

À custa de algum esforço, obedeci. Encarando-me com um olhar intenso, ele correu o polegar pelos meus lábios, entreabrindo-os, depois baixou a mão e lentamente roçou meu seio com o dorso dos dedos, de cima para baixo, de baixo para cima. Meus mamilos endureceram, as pernas bambearam. Meu corpo agora era uma massa úmida e desgovernada. Teria desabado no chão se não fossem aqueles olhos que o sustentavam. Havia neles uma pergunta, o vestígio de algo um tanto solene. De repente compreendi: não seríamos levados por um arroubo de paixão, como eu sempre havia imaginado. Jamie não deixaria isso acontecer. Nosso encontro teria que ser um ato deliberado. Uma escolha.

Encarando-o de volta, desafivelei e retirei seu cinto. Quando desabotoei sua calça, ele exalou um demorado suspiro, depois me puxou para um beijo.

Em nenhum momento pensei em Henry ou nas meninas. Também não pensei em palavras como “adultério”, “pecado” ou “consequências”. Pensei apenas em mim e em Jamie. E, quando o senti dentro de mim, não pensei em mais nada.

JAMIE ADORMECEU SOBRE O meu corpo, tal como Henry fazia às vezes quando estava cansado. Mas não fiquei irritada nem impaciente, como costumava ficar com Henry. Pelo contrário; gostei de sentir o peso dele sobre mim. Fechei os olhos, procurando afastar todas as outras sensações, deixando que aquele corpo imprimisse seu contorno em minha carne.

Bastou lembrar de Pappy para que eu despertasse do transe. Pela luz dourada que vazava da janela, a tarde já ia longe. Pappy chegaria a qualquer momento. Com muito cuidado, fazendo o possível para não acordar Jamie, me desvencilhei de seu corpo. Ele resmungou alguma coisa, mas nem sequer abriu os olhos. Recolhi minhas roupas do chão, tirei a poeira delas e me vesti. Olhando no espelho, vi que o cabelo estava todo bagunçado, mas, fora isso, eu era a mesma Laura de sempre numa tarde de sábado como outra qualquer. Tudo havia mudado; nada havia mudado. Impressionante.

As molas do colchão rangeram às minhas costas. Eu sabia que Jamie havia acordado e me observava da cama. Sabia também que devia virar para fitá-lo, mas não consegui. Fugi do quarto sem olhar para trás, sem dizer uma única palavra. Meu medo era encontrar vergonha em seus olhos ou remorso em sua voz.

Cerca de meia hora depois, ouvi quando ele ligou a caminhonete e saiu.

HAP

NA TARDE DE SEGUNDA-FEIRA, eu tava atrelando a mula na carroça quando Ronsel finalmente chegou da cidade. Eu tava muito bravo. Ele tinha ido fazer uma compra pra mãe, coisa boba, e nada de voltar pra casa. Com certeza porque a cabeça andava na lua outra vez, pensando em ir embora pra Nova York, Chicago ou qualquer lonjura que ele vivia falando. E eu lá, com uma carroça cheia de esterco, precisando de ajuda pra adubar a terra.

– Onde foi que você se meteu? – perguntei. – O dia já tá quase todo perdido!

Ronsel não respondeu. Só olhava pra frente daquele jeito esquisito, como se alguém tivesse arrancado os miolo da cabeça dele.

– Ronsel! – berrei. – Que foi que deu em você, homem?

Ele levou um susto e então respondeu:

– Desculpe. Minha cabeça estava em outro lugar.

– Vem me ajudar com esse fertilizante aqui.

– Espera aí, eu já volto.

Meu filho entrou em casa. Um minuto depois, saiu que nem um doido pra varanda e olhou pros lado como se tivesse perdido alguma coisa.

– O senhor viu um envelope por aí?

– Envelope? Que envelope?

– Um envelope branco com um endereço escrito na frente.

– Não vi envelope nenhum.

Ele correu os olho pelo quintal, cada vez mais nervoso.

– Deve ter caído do meu bolso em algum ponto da estrada. Merda!

– Ronsel! Que diabo tinha dentro desse envelope afinal?

Mas ele não respondeu.

– Deve ter caído lá naquela vala – disse, olhando pra estrada. – Vou lá buscar.

– Pensei que fosse me ajudar com esse adubo!

– O adubo pode esperar, pai – falou, disparando em direção à estrada.

Foi a última vez que ouvi a voz do meu filho.

RONSEL

O ENVELOPE TINHA UM selo alemão. Após viajar por tantos quilômetros e passar por tantas mãos, estava todo sujo e amassado. A letra era feminina, caprichada e um tanto inclinada. Só podia ser da Resl. Dava para notar que os censores tinham aberto o envelope e colado novamente. Era difícil aceitar que eles tivessem lido primeiro o que havia sido escrito só para mim.

Quanto puxei a carta, uma fotografia caiu no chão do correio. Peguei rapidamente para ver o que era. É impressionante como um simples pedaço de papel brilhante pode mudar nossa vida para sempre. Minha boca ficou seca, o coração disparou. Desdobrei a carta, rezando para que os censores não tivessem rabiscado nada. Dessa vez, não tinham: estava tudo lá.

Lieber Ronsel,

Esta carta estou escrevendo com ajuda da minha amiga Berta, que talvez você lembra. Não sei se vai chegar até você, mas espero que sim. Você deve levar susto, recebendo carta minha. Primeiro pensei não escrever, mas depois decidi que sim, porque não é certo pessoa não saber que tem um filho. É isto que eu quero dizer aqui: você tem um filho. Escolhi o nome do meu pai e do pai dele: Franz Ronsel. Ele nasceu na noite de 14 de novembro, 22 horas, no hospital de Teisendorf. Fico imaginando o que você estava fazendo neste momento. Tento imaginar você na sua casa no Mississippi, mas não consigo ver casa nenhuma na minha cabeça, só seu rosto, que vejo todo dia quando olho para o pequeno Franz. Estou enviando foto para que você pode conhecer seu filho. Ele tem seus olhos, seu sorriso.

Quando você foi embora, eu não sabia que tinha filho na barriga e, quando fiquei sabendo, o orgulho não deixou eu escrever para você. Mas agora tenho esse filho tão lindo e fico imaginando o dia que ele saber que não tem pai e o sorriso dele vai embora. Comparado com isso, meu orgulho não é importante. Por Franz eu peço, por favor, para você voltar e ficar aqui com a gente: comigo, com Maria, com seu filho. Sei que não é fácil, mas tenho esta casa aqui e acho que junto a gente pode fazer uma vida feliz. Por favor, responde rápido e diz que está voltando.

Com amor,

Sua Resl

A carta estava datada de dois de fevereiro de 1947, mais de dois meses atrás. Quase morri de pena quando pensei na agonia de Resl, esperando aquele tempo todo por uma resposta que não chegava nunca. Cheirei a carta, mas, se Resl havia deixado um pouco de seu perfume no papel, ele já tinha evaporado por completo. Olhei a fotografia novamente. Lá estava Resl, mais linda e doce do que nunca, com um bebê embrulhado entre os braços. A pele dele era de um tom cinzento, mais clara do que a minha teria sido nessa idade. O mais provável era que aos poucos ele fosse adquirindo a mesma cor do meu pai, algo parecido com um bolo de gengibre. Resl erguia a mão do menino como se ele estivesse acenando para mim.

Minha Resl. Meu filho.

“UM FILHO, EU TENHO um filho!”, era tudo em que conseguia pensar enquanto voltava a pé para a fazenda com aquela carta no bolso. A existência de um filho deixava o mundo com contornos mais nítidos. O céu parecia mais azul e os casebres que se espalhavam debaixo dele, mais decrepitos. Os campos recém-plantados em torno de mim pareciam se estender indefinidamente, como um oceano barrento a me separar do meu filho. Mas, que diabo, como é que eu ia fazer para voltar para a Alemanha? E, quando chegasse lá, ia fazer o quê? Eu não falava a língua, não teria portanto a menor condição de sustentar uma família. No entanto, não podia abandoná-los. Talvez pudesse trazer os três para os Estados Unidos; não para o Mississippi, mas para algum lugar onde ninguém se importasse com a cor da nossa pele.

Com certeza haveria algum lugar assim, talvez na Califórnia ou no norte. Eu poderia perguntar ao Jimmy, talvez ele soubesse. Eu poderia isso, eu poderia aquilo... Talvez isso, talvez aquilo outro... Esse era o problema. Eu precisava de um tempo para pensar direito e conceber um plano. Enquanto isso, eu os ajudaria como pudesse. Não havia sobrado muito das minhas economias, apenas algumas centenas de dólares escondidas dentro dos coturnos, no fundo da minha mochila. Eu ia escrever para o capitão Scott em Camp Hood; tinha certeza de que ele saberia como fazer o dinheiro chegar às mãos de Resl. Mas, antes disso, escreveria para ela dizendo que ainda a amava, que estava elaborando um plano e que ela podia sussurrar tudo isso no ouvido do meu filho.

Eu estava com a cabeça tão quente que só ouvi a caminhonete quando ela já estava quase passando por cima de mim. Olhei para trás e lá estava ela, vindo na minha direção. Foram os instintos de soldado que me salvaram. Pulei dentro da vala que havia à beira da estrada e caí na lama. O carro passou tão perto da minha cabeça que por pouco não tocou meu cabelo, e então caiu na vala também, logo à minha frente. Só então vi que era a caminhonete dos McAllans. Primeiro achei que fosse o velho, o pai de Henry McAllan, tentando me atropelar, mas, quando a porta se abriu, foi Jamie quem desceu por ela. Ou melhor: caiu. Eu já o vira bêbado um monte de vezes, porém nunca naquele estado. Com uma garrafa de uísque na mão e um cigarro na outra, ele veio cambaleando falar comigo.

– É você, Ronsel?

– Sim, sou eu.

– Você está bem?

– Chafurdando que nem um porco na lama. Fora isso, tudo bem.

– Não devia ficar andando por aí no meio da estrada. Vai acabar morrendo atropelado.

– Não vai ser um pé de cana branquelo e metido a piloto que vai matar um tanqueiro casca-grossa como eu.

Ele riu, se esborrachando na beira da vala, e eu me levantei para sentar ao lado dele. Jamie estava com um aspecto horrível, parecendo doente: todo suado, olhos vermelhos, barba por fazer. Deu um gole no uísque, depois me ofereceu a garrafa já quase vazia.

– Melhor não – falei. – Acho que você também não devia.

– Não fiquem achando, senhores, que estou embriagado – disse ele, balançando a cabeça. Depois ergueu a mão com a qual segurava a garrafa. Derramou uísque nas calças, mas nem notou. – Esta é minha mão esquerda. Oh, o que fazem os homens quando colocam o inimigo na própria boca para lhes roubar o cérebro? Por que havemos nós de, na alegria, no prazer, no júbilo e... no júbilo e... Porra, qual é mesmo a quarta coisa? É Cássio, em *Otelo*...

Ele olhou para mim como se eu tivesse a obrigação de saber. Apenas dei de ombros.

– Na alegria, no prazer, no divertimento e... no júbilo. É isso! No aplauso! Por que havemos nós de nos transformar em animais?

Jamie rodopiou a mão esquerda no ar, depois dobrou o tronco para agradecer à plateia imaginária que tinha diante de si. Teria caído na vala se eu não o tivesse puxado pelo colarinho da camisa.

– Jamie, você está com algum problema que eu não sei?

Ele fez que não com a cabeça e ficou olhando para a garrafa, arrancando o rótulo com as unhas. Ficou calado por um bom tempo e então perguntou:

– Qual foi a pior coisa que você já fez na vida?

– Matar o Hollis, eu acho.

Jamie conhecia a história. Numa das nossas noites de bebedeira na serraria, eu contei a ele sobre o dia em que dei um tiro na testa do meu amigo Hollis, depois que a explosão de uma granada arrancou as pernas dele e ele implorou para que eu acabasse com o seu sofrimento.

– Não é isso. Estou falando de alguma coisa que deixou alguém muito magoado com você. Algo pelo que não se perdoa até hoje. Já fez alguma coisa assim?

“Já”, pensei comigo mesmo. “Abandonar a Resl.” Eu estava a um passo de contar a ele sobre Resl. Queria dizer em voz alta: “Sou pai, tenho um filho.” Jamie sabia de um monte de coisas sobre mim, coisas como o sacrifício de Hollis, o dia em que não permiti que os caipiras brancos entrassem no nosso tanque ou a noite em que eu e Jimmy entramos num cabaré em Paris e as dançarinas estavam todas nuas em pelo. Mas havia uma grande diferença entre tudo isso e o fato de eu ter um filho com uma mulher branca. Jamie McAllan era nascido e criado

no Mississippi. Se ele encrespasse e resolvesse me entregar para a polícia, era bem possível que eu pegasse uns dez anos de cadeia. Isso se não fosse linchado antes.

– Não – respondi. – Nada que eu me lembre.

– Pois eu, sim. Difamei certa dama, princesa destas terras...

– Do que você está falando? Que princesa é essa?

– E ela, a doce dama, devota-se, devota-se com idolatria, a este homem maculado e inconstante. Idolatria... adulteria... *Ha!*

Então era isso que estava perturbando ele. Pensando na Josie, falei:

– É sempre uma cilada se envolver com mulher casada. Coração partido na certa. O melhor a fazer é esquecer e não procurar nunca mais.

Ele assentiu.

– Pois é. Estou indo embora semana que vem.

– Para onde?

– Não sei. Talvez para a Califórnia. Sempre quis conhecer.

– Tenho um amigo que mora em Los Angeles. Jimmy. Segundo ele, nunca é quente ou frio demais por lá, e quase nunca chove. Mas também pode ser tudo mentira dele.

Jamie olhou para mim daquele jeito penetrante que os bêbados às vezes fazem, como se tivessem ficado sóbrios de repente, mas só o bastante para nos enxergar de verdade.

– Você também precisa sair daqui, Ronsel – declarou. – Hap já pode se virar sem você.

– Também estou indo embora. Logo depois da colheita.

– Ótimo. Isto aqui não é lugar para você.

Ele terminou seu uísque e jogou a garrafa na vala. Tentou ficar de pé, mas as pernas não obedeceram, então levantei para ajudar.

– Acho melhor você me deixar dirigir.

– É, também acho.

Por milagre, conseguimos tirar a caminhonete da vala; aí dirigi até a ponte e saltei. Dali em diante ele daria conta do recado sozinho. Além do mais, eu não queria que Henry McAllan nem o pai dele me vissem.

– Tente não jogar nenhum outro preto na lama.

Ele riu e ofereceu a mão para que eu a apertasse.

– Acho que a gente não se vê de novo antes da minha partida. Espero que tudo corra bem com você.

– Felicidades para você também – falei.

– Você foi um amigo que eu tive aqui, queria que soubesse disso.

Jamie não esperou que eu respondesse, apenas acenou e se mandou. Fui seguindo atrás dele a pé, vendo a caminhonete ziguezaguear estrada afora, pensando em como o mundo às vezes podia ser um lugar cheio de surpresas.

ACHO QUE FOI UNS trinta minutos depois disso que notei que a carta tinha sumido. A primeira coisa que me ocorreu foi que ela havia caído na vala. Voltei lá correndo, procurei por toda parte, mas só achei a garrafa de uísque de Jamie. Vasculhei todo o caminho até a cidade e também não encontrei nada. O correio estava fechado, mas eu tinha certeza de que não havia esquecido a carta lá. Ela só podia estar em dois lugares: no bolso de alguém que deparara com ela na estrada ou na caminhonete dos McAllans. Tentei manter a calma. Se Jamie a encontrasse, ele a guardaria e a devolveria. Porém, se ele não a tivesse descoberto dentro da caminhonete, o melhor seria eu esperar anoitecer para pegá-la antes que alguém a encontrasse.

Quando enfim tomei o caminho de volta para casa, o céu estava escuro e chovia forte. Como havia saído sem chapéu, fiquei ensopado. Estava mais ou menos na metade do caminho quando ouvi, pela segunda vez no mesmo dia, um barulho de motor no meu cangote. Virei para trás e vi que eram dois pares de faróis. Pulei dentro da vala, mas, em vez de seguir adiante, os dois veículos pararam bem ao meu lado. Não reconheci o carro que vinha na frente, mas o outro eu conhecia muito bem. Só havia brancos dentro deles: quatro no carro e uns três na caminhonete. Eles praticamente brilhavam na escuridão. Quando desceram, entendi por quê.

LAURA

JAMIE NÃO VOLTOU NO sábado nem no domingo. Quando Rose trouxe as meninas de volta na manhã de domingo, perguntei se o vira na cidade e ela respondeu que não. Foi uma espera interminável. O ligeiro incômodo que eu sentia entre as pernas era um lembrete constante do que eu e ele tínhamos feito. Senti um pouco de tristeza ao olhar as coisas de Henry (o pijama pendurado na porta, o pente sobre a cômoda, um fio de cabelo branco no travesseiro), mas em momento nenhum senti vergonha ou remorso. Na verdade, havia dentro de mim uma maravilhosa sensação de espanto. Eu jamais imaginei que seria capaz de uma grande ousadia ou de uma grande paixão, e a descoberta de que existia em mim um reservatório ilimitado dessas duas coisas me deixou perplexa. Eu não conseguia tirar meu encontro com Jamie da cabeça. Deixei a comida torrar na panela, esqueci de alimentar os animais, queimei o braço no fogão.

Pappy não podia estar mais rabugento. Ficava xingando Jamie por ter deixado a gente sem um meio de transporte para ir à cidade. Como havia fumado seu último cigarro segunda-feira bem cedo, e não sabia quando poderia ir à cidade comprar mais, passou o resto do dia descontando a raiva em mim: meus biscoitos estavam tão secos que alguém podia morrer engasgado com eles; o chão da casa estava tão sujo que nem mesmo um crioulo ia querer pisar nele; as meninas estavam barulhentas demais; o café estava fraco – quantas vezes ele já tinha dito que só gostava de café forte?

– Merda, cadê esse garoto? – berrou Pappy pela décima vez.

– Sem palavrões, por favor. As meninas estão bem aqui.

Ele estava na varanda, vigiando a estrada, o que era bem melhor do que tê-lo dentro de casa conosco. Florence saía mais cedo. Eu costurava vestidos novos para minhas filhas enquanto elas brincavam na sala, fazendo bonecas de papel. Eu podia ouvir os passos nervosos do velho do outro lado da janela.

– É a cara desse folgado – falou. – Aprontar uma presepada dessas, pensar só nele mesmo. Os outros que se danem.

Pappy acusando alguém de egoísmo... Que ironia! Não me contendo, deixei escapar uma

risada. Pappy imediatamente escancarou a janela e enfiou a cabeça sala adentro, fumegando de raiva. Parecia um cuco gigante e mal-humorado.

– Está rindo de quê? – rosnou.

– De uma coisa que a Bella acabou de fazer.

– Você deve achar engraçado um velho ficar sem cigarro, não é? Quando chegar à minha idade e tiver que passar privação porque ninguém tem consideração por você, vai ver como é.

– Por que o senhor não vai de mula para a cidade? – sugeriu.

Pappy detestava bichos, por isso não tínhamos nem cachorros nem gatos na fazenda. Mas ele detestava principalmente os de grande porte. Talvez tivesse medo deles.

– Não vou fazer isso. Por que você não pede àquela sua preta para ir à cidade para mim? Pode dizer que vou pagar os trocados dela.

– Florence tem mais o que fazer.

Ele se afastou da janela tão abruptamente quanto havia aparecido.

– Deixa pra lá. A caminhonete está chegando.

As meninas correram à varanda para receber o tio. Respirei fundo e fui atrás delas. Para evitar as suspeitas de Pappy, precisaria ficar muito atenta quando estivesse perto de Jamie.

– Bêbado de novo – ironizou o velho.

A caminhonete ia de um lado para outro na estrada. A certa altura saiu dela e atropelou parte da plantação recém-semeada. Por sorte Henry não estava em casa para ver; ele teria tido um ataque. Jamie estacionou no quintal e desceu. Bella ameaçou correr para os braços dele, mas não deixei. Jamie estava todo amarfanhado, a barba por fazer. Uma ponta da camisa escapava pelo cóis da calça.

– Laura... Pappy... Minhas pequenas petúnias... – falou, trocando as pernas. – Boa tarde.

– Tem cigarro aí? – cuspiu o velho.

– Boa tarde, filho – disse Jamie, enrolando a língua. – Que bom que chegou. Como você está? Puxa, Pappy, obrigado por perguntar, estou ótimo, e o senhor?

– Se quiser falar sozinho, tudo bem. Mas antes me dê um cigarro.

Jamie tirou um maço de Lucky Strike do bolso e arremessou na direção do pai. O maço aterrissou no chão, obrigando o velho a se curvar para apanhá-lo.

– Só tem um cigarro aqui.

– Acho que fumei o resto.

– Você não vale nada, sabia disso?

– Bem, valho pelo menos um cigarro. Já é alguma coisa. A menos que o senhor não queira.

– Me dê logo as chaves da caminhonete.

Jamie balançou-as no alto, dizendo:

– Se o senhor pedir com educação, talvez eu dê.

Pappy caminhou na direção dele com passos lentos e ameaçadores.

– O grande herói de guerra está achando que pode me enfrentar? – perguntou o velho.

Estava com a bengala na mão esquerda, mas não se apoiava nela: a erguia como se fosse um bastão. – Continue falando assim, continue, aí vamos ver quem é homem e quem não é. Eu já sei a resposta, claro, mas acho que você não sabe. Parece que anda meio confuso. Por isso está falando grosso comigo: porque quer levar uma lição. É ou não é, moleque?

Ele parou diante de Jamie e se inclinou até ficar a poucos centímetros do rosto do filho. Como eram parecidos aqueles dois! Eu nunca havia reparado (sempre achei o velho feio), mas eles tinham traços quase idênticos: o mesmo sarcasmo no arquear das sobrancelhas, a mesma saliência nas maçãs no rosto, a mesma boca gorda e ligeiramente petulante.

– É ou não é? – repetiu Pappy.

Fiquei tensa; o impulso de me colocar entre os dois era quase incontrollável. De repente, Pappy agitou a bengala diante do rosto de Jamie como se fosse agredi-lo; apenas uma ameaça, mas Jamie recuou imediatamente, assustado.

– Foi o que pensei – disse Pappy. – Agora me dê a porcária das chaves.

Jamie depositou as chaves na mão estendida à sua frente. Pappy guardou-as no bolso, depois acendeu o cigarro e soprou uma baforada de fumaça no rosto do filho. Jamie caiu de joelhos e vomitou. Apenas um jato líquido. Fiquei me perguntando quando ele havia comido pela última vez. Corri e me ajoelhei a seu lado, sem muito o que fazer a não ser reconfortá-lo durante os espasmos de seu corpo. A camisa estava empapada de suor.

Ouvi uma gargalhada e ergui a cabeça. O velho nos observava da janela da caminhonete.

– Que belo par vocês dois fazem! – berrou ele.

– Vá embora – falei.

– Você não vê a hora de ficar sozinha com esse aí, não é, garota? Pena que ele está chumbado demais para fazer o que você quer.

– Do que o senhor está falando?

– Você sabe exatamente do que estou falando.

– Não, não sei.

– Então por que ficou vermelha assim, hein? – Pappy deu partida na caminhonete. – Ah, preste atenção e não deixe ele dormir de barriga para cima. Se vomitar de novo, vai morrer engasgado.

Quando o velho foi embora, me concentrei em Jamie, que parara de vomitar e agora se espichava todo mole no chão.

– Ele parece um animal... – disse Jamie com a voz rouca.

– O que aconteceu com tio Jamie? – perguntou Amanda Leigh da varanda.

Virei para trás e me dei conta de que as meninas ainda estavam lá, acompanhando tudo. Eu havia esquecido delas.

– Seu tio está doentinho do estômago, só isso – respondi. – Por favor, meu anjo, pegue um pano de chão limpo para a mamãe. É só molhar na água do balde, torcer um pouquinho e depois trazer aqui. E traga um copo d'água também.

– Está bem, mamãe.

Por sorte, consegui arrastar Jamie até a cama do anexo. Ele despencou de costas no colchão e permaneceu imóvel. Tirei os sapatos dele. As meias haviam sumido. Certamente tinham ficado debaixo da cama de alguma mulher. Que raiva senti naquele momento. Com alguma dificuldade, rolei o corpo dele para o lado. Depois de acomodá-lo numa posição confortável, notei que me observava com uma expressão difícil de traduzir.

– Minha doce Laura, meu anjo da guarda... – disse, erguendo a mão e segurando meu seio, num gesto impositivo e despudorado que me deixou incendiada de desejo.

Seus olhos foram se fechando lentamente, até ele adormecer e deixar a mão cair sobre a cama.

Ouvi um súbito martelar no telhado; leve no início, mais forte e insistente depois. Tinha começado a chover.

DEVE TER SIDO UMAS duas horas depois disso que Florence escancarou a porta da sala e entrou afobada. Eu e as meninas tínhamos acabado de sentar para jantar. Pappy ainda não tinha voltado, mas eu desistira de esperar por ele porque eu e as crianças estávamos com fome.

– Cadê o Sr. Jamie? – indagou Florence sem nenhum preâmbulo.

Estava ensopada de chuva e ofegava como se tivesse corrido.

– Está dormindo no anexo. Por quê? Algum problema?

– Então onde tá a caminhonete?

– Pappy foi à cidade. Mas que bicho te mordeu?

– Ronsel foi pra cidade mais cedo e até agora não voltou. Que horas foi que o Sr. Jamie chegou na casa?

Eu já começava a me irritar com a falta de cerimônia dela.

– Pouco depois que você foi embora – falei. – Não que isso seja da sua conta...

– Alguma coisa aconteceu com meu filho, e o Sr. Jamie tá metido na história, aposto.

– Você não está falando coisa com coisa. A que horas Ronsel saiu?

– Às cinco, mais ou menos. Já devia ter voltado.

– Bem, então Jamie não tem nada a ver com isso. Como eu disse, ele chegou por volta das três e meia. O mais provável é que Ronsel tenha encontrado algum amigo na cidade e perdido a noção da hora. Você sabe como são os jovens.

Florence balançou a cabeça apenas uma vez, mas foi como se tivesse me sacudido pelos ombros.

– Ronsel não tem amigo aqui – falou. – Só o Sr. Jamie.

– Ronsel e Jamie? Amigos?

– A senhora vai ter que acordar ele e perguntar.

Levantei da mesa.

– Não vou acordar ninguém. Jamie está exausto, precisa descansar.

Com as narinas latejando, Florence olhou de relance para a porta. Certamente pretendia passar por mim e ir ela mesma acordar Jamie. E seria impossível impedi-la. A mulher era muito mais alta e forte do que eu. Pela primeira vez desde que a conhecera, tive medo dela.

– Acho melhor você voltar para casa – falei. – Aposto que Ronsel chegou nesse meio-tempo e agora está lá, preocupado com você.

Nos olhos dela havia uma nítida centelha de fúria que me deixou furiosa também. Era muita ousadia me ameaçar daquela forma debaixo do meu próprio teto! De repente, lembrei de quando Pappy disse às minhas filhas que Lilly May jamais seria amiga delas; que, se um dia eclodisse uma guerra entre brancos e pretos, ela tomaria o partido dos pretos e não pensaria duas vezes antes de matá-las. Na ocasião, fiquei muito brava com o velho, mas agora me perguntava se não havia um fundo de verdade nas palavras dele.

Bella começou a tossir, engasgando com o leite. Corri para bater nas costas dela, depois olhei para Florence. Então me veio à mente a noite em que nos conhecemos e o desespero em que me encontrava por causa da febre das minhas filhas. Essa lembrança afastou todas as bobagens que haviam passado pela minha cabeça. Quem estava ali não era uma negra com instintos assassinos, mas uma mãe preocupada com o filho.

– Fique aqui com as meninas – pedi. – Vou falar com Jamie.

Bati à porta do anexo, mas ninguém respondeu. Então abri uma fresta para espiar. O lampião iluminava duas camas vazias. A fronha do travesseiro estava fria. Fui procurar Jamie na latrina, mas ele também não estava lá. E no celeiro não havia qualquer luz. Para onde ele poderia ter ido, a pé, naquele estado lastimável? Ainda era cedo para que tivesse ficado sóbrio; não fazia nem três horas que tinha voltado. E por onde andaria Pappy? O mercado dos Tricklebanks certamente já havia fechado e não era do feitio do velho faltar ao jantar e perder a oportunidade de reclamar da minha comida.

Foi com um aperto cada vez maior no peito que voltei para dentro de casa.

– Jamie não está no quarto – disse a Florence. – Deve estar caminhando por aí para esfriar a cabeça. Não é a primeira vez que faz isso. Mas tenho certeza que não tem nada a ver com Ronsel.

Florence saiu em disparada. Fui atrás e gritei da varanda:

– Assim que Jamie aparecer, mando ele passar na sua casa. Só para tranquilizar você. Aposto que está se preocupando à toa.

Mas eu estava falando com o vento. Florence já havia sido engolida pela escuridão.

JAMIE

ACORDEI ASSUSTADO COM A chuva. A barulheira que uma tempestade do Delta faz sobre um telhado de zinco é o que há de mais parecido com os sons de uma guerra. Por um minuto de puro desespero eu me vi de volta aos céus da Alemanha, cercado pelos Messerschmitt do inimigo. Depois me dei conta de onde estava e por quê.

Deitado na escuridão do anexo, fiz uma rápida avaliação do meu estado. A cabeça doía, a boca era um chumaço de algodão de tão seca. Ainda me sentia meio tonto, longe da sobriedade de que precisava para encarar Pappy e Laura. Até onde conseguia lembrar, o caldo havia entornado com o velho mais cedo, mas os detalhes do bate-boca eram apenas vagos, o que para mim estava ótimo. A amnésia é uma das grandes dádivas do álcool, e nunca vi um bom motivo para recusá-la.

Peguei a garrafa que mantinha escondida debaixo da cama e logo vi que estava leve demais. Esvaziei na boca os poucos goles que restavam, depois fechei os olhos e esperei que o uísque me aquecesse. O que não demorou muito, porque o estômago estava vazio. Poderia ter voltado a dormir, mas precisava mijar. Tateando no escuro, acendi o lampião do quarto. A cama de Pappy estava vazia. Sobre a mesa havia um jarro d'água, uma bacia, uma toalha dobrada e um pedaço de pão embrulhado no guardanapo. Laura devia ter deixado tudo ali para mim.

Laura. De repente me lembrei de tudo. Uma avalanche de imagens me veio à mente: os cabelos dela caindo sobre meu rosto, os seios preenchendo todo o espaço das minhas mãos, o cheiro ao mesmo tempo doce e almiscarado da pele dela. A mulher do meu irmão.

Saí para a varanda. A noite era um grande breu, mas as luzes estavam acesas dentro de casa. Empoleirado num canto da varanda, acrescentei meus próprios líquidos aos da tempestade. Não fazia ideia da hora. No clarão de um relâmpago, vi que nem a caminhonete nem o carro estavam lá. Henry só deveria chegar no dia seguinte, mas Pappy... Por que ainda não tinha voltado? Talvez o bode velho estivesse atolado numa vala qualquer, cuspidando palavrões contra a chuva e o filho caçula. A ideia me deixou mais animado.

Eu já estava fechando as calças quando avistei uma luz se movendo nas imediações da

velha serraria. Primeiro achei que fosse Pappy chegando, mas então vi que não eram os faróis da caminhonete. A luz subia e descia ao longo do rio, sumindo e ressurgindo como se alguém caminhasse entre as árvores com uma lanterna. De repente, ela se apagou por completo. Haviām entrado na serraria. Provavelmente era Ronsel ou algum forasteiro buscando abrigo contra a chuva. Que ficassem à vontade por lá. Não seria eu quem iria investigar, não debaixo daquele aguaceiro.

Voltei para o quarto com a intenção de me limpar. Não queria que Laura e as meninas me vissem daquele jeito, fedendo a suor, vômito e uísque. Estava trocando de roupa quando lembrei da garrafa que escondera na serraria. Bastou pensar nela para que passasse a precisar dela. Sem aquela garrafa, eu estaria sozinho para enfrentar Laura, Henry e Pappy. Eu sabia que Ronsel não beberia meu uísque sem permissão, mas um forasteiro, sim. O medo de que um vagabundo qualquer roubasse meu Jack Daniel's foi maior que a aversão à chuva. Abocanhei um pedaço do pão, depois coloquei o casaco e o chapéu. Num impulso, peguei o revólver e guardei-o no bolso.

Segundos após pisar no quintal, eu já estava encharcado. O vento soprou meu chapéu para longe. A lama tentava engolir minhas botinas e a escuridão era tanta que, não fossem os relâmpagos, eu não veria nada à minha frente. Por muito pouco não me choquei contra o veículo estacionado ao lado da serraria. Vi que o capô ainda estava quente. No clarão de um relâmpago, reconheci a caminhonete de Henry. Ao lado dela havia um carro. Que diabo estaria acontecendo ali?

Fui até os fundos da serraria e espiei através das frestas da parede de tábuas. O interior estava iluminado. De início, vi apenas um tecido branco; levei um tempo para me dar conta do que era: o capuz que cobria a cabeça de um homem. Ele não estava sozinho. Eram talvez uns oito e formavam um círculo.

– Quantas vezes você trepou com ela? – perguntou alguém.

Um dos homens deu um passo para o lado e só então vi Ronsel ajoelhado no centro do círculo. Ele tinha as mãos e os pés amarrados. Uma corda, passada sobre uma das vigas do teto, caía do alto para enlaçar o pescoço dele. O homem que segurava a outra ponta da corda deu um puxão violento nela, fazendo com que o laço sufocasse Ronsel.

– Responda, crioulo! – disse meu pai.

RONSEL

COMECEI A CORRER, MAS de repente ouvi o barulho de um rifle sendo engatilhado. Parei onde estava e ergui os braços. Alguém ameaçou às minhas costas:

– Se eu fosse você, rapaz, não dava nem mais um passo.

A voz parecia a do Dr. Turpin, o filho da puta que tinha arrebentado a perna do papai. Era a mesma voz fanhosa que falara comigo naquele dia, no mercado dos Tricklebanks. E papai já havia dito que ele era da Ku Klux Klan.

– Mande ele entrar no carro.

Aquele eu reconheci imediatamente: era o velho McAllan. Fiquei me perguntando se Henry McAllan era um dos encapuzados. Alguém veio por trás e enfiou um saco de aniagem na minha cabeça. Quando tentei me desvencilhar, ele me deu um soco nos rins enquanto outro apareceu para amarrar minhas mãos atrás das costas. Os dois me arrastaram até o carro e me jogaram lá dentro, entrando um à minha direita, outro à esquerda. Só então o carro seguiu adiante.

O saco molhado que cobria minha cabeça cheirava a café; provavelmente vinha do mercado dos Tricklebanks. O grupo devia ter se encontrado lá antes de vir me caçar. De repente, cresceu em mim uma pequena esperança de que a Sra. Tricklebank tivesse ouvido a conversa entre os homens e avisado ao xerife Tacker.

– Escutem – falei. – Estou indo embora da cidade.

– Cale a boca, crioulo – disse quem eu pensava ser o Dr. Turpin.

– Vou embora hoje mesmo e nunca mais...

– Ele mandou você calar a boca – rosnou o outro.

Alguém bateu com um porrete nas minhas costelas, fazendo todo o ar desaparecer dos meus pulmões. Outro acendeu um cigarro. Nunca fui muito de fumar, mas, quando senti o cheiro da fumaça, tudo que eu desejava era um cigarro. É engraçado como o corpo da gente continua querendo as coisas, mesmo na antessala da morte.

O carro fez uma curva e começou a sacolejar ao entrar numa nova estrada. Passados alguns minutos, paramos. Eles me puxaram para fora do carro e me arrastaram até um local coberto.

O barulho da chuva no telhado parecia o de uma plateia aplaudindo o que eles faziam. Fui obrigado a me ajoelhar. Alguém passou uma corda no meu pescoço e apertou o laço; não a ponto de me sufocar, mas muito perto disso. Meus olhos ardiam por causa do suor e do café no saco; o rosto coçava com o contato da anagem. Quanto tempo uma pessoa levava para morrer enforcada? Com sorte meu pescoço quebraria e a morte seria rápida, mas se não quebrasse... Tive que me conter para não entrar em pânico. Aos poucos, fui controlando a respiração, que nem eles ensinavam nos cursos de sobrevivência do Exército. Precisava manter a calma até encontrar um jeito de fugir dali. Se não conseguisse, e se a intenção dos filhos da puta fosse mesmo me matar, eu mostraria a eles como morria um homem de verdade. Eu era um oficial do 761º Batalhão de Tanques do Exército americano, um Pantera Negra. Não permitiria que aquela gente me transformasse num crioulo medroso.

Um deles puxou o saco da minha cabeça. Primeiro vi apenas um monte de pernas; só quando eles recuaram percebi onde estava: na serraria abandonada onde tantas vezes, de madrugada, eu tinha me encontrado com Jamie McAllan para beber uísque. Sete ou oito homens faziam uma roda à minha volta. Muitos tinham apenas uma franja na cabeça, mas dois estavam com o uniforme completo da Ku Klux Klan: túnica branca, insígnia vermelha, capuz pontudo com dois furos na altura dos olhos.

As insígnias mostravam uma cruz de contorno preto com uma gota vermelha no centro, como se fosse uma gota de sangue. Era um dos uniformizados que segurava a ponta da corda que caía da viga para me enforcar. O sujeito era alto (devia ter quase 2 metros de altura) e grande como um urso. Só podia ser Orris Stokes, o mais forte de toda a cidade. Uma vez ajudei a mulher dele, que na época estava grávida, a levar para casa as compras que tinha feito no mercado.

– Você sabe por que está aqui, crioulo? – perguntou ele.

– Não, Sr. Stokes.

Ele deu a corda ao homem a seu lado e bateu na minha cara com o dorso da mão. Minha cabeça caiu para trás e um dente ficou bambo.

– Se disser meu nome outra vez, ou o nome de quem quer que seja, vou fazer você engolir essa sua língua podre, está me ouvindo?

– Sim, senhor.

O outro uniformizado veio para o lado dele. Era o Dr. Turpin, eu agora tinha certeza. Podia ver a pança dele sob a túnica, os olhos cor de cerveja do outro lado do capuz furado. Era Stokes quem comandava o grupo, isso também estava claro.

– Tragam a prova – disse o médico.

Um dos homens se aproximou e entregou algo a ele. Aquela mão encardida só podia ser de uma pessoa e o envelope que ela segurava só podia ser uma coisa. Turpin recebeu a carta e a fotografia que o velho McAllan lhe passou, depois balançou a foto na minha frente. Resl e

Franz sorriam para mim. Minha vontade foi pular para dentro daquela foto e ficar com eles ali, naquele outro mundo.

– Você cruzou com essa mulher? – perguntou Turpin.

Permaneci calado, mesmo sabendo que a resposta estava bem ali, na carta que o médico segurava. Aqueles homens poderiam fazer coisa muito pior do que me enforcar.

– A gente já sabe o que você aprontou, crioulo – disse McAllan. – Só queremos ouvir da sua boca.

Outro puxão na corda e o laço apertou mais um pouco o meu pescoço.

– Ande, diga! – ordenou o homem.

Ele tinha a voz grossa e rouca de quem fumava um cigarro atrás do outro. Só podia ser Dex Deweese, o proprietário da lanchonete.

– Sim – respondi.

– Sim o quê? – perguntou Turpin.

– Sim, eu... estive com ela.

– Você violou uma mulher branca. Fale!

Fiz que não com a cabeça. Stokes espancou meu rosto outra vez, agora com a mão fechada, arrancando o mesmo dente que havia deixado bambo antes. Cuspi o dente e falei:

– Violei uma mulher branca.

– Quantas vezes você trepou com ela? – disse Turpin.

Mais uma vez, fiz que não com a cabeça. A verdade era a seguinte: num primeiro instante, eu *realmente* havia apenas trepado com a Resl, aceitando o que ela mesma tinha oferecido e pensando somente no meu próprio prazer, sabendo que cedo ou tarde seria transferido para outra cidade qualquer. Mas, a partir de certo momento, o que havia entre nós deixou de ser só sexo. Fechei os olhos, tentando lembrar em que altura isso havia acontecido, tentando sentir o cheiro dela. Mas o único odor à minha volta era o do meu próprio suor misturado ao do ódio deles, um fedor que empestava a serraria inteira. Deweese deu mais um puxão na corda.

– Responda, crioulo! – berrou o velho McAllan.

– Eu não sei.

Foi só o que consegui falar com a corda apertada no meu pescoço.

Turpin balançou a foto diante do meu rosto, dizendo:

– Trepou o suficiente para produzir isto aqui. Nem dá para chamar de criança. Porque isto é uma abominação! Uma conspurcação da raça branca! E qual é a penalidade para quem produz abominações?

Ele sabia muito bem como incitar os companheiros.

– Morte! – gritou Stokes.

– Vamos capar ele – disse outro.

O medo que senti naquela hora foi diferente de todos os que já sentira até então. Minhas

tripas estavam dando um nó dentro da barriga, eu estava a um passo de borrar as calças. Turpin recitou Levítico 20:16:

– “Se uma mulher se aproximar de algum animal para ajuntar-se com ele, vocês matarão a mulher e o animal. Ambos terão que ser executados, pois merecem a morte.”

– Amarre ele – ordenou o velho McAllan.

Foi neste exato momento que a porta da serraria se escancarou e todos viraram na direção dela. Era Jamie McAllan, ensopado de chuva, pingando água no chão. Ele apontou um revólver para Deweese e falou:

– Solte essa corda.

JAMIE

– SOLTE ESSA CORDA.

Um dos homens já ia apontando o rifle para mim.

– Baixe isso aí – falei.

Ele hesitou. Por alguns segundos, ninguém se mexeu. Foi meu pai quem quebrou o silêncio.

– Ele está blefando. Além disso, está bêbado. Podem passar fogo no crioulo que ele não vai atirar em ninguém. Meu filho não tem colhão para matar um homem cara a cara – disse Pappy, colocando-se entre mim e o homem do rifle. Depois perguntou: – Ou será que tem?

Atrás dele, eu podia ver o cano do rifle, agora apontado para a cabeça de Ronsel. Pappy deu um primeiro passo na minha direção, depois outro. Meus ouvidos chiavam. A mão que segurava o revólver tremia, precisei firmá-lo com a outra.

– Fique onde está – adverti.

Pappy deu mais um passo.

– Vai trair seu próprio sangue só por causa de um crioulo?

– Não chegue mais perto, estou avisando.

– Pode me matar se quiser. O macaco vai morrer de qualquer jeito.

Uma enxurrada de ódio desceu sobre mim: ódio dele, de mim... Eu havia sido derrotado, nós dois sabíamos disso. Só me restava uma cartada.

– Se matarem ele, vão ter que me matar também. Porque se Ronsel morrer, vou direto falar com o xerife. Juro que vou.

– E vai dizer o que, garoto? – perguntou o grandalhão de túnica branca. – Não sabe a identidade de ninguém, só a do seu pai.

Sem tirar os olhos de Pappy, falei:

– Sabe de uma coisa, doutor? A cor branca não o favorece muito. O senhor parece mais gordo. Já o Dex aqui pode usar branco à vontade porque é magrinho, mas o Orris... Bem, o Orris não tem jeito: vai ficar gordo de qualquer jeito. No seu lugar, doutor, eu ficaria com o marrom e o preto.

– Merda – disse Deweese.

– Cale a boca! – gritou Stokes. – Ele não pode provar nada.

– Nem quero – falei. – Estou indo embora daqui a alguns dias. Soltem Ronsel. Ele também vai embora, e nenhum de nós dois vai dizer nada sobre isso pra ninguém. É ou não é, Ronsel?

Ele assentiu freneticamente.

– Solte essa corda, Dex – exigi. – Solte agora.

Poderia ter dado certo. Ronsel Jackson e eu poderíamos ter saído dali ilesos se meu pai não tivesse gargalhado. Sempre odiei a gargalhada dele. Dura e cruel feito a grasnada de um corvo, ela quebrou totalmente o clima que eu vinha tentando criar. Stokes e um outro avançaram na minha direção. Como não atirei, eles se jogaram em cima de mim e me derrubaram. Stokes deu um murro na minha cara. Eles imobilizaram meus braços e alguém me chutou na boca do estômago. A certa altura, perdi o revólver.

– Judas! – gritou Turpin.

Os chutes e murros agora vinham de toda parte. Eu podia ouvir Pappy gritando:

– Chega! Chega! Parem!

Foi então que levei um chute na nuca e apaguei.

“Boa noite, Pappy. Boa noite, Ronsel. Boa noite.”

HAP

– POR FAVOR, JESUS, guia seu filho Ronsel, afasta ele de todo mal e ilumina o caminho dele de volta pra família...

Eu tava rezando alto por causa da tempestade, berrando pro Senhor como se ele não fosse conseguir me ouvir se eu não gritasse. Então, quando alguém bateu na porta, a gente só faltou pular de tanto susto; todo mundo, menos Florence. Era como se ela já tivesse esperando. Nem abriu o olho, continuou rezando. Mas, quando levantei pra abrir a porta, ela grudou na minha perna de um jeito que nem consegui mais andar.

– Não abre – pediu ela.

Ela tava tremendo todinha, que nem uma mula estropiada. Nesses ano todo de casamento, eu nunca tinha visto minha mulher assim, tão abatida, tão apavorada. Não foi fácil pra mim ver ela naquele estado. Lilly May não parava de chorar e os gêmeo se abraçava, de joelho no chão, balançando pra frente e pra trás.

– O que é isso? – falei. – Agora não é hora pra fraqueza. A gente precisa ficar forte.

Bateram de novo na porta, agora com mais força, e Florence finalmente largou da minha perna. Ruel e Marlon olharam um pro outro daquele jeito que os gêmeo faz quando conversam sem falar, depois ajudaram a mãe a levantar e ficaram ali, abraçando ela e a irmã caçula, firme que nem dois homem de verdade.

Abri a porta. Na varanda, parado, um sujeito que de primeiro não reconheci porque ele tava de cabeça baixa, mas, quando ele levantou a cabeça, vi que era o xerife Tacker. Daí pensei: “Tá morto. Meu menino tá morto.”

– A notícia não é boa, Hap. É sobre Ronsel. – Ele espiou dentro da casa, viu que Florence e as criança tava ouvindo na sala. – Acho melhor a gente conversar em outro lugar.

– Não – disse Florence. – Pode falar na nossa frente, seja lá o que for.

Meio sem jeito, olhando pro chapéu que segurava na mão, o xerife contou:

– Parece que seu filho enfrentou um pessoal aí. Está vivo, mas muito machucado. Eles estavam muito bravos.

– Cadê ele? – perguntei.

– Machucado como? – quis saber Florence.

Ele respondeu minha pergunta, mas não a dela.

– O subxerife levou Ronsel para ver um médico em Belzoni. Posso levar vocês até lá, se quiserem.

Florence veio pro meu lado, apertou minha mão com força.

– Machucado como? – repetiu pro xerife.

Ele tirou um papel do bolso e entregou pra mim.

– Encontramos isso no chão ao lado dele.

Era uma carta toda suja de sangue. De primeiro achei que era só umas mancha, mas depois virei de lado e vi que alguém tinha usado o dedo pra escrever uma coisa ali com o sangue: “Ezequiel 7:4.”

– O que é que diz aí? – perguntou Florence.

Não tive coragem de responder. O medo apertou minha garganta como se fosse um laço de corda.

– Parece que o filho de vocês estava tendo relações com uma mulher branca – falou o xerife.

– O quê? Que mulher branca? – disse Florence.

– Uma alemã. Na carta, ela diz que Ronsel é o pai do filho dela.

Eu também não quis acreditar, mas estava tudo ali no papel, dava pra ler apesar do sangue. “Você tem um filho”, dizia a carta. “Franz Ronsel.”

– Ela fala que mandou uma fotografia junto, mas não conseguimos encontrar – disse o xerife.

– Que foi que fizeram com meu filho? – perguntou Florence.

Tanto ela me apertava que eu mal conseguia sentir os dedo da mão.

– Poderiam ter enforcado ele – informou o xerife. – É uma sorte que ele tenha escapado vivo.

– O senhor ainda não disse o que eles fizeram – cobrou Florence.

“Meu olho não terá compaixão de ti, e não terei piedade, pois te responsabilizarei por tua conduta, e tuas abominações subsistirão no meio de ti; então sabereis que *sou* o Senhor.” Ezequiel 7:4.

– Cortaram a língua dele – disse o xerife.

FLORENCE

“CORTARAM A LÍNGUA DELE.” A língua do meu filho.

– Jesus... – disse o Hap. – Meu Jesus, como é que pode ser verdade uma coisa dessas?

– Quem foi que cortou? – perguntei.

– Não sabemos – respondeu o xerife. – Já tinham ido embora quando chegamos.

Mas ele tava mentindo. Até uma criança de cinco ano podia ver que ele tava mentindo.

– Onde foi que aconteceu? – falei.

– Na serraria velha.

Vi na mesma hora quem tava por trás daquela sujeira toda.

– Mas como é que o senhor sabia que eles tava lá na serraria? – fiz questão de saber.

– Uma pessoa avisou que podia ter alguma encrenca por lá.

– Que pessoa?

– Não é importante. O importante é que o filho de vocês está vivo e já a caminho do médico. Se vocês quiserem vê-lo, precisamos ir agora mesmo.

– Por que o senhor mandou ele pra Belzoni? Por que não mandou pro Dr. Turpin, aqui mesmo na cidade?

O xerife não teve coragem de me olhar no olho, então me dei conta de outra coisa.

– Ele era um dos homem, não era? Quem mais tava lá, além dele e do velho Sr. McAllan?

O xerife fez cara de bravo e apertou as pestana do olho.

– Escute o que vou dizer – falou. – Entendo perfeitamente que você esteja muito triste com o que aconteceu. Mas isso não lhe dá o direito de sair por aí acusando as pessoas. Tome muito cuidado com o que diz.

– Senão o quê? O senhor vai cortar minha língua também?

O gogó do homem deu um pulo dentro da garganta. Eu olhava bem fundo nos olho dele. O xerife era um tipinho miúdo; acho que uma codorna esfomeada tinha mais carne do que ele. Eu quebrava aquele pescoço em dois segundo.

– Ainda bem que fomos lá averiguar – disse ele. – Foi uma sorte encontrar seu filho antes que ele morresse por causa da hemorragia.

A cara dele era que nem a de uma criança, dava pra ler tudo que tava escrito nela: o medo que tava sentindo da gente; a raiva porque meu filho tinha deitado com uma branca; o desgosto com o que fizeram naquela serraria, mas também uma camaradagem com aquele pessoal endemoniado; a pontinha de vergonha por livrar a cara deles; a vontade de ficar livre o mais rápido possível daquele assunto de preto e voltar logo pra mulher e pro jantar que esperava ele em casa.

– Sim, senhor Xerife – concordei. – A gente é uma família de muita sorte.

Ele botou o chapéu na cabeça.

– Já estou indo – disse ele. – Então, vão querer que eu leve vocês até Belzoni ou não?

– Sim – respondeu Hap. – Minha mulher vai junto com o senhor.

– Não. Vai você, Hap. Eu fico aqui com as criança.

– Tem certeza? – perguntou ele, surpreso. – Ele deve tá querendo a mãe.

– Vai você, é melhor.

Meu marido olhou sério pra mim.

– Não esquece de trancar essa porta bem direitinho – disse ele.

Mas o que os olho dele dizia de verdade pra mim naquela hora era: “Vai pra dentro de casa e vê se não faz nenhuma besteira.”

– Não precisa se preocupar. Cuida bem do nosso Ronsel – falei.

“E deixa que eu cuido do resto”, pensei.

Minha ideia era usar a faca com que Hap esfolava os animal. A lâmina não era lá muito grande, mas era a mais afiada de todas. Entrava mais fácil.

LAURA

ACORDEI COM A GRITARIA de Pappy e com os murros que ele dava na porta.

– Acorda, cambada! Preciso entrar!

Eu havia adormecido no sofá. O lampião devia ter se apagado, porque a sala estava um breu. Após a visita de Florence, um medo irracional se apossara de mim e resolvi trancar a porta mais cedo. A noite parecia carregada de possibilidades terríveis, aguardando apenas o momento certo para se materializar na forma de um monstro que viria atrás de mim. Até parece que um reles casebre de madeira seria capaz de mantê-lo do lado de fora...

– Já vou, já vou – falei.

Ou o velho não me escutou ou estava se divertindo com aquilo, pois continuou gritando e esmurrando enquanto eu acendia o lampião.

– Até que enfim! – exclamou assim que destravei a porta. – Faz cinco minutos que estou esperando nesta varanda – disse, quase passando por cima de mim ao irromper na sala com as botas sujas de lama. Ele olhou à sua volta e perguntou: – Jamie ainda não voltou?

– Não. A menos que esteja no anexo.

– Já olhei. Não está.

Havia na voz dele um pavor que eu desconhecia. Pappy tirou o chapéu molhado, pendurou no gancho da parede, depois voltou à porta e espiou a noite lá fora.

– Talvez tenha se perdido no escuro – disse. – Ele estava vindo a pé, e você não deixou nenhuma luz acesa dentro de casa.

Como de costume, as palavras dele despertaram uma avalanche de culpa em mim. Demorei alguns segundos para assimilá-las.

– Como o senhor sabe que ele está a pé? Passou por ele na estrada? – perguntei.

– Até onde sei, Jamie não tem carro. Se saiu daqui, só pode ter sido a pé.

O velho estava de costas para mim, mas eu não precisava ver os olhos dele para saber que estava mentindo descaradamente.

– O senhor perguntou se ele *ainda* não tinha voltado – falei. – Se não o viu por aí, como podia saber que ele não estava em casa?

Ele retirou o maço de cigarros do bolso e pegou um. Em seguida, amassou-o e jogou-o no chão da varanda.

– Merda! Molharam com a chuva.

Fui até ele e, puxando-o pelo ombro, obriguei-o a se virar para mim. Foi a primeira vez que toquei no meu sogro por iniciativa própria desde o dia do meu casamento, quando dei um beijo (recebido a contragosto, claro) no rosto dele.

– Aconteceu alguma coisa com Jamie?

Ele se desvencilhou com um gesto brusco.

– Me deixe em paz, garota. Tenho certeza de que não aconteceu nada.

Mas não parecia tão convicto assim. Apesar do azedume, aparentava culpa; um menino travesso que finalmente havia feito algo há muito tempo proibido. Uma desconfiança terrível brotou em mim.

– Isso tem algo a ver com o sumiço de Ronsel Jackson? – perguntei, atenta aos olhos dele.

– Quem falou que ele sumiu?

– A mãe. Esteve aqui por volta das sete horas procurando por ele.

Ele deu de ombros.

– Esses crioulos somem toda hora.

– Se o senhor fez alguma coisa contra esse rapaz ou contra Jamie...

O velho fez uma careta, os olhos faiscando de ódio.

– Você vai fazer o quê? Hein? Me diz! – berrou, a saliva chovendo no meu rosto. – Acha que pode me ameaçar, garota? Achou errado. Vejo como você fica quando está perto de Jamie, farejando o rapaz feito uma porca no cio. Henry é um idiota, não percebe nada. Mas eu percebo. E não tenho medo de contar tudo a ele.

Senti o rosto pegar fogo, mas me controlei.

– Meu marido jamais acreditaria numa coisa dessas.

Ele deixou a cabeça cair para o lado como se ruminasse algo.

– Talvez sim, talvez não – disse –, mas vai ficar com a pulga atrás da orelha. A imaginação não é o forte de Henry. No entanto, num caso desses, quem precisa de imaginação? Numa situação dessas, não tem homem que não fique balançado. Vai ter sempre aquela pontinha de dúvida pairando no ar.

– Tenho nojo do senhor.

– Estou molhado, vá buscar uma toalha – disse, indo em direção à mesa da cozinha.

Ele se jogou numa cadeira e ficou ali, esperando.

Por um momento, fiquei sem saber o que fazer, paralisada pelas diferentes emoções que se debatiam dentro de mim. Vergonha, raiva, medo. E então minhas pernas se moveram como se tivessem vontade própria, levando-me para tirar uma toalha limpa do armário, trazendo-me de volta para junto do velho. Ele arrancou a toalha das minhas mãos e falou:

– Agora faz alguma coisa aí pra comer. Estou com fome.

Com os gestos mecânicos de um brinquedo de corda, fui para o fogão, tirei o pão de milho que estava no forno, enchi um prato de *chili* e deixei na mesa, sempre pensando na reação de Henry caso o velho levasse a cabo suas ameaças.

– Se Jamie aparecer por aí, vá lá me acordar – ordenou com a boca cheia de pão, antes que eu saísse para o quarto. – E, se Henry ou qualquer outra pessoa perguntar onde estive esta noite, você vai dizer que estive aqui o tempo todo, que não saí. Entendeu bem?

Fiquei imaginando aquela figura odiosa derretendo aos poucos: primeiro os olhos, em seguida a boca, depois o resto todo, até os ossos se desmancharem numa montanha de pó.

– Entendi, Pappy.

Ele abriu um sorrisinho malicioso, ciente de sua vitória. “No entanto”, pensei comigo mesma, “há muitos perigos numa fazenda, muitas circunstâncias que podem levar um velho a morrer.” A tragédia podia surgir do nada e atacar a qualquer momento.

FUI PARA A CAMA e, sem conseguir pregar os olhos, fiquei esperando Pappy terminar de comer e ir se deitar. Assim que ouvi a porta da sala se abrir e fechar, levantei e espiei as meninas, que dormiam um sono pesado e tranquilo. Depois fui limpar a bagunça deixada pelo velho, grata por ter o que fazer enquanto esperava pela volta de Jamie ou por aquilo que a noite ainda reservava. Mas a cabeça continuou fervilhando. “Uma porca no cio.” Será que eu era tão transparente assim? Será que Jamie também pensava aquilo de mim? “Numa situação dessas, não tem homem que não fique balançado.” Para mim, era inconcebível magoar Henry. Faria qualquer coisa para poupá-lo, mesmo que isso significasse mentir por Pappy. Mas se o desgraçado tivesse aprontado alguma com Jamie...

Lembrando subitamente da possibilidade de Jamie ter se perdido no escuro, levei um lampião aceso para a varanda com a intenção de deixá-lo ali como um farol. Foi então que vi uma luz acesa no celeiro. Só podia ser ele.

Não me ocorreu a necessidade de calçar as botas ou vestir um casaco. Simplesmente me joguei no aguaceiro, preocupada apenas com Jamie. A noite estava infernal. Além da tempestade, um vento furioso lambia meu cabelo e minhas roupas. A porta do celeiro estava fechada e precisei reunir todas as forças para conseguir abri-la. Encontrei Jamie encolhido no chão de terra, aos prantos. Os sons que ele fazia eram quase sobrenaturais de tão angustiados. Eles se misturavam aos mugidos queixosos da nossa vaca, que rodopiava na baia, assustada com a chuva.

Corri na direção de Jamie e me ajoelhei a seu lado. Ele havia sido espancado. Tinha um corte na sobrancelha e uma das faces estava vermelha e inchada. Ao acomodar a cabeça dele no meu colo, senti imediatamente o galo em sua nuca. Um fogo de raiva incendiou meu peito. Fora Pappy quem fizera aquilo com ele, eu não tinha a menor dúvida.

– Vou buscar água e uma toalha limpa – falei.

– Não – pediu, trêmulo, agarrando-me pela cintura. – Não me deixe aqui sozinho.

Sussurrei uma bobagem qualquer para tranquilizá-lo, depois usei a manga da camisa para limpar um pouco do sangue do ferimento na testa. Assim que ele se acalmou, perguntei o que havia acontecido, mas ele não respondeu, apenas balançou a cabeça e fechou os olhos com certo desespero. Então deitei junto dele, apertei seu corpo contra o meu e assim fiquei, acariciando seus cabelos, ouvindo a barulheira que a chuva fazia no telhado. Dez minutos se passaram, talvez vinte. Uma das mulas zurrou; não ouvi a porta do celeiro se abrir, senti somente um deslocamento de ar. Abri os olhos. Florence estava ali, molhada da cabeça aos pés, lama até os joelhos. Os olhos eram dois poços de agonia. Senti um frio na espinha.

Algo de muito ruim devia ter acontecido a Ronsel. Só então vi a faca que ela segurava. “Pronto, Ronsel está morto e ela veio matar todo mundo”, pensei, convicta e, estranhamente, sem medo nenhum. O que senti foi uma pena enorme: pena de Florence e do filho dela, pena de Henry e das minhas filhas, que mais tarde encontrariam nossos corpos naquele celeiro e ficariam arrasados, sem entender nada. Não havia nada que eu pudesse fazer para deter Florence, e nem sequer me ocorreu tentar. Fechei os olhos e abracei Jamie com força, entregando-me ao que estava por vir. Senti o ar se deslocar outra vez, ouvi um sussurro de pés descalços no chão de terra. Quando tornei a abrir os olhos, Florence não se encontrava mais lá. A coisa toda não durara mais que uns quinze segundos.

Por um bom tempo fiquei onde estava, sentindo o coração retumbar no peito, voltando pouco a pouco aos batimentos normais. Um raio espocou perto dali e imediatamente pensei nas meninas, que, se tivessem acordado, deviam estar apavoradas e chamando por mim. Depois pensei em Pappy, que dormia sozinho no anexo. Só então me dei conta: era para lá que Florence estava indo.

Fiquei de pé. Jamie choramingou e abraçou os joelhos contra o peito. Antes de sair, peguei um cobertor de cavalo, joguei em cima dele e fiquei de joelhos para beijá-lo na testa.

– Meu querido Jamie... – sussurrei.

Ele enfim adormeceu, alheio a tudo e a todos, chiando baixinho cada vez que esvaziava os pulmões.

NO MEU SONHO, EU flutuava feito um embrião num mel dourado e viscoso que vedava olhos, narinas e orelhas, deixando o mundo do lado de fora. Era uma delícia apenas flutuar naquela doçura toda.

– Mamãe, acorda!

Eu podia ouvir as vozes agudas e insistentes que me chamavam. Tentava ignorá-las porque não queria sair daquele idílio meloso, mas elas não davam trégua, me puxavam para a tona.

– Mamãe, mamãe, por favor, acorda!

Ao abrir os olhos, deparei com Amanda Leigh e Bella debruçadas sobre mim, ambas com a

boquinha, as mãos e o queixo sujos de mel e migalhas de pão. O relógio ao lado da cama dizia que já passava das nove. Provavelmente elas haviam acordado com fome e preparado sozinhas o café da manhã.

– Pappy não quis acordar – disse Amanda Leigh. – E não tá mais dentro do olho dele.

– O quê?

– Ele tá na cama, mas não tá dentro do olho.

– A gente não conseguiu encontrar o tio Jamie – disse Bella.

Tio Jamie. A primeira imagem que me veio à cabeça foi a de Jamie em cima de mim, escancarando a boca e jogando a cabeça para trás no seu momento de êxtase. Depois o vi encolhido no chão do celeiro, do jeito que eu o havia deixado na noite anterior.

Levantei, vesti o roupão e os chinelos e fui com as crianças até o anexo. A chuva dera uma trégua, mas não tardaria a voltar: as nuvens continuavam carregadas e pretas até onde os olhos alcançavam. A porta rangeu quando a empurrei. Eu sabia o que encontraria do outro lado dela, mas não estava preparada para a alegria que senti ao ver o corpo de Pappy estirado em sua caminha estreita, rígido, isento de vida e de maldade.

– Ele morreu? – perguntou Amanda Leigh.

– Morreu, sim, meu amor.

– Então por que o olho dele ainda tá aberto? – disse ela, fazendo beicinho e mostrando um par de rugas entre as sobrancelhas, versão miniatura daquelas que Henry também estampava quando ficava perplexo com algo.

– Já deviam estar abertos quando Pappy morreu – expliquei. – Vamos fechar para ele.

Tentei descer as pálpebras apenas com a pontinha dos dedos, fazendo o possível para não sentir os globos oculares, mas elas permaneceram onde estavam: o velho era turrão até depois de morto. Esfreguei os dedos no roupão, tentando limpar deles qualquer lembrança daquelas carnes duras e frias.

– Ele não quer que você fecha o olho dele? – indagou Bella, timidamente.

– Não é isso, meu anjo. É que o corpo já ficou duro. É normal quando as pessoas morrem. Amanhã a gente fecha, ok?

Não havia sinal de sangue nem de facadas. Com certeza ela havia preferido sufocá-lo. Ainda bem. Seria muito mais difícil explicar sangue e facadas. Quando fui retirar o travesseiro do chão, encontrei um pano jogado ao lado dele, uma fronha. Não era uma das nossas: o algodão era mais encardido, as costuras malfeitas. Examinando melhor e vendo os dois buracos recortados no tecido como se fossem os olhos de uma máscara, constatei imediatamente o que era. Precisei me conter para não vomitar. Rapidamente embolei a máscara horrenda e enfiei no bolso do roupão. Mais tarde queimaria no fogão.

– O que é isso, mamãe?

– Só uma fronha velha, filha.

Foi impossível não imaginar a cena: os homens encapuzados cercando e provocando o

negro apavorado e indefeso. Fiquei me perguntando quantas vezes eles já haviam feito aquilo e se tinham enforcado Ronsel ou o matado de alguma outra forma. Jamie provavelmente havia descoberto tudo, por isso estava tão abalado naquela noite. Teria visto a coisa toda? Teria visto o próprio pai matar o rapaz?

– Pappy agora tá no céu? – perguntou Bella.

Não havia nenhuma expressão no rosto do velho. Seus olhos desabitados não davam qualquer pista do que ele sentira nos últimos minutos. Meu desejo era que ele tivesse visto Florence invadindo o quarto e sentido muito medo dela; que tivesse implorado, sofrido e conhecido a agonia dos indefesos; que tivesse passado exatamente pelo que Ronsel passara. Quanto a Florence, eu queria que ela tivesse saboreado o que fizera, que experimentasse um pouco de paz por saber que vingara o filho.

– Ele está nas mãos de Deus – respondi.

– A gente tem que rezar pra ele? – disse Amanda Leigh.

– Acho que sim. Venham cá, meninas. Não é preciso ter medo.

Elas se aproximaram e ajoelharam ao meu lado. A lama do chão atravessava o algodão fino da minha camisola. Um pingo gordo caiu na minha cabeça, depois outro: uma goteira no telhado. As meninas ficaram esperando que eu comesse, ambas grudadas em mim. Fechei os olhos, mas não encontrei o que dizer. Não queria rezar pela alma de Pappy, pois seria uma grande hipocrisia. Poderia ter rezado por Florence, pedido a Deus que compreendesse os motivos dela, que perdoasse a necessidade de vingança de uma mãe desesperada, mas não havia como dizer tudo isso na frente das meninas. Então não disse nada. Nem para elas, nem para Deus.

Uma sombra se projetou sobre nós. Era Jamie à porta do anexo. Na contraluz, não consegui decifrar a expressão no rosto dele. Bella correu para abraçar seus joelhos.

– Pappy morreu, tio Jamie! – choramingou ela.

– É verdade – falei. – Sinto muito.

Ele pegou Bella no colo e se aproximou da cama. Ainda vestia as roupas imundas da véspera, mas havia penteado o cabelo e jogado uma água no rosto cansado. Foi com um misto de raiva e tristeza que ele olhou para o corpo do pai. Pela raiva eu já esperava; pela tristeza, não. Fiquei comovida.

– Parece que morreu dormindo – menti.

– É assim que eu também gostaria de ir – disse Jamie com um fiapo de voz. – Dormindo.

Depois olhou para mim com tanto desespero que mal consegui fitá-lo. Vi nesse olhar uma culpa de irmão, mas nenhum vestígio da censura ou do desprezo que eu temia encontrar. Apenas amor, dor e mais alguma coisa que, por fim, identifiquei como gratidão pelo que eu dera a ele. Gratidão. Já não estava ali o piloto valente e galanteador ou o herói fanfarrão que povoava os meus sonhos. Ali estava o verdadeiro Jamie, aquele que eu sabia que jamais teria precisado de consolo da minha parte nem se deitado comigo.

Porque o Jamie dos meus sonhos nunca havia existido.

A constatação me deixou perplexa, embora não houvesse nenhum motivo para perplexidade. Jamie dera todas as pistas de que eu precisava para enxergar suas fraquezas, para perceber a tristeza profunda que habitava sua alma. Eu ignorara essas pistas, preferindo acreditar na ficção. Jamie havia criado essa ficção, interpretando seu papel à perfeição, mas eu é que havia me deixado levar. A culpa era minha, por ter me apaixonado por uma ilusão.

Eu ainda amava Jamie, mas nesse amor não havia mais desejo nem sensualidade. Nossa noite de sexo já começava a se transformar numa lembrança distante, como se tivesse acontecido com outra pessoa. Na ausência de todo aquele furor carnal, eu me sentia estranhamente vazia.

Acho que Jamie viu tudo isso em meus olhos, porque de imediato baixou os seus. Ele colocou Bella no chão, ajoelhou-se ao meu lado e inclinou a cabeça, esperando que eu comesse alguma oração. Pela segunda vez, não encontrei o que dizer. Que oração honesta poderia sair da boca de uma adúltera ajoelhada com seu amante diante do corpo do sogro assassinado? Mas, de repente, me veio uma luz. Apertei a mão de Jamie e comecei a cantar:

Glória a Deus, d'onde toda bênção vem;
Glória a Ele, que lá do alto intervém;
Glória aos Três, que nos guardam e nos mantêm:
Glória ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo. Amém.

Minha voz saiu forte e límpida ao cantar os versos que eu conhecia tão bem. As meninas logo se juntaram a mim (esse foi o primeiro hino da Doxologia que ensinei a elas), Jamie também. Ele tinha uma voz dura, que falhou no “amém”. Fiquei me perguntando se Henry teria esperado que eu comesse. Acho que não. Henry teria assumido o comando das preces sem pensar duas vezes, e sua voz não teria falhado.

JAMIE

A BÍBLIA ESTÁ SEMPRE nos dizendo o que não fazer. “Não matarás” é apenas um dos muitos exemplos. “Não levantarás falso testemunho” é outro. “Não cometerás adultério.” “Não descobrirás a nudez da mulher do teu irmão.” Repare que não há escapatória possível para nenhum deles, nenhuma cláusula contingente que nos permita insistir em nossos pecados. Algo como: Não descobrirás a nudez da mulher do teu irmão *a menos* que estejas perdido no mais obscuro dos infernos, afastado de ti mesmo, afastado de tudo aquilo que é luz, de tudo aquilo que é bom; *a menos* que descobrir a nudez dessa mulher seja a única maneira de encontrar o caminho de volta. Não. A Bíblia é categórica em tudo. Por isso não acredito em Deus.

Às vezes, é necessário fazer o errado. Às vezes, fazer o errado é a única maneira de acertar as coisas. Que vá à merda o Deus que não compreender isso.

“Não invocarás o nome do Senhor teu Deus em vão.” Mais um.

O DIA SEGUINTE AO do linchamento se arrastou com a lentidão opressiva de um sonho ruim. Eu sentia dores por toda parte, uma ressaca dos diabos. Não conseguia parar de pensar em Ronsel, na faca erguida contra ele, no jato de sangue, nos urros medonhos que não paravam nunca.

Busquei refúgio no trabalho. Havia muito o que fazer: a tempestade havia arruinado o galinheiro, arrancado boa parte do telhado do depósito de algodão e deixado os porcos em polvorosa. Henry ainda não tinha voltado de Greenville, mas não tardaria a chegar. Eu havia conferido a ponte mais cedo: ainda era possível passar por ela, mas, pelo breu das nuvens, não por muito tempo. Henry era experiente o bastante para saber que não podia se atrasar.

Eu tirava leite da vaca quando Laura entrou no celeiro. Vênus não era ordenhada desde a manhã do dia anterior e estava com as tetas cheias, quase explodindo. Incomodada, ela já usara o rabo cravejado de carrapichos para me castigar com duas chicotadas no rosto. Ainda assim, era bom estar ali com ela, roçando a face no couro quente daquele flanco, ouvindo o barulhinho dos jatos de leite contra o metal do balde e deixando a cabeça se esvaziar com a regularidade daquele ritmo, quase o rufar de um tarol.

– Jamie – disse Laura às minhas costas. – Henry não deve demorar. Precisamos conversar antes que ele chegue.

Com alguma relutância, fui ao encontro dela, que estava parada à porta da baia. Notei imediatamente que usava batom, mas, fora isso, não havia recorrido a nenhum outro tipo de artifício. De todas as mulheres que conheci, Laura talvez fosse a única que não precisava de artifícios. Mas isso estava prestes a mudar. Por minha causa. Eu a tinha transformado numa farsante.

– As meninas, como estão? – perguntei.

– Estão ótimas. Dormindo. Ficaram exaustas com tudo isso.

– Imagino. A morte desconcerta a gente. Principalmente a primeira vez que a gente dá de cara com ela.

– Elas queriam saber se eu, você e Henry íamos morrer também. Eu disse que sim, mas que ainda demoraria muito. Depois perguntaram se elas também iam morrer. Acho que foi a primeira vez que a ideia passou pela cabecinha delas.

– E o que você disse?

– A verdade. Mas acho que Bella não acreditou.

– Melhor assim – falei. – Deixe a menina saborear a imortalidade enquanto pode.

Laura hesitou um instante.

– Preciso perguntar uma coisa a você – disse, enfim.

Ela retirou do bolso um pano todo embolado e, mesmo antes de ver os dois furos recortados, eu já sabia o que era.

– Encontrei isto aqui no chão do anexo. Imagino que era de Pappy – falou, esperando que eu confirmasse. Como não falei nada, ela continuou: – Você já tinha visto, não tinha?

Fiz que sim com a cabeça, as lembranças explodindo no meu cérebro como granadas.

– O que aconteceu, Jamie?

Então contei tudo a ela: a luz que vi na serraria; a corda no pescoço de Ronsel; os encapuzados em torno dele; a presença do meu pai entre os homens; o fracasso da minha tentativa de tirar Ronsel dali.

– Nem cheguei a usar meu revólver.

– Preste atenção, Jamie. Nada do que aconteceu àquele rapaz é culpa sua. Você tentou salvá-lo, o que é mais do que muita gente teria feito. Tenho certeza de que Ronsel reconheceu isso. Tenho certeza de que ficou grato.

– É, Ronsel deve estar morrendo de gratidão. Não deve ver a hora de me agradecer pessoalmente.

– Ele está vivo?

– Está.

– Graças a Deus – disse ela, aliviada.

– Pelo menos estava quando o vi pela última vez.

Aí contei a primeira mentira: falei que todos já tinham ido embora quando recobrei os sentidos, menos o xerife, que me contou que haviam cortado a língua de Ronsel. Laura tapou a boca num gesto de horror. Exatamente como eu me lembrava de ter feito na serraria.

– Tom Rossi levou-o para ser atendido por um médico. Ele perdeu muito sangue.

Eu também me lembrava do sangue jorrando: na camisa do próprio Ronsel, no chão, na túnica branca de Turpin.

– Por quê? – perguntou ela. – Por que fizeram isso?

Tirei a foto do bolso e entreguei a ela.

– Quem são?

– A mulher é a namorada alemã de Ronsel; a criança é o filho que eles tiveram. Tinha uma carta junto, mas não sei o que foi feito dela.

– Mas como esta foto foi parar na mão deles?

– Não sei – respondi.

Mentira número dois.

– Imagino que Ronsel tenha deixado cair por aí.

– E um deles a encontrou.

– Isso.

– Além de Pappy, quem mais estava lá?

– Não reconheci nenhum dos outros.

Mentira número três. Mas essa havia sido pelo bem dela. Laura certamente percebeu que eu estava mentindo, mas não me questionou. Só ficou olhando para a minha cara, pensativa, como se estivesse me avaliando, me aquilatando. E talvez tenha encontrado menos quilates do que imaginara. Eu já decepcionara dezenas de mulheres na vida sem me incomodar nem um pouco com isso. Porém com Laura foi diferente. Decepcionar Laura me machucou. Por quê?

– O que você vai dizer a Henry? – questionou ela.

– Ainda não sei. Ele vai ficar triste o suficiente com a morte do papai; não precisa saber que o velho participou de um linchamento.

– Tom ou o xerife chegaram a ver Pappy na serraria?

– Acho que não. Mas, mesmo que tenham visto, isto aqui é o Delta. A última coisa que o xerife vai fazer é identificar alguém.

– E Ronsel?

– Não vai dizer nada. Não tem mais língua para isso.

– Mas pode escrever.

– Acho difícil. O que você acha que aconteceria se ele denunciasse alguém? O que aconteceria com a família dele?

Laura arregalou os olhos.

– Estamos correndo algum perigo?

– Não – falei. – Desde que eu vá embora daqui.

Laura caminhou até a porta do celeiro, correu os olhos pela amplidão dos campos, pela escuridão do céu, depois abraçou a si mesma e falou baixinho:

– Puxa, como eu detesto este lugar...

Eu ainda lembrava da força daqueles braços em torno do meu corpo, da desenvoltura com que eles haviam me guiado para os lugares certos. Fiquei me perguntando se ela agia da mesma forma com meu irmão, se gritava o nome dele da mesma forma que tinha gritado o meu.

– Não vejo motivo para contar a Henry sobre o envolvimento de Pappy – disse ela afinal. – Isso só serviria para deixá-lo ainda mais arrasado.

– Tudo bem. Como você preferir.

Ela se virou e me encarou. Após longos segundos de silêncio, declarou:

– Este assunto morreu com o seu pai.

QUANDO HENRY CHEGOU, ESTAVA bastante nervoso por causa da tempestade. Laura e eu fomos a seu encontro no carro, mas ele mal nos cumprimentou. Correu para a plantação, ajoelhando-se na terra molhada para medir o estrago causado no algodão recém-semeado. A chuva voltou de repente, ensopando todos nós.

– Se não parar de chover, as sementes vão ser levadas pela água e teremos que plantar tudo de novo – disse ele. – Merda. A previsão do almanaque era apenas de uma chuvinha fina no mês de abril. A que horas começou a chover aqui?

– Ontem, por volta das cinco – informou Laura. – Choveu a noite inteira.

Percebendo a tensão na voz da mulher, Henry olhou para ela, depois para mim, preocupado.

– Isso aí no seu rosto, o que foi?

Eu havia esquecido completamente das marcas que tinham ficado. Tentei inventar uma história qualquer, mas nada me veio à mente.

– Foi um coice da Vênus – explicou Laura rapidamente. – Ontem à noite, quando ele estava tirando o leite. A chuva deixou a vaca agitada. Ela e todos os animais. Um dos porcos morreu pisoteado pelos outros.

Henry olhou para mim, desconfiado.

– Que bicho mordeu vocês dois?

Laura ficou esperando que eu desse a notícia, mas não consegui.

– Henry – disse ela no meu lugar –, o seu pai... morreu esta noite. Dormindo.

Depois se aproximou dele, mas não o tocou. Sabia que Henry ainda não estava pronto para ser tocado. “Como ela conhece esse homem”, pensei. “Como eles são certos um para o outro...” Henry baixou a cabeça e ficou olhando para as próprias botas. Na qualidade de filho mais velho, ele agora era o chefe da família. Vi quando o peso recaiu nos ombros dele.

– Pappy ainda está... na cama? – perguntou. Quando confirmei, ele acrescentou: – Então acho melhor eu ir lá.

Nós três seguimos para o anexo. Henry entrou na frente. Laura e eu o acompanhamos e paramos ao lado dele. Henry baixou o lençol. Pappy parecia nos encarar com os olhos vazios e arregalados. Henry chegou a esticar o braço para fechá-los, mas Laura o deteve a tempo.

– Não, meu amor. Já tentamos e não conseguimos. Duro demais.

Henry exalou um longo suspiro. Abracei-o pela cintura. Laura fez o mesmo, recolhendo rapidamente a mão ao tocar meu braço sem querer. Eu não esperava que Henry chorasse, e ele realmente não chorou. Não exibiu nenhuma emoção enquanto olhava para o corpo morto do nosso pai. A certa altura, virou-se para mim e perguntou:

– Você está bem?

Ouvindo isso, senti uma raiva súbita do meu irmão. Ele não se cansava de ser constantemente o mais forte de nós dois? O mais resignado, o mais honrado, o mais confiável? De repente, percebi que sempre me ressentira disso – mesmo tendo grande admiração por ele – e que dormira com a mulher dele apenas para castigá-lo por ser todas aquelas coisas que eu não era.

– Estou bem, sim – respondi.

Henry assentiu, apertou meu ombro, depois voltou os olhos para Pappy.

– Estou aqui pensando... O que será que ele viu em seus momentos finais?

– A noite estava escura – falei. – Sem lua, sem estrelas. Imagino que não tenha visto muita coisa.

Mentira número quatro.

– COMPARSA DE CRIOULO! – gritou Turpin. – Judas!

Então levei um chute na nuca, que bastou para me apagar durante uns cinco minutos. Quando recobrei os sentidos, alguém estapeava meu rosto sem muita delicadeza. Eu estava deitado de lado com uma das faces colada ao chão. A serraria se resumia a um grande borrão de pernas e túnicas brancas.

– Acorde – ordenou Pappy, me sacudindo com força.

Meia dúzia de cabeças encapuzadas me observava do alto. Tentei empurrar o velho, mas só naquele momento me dei conta de que estava com as mãos amarradas atrás das costas. Pappy me ergueu e me deixou recostado na parede mais próxima. O movimento repentino me deixou tonto: vi a serraria rodar à minha volta, achei que fosse desmaiar. Pappy me sacudiu de novo pela gola da jaqueta, depois sussurrou no meu ouvido:

– Acho melhor você tomar juízo e se comportar como um homem. Se fizer mais alguma besteira, essa gente vai liquidar você.

Passada a tonteira, vi que Ronsel ainda estava vivo, esticando o pescoço para não ser

enforcado.

– O que vamos fazer com ele? – perguntou Deweese, apontando na minha direção.

– Ninguém precisa fazer nada – respondeu Pappy. – Ele garantiu que não vai contar nada. É ou não é, filho?

Percebi então que Pappy estava com medo. Na realidade, estava apavorado, tentando me proteger. Acho que foi aí que também passei a realmente ficar com medo. Senti o coração disparar e comecei a suar em bicas, mas procurei manter a voz calma e firme. Para sair vivo dali com Ronsel, teria de ser o melhor ator do mundo.

– Isso mesmo – concordei. – Deixem ele ir e, para mim, isto aqui nunca aconteceu.

Orris Stokes se aproximou com seu corpanzil.

– Você não está em condições de fazer exigências, rapaz. No seu lugar, eu me preocuparia mais em salvar minha própria pele do que a de um crioulo.

– Jamie não vai falar nada para o xerife – assegurou Pappy. – Não depois de saber o que o crioulo fez.

– O que ele fez? – perguntei.

– Cruzou com uma branca e fez um filho nela – falou Pappy.

– Mentira. Ronsel nunca faria uma coisa dessas.

– É verdade – confirmou Turpin. – Você acha que conhece ele, não acha? Então o que me diz disso aqui?

Ele balançou diante do meu nariz uma fotografia na qual uma lourinha muito magra segurava no colo um lindo bebê mulato. Certamente não havia sido tirada no Mississippi: o chão estava coberto de neve e no fundo se via uma casa em estilo alpino.

– Quem é ela? – questionei.

– Uma alemã – disse Turpin.

– E o que faz vocês pensarem que Ronsel é o pai da criança?

– Isto – falou ele, tirando uma carta do bolso. – Está tudo escrito aqui. Ela inclusive botou o nome do crioulo no menino.

Meu espanto deve ter ficado visível na minha fisionomia.

– Viram? Não disse a vocês que ele estava do nosso lado? – garantiu Pappy.

Olhei de relance para Ronsel. Lentamente ele abriu e fechou os olhos, confirmando toda a história. Não parecia nem um pouco envergonhado. Pelo contrário, aparentava me desafiar com o olhar, como se dissesse: “Que tipo de homem você é? Acho que vamos descobrir agora.”

Tornei a olhar para a foto, lembrando do susto que tinha levado ao ver, pela primeira vez, soldados negros conversando ou dançando com mulheres brancas nos pubs e salões da Europa. Aos poucos fui me acostumando. Soldados são sempre soldados, foi o que pensei na ocasião, e as moças certamente não estavam reclamando. Mas nunca cheguei a me sentir totalmente à

vontade com aquilo, nem mesmo depois de voltar para casa. E se *eu* estava incomodado, o que dizer daqueles homens encapuzados?

Eu podia muito bem imaginar o furor que a tal fotografia havia provocado neles. Não só ela, mas principalmente a frieza e o orgulho de Ronsel. Eu conhecia bem aquele tipo de homens à nossa volta. Eles estavam enredados nas glórias de um passado imaginado, apavorados com a possibilidade de perder tudo aquilo que acreditavam ser seu por direito. Não deixariam barato. Mas eu não podia permitir que matassem Ronsel. E, se eu não fizesse algo logo, era exatamente isso que acabaria acontecendo.

– Por que vocês estão dando tanta importância a uma putinha alemã? – falei.

O que me rendeu um chute de Orris, uma pancada forte na perna.

– Basta você dizer a eles que não vai contar nada – insistiu Pappy.

Eu percebia o desespero na voz dele. E, se eu percebia, os outros também percebiam. O que era um perigo. Nada melhor para incitar a sanha de uma matilha do que farejar o medo da presa.

– Vocês não entenderam o que eu disse – arrisquei. – Essas *fräulein*... não são como as mulheres daqui. São umas putas de sangue frio que vão cobrir você de sorrisos para depois cravar uma faca nas suas costas. Foi assim que elas mataram muitos dos nossos soldados por lá. E, se Ronsel se vingou de uma delas, deixando uma recordação na barriga da vadia, para mim o que ele fez foi apenas justiça.

Eles permaneceram calados por um tempo. Comecei a ficar mais esperançoso.

– Você é um bom rapaz – disse Turpin. – Pena que não sabe mentir.

– Olhe, não estou dizendo que daria uma medalha a ele por isso. Só estou dizendo que não me parece certo matar um soldado americano por causa de uma puta alemã. Um soldado condecorado.

Mais silêncio.

– De qualquer forma, o crioulo precisa ser punido – afirmou Pappy.

– Para não repetir a bobagem que fez – acrescentou Stokes. – Vocês sabem como ficam esses malandros depois que experimentam uma branca. Quem pode garantir que esse aí não vai querer fazer a mesma coisa com uma das nossas?

– Nós podemos garantir – declarou Turpin. – Aqui e agora.

Ele abriu a maleta que tinha deixado no chão e retirou dela um bisturi. Um dos homens assobiou. A empolgação foi geral. Ronsel e eu começamos a falar ao mesmo tempo.

– Por favor – pediu ele. – Por favor, eu estou implorando...

– Vocês não precisam fazer isso – falei. – Ele já aprendeu a liç...

As palavras do médico cortaram as nossas com a força de uma chicotada:

– Se um deles disser mais alguma coisa, passem fogo no preto.

Imediatamente me calei; Ronsel também.

– Este crioulo profanou uma mulher branca – disse Turpin. – Maculou o corpo dela com os

olhos, com as mãos, com a língua, com a sua semente. E vai ter que pagar por isso. Então, pessoal, o que vai ser?

Todos responderam juntos:

– Capa ele!

– Fura os olhos!

– Corta tudo fora!

Não pude deixar de notar a mancha molhada que se formou nas calças de Ronsel. Precisei me conter para não vomitar com o cheiro que agora empestava a serraria inteira, um cheiro forte de mijo e suor.

– Tenho uma sugestão – disse Pappy. – Que tal a gente deixar que meu filho decida?

– E por que faríamos uma coisa dessas? – devolveu Turpin.

– Isso mesmo – concordou Stokes. – Por quê?

– Porque, se a decisão for do meu filho – respondeu Pappy –, ele se torna cúmplice de tudo.

– Não! Eu não vou decidir nada.

Pappy se curvou para me encarar. Os olhos eram duas tiras finas de tão apertados. Encostando a boca no meu ouvido, falou:

– Sabe onde encontrei a carta? Na cabine da caminhonete; no chão do lado direito. Só tem uma explicação para ela ter ido parar ali: você deixou o crioulo andar na frente outra vez. Tudo isso é culpa *sua*. Pense nisso.

Balancei a cabeça furiosamente, não querendo acreditar naquilo, mas sabendo que era verdade. Pappy se afastou e falou alto suficiente para que todos ouvissem:

– Você não tinha nada que meter o nariz nessa história. Entrou aqui como se fosse Gary Cooper, empunhando um revólver, falando grosso. Ameaçando o próprio pai por causa de um crioulo! Bem, agora não tem mais jeito. Você está envolvido até o pescoço. Se não quer que ele morra, tudo bem. Mas vai ter que escolher o castigo.

– Já disse que não vou escolher nada.

– Vai, sim – ameaçou Turpin. – Senão, escolho eu. E tenho certeza de que seu amigo não vai gostar nem um pouco da minha escolha.

Com uma faca na mão, ele gesticulou como se fosse castrar Ronsel e os outros aplaudiram. Ronsel não parava de tremer, os músculos se estufando contra as cordas que o prendiam, os olhos plantados em mim, suplicantes.

– Então, o que vai ser? – perguntou Turpin. – Os olhos, a língua, as mãos ou as bolas? Ande, Judas, escolha logo.

Vendo que eu não pretendia responder, Deweese virou o rifle na minha direção. Pappy se afastou imediatamente, deixando o espaço livre para o tiro que poderia vir. Deweese engatilhou e disse:

– Escolha.

Pois lá estava ela, a oportunidade que eu tanto queria para fugir daquele inferno. Bastaria continuar mudo para dar fim àquela agonia, àquele pavor, àquele vazio. A oportunidade que eu tanto queria, desde que tivesse coragem para fazer uso dela.

– Escolhe, porra! – gritou Pappy.

Então escolhi.

LAURA

DECIDI IR À CASA de Florence no dia seguinte ao da morte de Pappy. Queria saber como Ronsel estava. Também precisava ter uma conversinha em particular com ela. Florence não poderia continuar a trabalhar para mim. Aliás, o mais provável era que ela própria nem quisesse, mas eu tinha que ter certeza. Disso e do seu silêncio.

Contei a Jamie aonde estava indo e pedi que tomasse conta das meninas. Já estava saindo quando ele tirou algo do bolso e me entregou: era a fotografia da amante alemã de Ronsel com o filhinho deles no colo. Fiquei toda arrepiada. Não queria nem tocar naquilo. Tentei devolvê-la.

– Não – disse Jamie. – Peça a Florence para entregar a Ronsel. E também para dizer que...

Ele balançou a cabeça, perdido, a boca travada pela autocensura. Apertei a mão dele num gesto de carinho e falei:

– Sem dúvida, ele já sabe.

Minha intenção era ir dirigindo, porém, como o carro e a caminhonete estavam atolados na lama, peguei minha sombrinha e fui a pé. A chuva havia melhorado um pouco desde a véspera, mas ainda não dava sinais de que pretendia ir embora. Quando me viu passar pelo celeiro, Henry veio à porta e perguntou:

– Onde você vai?

– À casa da Florence. Ela não apareceu para trabalhar nem ontem nem hoje.

Henry não sabia o que havia acontecido com Ronsel. Hap não o procurara, e estávamos isolados da cidade desde a noite anterior. Jamie e eu também não tínhamos contado, claro. Em tese, ainda não sabíamos de nada.

– Você não devia andar nesse lamaçal todo, debaixo de chuva. Pode deixar, mais tarde eu passo lá para saber o que houve. Volte para casa.

Meu raciocínio foi rápido.

– Preciso fazer umas perguntas para ela. Sobre como preparar o corpo.

– Tudo bem. Mas cuidado para não levar um tombo no caminho. A estrada está muito escorregadia.

A preocupação dele me deixou com um nó na garganta.

– Vou tomar cuidado, fique tranquilo.

Foi Lilly May quem abriu a porta. Estava com os olhos vermelhos e inchados. Pedi para falar com a mãe dela.

– Vou chamar – disse ela, fechando a porta na minha cara.

Senti um aperto de medo no coração. E se Ronsel não tivesse sobrevivido às agressões? Pelo bem da família dele e pelo de Jamie, rezei para que tivesse. Fiquei esperando na varanda por uns cinco minutos que pareceram uma eternidade. Por fim, Florence apareceu para me receber. Estava abatida, com os olhos fundos. Fiquei pensando o pior, mas de repente veio de dentro da casa um gemido arrastado, gutural, uma coisa horrível de se ouvir. Pelo menos Ronsel estava vivo. “Devem tê-lo trazido ontem à tarde”, pensei, “antes que o rio engolissem a ponte.”

– Como ele está?

Florence não respondeu, apenas me encarou com um olhar frio, cheio de significados. Encarei-a de volta, deixando claro que também sabia de muita coisa. A adúltera e a assassina, encarando-se mutuamente.

– Vamo embora assim que o rio baixar – falou à queima-roupa. – Hap vai falar com o seu marido ainda hoje.

O alívio que senti foi maior do que a vergonha. Eu não teria mais que ver aquela mulher, nem de longe. Não seria lembrada diariamente de como minha família havia destruído a dela.

– Para onde vocês vão? – perguntei.

Ela encolheu os ombros, olhou para as terras encharcadas.

– Pra longe daqui.

Eu tinha apenas uma coisa a oferecer.

– O velho morreu – falei. – Morreu ontem à noite. Dormindo. – Enfatizei essa última parte, mas, se ela gostou de ouvir, não demonstrou. Pelo contrário, me pareceu ainda mais amarga. – Deus há de saber o que fazer com ele.

Florence balançou a cabeça, dizendo:

– Deus não quer saber de nada nem de ninguém.

Como se para provar a veracidade dessas palavras, Ronsel gemeu outra vez. Florence fechou os olhos. Não sei o que foi mais difícil: ouvir aquele gemido ou vê-la ouvindo a mesma coisa. Era como se tivessem arrancado a língua dela também. Estremeci só de imaginar como eu me sentiria se aquele gemido tivesse saído de Amanda Leigh ou de Bella. Lembrei de Vera Atwood. Lembrei também da minha mãe, que mesmo depois de tantos anos ainda se afligia com a filhinha que havia perdido no parto, a gêmea de Teddy.

– Jamie pediu que você desse isso aqui a ele – falei, entregando-lhe a fotografia. – Foi tirada na Alemanha. O bebê é...

– Eu sei quem ele é – interrompeu-me Florence, roçando o dedo na foto como se estivesse

fazendo um carinho no neto que nunca veria. E, enterrando a foto no bolso, falou: – Preciso voltar pro lado dele.

– Desculpe.

Estava ciente de que essa palavrinha nem de longe abarcava o peso de tudo que havia acontecido, mas foi a única coisa que encontrei para dizer.

“A culpa não é sua.”

Eu daria tudo para ter ouvido essas palavras da boca de Florence, para ter recebido essa absolvição que eu não merecia.

Ela apenas se despediu e entrou.

JAMIE

FOMOS OS CINCO, CHAPINHANDO na lama até a cova. Ainda caía uma chuva fina, mas o vento agora era mais forte, surgindo em rajadas violentas que nos empurravam para todos os lados, menos para a frente. Henry e eu carregávamos o caixão e as cordas. Laura vinha atrás com as meninas – Bella no colo, Amanda Leigh pendurada à sua saia.

À beira da cova, pousamos o caixão e passamos as cordas por baixo dele, uma em cada ponta. Henry foi para a borda oposta e recebeu as pontas de corda que arremessei. Mas, ao levantarmos o caixão, as cordas escorregaram para o centro, fazendo com que ele se inclinasse e deslizesse de volta para o chão. Foram dois baques: o primeiro contra a terra e o segundo dentro do próprio caixão, a cabeça de Pappy batendo com força na madeira. Uma das tábuas laterais se despregou. Agachei e empurrei os pregos de volta com o polegar.

– Isso não vai dar certo – falei. – Precisamos de mais alguém para ajudar.

– Vai ter que dar – disse Henry.

– E se a gente passar as cordas ao comprido?

– Não dá. É estreito demais. Se cair de novo, vai acabar quebrando.

Dei de ombros, pensando: “E daí?”

– Não – repetiu ele baixinho, olhando para as meninas.

Laura apontou para a estrada.

– Os Jacksons estão vindo ali.

Eles vinham de carroça, Hap e Florence sentados na frente, os dois meninos seguindo a pé. Havia vários móveis empilhados. Na parte de trás da carroça, via-se um volume protegido por um pedaço de lona. Só podia ser Ronsel ali debaixo, sofrendo. Quando se aproximaram, Henry acenou para que descessem.

– Não. Deixe eles irem – pediu Laura.

Henry olhou para ela e, indignado, falou:

– O que aconteceu com o filho deles não foi culpa minha. Eu bem que avisei. Aos dois. E agora Hap me abandona bem no meio do plantio, sabendo muito bem que a esta altura não dá mais para arrumar outro arrendatário. O mínimo que ele pode fazer é ajudar a gente aqui.

Eu estava prestes a dizer algo em favor de Laura, mas ela balançou a cabeça discretamente e engoli as palavras antes que saíssem da minha boca.

– Hap! – gritou Henry contra o vento. – Você pode dar um pulo aqui?

Hap freou a mula. Ele, Florence e os gêmeos olharam na nossa direção. Estavam a uns 10 metros de distância, mas eu podia ver muito bem o ódio estampado no olhar deles.

– Estamos precisando de uma ajuda! – berrou Henry.

Achei que ele fosse se recusar. No lugar dele, eu certamente teria me recusado. Mas Hap entregou as rédeas para Florence e já ia apeando quando ela o puxou de volta para cochichar algo. Ele balançou a cabeça, depois disse alguma coisa de volta.

– O que tanto conversam? – disse Henry, impaciente.

Hap e Florence agora discutiam abertamente. Não era possível ouvir o que diziam porque não estavam gritando, mas eu podia muito bem imaginar o que era:

– Não, Hap, você não vai ajudar ninguém.

– Foi a mão do Senhor que trouxe a gente aqui, e não vou discutir com Ele.

– Então vai você. Eu é que não vou ajudar aquele capeta.

– Não é ele que você vai ajudar; ele já vai arder no fogo do inferno. Você vai ajudar o Senhor a fazer o seu trabalho.

Vi Florence cuspir para o lado.

– Isso foi pra esse seu Senhor aí. De mim é que ele não vai tirar mais nada. Já tirou o bastante.

– Então está bem. Não vou demorar.

Hap desceu da carroça e foi caminhando na direção dos gêmeos. Não foi difícil imaginar o que Florence disse:

– Eles também não vão ajudar.

Então Hap veio sozinho ao nosso encontro, pisando na lama, os olhos grudados no chão.

– Obrigado por ter parado, Hap – disse Henry, assim que ele chegou. – Seria ótimo se você e um dos meninos nos ajudassem a descer o caixão.

– Vou ajudar – concordou Hap. – Mas eles não vêm.

Henry arqueou as sobrancelhas, franzindo a testa.

– Pode deixar – disse Laura rapidamente. – Eu ajudo.

Ela deixou Bella com Amanda Leigh, depois pegou a ponta de uma das cordas. Henry, Hap e eu pegamos as outras. Juntos, erguemos o caixão acima da cova e fomos descendo devagarinho. Quando ele tocou o chão, conseguimos puxar de volta apenas uma das cordas; a outra ficou presa onde estava. Henry xingou baixinho, jogou a ponta para dentro da cova, depois perguntou a Laura:

– Você trouxe uma Bíblia?

– Não – respondeu ela. – Não me ocorreu trazer.

Hap olhou para o céu com a cabeça ligeiramente inclinada, como se estivesse ouvindo

alguma coisa, depois baixou os olhos e falou:

– Eu tenho uma, Sr. McAllan. – Do bolso da camisa ele retirou uma Bíblia pequena e já bastante surrada. – Se quiser, posso encomendar a alma dele. Acho que é pra isso que estou aqui.

Procurei algum sinal de ironia ou maldade no rosto dele, mas não vi nem uma coisa nem outra.

– Não precisa, Hap – disse Henry. – De qualquer modo, obrigado.

– Já fiz isso um milhão de vezes pra minha própria gente – acrescentou Hap.

– Ele não ia querer.

– Deixe o homem falar – pedi.

– Ele não ia querer – repetiu Henry.

– Mas *eu* quero – falei.

Eu e meu irmão ficamos nos encarando, e foi Laura quem resolveu o impasse.

– Também acho, Henry. Se Hap ofereceu, acho que devíamos aceitar. Ele é um homem de Deus.

– Tudo bem, então – concordou Henry após alguns segundos. – Vá em frente, Hap.

Hap folheou sua Bíblia. Já ia começando a ler quando, de repente, decidiu voltar algumas páginas. Pensei que fosse dizer algo como: “O Senhor é meu pastor.” Acho que foi o que todos achamos, porém o que saiu foi bem diferente.

– “Clame, se quiser, mas quem o ouvirá? Para qual dos seres celestes você se voltará?” – leu com sua voz potente e retumbante.

Laura ergueu a cabeça, surpresa. Mais tarde me contou que se tratava de uma passagem do Livro de Jó e que não era exatamente o que as pessoas costumavam ler num enterro para consolar a família do morto.

– “O homem nascido de mulher vive pouco tempo e passa por muitas dificuldades.” – prosseguiu Hap. – “Brota como a flor e murcha. Vai-se como a sombra passageira; não dura muito. Fixas o olhar num homem desses? E o trarás à tua presença para julgamento? Quem pode extrair algo puro da impureza? Ninguém!”

Henry não estava gostando do que ouvia. Se as nuvens não tivessem começado a despejar novamente seu conteúdo sobre a nossa cabeça, ensopando todo mundo, acho que teria interrompido a leitura. Enquanto Hap pregava sobre a morte e as iniquidades da vida, Henry e eu pegamos nossas enxadas e fomos jogando a terra de volta na cova.

O fato é que nosso pai foi enterrado numa cova de escravos, numa cerimônia apressada e fria, acompanhada das pregações acusatórias de um negro, sob o olhar duro da mulher que certamente praguejava por não ter chegado a tempo de matá-lo com as próprias mãos.

Se Pappy tivesse acordado quando entrei no quarto com o lampião, Florence talvez tivesse tido sua oportunidade. Mas ele não acordou. Continuou dormindo com uma expressão tranquila no rosto, o sono pesado de alguém que finalmente pôde descansar após um glorioso

dia de trabalho. Fiquei ali durante um tempo, pingando água no chão enquanto olhava para ele, remoendo a fúria que começava a brotar dentro do meu peito, a voz dele ecoando na minha cabeça. “Vão achar por aí que tenho três filhas em vez de duas.” “Meu filho não tem colhão para matar um homem cara a cara.” “O macaco vai morrer de qualquer jeito.” Não me lembro de ter ido buscar o travesseiro na minha cama, apenas de tê-lo nas mãos.

– Acorde – ordenei.

Pappy despertou assustado, sem entender direito o que estava acontecendo.

– O que está fazendo aqui? – perguntou.

– Quero olhar você bem no olho – falei. – Quero que veja o que está na minha mão.

Ele arregalou os olhos e escancarou a boca.

– Você n...

– Calado – interrompi.

E então coloquei o travesseiro contra o rosto dele e apertei com força.

Pappy começou a se debater enquanto me agarrava pelos pulsos, as unhas compridas furando a minha pele. Cuspi um palavrão qualquer e larguei o travesseiro por uns segundos, o bastante para que o velho jogasse a cabeça para trás e enchesse os pulmões com um pouco de ar novo. Tornei a botar o travesseiro sobre o rosto dele e pressionei o mais forte que pude. Lentamente, ele foi perdendo as forças, até que largou meus braços. Esperei mais alguns minutos antes de levantar o travesseiro e aí arrumei os lençóis. Fechei a boca do morto, mas deixei os olhos abertos.

Em seguida, peguei o lampião e fui para o celeiro. Dali a meia hora, Laura veio ao meu encontro e pensou que eu estivesse dormindo. Florence apareceu pouco tempo depois. Vi quando ela entrou com uma faca na mão e um brilho furioso no olhar. Não havia a menor dúvida quanto ao que pretendia fazer, por isso tentei encontrar uma maneira de dizer a ela que a coisa já estava feita, que Pappy não havia tido uma morte tranquila. Então rezei para que ela conseguisse ler nos meus olhos a culpa que coloquei neles.

Quando não conseguimos dizer algo em voz alta, dizemos em silêncio.

HENRY

ISTO AQUI SÃO AS entranhas da terra. Uma rica vastidão entre dois rios, formada 15 mil anos atrás, quando os glaciares degelaram sobre as águas do Mississippi e seus afluentes, fazendo com que elas transbordassem e inundassem metade do continente. Após recuarem e voltarem a seu curso normal, essas mesmas águas deixaram um valioso presente: os minerais roubados das terras que elas haviam lambido. E todo esse tesouro estava agora depositado nos vales do Delta, camadas e mais camadas de uma negra riqueza.

Foi nesse solo que enterrei meu pai, o solo que ele tanto odiava. Enterrei-o longe da minha mãe, que agora teria de passar toda a eternidade sozinha no cemitério de Greenville. Ela talvez me perdoasse por isso, mas eu conhecia o velho o bastante para saber que ele jamais me perdoaria. Não sofri com a morte dele, pelo menos não do jeito que sofri com a da minha mãe. Acho até que ele não teria querido nenhum sofrimento da minha parte, mas alguém precisava chorar por ele. Era nisto que eu pensava enquanto jogava terra sobre o caixão: o fato de que nenhum de nós ali lamentava de verdade a morte daquele homem.

Após alguns dias, perdi o Jamie também. Não consegui impedir que fosse para a Califórnia, mesmo depois de repetir mil vezes que precisava da ajuda dele no plantio, agora que os Jacksons haviam partido. Os acontecimentos na serraria tinham sido de fato terríveis, mas ninguém podia me acusar de não ter avisado o rapaz. Nunca soube direito o que ele fez para atíçar aqueles homens. Imagino que tenha sido algo muito grave. Jamie provavelmente sabia, mas, quando lhe perguntei, ele apenas deu de ombros e disse que no Mississippi as coisas eram assim, que a violência não precisava de motivos.

Apesar de tudo, eu sentiria falta do meu irmão. Laura também, eu tinha certeza. Imaginei que ela fosse reagir muito mal à notícia, que fosse me culpar pela partida dele. No entanto, quando enfim conversamos sobre o assunto (na cama, depois do apagar das luzes), tudo que ela comentou foi:

- Jamie precisa mesmo ir embora deste lugar.
- E você?

A pergunta simplesmente escapou da minha boca. Logo senti a boca secar. E se Laura

dissesse que também queria ir embora, que pretendia voltar com as crianças para a família que havia deixado em Memphis? Nunca pensei que um dia fosse recluir uma coisa dessas, não em relação a Laura, mas ela mudara muito com a ida para a fazenda, e não da maneira como eu imaginara.

– Você quer mesmo saber do que preciso? – perguntou ela.

Não, eu não queria. Então me adiantei e fui logo dizendo:

– Depois da colheita, vamos encontrar uma casinha na cidade, se você não se importar de esperar só mais esse pouquinho. Vou pedir um empréstimo ao banco. Sei que não tem sido fácil. Sinto muito. Vai ser bem melhor depois que a gente mudar para a cidade, você vai ver.

– Puxa, Henry...

Que diabos significava aquilo? O quarto estava um breu, não dava para ver o rosto dela. Com o coração a mil, pousei a mão no braço da minha mulher. Se ela me repelisse...

Mas não repeliu. Rolou para deitar a cabeça no meu ombro e falou:

– Tudo de que preciso está bem aqui.

Coloquei os braços em torno dela e apertei bem forte.

LAURA

JAMIE FOI EMBORA TRÊS dias depois do enterro. Disse que estava indo para Los Angeles, mas que ainda não sabia direito o que faria por lá.

– Talvez eu vá para Hollywood e tente uma carreira no cinema – disse brincando. – Mostrar a Errol Flynn como se faz. O que você acha?

Os hematomas no rosto já começavam a sumir, no entanto Jamie ainda estava com um péssimo aspecto. Fiquei preocupada com seu futuro na cidade grande, sem ninguém por perto para cuidar dele. Mas depois pensei: “Esse aí não vai ficar sozinho por muito tempo. Logo, logo vai encontrar alguma moça bonita para cozinhar seus pratos prediletos, passar suas roupas e ficar esperando por ele em casa ao fim de cada dia.” Jamie colheria uma moça dessas com a mesma facilidade com que se colhe uma margarida na beira da estrada.

– Errol Flynn que se cuide – falei.

Henry veio nos encontrar na varanda.

– Precisamos sair logo – disse ele –, senão você vai acabar perdendo o trem.

– Estou pronto.

– Você ainda vai sentir muita falta disto tudo aqui – previu Henry, apontando na direção da plantação. – Você vai ver.

“Isso tudo” era um mar de terra revirada que se estendia desde os arredores da casa até o rio, sem um único pé de algodão à vista, sem um único sulco de sementes plantadas. Um pernilongo recém-saído do ovo pousou no braço de Henry, fazendo com que ele desse um tapa irritado em si mesmo. Virei o rosto para rir, mas foi com uma expressão séria que Jamie disse:

– Vou sim, tenho certeza.

Em seguida, ele se inclinou para beijar minhas filhas. Bella abriu o berreiro e agarrou o pescoço do tio. Jamie se desvencilhou delicadamente e devolveu a menina para os meus braços.

– Deixei um presente para você – falou olhando para mim.

– Um presente? O que é?

– Ainda não chegou, mas não vai demorar. Você vai saber quando o vir.

– Melhor nos apressarmos – avisou Henry.

Jamie se despediu de mim com um abraço rápido e desajeitado.

– Tchau. Obrigado por tudo.

Com medo do que poderia sair da minha boca, não falei uma palavra, apenas meneei a cabeça na esperança de que ele compreendesse tudo que estava contido naquele pequeno gesto.

– Volto antes do jantar – disse Henry, deixando um beijo na minha testa.

Minutos depois, Jamie já estava a caminho de Greenville, indo para a Califórnia.

Nos dias que se seguiram, eu e as meninas procuramos o tal presente de Jamie por toda parte: debaixo das camas, dentro dos armários, no celeiro. Como era possível que ele tivesse deixado algo que ainda não havia chegado? Mas, após algumas semanas, acabei descobrindo o que era. Estava capinando a horta que havia plantado com a ajuda dele quando avistei na borda uma fileira de pequenos ramos verdes, certinha demais para que fosse mato. Soube o que era antes mesmo de arrancar um galhinho para cheirar.

Durante todo o verão dormi com Henry em lençóis perfumados com lavanda.

E CÁ ESTAMOS, NO final da nossa história. Ou, pelo menos, no final da *minha* história. Nesse início de dezembro, estou fazendo as malas para uma longa temporada em Memphis. Henry e eu concordamos que eu deveria ter o bebê por lá. O parto está previsto para daqui a seis semanas, e, na minha idade, seria arriscado demais fazê-lo aqui em Tchula, que fica a duas horas do hospital mais próximo.

Nós nos mudamos para Tchula em outubro, logo depois da colheita. A casa não é tão boa quanto aquela que perdemos para os Stokes em Marietta. Não tem nenhuma figueira no quintal, mas tem eletricidade, água encanada e um banheiro interno pelo qual sou profundamente agradecida. Nossos dias aqui se acomodaram numa rotina tranquila. Acordamos de madrugada. Preparo o café e o almoço que Henry leva para a fazenda. Espero até ele sair e visto as meninas, então vamos a pé até a escola de Amanda Leigh, que fica a oito quarteirões de distância. Nesse meio-tempo, Viola, nossa empregada de cor, chega para trabalhar. Fica apenas meio turno; não há trabalho que justifique um horário integral. Passo a manhã lendo para Bella ou resolvendo os assuntos da casa. Pego Amanda Leigh às três, depois preparo o jantar. Comemos logo depois do pôr do sol, quando Henry chega em casa. Depois faço meu tricô ou costuro alguma coisa enquanto ouvimos o rádio.

Nossa vida aqui é tão diferente da que tínhamos na fazenda que às vezes fico pensando que Tchula e a fazenda ficam em planetas diferentes, embora estejam separadas por apenas 15 quilômetros. Custo a acreditar que um dia tive aquela outra vida e que um dia fui aquela outra Laura, capaz de tanta coisa: de odiar, de desejar, de pensar apenas em si mesma, de trair. Mas é aquela outra mulher que me vem à cabeça toda vez que sinto o bebê mexer na barriga. O bebê de Jamie, quanto a isso não há a menor dúvida. Naquela mesma noite, não mais do que

algumas horas depois de ficarmos juntos, senti que havia engravidado. Jamais vou contar a Jamie que o filho é dele, mas imagino que ele vai acabar desconfiando. É o que posso fazer para devolver a Henry pelo menos um pouco daquilo que tirei da sua dignidade sem que ele ao menos soubesse. Hoje procuro dar a meu marido tudo que posso, mas não por culpa ou obrigação. É isso que significa amar alguém: dar o que você pode, tirar o que precisa.

Jamie se casou em setembro. Não nos convidou para a cerimônia, apenas mandou uma cartinha divertida, comunicando o fato já consumado. Mais ou menos uma semana depois, mandou uma segunda carta contando a mesma coisa, como se nem lembrasse da primeira. Henry e eu sabíamos muito bem o que isso significava, mas não falamos sobre o assunto. Rezo para que essa nova mulher de Jamie consiga ajudá-lo a parar de beber, ainda que ela não saiba, como eu sei, de tudo aquilo que ele precisa esquecer.

No meu caso, esquecer não é uma possibilidade. O filho que está na minha barriga não vai deixar. É um menino, que um dia será um homem, e vou amar esse homem tão intensamente quanto Florence ama o seu Ronsel. E, por mais que eu lamente ter tido esse filho à custa de tanto sofrimento do filho dela, jamais vou me arrepender de tê-lo concebido. Meu amor por ele não vai deixar.

Vou terminar com isso. Com o amor.

RONSEL

É DIA; OU TALVEZ seja noite. Estou de capacete dentro de um tanque, no banco traseiro de um carro em movimento com um saco de aniagem na cabeça, na traseira de uma carroça com um pano molhado na testa. Estou cercado de inimigos. O fedor do ódio deles está me sufocando. Estou sufocando, estou implorando, Senhor, por favor, estou sufocando, estou mijando nas calças, estou me afogando no meu próprio sangue. Estou berrando a plenos pulmões, mandando Sam abrir fogo; merda, você não está vendo que eles estão por todo lado?! Mas Sam não me ouve. Eu o empurro para o lado e assumo seu lugar na metralhadora de proa, só que, quando aperto o gatilho, nada acontece, a arma não dispara. Estou com uma sede horrível.

“Água”, digo, “por favor me tragam um pouco d’água”, mas Lilly May também não consegue ouvir: meus lábios estão mexendo, mas nada sai através deles, nada.

Onde devo terminar minha história? Ali, na traseira daquela carroça? Mudo e derrotado, delirando por causa da dor e do láudano? Ninguém gostaria de um final desses, muito menos eu. Mas, para colocar algo melhor no lugar, antes seria preciso superar muita coisa: as condições do meu nascimento e da minha criação, a opressão sofrida durante tantos anos, o medo, a deformidade física, a vergonha – cargas suficientemente pesadas para derrubar qualquer um.

Seria preciso um homem extraordinário para transpor todos esses obstáculos, além de uma família extraordinária para apoiá-lo. Antes de qualquer outra coisa, esse homem teria de se livrar do láudano e da autocomiseração. Sua mãe o ajudaria nesse sentido, mas depois ele teria que enfrentar os próprios medos para escrever aos amigos e ex-companheiros de batalhão, contando o que tinham feito com ele. Escreveria uma primeira carta e a rasgaria logo em seguida; escreveria uma segunda, e também a rasgaria; até o dia em que tivesse coragem suficiente para colocar algo no correio. E, quando obtivesse respostas, teria que ler uma por uma e aceitar toda a ajuda oferecida, principalmente as cartas de recomendação que seriam enviadas em seu nome para a Fisk University, para o Tuskegee Institute e para o Morehouse College.

E, quando recebesse desse último a oferta de uma bolsa integral, teria que engolir o

orgulho e aceitá-la sem saber ao certo se estavam fazendo aquilo apenas por piedade ou se realmente acreditavam nele. Teria que deixar sua família em Greenwood e viajar sozinho os 600 quilômetros até Atlanta com um cartãozinho escrito MUDO no bolso da camisa. Teria que se habituar ao isolamento porque desconcertava as pessoas, porque era um lembrete vivo do que poderia acontecer a qualquer um que dissesse a coisa errada para o branco errado. Depois de se formar, teria que encontrar um emprego em que sua mudez não fosse um empecilho e um empregador que apostasse nele, talvez um jornal ou um sindicato da comunidade negra. Teria que provar seu valor e lutar contra a desesperança. Teria que fazer três ou quatro tentativas até conseguir parar definitivamente de beber.

Esse homem, se conseguisse fazer tudo isso, talvez um dia encontrasse uma mulher forte que o amasse de volta, casasse com ele e lhe desse filhos. Talvez pudesse ajudar a irmã e os irmãos a tomarem um rumo na vida. Talvez marchasse de cabeça erguida nas ruas de Atlanta, atrás de Martin Luther King. Talvez até encontrasse um pouco de felicidade.

Esse é o final que queremos, tanto eu quanto você. Não é um final muito provável, mas garanto que é possível. Basta que esse homem trabalhe com afinco e reze com fé. Que seja teimoso e conte sempre com a sorte a seu lado. Que realmente seja um iluminado.

AGRADECIMENTOS

SE JAMES CAÑÓN NÃO estivesse presente no meu primeiro workshop na Columbia University. Se não tivéssemos ficado apaixonados um pelo outro e pelo texto um do outro. Se não tivéssemos lido e criticado juntos cada esboço deste livro, além dos inúmeros rascunhos de capítulos individuais, durante os muitos anos que levei para escrevê-lo. Se ele não tivesse me encorajado, se não tivesse me estimulado a seguir em frente, se não tivesse vindo em meu socorro nos muitos momentos de profundo desânimo, se não tivesse feito com que eu risse de mim mesma, se não tivesse me inspirado com seu próprio exemplo, *Mudbound – Lágrimas sobre o Mississippi* teria sido um livro bem diferente e eu estaria escrevendo estes agradecimentos de dentro de um hospício. Obrigada, meu amor, por tudo o que você me deu. Eu não poderia ter tido um conselheiro melhor, um amigo melhor.

Também sou grata às seguintes pessoas, organizações e fontes:

Jenn Epstein, minha querida amiga e “*bad cop*” de plantão, sempre disposta a largar o que estava fazendo para me ajudar. Suas críticas duras e incisivas foram fundamentais na construção desta narrativa.

Binnie Kirshenbaum e Victoria Redel, pelo entusiasmo e pelas orientações que tanto me ajudaram ao longo do caminho; Maureen Howard, amiga e mentora, por dizer que eu não precisava ter medo do meu livro; os inúmeros docentes da Columbia Writing Division, pelas palavras de incentivo.

Chris Parris-Lamb, meu extraordinário agente e defensor, por ter enxergado tudo aquilo que outros não enxergaram; Sarah Burnes e toda a equipe da Gernert Company, pelo entusiasmo com que abraçaram *Mudbound – Lágrimas sobre o Mississippi*; Kathy Pories, da Algonquin, por acreditar neste livro e por tê-lo conduzido de um modo tão criterioso e sensível.

Barbara Kingsolver, pela fé inabalável que depositou em mim e no livro; por sua ajuda ao transformar a história numa narrativa coerente e interessante; pelo apoio apaixonado que sempre dá à literatura das mudanças sociais; pelo prêmio generoso e muitíssimo necessário.

As instituições: Virginia Center for the Creative Arts, La Napoule Foundation, Fundación

Valparaíso e Stanwood Foundation for Starving Artists, por nos dar o tempo precioso de que precisamos para escrever, pelas instalações belíssimas que nos oferecem para trabalhar. E também: Columbia University Writing Division e American Association of University Women, pelo apoio financeiro.

Julie Currie, pelo preço das mulas em 1946 e outros dados mais ariscos; Petra Spielhagen e Dan Ranehan, pela ajuda com o inglês sofrível de Resl; Sam Hoskins, pelas aulas de ortopedia.

Os livros: *All God's Dangers: The Life of Nate Shaw*, de Theodore Rosengarten; *The Wild Blue*, de Stephen Ambrose; *Byron's War: I Never Will Be Young Again*, de Byron Lane; *Liberators*, de Lou Potter (inclusive a série para a rede de televisão PBS); *The 761st "Black Panther" Tank Battalion in World War II*, de Joe Wilson, por me ajudarem a colocar um pouco de credibilidade e de carne nos ossos dos meus arrendatários, pilotos e tanqueiros.

Denise Benou Stires, Michael Caporusso, Pam Cunningham, Gary di Mauro, Charlotte Dixon, Mark Erwin, Marie Fisher, Doug Irving, Robert Lewis, Leslie McCall, Elizabeth Molsen, Katy Rees e Rick Rudick, pela solidez da amizade e da fé no meu trabalho, muito mais fundamental do que qualquer um deles é capaz de imaginar; e Kathryn Windley, por tudo isso e muito mais.

E, por fim, minha família: Anita Jordan e Michael Fuller; Jan e Jaque Jordan; meus irmãos Jared e Erik; e Gay e John Stanek. Nenhum outro autor ou autora foi mais amado ou incentivado do que eu.

SOBRE A AUTORA



HILLARY JORDAN foi criada em Dallas, Texas, e Muskogee, Oklahoma. Atualmente vive em Nova York. *Mudbound – Lágrimas sobre o Mississippi*, seu romance de estreia, recebeu o Prêmio Bellwether de ficção em 2006 e o Alex Award, da American Library Association. Foi eleito Livro de Ficção do ano pela NAIBA (New Atlantic Independent Booksellers Association) e um dos 10 Melhores Romances de Estreia da década pela revista *Paste*.

www.hillaryjordan.com

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

Créditos

I

JAMIE
LAURA
JAMIE
RONSEL
LAURA
HENRY
FLORENCE
LAURA
HAP
LAURA
HAP

II

LAURA
RONSEL
FLORENCE
LAURA
HENRY
JAMIE

III

LAURA
FLORENCE
HENRY
LAURA
HAP
RONSEL
LAURA
JAMIE
RONSEL
JAMIE
HAP
FLORENCE
LAURA
JAMIE
LAURA
JAMIE
HENRY
LAURA

[RONSEL](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

Para baixar mais livros como esse, acesse: e-Livros.xyz

AUTOR DE
QUEDA DE GIGANTES

KEN
FOLLETT



*Coluna
de Fogo*

Coluna de fogo

Follett, Ken

9788580417357

816 páginas

[Compre agora e leia](#)

12 SEMANAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO THE NEW YORK TIMES12

SEMANAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DA VEJAEm 1558, as pedras ancestrais da Catedral de Kingsbridge testemunham o conflito religioso que dilacera a cidade. Enquanto católicos e protestantes lutam pelo poder, a única coisa que Ned Willard deseja é se casar com Margery Fitzgerald. No entanto, quando os dois se veem em lados opostos do conflito, Ned escolhe servir à princesa Elizabeth da Inglaterra. Assim que Elizabeth ascende ao trono, a Europa inteira se volta contra a Inglaterra e se multiplicam complôs de assassinato, planos de rebelião e tentativas de invasão. Astuta e decidida, a jovem soberana monta o primeiro serviço secreto do país, para descobrir as ameaças com a maior antecedência possível. Ao longo das turbulentas décadas seguintes, o amor de Ned e Margery não arrefece, mas parece cada vez mais fadado ao fracasso. Enquanto isso, o extremismo religioso cresce, gerando uma onda de violência que se alastra de Edimburgo a Genebra. Protegida por um pequeno e dedicado grupo de talentosos espiões e corajosos agentes secretos, Elizabeth tenta se manter no trono e continuar fiel a seus princípios. Coluna de fogo é um dos livros mais emocionantes e ambiciosos de Ken Follett, uma história de espiões ambientada no século XVI que vai encantar seus fãs de longa data e servir como o ponto de partida perfeito para quem ainda não conhece seu trabalho.

[Compre agora e leia](#)

JAMES PATTERSON

E MICHAEL LEDWIDGE

ZOO



Zoo

Patterson, James

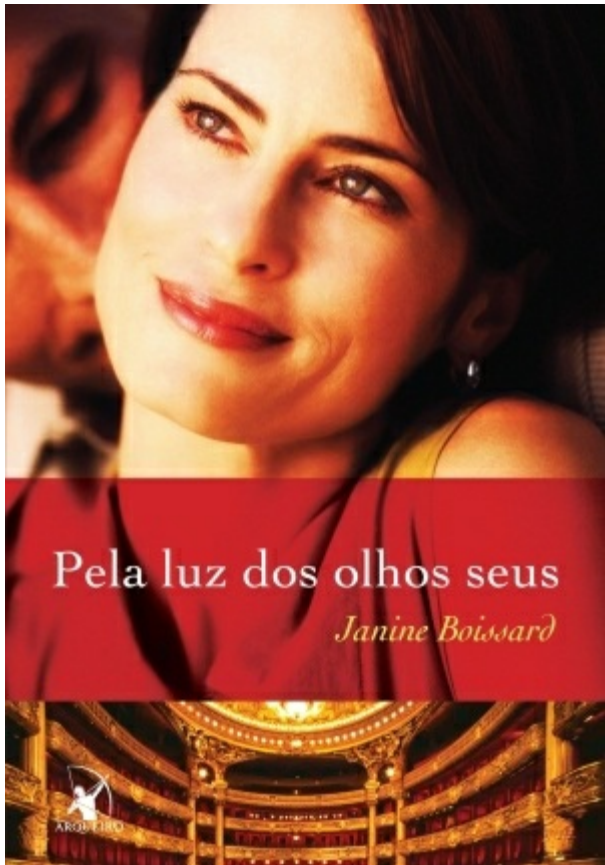
9788580414431

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Algo está acontecendo na natureza Uma misteriosa doença começa a se espalhar pelo mundo. Inexplicavelmente, animais passam a caçar humanos e a matá-los de forma brutal. A princípio, parece ser algo que se dissemina apenas entre as criaturas selvagens, mas logo os bichos de estimação também mostram suas garras e as vítimas se multiplicam. A humanidade é presa fácil. Apavorado, o jovem biólogo Jackson Oz assiste à escalada dos acontecimentos. Ele já prevê esse cenário alarmante há anos, mas sempre foi desacreditado por todos. Depois de quase morrer em uma implausível emboscada de leões em Botsuana, a gravidade da situação se mostra terrivelmente clara. O fim da civilização está próximo. Com a ajuda da ecologista Chloe Tousignant, Oz inicia uma corrida contra o tempo para alertar os principais líderes mundiais, sem saber se as autoridades acreditarão em um fenômeno tão surreal. Mas, acima de tudo, é necessário descobrir o que está causando todos esses ataques, pois eles se tornam cada vez mais ferozes e orquestrados. Em breve não restará nenhum esconderijo para os humanos...

[Compre agora e leia](#)



Pela luz dos olhos seus

Janine Boissard



Pela luz dos olhos seus

Boissard, Janine

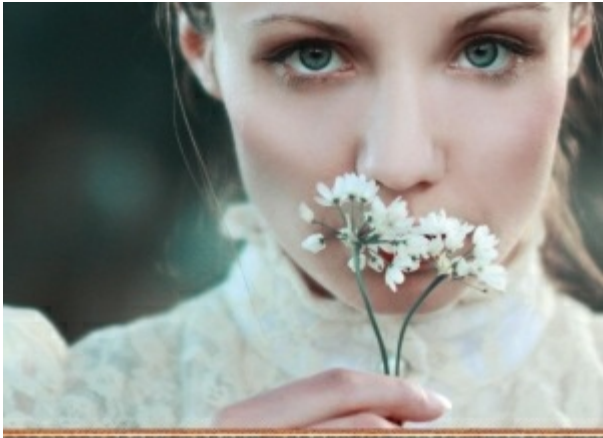
9788580412116

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Laura Vincent cresceu entre o mar e as macieiras da Normandia. Passou a adolescência à sombra da irmã mais velha. Agathe – a bela – era admirada e disputada por todos os garotos da cidade; Laura – a pequena – passava as noites em casa, lendo romances. Mas o destino preparou uma surpresa para Laura. Trabalhando como assessora de imprensa de músicos, ela recebe, no dia seguinte ao seu aniversário de 26 anos, a visita do agente de um dos tenores mais famosos do mundo. Ela é requisitada para ser guia dele e seu chefe não deixa margem para discussão. Rico e bem-sucedido, Claudio Roman viaja pelo mundo emocionando plateias com sua voz. Fã de banquetes, bebedeiras e belas mulheres, ele parece ter tudo o que quer, porém seu comportamento esconde a amargura de nunca poder interpretar Alfredo, em La Traviata, por causa de um ataque criminoso que lhe custou a visão. Laura está preparada para lidar com um homem difícil e arrogante, mas, assim que ouve Claudio cantar pela primeira vez, ele toca seu coração. Aos poucos, mais do que sua guia, ela se torna também a confidente das noites sombrias de angústia. Como ela nunca lhe pede nada em troca de seu apoio, Claudio promete lhe dar qualquer coisa. No momento certo, ela cobra a promessa: quer que o cantor se submeta a um transplante de córnea capaz de lhe restituir a visão de um dos olhos. Apaixonada e convencida de que Claudio não precisará mais dela quando voltar a enxergar, Laura vai embora sem se despedir e sem dar a ele a oportunidade de vê-la. Será que Claudio saberá lidar com essa decisão? Ou ele vai enfim perceber que sempre lhe faltou o alimento mais essencial à vida: o amor?

[Compre agora e leia](#)



OS BRIDGERTONS — 8

Julia Quinn

A CAMINHO DO ALTAR



A caminho do altar

Quinn, Julia

9788580415742

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao contrário da maioria de seus amigos, Gregory Bridgerton sempre acreditou no amor. Não podia ser diferente: seus pais se adoravam e seus sete irmãos se casaram apaixonados. Por isso, o jovem tem certeza de que também encontrará a mulher que foi feita para ele e que a reconhecerá assim que a vir. E é exatamente isso que acontece. O problema é que Hermione Watson está encantada por outro homem e não lhe dá a menor atenção. Para sorte de Gregory, porém, Lucinda Abernathy considera o pretendente da melhor amiga um péssimo partido e se oferece para ajudar o romântico Bridgerton a conquistá-la. Mas tudo começa a mudar quando quem se apaixona por ele é Lucy, que já foi prometida pelo tio a um homem que mal conhece. Agora, será que Gregory perceberá a tempo que ela, com seu humor inteligente e seu sorriso luminoso, é a mulher ideal para ele? A caminho do altar, oitavo livro da série Os Bridgertons, é uma história sobre encontros, desencontros e esperança no amor. De forma leve e revigorante, Julia Quinn nos mostra que tudo o que imaginamos sobre paixão à primeira vista é verdade – só precisamos saber onde buscá-la.

[Compre agora e leia](#)

LISA
KLEYPAS
MANHÃ DE
NÚPCIAS

Os Hathaways 4



Manhã de Núpcias

Kleypas, Lisa

9788580412901

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O estilo natural de Lisa Kleypas cria mais um apimentado romance de época, instigante do início ao fim." – Publishers Weekly Quando herdou o título de lorde Ramsay, Leo Hathaway e sua família passavam por um dos momentos mais difíceis de sua vida. Mas agora as coisas vão bem. Três de suas quatro irmãs já estão casadas, uma preocupação que Leo nunca teve consigo mesmo. Solteiro inveterado, ele tem uma certeza na vida: nunca se casará. Mas então a família recebe uma carta que pode pôr tudo isso em risco: se Leo não arrumar uma esposa e gerar um herdeiro dentro de um ano, ele perderá o título e a propriedade onde todos vivem. Solteira e sem pretendentes, a governanta Catherine Marks talvez seja a única salvação da família que a acolheu com tanto carinho. O único problema é que Leo não compartilha do mesmo afeto que suas irmãs têm pela moça. Para ele, Catherine é uma megerazinha cheia de opinião que fala demais. Apesar de irritá-lo e quase o levar à loucura, ela é a primeira – e única – mulher com quem ele considera se casar. Catherine, por sua vez, tem uma opinião igualmente negativa a respeito do patrão. Além disso, ela esconde alguns segredos do passado e um deles pode destruir a vida que tão cuidadosamente construiu para si. Agora Leo e Catherine precisam um do outro, mas para vencer as dificuldades e consertar as coisas eles terão que superar as turras e as diferenças, num romance intenso e sensual que só Lisa Kleypas poderia ter escrito.

[Compre agora e leia](#)